

Deolinda Maria Veloso Carneiro



As Procissões na Póvoa de Varzim (1900 – 1950).
Imaginário Religioso e Piedade colectiva

Volume 1

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2006

Dissertação de Mestrado em Estudos Locais e Regionais apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Orientadores:

Prof.^a Dr.^a Amélia Polónia

Prof. Dr. Geraldo José Amadeu Coelho Dias

Fotografias de: Deolinda Carneiro, José Manuel Flores Gomes, João Manuel Carneiro Gomes e Ana Teresa Carneiro Gomes.

Desenhos de Percursos e trabalhos de *design*: Carlos Ferreira da Costa

Desenhos (*Anjo*, *Cruz de Via-Sacra* e *S.^a da Assunção*): Vítor José Novo

Agradecimentos

Prof.^a Dr.^a Amélia Polónia
Prof. Dr. Frei Geraldo Coelho Dias
Prof. Dr. Agostinho Araújo
José Manuel Flores Gomes
Ana Teresa , João Manuel e Luzia Maria Carneiro Gomes
Dr. Luís Diamantino Baptista
Dr. Calisto Duarte
Dr. Paulo João Silva
Dr.^a Teresa Araújo
Dr.^a Ana Alves Gomes
Dr.^a Lurdes Adriano
Ana Maria Cadilhe
Ana Maria Costa
Elisa Novais
Prior Dr. António Brandão Martins Torres
Pe. Manuel da Fonte
Carlos Ferreira da Costa
Maria de Fátima Pito
José Maria Baptista
Maria Emília Quilores
João Carlos Lopes
Vítor José Novo
Eva Paula Castro
Dr.^a Maria Augusta Flores Gomes
Dr.^a Otília Flores Gomes
Dr.^a Cármem Flores Gomes
José Francisco e Maria Judite Carneiro
Luís Veloso Carneiro e M.^a Antónia Botelho
Carolina Carneiro e Mário Rodrigues
Maria de Fátima da Silva Correia

Índice Geral - I.º VOLUME

Agradecimentos		5
Lista de Siglas e Abreviaturas		9
0. Introdução		11
0.1. Motivações para um tema: as procissões na Póvoa de Varzim		11
0.2. Objecto de trabalho		13
0.2.1. Delimitação temática	13	
0.2.2. Delimitação espaço-temporal:	15	
0.3. Objectivos a atingir		24
0.4. Fundos documentais consultados		26
0.5. Estrutura do trabalho:		32
1. A Póvoa de Varzim em evolução histórica. Contextos e conjunturas sócio-políticas e religiosas		35
2. As procissões na Póvoa de Varzim		57
2.1. Os cortejos processionais		57
2.1.1. Introdução geral	57	
2.1.2. Tipologia de procissões	65	
2.1.3. Procissões "ordinárias"	73	
2.1.4. As procissões: festa religiosa / festa profana	103	
2.2. Agentes e instituições envolvidos - organização protocolar		105
2.2.1. Responsáveis e participantes institucionais	107	
2.2.2. Autores	127	
2.2.3. Realizadores: os "Armadores"	133	
2.2.4. Participantes	139	
2.2.5. Assistentes	155	
2.3. Santificação do tempo		157
O tempo das Procissões – O tempo cíclico das estações e o calendário litúrgico e santoral		157
2.4. A Santificação do espaço urbano		167
2.4.1. Delimitação e caracterização do espaço	167	
2.4.2. Itinerários processionais	181	
2.5. Devoções, programas iconográficos e protocolares		217
2.5.1. Devoções	217	
2.5.2. Programas Iconográficos	231	
3. Simbólica e teofania nas procissões		249
4. Conclusões		255
5. Glossário		261
6. Fontes e Bibliografias		273
6.1. Fontes Manuscritas		273
6.2. Fontes Impressas		275
6.3. Bibliografias		277
6.3.1. Bibliografia Geral	277	
6.3.2. Bibliografias – temáticas:	283	
7. Índices		291
7.1. Índice de Plantas		291
7.2. Índice de Quadros		291
7.3. Índice de Figuras		291
7.4. Índice de Capítulos		295

2.º VOLUME - ANEXOS

- 1.1. Fichas descritivas e registos iconográfico
- 1.2. Índice das figuras

3.º VOLUME - APÊNDICES

- 3.1. Documentos
- 3.2. Notícias
- 3.3. Programas de grupos alegóricos impressos e manuscritos
- 3.4. Fontes Orais – Entrevistas
- 3.5. Cronologias
- 3.6. Índices

0.0. LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- a. C. – antes de Cristo
- AMPV – Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim
- Arq. – Arquivo
- BMPV – Biblioteca Municipal da Póvoa de Varzim / Biblioteca Rocha Peixoto
- ca. – circa. cerca
- cf. – confira
- cit. – citado
- CMPV – Câmara Municipal da Póvoa de Varzim.
- coord. – coordenação
- DGUPV - Departamento de Gestão Urbanística da Póvoa de Varzim
- direc. – direcção de (responsável por obra colectiva).
- doc. – documento
- Dr. – Doutor
- *et. al.* – *et. alii* (e outros))
- etc. – *et cetera* (e outras coisas).
- ex. – exemplo.
- fig(s). – figura(s)
- GNR – Guarda Nacional Republicana
- *in* - em
- Inv. – inventário (número de).
- met. - metade
- MMEHPV – Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim.
- n. – nascido em.
- n.º - número.
- N.ª - Nossa
- N.ª S.ª - Nossa Senhora.
- *ob.* – obra.
- *Op.cit.* – obra citada.
- org. – organizada.
- p. – página
- Pe. ou P.º - padre
- pp. – páginas.
- prof. – professor
- PSP – Polícia de Segurança Pública
- PV, P.V. ou P. de V. – Póvoa de Varzim
- S. – São, Santo.
- S.ª - Senhora
- séc. - século.
- sep. – separata.
- SS. – Santíssimo
- ten. - tenente
- trad. – tradução
- transcr. – transcrição
- v. – versículo.
- VC ou V. C. – Vila do Conde
- *vd* - *vide* - ver
- *vide* - ver
- vol(s). – volume(s).

0. INTRODUÇÃO

0.1. MOTIVAÇÕES PARA UM TEMA: AS PROCISSÕES NA PÓVOA DE VARZIM

As Procissões na Póvoa de Varzim (1900 - 1950). Imaginário Religioso e Piedade Colectiva

As procissões religiosas que se realizam na cidade da Póvoa de Varzim surpreendem-nos quando nos apercebemos do seu elevado número (cerca de 20 anuais¹), da sua importância na vida da comunidade, da sua grande qualidade artística e riqueza simbólica. Pensamos, por isso, que seria de grande utilidade estudá-las (descrevê-las e analisá-las em várias das suas vertentes) e, sobretudo, esclarecer a sua história, motivações e percursos para compreender a sua evolução, num período que cremos ser fundamental para a sua caracterização: os finais do século XIX e a 1.ª metade do século XX.

Registrar, identificar e estudar as procissões não constitui um acto de jornalismo ou um estudo antropológico. Cada uma delas representa um “quadro”, uma verdadeira obra de arte, reflectindo séculos de vivências, tradições e regras litúrgicas aplicadas na prática. Na verdade, o cortejo processional, na sua constituição, aspecto e organização espelha séculos de história, mas, sendo em essência uma manifestação efémera e imaterial, circunstâncias várias podem motivar o seu desaparecimento, o que, a acontecer, equivale à destruição de um “monumento”, de um elemento específico do património artístico. Lembramos, a título de exemplo, que bastou uma circular do arcebispo de Braga para condenar a um imediato desaparecimento as “*Procissões do Cerco*”. Daí a urgência em guardar a memória destes acontecimentos, como documentos de um passado e, simultaneamente, de uma “arte viva” que, indiscutivelmente, são.

Algumas circunstâncias pessoais justificam e explicam, também, o interesse por este tema, que resultou de um simples acaso. Residindo na Póvoa de Varzim desde 1984, ficamos surpreendidos pelo número de procissões que existiam nesta cidade, assim como pela adesão popular que elas suscitavam². Quando assistimos aos cortejos, no meio dos espectadores, é com admiração que

¹ Este número não inclui as procissões que se desenrolam no interior das Igrejas em algumas cerimónias.

Ficamos a saber (através da bibliografia e descrições orais) que existiam ainda mais procissões, quer ordinárias, quer extraordinárias, realizadas ao longo dos tempos. A bibliografia local relativa ao tema, por se tratar sobretudo de relatos de “memórias”, não apresenta, porém, dados concretos. Não são indicadas origens (excepto as das mais antigas procissões do Corpo de Deus e das Cerimónias da Semana Santa, estudadas por investigadores e historiadores, como o Monsenhor Manuel Amorim), nem a data ou o motivo porque terminaram alguns cortejos descritos. Era, também, muito frequente a realização de cortejos extraordinários, quer por motivos festivos (comemoração de centenários, congressos eucarísticos, etc.), quer para pedir auxílio divino para os mais diversos flagelos: fome; seca, chuva em excesso; doenças, etc. Algumas procissões ordinárias - devocionais, como por exemplo a de S. José e de S. Tiago, que já não se realizam, ainda não caíram, porém, no esquecimento e algumas pessoas desejam que se realizem novamente.

² Ainda hoje, na sequência das procissões, as pessoas, no café ou sentados nos bancos dos jardins, discutem os arranjos florais, a “armação” dos andores e os grupos de anjos; a beleza, idade e dotes musicais da “Verónica”, etc. Muitas famílias têm uma ou mais

ouvimos as explicações dos “mais entendidos” que vão ensinando aos que os rodeiam, e particularmente às crianças, os detalhes dos grupos alegóricos (depois de lerem, ou não, os dísticos ou insígnias que os identificam). Se as esculturas, pinturas e outras obras de arte nos edifícios religiosos funcionaram (e funcionam) como a “*Bíblia dos Pobres*”, estes cortejos teatrais continuam a cumprir a sua função catequética.

Tendo iniciado a frequência no Mestrado em História da Arte, na FLUP (Faculdade de Letras da Universidade do Porto), em 1993, sugeriram-nos a realização de um trabalho relacionado com os trajectos das procissões. Desse estudo, em que se destacavam apenas os aspectos urbanísticos, concluímos que, enquanto as procissões de maior antiguidade demarcavam, com clareza, a zona “velha” da cidade, as de mais recente tradição (como a Nossa Senhora do Desterro, organizada pelo Bairro Norte, a partir de uma capela construída em 1870 – 1880) percorriam as zona de crescimento da vila no século XIX. Paralelamente, iniciamos um projecto de *Inventário* fotográfico, pensando preparar uma exposição relacionada com este tema no Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim.

A partir deste projecto fomos realizando alguns registos orais e procurando fotografias antigas, com a ajuda da Dr.^a Maria da Glória Martins da Costa, professora do Ensino Secundário, que desde a década de trinta do século XX colaborou com a mãe e a irmã na organização e arranjo de cortejos para a “*Casa Confiança*”.³ Infelizmente o falecimento da Dr.^a Maria da Glória conduziu à interrupção deste estudo.

Com o passar dos anos renasceu o nosso interesse por este tema, motivado pelo incentivo de investigadores amigos e pela vontade de várias confrarias, clero e autoridades municipais que desejam divulgar estes eventos, atendendo à importância crescente do Turismo Religioso e Cultural. A par, fomos motivados por um certo sentido de obrigação de registar estes eventos excepcionais, mas efémeros e imateriais, encontrando-nos a realizar o *Inventário do Património Artístico do Arciprestado de Vila do Conde e Póvoa de Varzim*, espólio de que, afinal, os cortejos processionais podem ser vistos como parte integrante.

crianças a participar e é motivo de orgulho ser-se pai de uma *Nossa Senhora*, ou de uma *Jerusalém*. As “entendidas” criticam-se às crianças com sapatilhas, em vez de sandálias, e reparam nos pormenores iconográficos

³ Esta empresa familiar teve grande importância como *armadeira*, tratando de procissões, quer nesta região, quer em locais distantes, indo até Mirandela, Lamego, Melgaço, etc. Encarregando-se não só da roupa, mas também dos “programas”, ou seja, de toda a organização da procissão, composta por grupos alegóricos e “cenas” bíblicas ou da vida dos santos, Cristo e Virgem, de acordo com a festividade. O padre José Cascão (que oficiava na Capela de Nossa Senhora das Dores, entre 1898 e 1961), elaborava os programas com todos os detalhes, esboçando e descrevendo os pormenores da indumentária e insígnias. Sendo uma pessoa de grande cultura, com gosto pela leitura (vendia os *programas* para comprar livros), pretendeu dar sentido catequético ao figurado das procissões e valorizá-las como “representações”. Além dos manuscritos e programas encontrados no Arquivo Municipal, sabíamos da existência de fotografias de procissões, na Póvoa e outros locais (como Lamego, Viana, Matosinhos, etc.), bem como de crianças e jovens vestidas “de anjo”, de grande utilidade para o estudo do tema.

A realização desse trabalho, a que com esta dissertação nos propomos, é também a forma de prestarmos uma justa homenagem a quatro notáveis investigadores locais que abordaram a temática das procissões e, repentinamente faleceram, no espaço de quatro meses (entre Maio e Agosto do corrente ano): o Coronel Joaquim Martins da Costa, irmão da Dr.^a Maria da Glória, que estudou, entre outros assuntos, a actividade de confrarias e as procissões; o Dr. Jorge Barbosa, profundo conhecedor da História da Póvoa do século XX e da sua toponímia, em particular; o Sr. Manuel Ferreira Lopes, director da Biblioteca Municipal e antigo director do Museu e, finalmente, o Monsenhor Manuel Amorim, Historiador e Director do Boletim Cultural, o qual, com uma amizade inquestionável nos apoiou em todas as empresas em que nos envolvemos e nos incentivou à realização do estudo da arte sacra da região e à concretização deste trabalho em particular, com a promessa de um apoio que apenas a morte o impediu de dar. Para todos eles a nossa sentida saudade e o agradecimento pelo incentivo à realização deste projecto.

Estamos em dívida com numerosas pessoas e instituições pelo apoio dado na elaboração deste trabalho. Não sendo possível citar todos deixamos-lhes aqui o nosso sincero agradecimento.

0.2. OBJECTO DE TRABALHO

0.2.1. DELIMITAÇÃO TEMÁTICA

Os cortejos processionais interessaram-nos como tema de investigação porque se destacam pela quantidade, beleza, dignidade e esplendor, sendo um interessante e diversificado exemplo de “*Arte efémera*”. Apresentam, além disso, uma organização que, embora respeitando as normas litúrgicas, projecta as práticas efectivas e colectivas da Igreja e da sociedade local; revelam a vivência religiosa e festiva da comunidade que nelas se reflecte visivelmente e ilustram as suas principais devoções.

A maior parte destas procissões apresentam um vasto “programa” erudito e catequético⁴, com a participação de um grande número de crianças e jovens, os quais colaboram com orgulho e sentimento religioso algo inusitado na actualidade. Os programas diversificados e complexos, de grande qualidade cenográfica - em que se procura sempre a originalidade e a correcção programática e litúrgica, revelam um grande conhecimento da história sagrada e são uma das facetas mais marcantes dos préstitos sagrados em estudo. Neles se patenteia um cuidado acompanhamento e orientação por parte do clero, aliado à participação de associações religiosas de leigos e ao empenho de uma população católica, os

⁴ Programa iconográfico apresentado mediante a formação de conjuntos de figuras, ou “cenas”, descrevendo a vida dos Santos, Nossa Senhora e Cristo, bem como figuras alegóricas e simbólicas identificadas por cartelas ou legendas, etc.

quais convergem num esforço conjunto para realizar as cerimónias litúrgicas da forma mais correcta e erudita⁵.

Representam, paralelamente, a exteriorização do sentido do “sagrado” interiorizado pelo povo e revestem-se, principalmente as de carácter devocional, de uma profunda religiosidade popular, em que se destacam os “ex-votos”⁶ e a deslocação dos cortejos até ao mar, onde permanecem paradas, com os andores virados para o oceano, para o “abençoar”, enquanto se assiste ao popular “foguetório”, típico das comunidades marítimas, num acto de grande importância simbólica e emocional.

A observação dos seus elementos constituintes (andores, esculturas, alfaias e elementos decorativos), dos seus participantes (clero, organizações religiosas, entre as quais irmandades, confrarias, da localidade ou convidadas, autoridades civis, militares e associações culturais, recreativas e desportivas) e dos seus percursos, permite compreender e analisar aspectos simbólico-artísticos, urbanísticos, religiosos e sócio-económicos marcantes na história local.

Para compreendermos este tema é importante conhecermos as características comuns destes cortejos em relação a muitos dos que se realizam por todo o mundo católico desde o século VI até à actualidade, que as regras litúrgicas, ditadas pela Congregação dos Ritos e o protocolo institucional (eclesiástico, civil e militar) impõem.

Em concreto procurar-se-á: 1. averiguar alguns aspectos e dinâmicas precisas em torno da organização dos cortejos processionais, nomeadamente o respeito pelo “protocolo”; 2. identificar na diacronia as entidades individuais e colectivas que colaboram no seu financiamento, organização e patrocínio; 3. distinguir algumas características próprias, que clero e “armadores”⁷ da localidade foram forjando⁸; 4. identificar os itinerários percorridos – mais ou menos extensos, mais ou menos tradicionais; 5. evidenciar a funcionalidade das “arquitecturas efémeras” utilizadas e a importância da “música” no acompanhamento destes cortejos; 6. analisar o comportamento dos fiéis que seguem no fim da procissão e dos que assistem à sua passagem, que deve ser - como o dos que tomam um papel activo no cortejo - igualmente solene e respeitoso⁹; 7. distinguir as diferenças entre a zona urbana e a rural, para destacar as características semelhantes e as que as individualizam.

Dada a vastidão e complexidade do tema, nas suas múltiplas vertentes, não foi possível desenvolver, no trabalho, temas que gostaríamos de aprofundar, nomeadamente alguns aspectos

⁵ A solenidade, seriedade e empenhamento com que vemos as crianças e jovens participantes assumirem as expressões e atitudes de imagens e figuras sagradas por eles representadas revelam uma fé e uma qualidade teatral verdadeiramente surpreendentes.

⁶ Subsistem, porém, outras manifestações da religiosidade popular, de que podemos destacar as figuras em pagamento de “promessas”, que são mais frequentes nas procissões das zonas rurais, podendo ser crianças vestidas de “santos”, ou incluir outras manifestações. Veja-se, em concreto, no final da procissão, as velas e figuras de cera; as pessoas “amortalhadas” (vestidas com vestes finas brancas, lembrando um sudário); e as pessoas “penitentes” (também em pagamento de “promessas”) que podem ir descalças e/ou sem falar.

⁷ “Armadores” são as “empresas” comerciais que alugam trajes e organizam os cortejos.

⁸ Mesmo nos livros de liturgia se destaca a importância dos “costumes” locais, os quais devem sempre ser respeitados pelo clero em geral, desde que não choquem com as orientações litúrgicas básicas.

⁹ Facto que motivou notícias nos jornais de finais do século XIX, em que se critica a falta de decoro de alguns. Veja-se o que se diz no Jornal «Estrella Povoense», de 25.02.1877, domingo; “Escândalo / Vimos na quarta-feira passada, que alguns indivíduos, parte da nossa aristocracia, iam no couce da procissão de chapéu na cabeça e charuto na boca. / Notamos que esses indivíduos, que assim seguiam a procissão, desafiando a indignação de quantos os olhavam, se descobriam para cumprimentar as senhoras ao passar por debaixo d’algumas janelas.” Cf. «Estrella Povoense», de 1877. 25. 02., n.º 2, p. 2.

artísticos: as arquitecturas efémeras; a escultura (imagens de roca ou esculturas em madeira de grandes dimensões)¹⁰, a pintura, a ourivesaria, os têxteis/bordados e outras “artes” empregues nas procissões. Não será também prosseguida neste estudo uma abordagem de natureza etnográfica ou antropológica, ambas justificáveis e úteis para a abordagem do tema, mas que, por falta de formação específica, não nos consideramos habilitados a desenvolver, sem que, no entanto, deixemos de estar atentos a contributos apresentados neste domínio por outros autores¹¹.

O estudo que se apresenta parte de uma aproximação histórica à questão, já que procura situar o objecto de análise num particular tempo e espaço, mas procurou, acima de tudo, registar, de forma articulada, a dinâmica dos cortejos processionais, nas suas vertentes institucional, social e religiosa, no intuito de preservar a sua memória, a qual se procurará compreender em função de contextos específicos que decorrem, quer de concretas dinâmicas locais, quer de conjunturas históricas nacionais.

0.2.2. DELIMITAÇÃO ESPACIO-TEMPORAL:

O espaço - a cidade da Póvoa de Varzim

Elegemos como espaço de observação a actual cidade da Póvoa de Varzim pelos motivos já indicados, que incluem as nossas vivências profissionais e afinidades pessoais, mas essencialmente pelo facto de ser de consensual reconhecimento que os préstitos sagrados que aí têm lugar colhem ainda hoje de um dinamismo incontestável e inusitado, passível de ser aferido em múltiplos aspectos. Em primeiro lugar pelo número e esplendor dessas realizações; em segundo lugar pelo envolvimento de toda a comunidade nessas manifestações do sagrado, o qual evidencia, hoje como no passado, um carácter transversal, ao mobilizar múltiplos segmentos sócio-económicos, profissionais e culturais, independentemente de particulares filiações ideológicas ou intelectuais; em terceiro lugar pela sua visível articulação com dinâmicas históricas e com práticas de espiritualidade marcantes da comunidade; em quarto lugar pela sua funcionalidade como factor de identidade e como dinamizador de processos de desenvolvimento local, associados desde há muito, primeiro a um turismo balnear e agora a um promissor turismo religioso.

As procissões da Póvoa de Varzim são, sem dúvida, uma das imagens que projectam a comunidade para o exterior e a identificam, hoje, como no passado, em espaços regionais – o de Entre-Douro-e-Minho e o da Galiza, bem como no espaço nacional e internacional.

¹⁰ Saliente-se, entre outros aspectos a destacar, as muitas esculturas / imagens religiosas que foram adquiridas especificamente para estes cortejos, ou o facto de existirem mais varandas nas ruas por onde eles passam, evidenciando as suas implicações arquitectónicas.

¹¹ Veja-se, por exemplo, a obra de António dos Santos Graça (vd. Bibliografia final).

Delimitemos e caracterizemos, pois, o espaço de estudo. Póvoa de Varzim, elevada a cidade a 16 de Julho de 1973¹² é, desde tempos medievais, sede do concelho, actualmente constituído por 12 freguesias (e 14 paróquias), a saber:

- A vila, agora cidade, apresenta a freguesia de Santa Maria / Nossa Senhora da Conceição da Póvoa de Varzim, a qual se encontrava integrada na paróquia de S. Miguel-o-Anjo de Argivai até ao século XV. A freguesia é constituída, actualmente, por três paróquias, as quais continuam a colaborar activamente, formando uma verdadeira unidade. Esta dinâmica pode ser aferida, por exemplo, nas festas principais, em que as procissões visitam capelas de outras paróquias, ou em que todas as paróquias participam com andores e confrarias. Trata-se da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição (criada no séc. XV, em data anterior a 1456¹³); a Paróquia de Nossa Senhora da Lapa (criada por decreto de D. António Bento Martins Júnior, Arcebispo de Braga, publicado em 29 de Junho de 1935) e a Paróquia de S. José de Ribamar (também criada por decreto publicado em 29 de Junho de 1935)¹⁴;
- A freguesia de S. Pedro de Rates, também vila (integrada no concelho da Póvoa de V. em 1836);
- As freguesias / paróquias - integradas no concelho da Póvoa de Varzim em 1836:
 - Argivai;
 - Navais;
 - Aguçadoura (antigo lugar da freguesia de Navais, da qual é desmembrada em 1934);
 - Estela;
 - Laundos;
 - Terroso;
 - Rates;
 - Balasar (em 1853 passa para o concelho de Vila Nova de Famalicão e em 1856 fica definitivamente integrada no concelho da Póvoa);
- Freguesias só integradas em 1853¹⁵:
 - Amorim;

¹² Cf. BARBOSA, Jorge - *O Brasão da Póvoa de Varzim (Subsídios para a sua História e Iconografia)*, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1982, p. 222.

¹³ A freguesia de Santa Maria da Póvoa de Varzim é referida em 1456, no registo de Ordens Menores do poveiro Aires Gomes onde se lê que é morador na freguesia de Santa Maria da Póvoa de Varzim. Cf. AMORIM, Manuel - *Luís Fernandes, o Primeiro Pároco da Póvoa?*, in «O Comércio da Póvoa de Varzim», Póvoa de Varzim, 2002.10.24, pp. 1 e 2.

¹⁴ Cf. BARBOSA, Jorge - *Toponímia da Póvoa de Varzim*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», 1977, pp. 57- 59.

¹⁵ Cf. MARQUES, Mário César (introd. e notas) - *Inquérito às Paróquias do Concelho da Póvoa de Varzim em 1845*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. X, ed. da Câmara M. da Póvoa de Varzim, 1971, p. 209. BARBOSA, Jorge - «FACHO (LUGAR DO)», *Toponímia da Póvoa de Varzim*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. XI, Câmara M. da Póvoa de Varzim, 1972, pp. 64 - 65.

- Aver-o-Mar (antigo lugar da freguesia de Amorim, da qual é desmembrada em 1922);
- Beiriz.

O nosso espaço de observação restringir-se-á, porém, às paróquias da cidade, ainda que, ocasionalmente, refiramos algumas procissões existentes nas outras freguesias do concelho, particularmente naquelas mais próximas, como Argivai, a paróquia - mãe da Póvoa; Amorim, onde perduram, nas procissões, aspectos de grande valor simbólico e social; Terroso e Rates, paróquias ainda marcadas por uma forte ruralidade. Pretende-se com esse cotejo destacar diferenças no perfil das procissões (umas mais eruditas e outras mais populares); apontar a persistência de alguns aspectos arcaizantes e de elementos de grande interesse antropológico e devocional, que permanecem nas comunidades rurais, mas já desapareceram no centro cívico¹⁶; ilustrar e lembrar procissões, festejos e tradições já desaparecidas na cidade (como por exemplo: a de N.^a S.^a das Candeias) e identificar devoções actuais e antigas que reflectem a história da localidade e aspectos antropológicos que devemos destacar. Tome-se como exemplo, a persistente devoção ao *Senhor dos Milagres*, de Argivai, a Nossa Senhora do Bom Sucesso e o “obrigatório” “regresso à natureza” do picnic na segunda feira de Páscoa nos pinhais “do Anjo”, em S. *Miguel-o-Anjo de Argivai*, tudo no período depois da Páscoa, manifestações que nos lembram que Argivai é a freguesia primordial, da qual a Póvoa se desmembrou quando o seu crescimento e desenvolvimento no século XVI o permitiu¹⁷.

Outro aspecto interessante a destacar é a devoção da comunidade marítima das Caxinas e Poça da Barca, Vila do Conde (em grande parte descendente de pescadores poveiros que para lá se deslocaram) que participa activamente nas cerimónias de Argivai e várias da Póvoa, colaborando nas procissões e dando esmolas que, em Argivai, são identificadas, nas celebrações litúrgicas, pelos nomes das “Companhas” e embarcações respectivas, a par das referências a barcos pesqueiros especificamente poveiros.

A localização geográfica do concelho, no litoral noroeste do país, marcou toda a evolução histórica, económica e urbanística da região. A implantação da vila/cidade junto ao mar, em frente a uma enseada natural, propiciou a formação de uma comunidade piscatória, que inicialmente ocupava a zona mais elevada, a da Matriz. Com o grande desenvolvimento das pescas e actividades a ela associadas, como a carpintaria naval, salga de peixe e comércio, e com a promoção do turismo balnear, em que factores medicinais se conjugam com actividades lúdicas, como o jogo praticado nos cafés, deu-se o desenvolvimento urbanístico na zona mais próxima do mar, formando novos bairros: o

¹⁶ Refira-se, como exemplo, a montagem do “Calvário” na capela-mor e a oferta de uma rosca de pão a cada participante no final da procissão, que antes se fazia na Misericórdia e agora permanece na freguesia de Amorim.

¹⁷ Cf. AMORIM, Manuel - *A Póvoa Antiga - Dois estudos sobre a Póvoa de Varzim, séc. X - XVI*, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1985; AMORIM, M. - *A Formação da Póvoa de Varzim*, in «O Comércio da Póvoa de Varzim», P. de V., 2003.03.27, pp. 1 e 2; AMORIM, M. - *Luís Fernandes, o Primeiro Pároco da Póvoa?*, in «O Comércio da Póvoa de Varzim», P. de V., 2002.10.24; MARQUES, José - *Os Forais da Póvoa de Varzim e Rates*, Ed. da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1991, p. 13- 38.

“Bairro Norte” (até ao “Desterro”); a zona central (Rua da Junqueira e sua envolvência, Passeio Alegre, Praia do Pescado) e o “Bairro Sul”, ou da Lapa, que confina com a Poça da Barca, já pertencente ao concelho vizinho de Vila do Conde.

As freguesias do interior, aproveitando as boas condições climatéricas e os óptimos terrenos agrícolas, dedicaram-se à agricultura e à pecuária, criando grandes diferenças entre as duas comunidades, uma altamente dependente do mar e outra intimamente ligada à terra. A recolha e venda do sargaço, assim como do pilado, caranguejos pelágicos utilizados até meados do século XX para adubar as terras, motivava, todavia, alguns agricultores a possuírem pequenos barcos ou jangadas para essa recolha, da mesma forma que existiam famílias, que, por viverem próximas do mar (particularmente na zona de Aver-o-Mar) além de pescarem ocasionalmente, também recolhiam o “argaço” e o secavam, para depois vender aos camponeses¹⁸. Estas experiências vivenciais contribuíam para o esbatimento das diferenças entre essas duas comunidades.

Na vila, os comerciantes, pequenos industriais, operários e artesãos, trabalhadores dos Serviços (ligados à Câmara, à fiscalidade, à segurança pública, à saúde, à restauração e hotelaria¹⁹), vão aumentando em número e implantando-se sobretudo na zona central / interior, correspondente ao bairro da Matriz, mas sempre profundamente dependentes das riqueza e prosperidade da classe piscatória e das actividades ligadas ao mar.

Estas características, estruturantes da comunidade, revelar-se-ão de fundamental compreensão para a análise das dinâmicas religiosas e do perfil e evolução dos cortejos processionais.

¹⁸ AMORIM, Manuel - *Duzentos e cinquenta anos da vida da freguesia de S.^a Eulália de Beiriz (Póvoa de Varzim)*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. VIII a XI, Póvoa de Varzim, 1969 – 72; BRANDÃO, Domingos de Pinho - S. *Tiago de Amorim (concelho da Póvoa de Varzim)* - *Subsídios para a sua história*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», P. Varzim, vol. III - IV, 1964 – 1965; SOARES, A. Franquelim S. Neiva - *Divino Salvador de Nabais*, sep. de «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», Póvoa de Varzim, 1987.

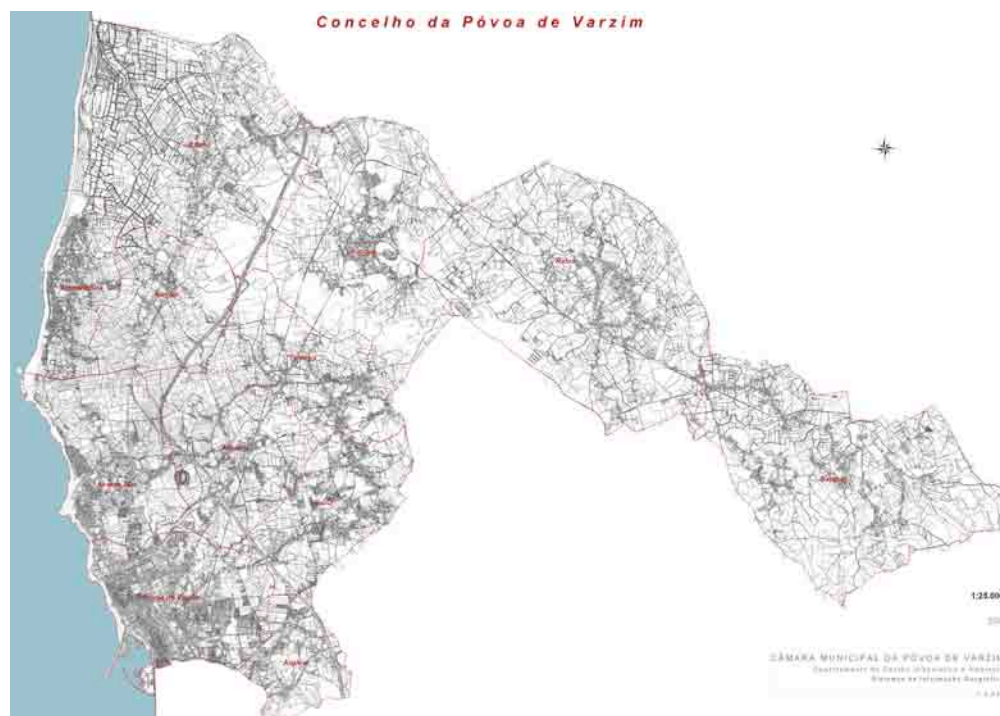
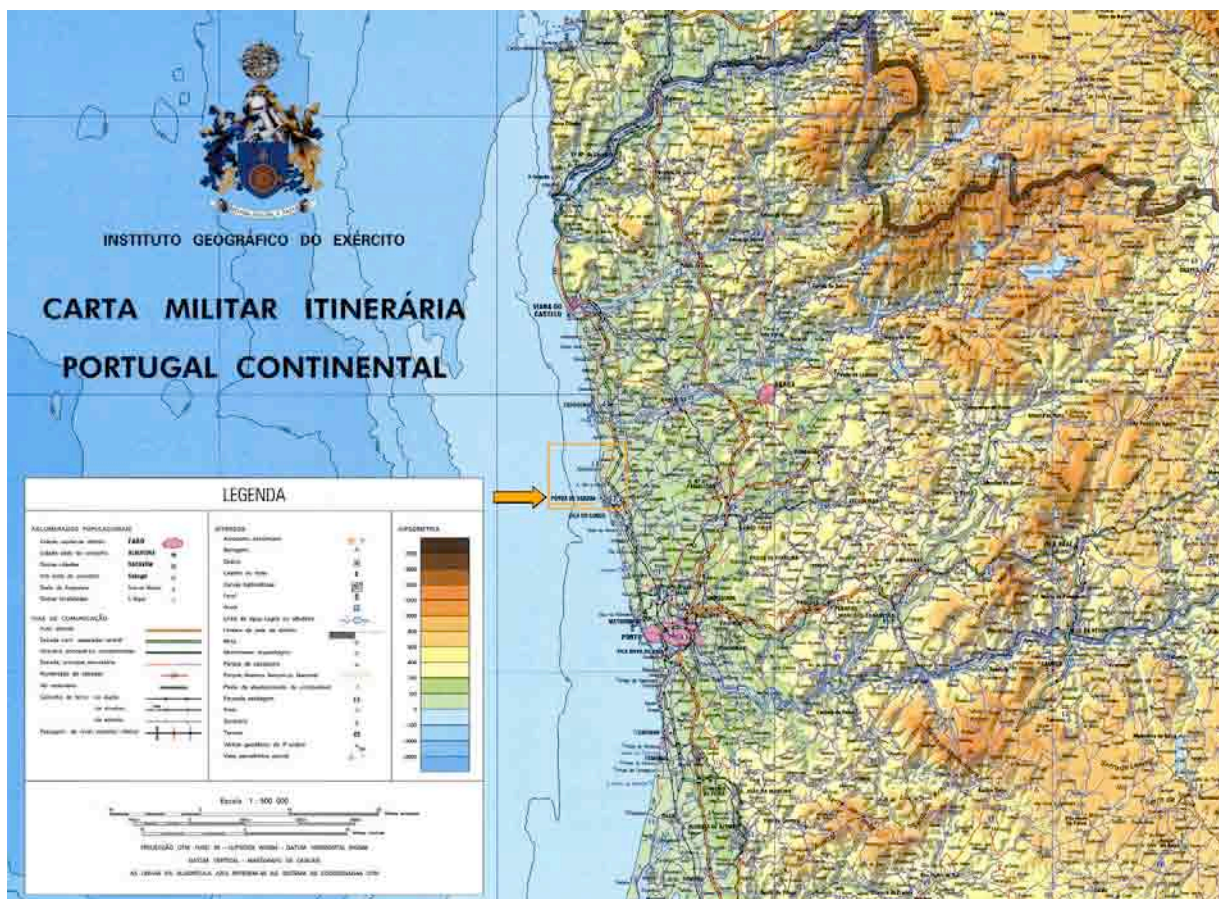
¹⁹ Mais importantes e numerosos que os hotéis, restaurantes e “Casas de Pasto”, são os quartos para alugar, que muitos pescadores dispunham em suas casas, provocando um crescimento anormal do número de nas casas, com muitos quartos ao longo de um corredor central e uma cozinha maior do que seria normal para uma família mono-nuclear. O rendimento propiciado pelo aluguer dos compartimentos constituía, para muitas famílias da classe piscatória, um assinalável contributo financeiro.



Planta 1 - Carta Militar de Portugal. (1999. Instituto Geográfico do Exército).²³

²³ Disponibilizada na Web, pelo Instituto Geográfico do Exército.

Marcamos a cidade da Póvoa de Varzim com uma seta e uma cartela cor de laranja, para destacar a sua localização litoral, 30 Km. a Norte do Porto e a cerca de 80 Km a sul de Espanha.



²⁴ Como no Carta Geral de Portugal anterior, marcamos a cidade da Póvoa de Varzim com uma seta e uma cartela cor de laranja, para destacar a sua localização litoral, entre Vila do Conde (a Sul) e Esposende (a Norte), 30 Km. a Norte do Porto e a cerca de 80 Km. a sul de Espanha.

O Período: 1900 – 1950

Apresentado o tema de investigação e o espaço de observação, importa compreender e justificar a delimitação cronológica do estudo.

Assumimos, porém, que partimos do presente. Foi o nosso olhar sobre processos que marcam o quotidiano vivencial da comunidade urbana da Póvoa de Varzim que dirigiu as nossas interrogações a um passado ainda próximo. São os registos fotográficos do presente que documentam as persistências desse passado e que direccionam o nosso olhar interrogativo sobre uma outra época, cuja continuidade e permanência é, em muitos aspectos, projectada no presente.

Definimos o ano de 1900 como baliza cronológica inicial e a primeira metade do século XX como período de análise, no pressuposto de que essa delimitação nos permitiria analisar importantes e dissemelhantes contextos político-culturais e religiosos. Trata-se de um tempo que assiste ao fim da monarquia, ao conturbado período republicano e à instalação e afirmação do “Estado Novo”. São consensuais as projecções destes contextos políticos nas vivências sociais e religiosas das populações, e no delinear de matrizes culturais diversas que correspondem a outros tantos modelos ideológicos e políticos.

Essas projecções encontram-se parcialmente estudadas para o espaço da Póvoa do Varzim, através de abordagens que parecem provar, por exemplo, que o factor religioso e a afirmação / individualização de grupos profissionais, como o do “pescador poveiro”, construído através de um exacerbar de aspectos folclóricos, visava alimentar uma imagem de regime e a identificação de um grupo profissional com o “status quo”, assim servindo o poder central, ao mesmo tempo que motivava uma evidente exploração turístico-cultural, favorável ao fortalecimento de uma identidade local²⁵.

A Póvoa é, neste período, uma vila²⁶ piscatória, que vende peixe para todo o norte do país, principalmente salgado, com uma indústria de conserva de peixe em desenvolvimento e com uma intensa actividade turística na época balnear, favorável à actividade de artesãos, pequenos industriais, comerciantes, hotelaria e restauração, bem como ao desenvolvimento de negócios como os da montagem de barracas de divertimentos e de venda de objectos diversos nos meses de Verão. O seu notável crescimento populacional parece, de facto ser, em grande parte, devido à colónia banhista e ao grande número de festas e romarias que atraem curiosos e clientes. Como indicadores aproximados, a Póvoa teria, em 1900, uma população de 12.623²⁷ habitantes, que ascenderia, em 1950, a 16.957. A

²⁵ ORTIGÃO, Ramalho - *As Praias de Portugal*, Lisboa, Livraria Clássica Editores, (1876 - 1.ª ed.) s.d.; CARDOSO, Fonseca - *O Poveiro - Estudo Antropológico dos Pescadores da Póvoa de Varzim*, in «Portugalia», Porto, 1908, pp. 517- 539; GRAÇA, António Santos - *O Poveiro. Usos, costumes, tradições e lendas*, 3ª ed. (ampliada com documentação fotográfica. 1ª ed.: 1932), Lisboa, Publ. Dom Quixote, 1992; GRAÇA, António Santos - *Epopeia dos Humildes (Para a História Trágico-Marítima dos Poveiros)*, Póvoa de Varzim, 1952.

²⁶ Lembremos que a vila da Póvoa de Varzim só se tornou cidade em 1973.

²⁷ No censo de 1900 na freguesia da Póvoa de Varzim (N.ª S.ª da Conceição) encontravam-se presentes, por ocasião do recenseamento, 12.623 indivíduos, embora com residência habitual fossem 13.291 habitantes (temporariamente ausentes: 668 pessoas). O concelho contava com uma “população de facto” de 23.743, embora tivessem residência habitual 24.527 habitantes (temporariamente ausentes:

esta população residente soma-se, no período balnear, um considerável número de banhistas, provindos de todo o Entre-Douro-e-Minho e até de Espanha, atraídos não só pelos seus areais e pelo pitoresco do seu porto de pesca e da comunidade piscatória, mas também pelo apelo exercido pelos cafés, que alimentavam a vida social da vila, através do jogo e da apresentação de espectáculos de “variedades”, bem como pelo seu casino, desde 1934.

O contexto em que nos propomos situar é, pois, um período de intensas mudanças, tanto a nível nacional, como local, as quais não podem deixar de projectar implicações no estudo a desenvolver. O país assiste a profundas alterações – de regime (da Monarquia à República) ; de modelo político (de uma Monarquia Parlamentar e Liberal a um regime Republicano “Democrático”, a uma Ditadura de Regime, inaugurada com o golpe militar de 1926); cívicas (de um modelo de participação de cidadania proposto pela I República a um modelo altamente restritivo e corporativo fortemente limitativo á participação política do cidadão); religiosas (de uma tendencial laicização da sociedade e da separação de poderes levadas ao limite pela I República à utilização da crença, da prática religiosa e do poder tutelar e de enquadramento da Igreja para promover a adesão a um regime político conservador de valores e práticas tradicionais).

A nível local, a sociedade poveira conhece também, na primeira metade do século XX, e como se apontou, alterações de monta, em termos de dimensão, de composição interna e de dinâmicas socioprofissionais, sem perder, no entanto, traços não só marcantes, mas de facto estruturantes da sua identidade. O carácter marítimo e piscatório das suas actividades-chave, a identidade personificada pelo “*pescador-poveiro*”, um movimento migratório intenso e fortemente dirigido para o Brasil, condicionador de vivências sociais e familiares; práticas de pesca não só costeira e de mar alto, mas também de longo curso, em que se inclui a pesca do bacalhau na Terra Nova e uma religiosidade marcada por uma espiritualidade própria de comunidades marítimas, constituem indicadores de que não nos podemos alhear, e a que reconhecemos um poder condicionante das práticas religiosas que elegemos como objecto de trabalho.

As características contextuais apontadas elegem, pois, o período em estudo como espaço de observação, e justificam-no como uma época privilegiada para a análise do tema: os cortejos processionais como reflexo do imaginário religioso e da piedade colectiva, em íntima associação com contextos históricos, nacionais e locais, capazes de explicar os seus traços evolutivos e as suas permanências.

784 pessoas). O Censo de 1959 indica como presentes na vila 16.957 habitantes, estando temporariamente ausentes 362 pessoas. Aponta para o conjunto das freguesias da Póvoa de Varzim o n.º de 37.938 habitantes, estando temporariamente ausentes 645.

0.3. OBJECTIVOS A ATINGIR

Na base deste projecto está a consciência da necessidade, e urgência, de registar, estudar e compreender as procissões na Póvoa de Varzim, na cidade, em particular. Este constitui o nosso principal objectivo. A bibliografia local relativa ao tema, por se tratar, sobretudo, de relatos de “memórias”, não regista dados concretos. Não são indicadas origens²⁸, nem a data ou o motivo porque terminaram alguns cortejos descritos. Só a consulta da documentação conservado nos Arquivos e a informação recolhida em periódicos, particularmente da imprensa local, permitirá reunir dados mais sólidos para produzirmos um estudo histórico consistente.

O facto de estes acontecimentos cíclicos e efémeros – documentos vivos, resultantes de séculos de tradições, devoções e história - se encontrarem neste espaço com uma vivência e em número fora de comum, motiva-nos a um estudo que sabemos ser urgente, porque, como tudo que está vivo, pode crescer e evoluir, mas também pode desaparecer sem deixar vestígios. Assim, temos consciência da necessidade de registar os depoimentos das pessoas que ainda participaram em procissões na primeira metade do século XX e de recolher e identificar fotografias antigas, bem como compreender alguns aspectos descurados na documentação escrita.

Esperamos conseguir, em paralelo, compreender o que motivou o aparecimento e manutenção de tantas manifestações públicas do sagrado, o que, naturalmente advém de toda a história e características da região e das suas gentes. Não podemos, por isso, esquecer nunca a história local, nem os contributos de “forasteiros” ou emigrantes que trouxeram devoções de outras paragens, como por exemplo a de Nossa Senhora de Guadalupe e a de S. Caetano, ambas trazidas por “*brasileiros de torna-viagem*”, ou mesmo as imagens que motivaram devoções, que, por serem tão intensas, tiveram que extravasar os edifícios e encher as ruas, metamorfoseando a cidade e provocando alterações na vivência dos locais e dos forasteiros que aqui se deslocam, muitas vezes propositadamente para assistir e participar nestes acontecimentos.

O ciclo anual de Procissões na Póvoa de Varzim – sede do concelho – corresponde a um programa muito completo que reflecte os principais momentos da vida religiosa, mas também da civil. Importa que se identifique e compreenda esse “tempo das Procissões”. Destacam-se, neste caso, as procissões de S. Pedro, do Corpo de Deus e de N.ª Senhora da Assunção, que, por diferentes motivos, se encontram ligadas à organização civil do município, sendo de realçar o facto de a Câmara Municipal ter sido a *Comissão fabriqueira* da Igreja Matriz, nomeadamente quando se construiu o novo edifício.

Estes “acontecimentos”, estes “happenings” do sagrado, que reflectem uma história de séculos, encontram-se vivos, mas, tratando-se de uma arte efémera (como um cortejo festivo, uma peça de

²⁸ Excepto as mais antigas procissões do Corpo de Deus e as Cerimónias da Semana Santa, estudadas por investigadores e historiadores, como o Monsenhor Manuel Amorim.

teatro, ou a representação de um mistério), dependem do voluntarismo das pessoas, das disponibilidades financeiras dos concelhos e das capacidades económicas de igrejas e capelas, bem como das confrarias e irmandades, de que se destacam a Irmandade da Misericórdia e a Irmandade de Nossa Senhora da Assunção, *Amparo dos Homens do Mar*. Eles devem-se também, e mais profundamente, à devoção e crença das pessoas que as motiva a participar, levando os andores ou pagando para que filhas e filhos participem nestes cortejos. O estudo dos agentes e instituições envolvidos nas procissões transforma-se por isso em alvo de análise prioritária.

Torna-se evidente, em paralelo, no desaparecimento de alguns destes cortejos, o “esfriar” de algumas devoções, como a de S. Sebastião, bem como motivações doutrinárias, litúrgicas e opções de clero local, que importa identificar. Também não podemos esquecer o cuidado colocado pelas autoridades eclesásticas, párocos e responsáveis na montagem das procissões, e a preocupação em solenizar, organizar, ordenar, dar dignidade, evitar incorrecções nos aspectos litúrgicos e dar sentido pedagógico e catequético a estas celebrações²⁹. Os “programas” processionais para isso apontam.

A manutenção dos circuitos tradicionais ajuda-nos a visualizar antigos enquadramentos espaciais que as vivências actuais foram esquecendo. Por outro lado, as alterações dos percursos, demonstram as mudanças mais marcantes ao nível da habitação e urbanismo. Nas zonas rurais os antigos percursos, seguindo velhos caminhos, são habitualmente mantidos, passando por ruas quase esquecidas, enquanto novas urbanizações são ignoradas. Importa cartografar e analisar essas evoluções diacrónicas.

Destacamos as procissões da sede do concelho, mas referiremos alguns dos cortejos e festejos que se conservam nas freguesias não urbanas, dado que integram elementos que já desapareceram nas mais eruditas e racionais procissões da cidade³⁰. Por outro lado, a manutenção de algumas características próprias da ruralidade, a singeleza e mesmo alguma espontaneidade, ajudam a destacar aspectos únicos em umas e outras, que se esclarecem mutuamente. Uma leitura comparativa do carácter urbano/rural desses eventos não está, pois, ausente das nossas preocupações.

Dispondo de documentação fotográfica e manuscrita pertencente à família Martins da Costa, bem como de alguma bibliografia da região, esperamos ficar a conhecer melhor, no difícil período da 1.^a metade do século XX, as procissões religiosas, numa região onde, devido ao seu respeito pelas tradições, são mesmo alguns maçónicos e republicanos, como Santos Graça³¹, que defendem a manutenção destes cortejos.

²⁹ Com a intervenção de alguns investigadores, estudiosos da teologia – principalmente de temas marianos, como o Pe. José Cascão - e historiadores, foram-se criando “programas” complexos e bem organizados, com profundo sentido didáctico, verdadeiras “Bíblías” ou “catecismos”, ilustrados com imagens bem compostas e *filácteras* elucidativas.

³⁰ Era tradicional nas procissões de Passos da Póvoa recriar o “Monte”, em que se reproduzia a cena final do Calvário mediante a presença no altar-mor de um numeroso conjunto de figurado que participou no cortejo. Tendo deixado de ser “montado” na vila, conserva-se na Procissão dos Passos de Amorim, onde também se continua a oferecer a cada uma das “figuras” um pão de rosca.

³¹ António do Santos Graça, incentivado por Rocha Peixoto, escreve o livro de estudos etnográficos: “O Poveiro”, onde descreve, e defende, os usos, crenças e tradições da classe piscatória. Cria o Museu Municipal para o qual recolhe ex-votos, pinturas e imagens antigas, criando uma sala de “Crença e religiosidade”, ao mesmo tempo que compila letras e músicas tradicionais.

0.4. FUNDOS DOCUMENTAIS CONSULTADOS

Para estudar e compreender o tema na sua globalidade começamos por pesquisar a bibliografia geral relativa à história da Igreja, simbólica, religiosidade popular e manuais de liturgia, ao mesmo tempo que fomos realizando registos fotográficos³² das procissões actuais e recolhendo informações orais e escritas junto de membros da confrarias, clero, “armadeiras”, velhos e jovens participantes. A fase de sondagem e a vivência directa, no terreno, em contacto com as pessoas e os eventos, revelou-se fundamental para destacarmos os aspectos mais marcantes destes acontecimentos, os quais são muitas vezes ignorados na bibliografia da especialidade, mas se revelam imprescindíveis para a análise do tema e mesmo para seleccionar os *items* fundamentais a pesquisar nas sondagens e bases de dados.

Quando fotografamos e testemunhamos estes eventos³³ temos a percepção de estar a assistir, não a um mero acontecimento da actualidade, mas a confrontar-nos com um verdadeiro documento, uma obra de arte, que reflecte a História. Tal como uma pintura, ou uma imagem esculpida, cada uma das “figuras” que participa, assume uma posição própria e consciente, tal como numa representação de um “Mistério” medieval. Se nos colocarmos na posição de um vulgar observador no meio dos devotos (da terra, ou de fora) que assistem e comentam estas cerimónias e dos que participam directamente, desde o momento em que começam a vestir as crianças e jovens, as confrarias a congregar-se, os andores a sair da igreja, até ao final (em que se oferece o “pão de rosca”, ou se realizam os tradicionais “lanches” oferecidos pela confraria ou pelo mestre que se encarregou de transportar o andor), apercebemo-nos imediatamente de um vastíssimo número de tradições e gestos realizados com uma ordem e um sentido próprio destas celebrações. Assim, tanto como a recolha de registos fotográficos (antigos e actuais), bem como dos manuscritos dos “Programas de Grupos Alegóricos”, descrevendo a organização das procissões³⁴, dos cartazes e folhetos de divulgação, também a observação directa e participante permitiu avançar no conhecimento geral destes eventos.

Quanto à informação extraída de bibliografia local e regional, publicada no «Boletim Cultural da Póvoa de Varzim», em periódicos e em monografias e outras publicações locais, apesar de constituir uma fonte de informação muito vasta e diversificada, identifica-se, na esmagadora maioria dos casos, mais com uma típica “redacção de memórias” do que com trabalhos historiográficos acabados.

³² Os registos iconográficos têm-se revelado muito úteis para o estudo e compreensão do tema. Quanto à nossa recolha de imagens, legendadas e documentadas, compiladas no volume 2, esperamos que venham a ser úteis, no futuro, a outros investigadores, como suporte documental rico e esclarecedor.

³³ Tendo vindo a recolher e a transcrever os programas recentes, percebe-se que normalmente se inspiram nos anteriores.

A consulta de documentação conservada no arquivo municipal e de antigos registos manuscritos de “armadores” tornou-se indispensável, a par do contacto com periódicos e outras publicações locais (folhetos, almanaques, etc.), para obter informações que permitissem aferir os dados transmitidos por bibliografia e pessoas comprometidas com os eventos, e para nos apercebermos de factos e realidades sistematicamente ignoradas.

O levantamento de representações cartográficas da primeira metade do século, de que destacamos uma *Planta da Vila da Póvoa de Varzim*, de 1901, útil para a visualização dos itinerários de inícios do XX e das cartas actualizadas disponíveis no Departamento de Gestão Urbanística da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, revelou-se também de grande utilidade.

No tratamento e análise dos diferentes aspectos tentamos cruzar as diversas fontes de informação, para o que a utilização de bases de dados entretanto constituídas para o efeito, desde as *fichas descritivas*, aos quadros esquemáticos e estatísticos, se revelaram fundamentais.

Da documentação consultada poderemos apontar, por fundo documental, as mais importantes séries, em ordem a uma mais concreta percepção das suas potencialidades e limites.

Universo documental e bibliográfico consultado

Registos iconográficos - fotografias, gravuras, estampas

- MMEHPV (Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim): Fotografias; postais; gravuras; desenhos
- Colecção: *Família Martins da Costa* – oferecidos ao Museu e à Biblioteca Municipal da Póvoa de Varzim;
- Colecção de Maria Elisa Novais - “Casa dos Anjos”;
- Registos fotográficos realizados por José Manuel Flores Gomes e Deolinda Carneiro – técnicos do Museu Municipal da Póvoa de Varzim – das procissões e festas da cidade da Póvoa e algumas das freguesias do concelho (1993 – 2006);
- Registos, pagelas, folhetos e cartazes divulgando as festas e procissões: Coleções particulares (Dr. Jorge Barbosa, Deolinda Carneiro), das confrarias e Irmandades e MMEHPV;

Documentos escritos
Fontes de informação e sua localização

Cartório Paroquial de Beiriz

- *Transcrição da Provisão Pastoral* em que o Arcebispo Primaz de Braga proíbe as procissões dos cercos de S. Sebastião em volta das freguesias, in *Livro de Visitas da Paróquia de Santa Eulália de Beiriz*, 1830.

Biblioteca Municipal da Póvoa de Varzim

- *Programas de Grupos Alegóricos das Procissões da Póvoa*, imaginadas pelo Padre José Gonçalves Cascão de Araújo e copiadas por D. Maria da Assunção Ribeiro Martins da Costa, proprietária da “Casa Confiança”, 2 volumes, c. 1939 – 1967.

Documentos publicados:

- LEAL, Francisco Félix Henriques da Veiga (1758) - *Notícia da Povoá de Varzim, feita a 24 de Mayo de 1758* (em resposta ao Inquérito dirigido pelo P.e Luís Cardoso, em 1758.) [Transcrição de ANJO, José António Alves (1759-1838)] in BARBOSA, Fernando (publ. e pref.) - *O Concelho da Póvoa de Varzim no século XVIII - As Memórias Paroquiais de 1736 e 1758*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. I, Póvoa de Varzim, 1958, pp. (258-343) 305-340.
- RODRIGUES, Leandro [Rev.º Dr.] - *Notícia do Doutor Leandro Rodrigues* - em resposta ao Inquérito enviado pelo Padre Luís Cardoso, destinado ao *Dicionário Geografico*, 1747, c. 1736 (posterior a 1732 e anterior a 1747). [Transcrição de ANJO, José A. Alves] in BARBOSA, Fernando (publ. e pref.) - *O Concelho da Póvoa de Varzim no século XVIII - As Memórias Paroquiais de 1736 e 1758*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. I, 1958, pp. 270-281 (com preâmbulo e notas de Manuel Silva).

Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim:

- Copiador dos Mapas:

- 1891.03.06 a 1893.08.07 (ACPV / 0899):

- 1913.01.06 a 1915.11.01 (ACPV / 0910)

- *Copiador da Correspondência para o Governo Civil* (1900, Janeiro, 4 - 1901, Dezembro, 30). Cota: ACPV (ACPV / 0662 - 0677)

- 1900.01 a 1901.12 (ADPV / 0662) [Existe um intervalo de tempo em que não existe "Copiador" entre 1902 – 1907]

- 1936.12 (ADPV / 0663 - a - ACPV / 0677)

- *Livros de Actas das Sessões da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim* (a série não está completa, existem lapsos (entre 1900 a 1950) nos anos: 1900 a 1903.05; 1912.03 a 1927.08; 1943.08 a 1947.03.

- 1903.05.04 a 1907.08.26 (CMPV / 0040);

- 1907.09.02 a 1912.03.05 (CMPV / 0041);

- 1927.08.24 a 1932.04.19 (CMPV / 0047);

- 1932.04.26 a 1936.06.03 (CMPV / 0048);

- 1936.06.17 a 1938.10.13 (CMPV / 0049);

- 1938.10.20 a 1940.10.23 (CMPV / 0050);

- 1940.10.30 a 1943.08.04 (CMPV / 0051);

- 1947.03.12 a 1951.02.22 (CMPV / 0053)

Arquivos Particulares:

- Programas manuscritos da "Casa dos Anjos" de Maria Amélia (até 1980) e depois pertencentes a Maria Elisa Novais (de 1980 a 2006)

- Coleccionadores particulares: familiares de investigadores, como a Família Barbosa, conservam vasta colecção de manuscritos (alguns dos quais registando documentos já desaparecidos), documentação diversa do século XIX e XX, almanaques, etc.

- Imprensa Periódica - Jornais e Revistas:

Devido à dificuldade que tivemos em consultar a base de dados digital dos Periódicos da Biblioteca da Municipal da Póvoa motivado por diversas avarias técnicas no sistema informático e no servidor, tivemos que optar por realizar consultas por amostragens, não sendo possível investigar todo o período em estudo (1900 – 1950).

Como critério de pesquisa (atendendo a que neste espaço de tempo foram publicados na Póvoa muitos jornais defendendo posições políticas diversas, alguns dos quais por curtos períodos de tempo)

optámos por consultar dois jornais que defendessem opções ideológicas opostas: um conservador e outro de tendência *republicana*, ou de “esquerda”.

Como seleccionamos três anos prioritários para a nossa pesquisa: 1900, 1925 e 1950, tivemos, devido às mudanças de jornais existentes, que consultar periódicos diferentes nos três anos: em 1900 destacam-se: «O Liberal» (jornal “progressista”, nitidamente anti-clerical, mas atento aos eventos de cariz religioso em geral) e o «Estrella Povoense» (jornal conservador). Para este ano consultámos ainda outros jornais, sobretudo para o período estival, para transmitirmos uma visão o mais completa possível desta data histórica em que iniciávamos o nosso estudo e por corresponder a um período pouco estudado.

Num período intermédio, de 1911 a 1917, consultámos uma revista que assume uma função de “Propaganda às Belezas da Póvoa de Varzim”, ou seja, uma publicação profundamente “bairrista”, fundamental para compreendermos a vontade, por parte de alguns intelectuais, de enaltecer todas as características da Póvoa, vincando a sua individualidade própria, desenvolvendo a mítica em volta do “pescador poveiro” e publicitando-a como estância balnear.

Para 1925, numa pesquisa mais rápida, consultamos «O Liberal» e o «Comércio da Póvoa de Varzim», por este defender abertamente o ideal republicano, o partido da Câmara Municipal da altura.

Em 1950, continuamos com o «Comércio da Póvoa de Varzim», que conserva o ideal “progressista”, funcionando, subtilmente, como “órgão da oposição” e o «Ideia Nova», assumido como «Órgão da União Nacional».

De cada um deles facultamos alguns dados que cremos pertinentes:

- «ESTRELLA POVOENSE», Póvoa de Varzim, Redactor principal - J. Baptista Moreira, Publica-se aos Domingos, [1.º Anno – N.º 1 - Domingo 18 de Fevereiro de 1877] - Define-se em 1895 como «semanário independente”, para depois se manifestar a favor do partido regenerador. Editor: Francisco Baptista Carneiro. Publicado aos Domingos., 23.º Ano, N.º 1:212, 7. Janeiro. 1900.
- «O Liberal» foi, desde a fundação, o órgão do partido progressista local³⁵. Principiou a publicação em 07.04.1895, tendo como Director Amândio Bernardo Pereira; Ano 6, 07.Janeiro. 1900.
- «A Praia», Typographia, Praça do Almada, Nº 106; Redacção, Rua da Bandeira, Editor responsável - Bernardino Gomes da Ponte, Póvoa de Varzim, 2.ª Série, Nº 1, 1900.08.02.
- «O Povoense», redacção, administração e Typographia Travessa do Visconde, Nº 7, Póvoa de Varzim, Editor responsável - António José Moreira, Póvoa de Varzim, 1.º Anno, Nº 1, 1900.08.05.

³⁵ BARBOSA, Fernando - *Periódicos Poveiros*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. 2, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da P. de V., 1959, p. 327.

- «O Comércio da Póvoa de Varzim», Póvoa de Varzim, Director António Santos Graça, fundado em 1903. A partir de 1910 apresenta-se como jornal Republicano. Em 1923 volta a aparecer sem divisa.
- «A PÓVOA DE VARZIM. Revista quinzenária e ilustrada, genuinamente patriótica, de usos, costumes e lendas - tradições e actividades poveiras. Genuinamente Patriótica! De Propaganda às Belezas da Póvoa de Varzim», Director: João Agostinho Landolt,, Proprietário: João Agostinho Landolt, Póvoa de Varzim, 1911 - 1917.
- «IDEA NOVA», “Semanário Noticioso e Politico. Órgão da Comissão Municipal (depois chamada Comissão Concelhia) da União Nacional”. Iniciou a publicação em 1933 com a divisa «pela Nação e pela Póvoa» e, a partir de 10.11.1945 «Tudo pela Nação – Nada contra a Nação». Terminou em 05.04.1952, para continuar com o título «Ala Arriba». Enaltecia e defendia os ideais do Estado Novo.
- *Almanaques da Póvoa de Varzim*: 1905, 1906, 1912.
- Guias Ilustrados:
 - LIMA, Baptista de - «*Guia Ilustrado da Praia da Póvoa de Varzim. Elucidário para Banhistas e Forasteiros. Propaganda Turística*» (Separata da Corografia Histórica «Terras Portuguesas», 4.º ano, Póvoa de Varzim, Tipografia Camões - Editora - PV. Sob o patrocínio da Câmara Municipal, 1946.
- Boletim Cultural: - «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural» 1958 – 2003

Verificamos que a imprensa local transmite informações que, embora breves, são fundamentais para a localização, no tempo e no espaço, dos eventos em estudo. Consultando os jornais locais podemos verificar que, habitualmente, além de referirem e enumerarem as procissões e festas existentes (esclarecendo algumas dúvidas relacionadas com a “história” de cada uma delas), apresentam algumas observações que nos ajudam a analisar as mentalidades e a religiosidade da época.

Fontes Orais:

- Dr.ª Maria da Glória Martins da Costa
- “Armadores” locais:
 - Maria Elisa Novais / “Casa dos Anjos” – Póvoa de Varzim [compõe e veste o “figurado” das procissões não só na cidade da Póvoa de Varzim, como em várias procissões das outras freguesias do concelho];
 - Lino Araújo - “Casa Palhares” de Balasar;

- Dr.^a Elvira Ferreira (filha da “armadeira” Maria Amélia Ferreira);

Pesquisa bibliográfica

Consultas realizadas:

- Bibliografia referente a Procissões [Vd. Bibliografias: *Bibliografia geral* e *Bibliografias temáticas*]
- Para esclarecer as diferentes características e origens destes cortejos recorremos a livros sobre liturgia e teologia; catecismos; histórias da Igreja; dicionários históricos, enciclopédicos e iconográficos; etc.
- Bibliografia de contextualização histórica
- Bibliografia temática especializada [Vd. bibliografia temática]
- Bibliografia local. Existem, a nível local, algumas obras específicas que nos permitem ter uma visão geral das procissões na sede do Concelho. Carecem normalmente de indicações documentais e cronológicas, fundamentando-se em memórias e recordações pessoais. O mesmo se poderá dizer de algumas informações orais.

0.5. ESTRUTURA DO TRABALHO:

A estrutura de trabalho concebida reflecte os objectivos que nos propusemos atingir. Após a explicitação e delimitação temática e espácio-temporal do objecto de trabalho, e da sumariação dos objectivos propostos, sustentados pelos corpos documentais seleccionados ou constituídos, definimos uma estrutura analítica que elege como núcleo a descrição e análise das procissões realizadas na Póvoa de Varzim.

Porque a análise concreta e minuciosa das procissões religiosas exige a compreensão dos factores que as condicionam, dedicamos um primeiro ponto à apresentação e análise sucinta das conjunturas político-religiosas locais a que importa atender para a análise em curso.

Porque a análise do tema decorre, em paralelo, de um enquadramento histórico, teórico e conceptual directamente ligado à realização de cortejos processionais e suas funções ao longo dos

tempos, apresenta-se, como segundo ponto, uma introdução ao tema das “procissões”, definindo-as e situando-as numa evolução milenar, que visa, em simultâneo, identificar a normatividade religiosa e eclesiástica que enforma os seus programas, ritos e prescrições.

Para uma maior precisão conceptual procuramos, ainda, neste segundo ponto, fornecer um quadro geral dos cortejos processionais, bem como apresentar um quadro classificativo por tipologias, das procissões observáveis no espaço em estudo, circunscrevendo rigorosamente essas manifestações, em relação a outras que com elas têm algumas afinidades, mas que se apresentam também com claras especificidades. Referimo-nos às práticas identificadas como “romarias”, “romagens” e “peregrinações”.

Nos pontos 1.3. a 1.6. procedemos a um registo, descrição e análise das procissões identificadas, tendo em conta as vertentes apontadas: a identificação e tipificação dos agentes nelas envolvidos como patrocinadores, autores, realizadores, participantes, assistentes ou comentadores; a sua distribuição anual, tentando identificar, numa perspectiva diacrónica, calendários litúrgicos e religiosos e ciclos sazonais; a sua projecção no espaço urbano, através da reconstituição dos circuitos identificáveis na diacronia, deles fazendo, em simultâneo, leituras sociológicas diferenciais em função do tempo, das devoções e dos agentes envolvidos em cada evento, bem como das suas particulares propostas religiosas e doutrinárias, suportadas por devoções predominantes reflectidas em programas iconográficos que importa compreender.

Centrando-nos, por fim, numa análise mais estritamente religiosa desses eventos, um outro ponto é dedicado a uma sumária abordagem da simbólica e da teofania nas procissões analisadas.

A apresentação de um Glossário, depois de apontadas as principais conclusões a extrair deste trabalho, baseia-se na convicção da sua utilidade, tendo em conta a especificidade da terminologia exigida para o tratamento do tema, e a necessidade de se definirem, com rigor, conceitos que utilizamos com regularidade ao longo do trabalho, e que podem ser objecto de leituras polissémicas e subjectivas, com ele pretendendo também contribuir para uma abordagem do tema em especialidade.

Na apresentação das fontes e bibliografia, optámos pela tradicional divisão entre Fontes Manuscritas e Impressas, a que se deverão juntar as Fontes Iconográficas, constituídas pelos levantamentos fotográficos que individualizamos e indexamos no 2º volume da dissertação. Em paralelo, a uma Bibliografia Geral preferimos a apresentação de um elenco bibliográfico classificado por áreas temáticas, tendo em conta uma mais eficaz e funcional consulta.

Para simplificar o esquema e organização do 1.º volume, aí integraremos apenas algumas fotografias, mapas e quadros que ilustrem o texto, remetendo a maioria dos registos fotográficos, documentos, programas, bem como alguns quadros de sistematização, para o 2º e 3.º volumes, como apêndices da dissertação.

O 2.º volume apresenta as fichas descritivas das procissões e celebrações mais importantes, acompanhadas dos registos fotográficos antigos e recentes. No geral indicamos apenas alguns

aspectos mais característicos de cada um dos eventos, mas seleccionamos a procissão considerada mais importante, a de N.ª S.ª da Assunção, para ilustrarmos os elementos constituintes de um préstito sagrado completo.

O 3º volume deverá ser entendido como um apêndice instrumental do texto de síntese apresentado no 1º Volume. Aí se apresentam quadros de sistematização de informações contidas em documentos, muitos dos quais provenientes da documentação oficial da Administração do Concelho, como os Copiadores da Correspondência para o Governo Civil, Livros de Actas das Sessões da Câmara Municipal e alguns Requerimentos, conservados no Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim, complementados pelas transcrições dos mais extensos e mais curiosos. Seguem-se quadros em que se registam algumas notícias de periódicos locais, tidas como as mais pertinentes e ilustrativas das teses defendidas, algumas das quais reproduzidas na sua totalidade e aí integradas na expectativa de que a informação nelas contida, que em muito extrapola aquela que em texto analisamos, possa vir a ser útil a terceiros e contribuir para uma mais dilatada divulgação da memória histórica da Póvoa de Varzim.

Finalmente as transcrições dos dois volumes manuscritos dos “Programas iconográficos” de Maria da Assunção Martins da Costa, bem como de alguns esquemas de programas actuais de Maria Elisa Novais, visam documentar a variedade e erudição colocadas na organização das procissões. Apresenta-se um quadro /índice em que os programas estão organizados por ordem alfabética, para facilitar a sua consulta e avaliar a diversidade e número de variantes para alguns dos temas desenvolvidos. Na transcrição respeitou-se a ordem e a grafia da época, para se percepçionar melhor o espírito subjacente a esta compilação.

1. A PÓVOA DE VARZIM EM EVOLUÇÃO HISTÓRICA. CONTEXTOS E CONJUNTURAS SÓCIO-POLÍTICAS E RELIGIOSAS

A Póvoa de Varzim teve o seu “registo de nascimento” com a outorga de um foral, por D. Dinis, em 9 de Março de 1308. Nesse acto régio de criação de uma nova póvoa marítima, transforma-se um reguengo em concelho, numa acção de fomento agro-marítimo, em que se incentiva o desenvolvimento agrícola e a utilização do porto para o transporte de produtos, como o pão, vinho e sal, bem como a pesca (em que se reserva, para o rei, “a baleia, o roaz ou cousa real”, ou seja, o peixe de maior rendimento) e a recolha do sargaço (pelo qual também terão que pagar impostos). O facto de o rei mandar “*que eles metam seu juiz e seu mordomo e chegador. E o Juiz venha jurar à minha chancelaria cada um ano*”, é um acto de soberania real que é rectificado e confirmado pelo foral de D. Manuel em 1514.

Entretanto, em 1318, D. Afonso Sanches e sua esposa instituíram o mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde, que dotaram ricamente, dando-lhe «*as nossas villas e luguares que chamam de Povia de Varzim, e todallas nosas herdades de Touginha e de Veerjz e de Tarroso, e de Formarjz, e de Landão, e de Nabaaes, e de Miranei, com casaaes e herdades (...). E retemos pera nos e pera aqueles que depois nos vierem a justiça e apellações de Varzim e non al*».

Ficava, assim, a Póvoa, na dependência jurisdicional do Mosteiro, tanto no cível, como no crime, salvaguardados os casos de apelação. No plano eclesiástico, todavia, o pequeno concelho da Póvoa continuou integrado na velha paróquia de S. Miguel-o-Anjo de Argivai, apesar da existência da Ermida de S. Tiago, de que nos chegaram vestígios românico-góticos datáveis do século XII a XIII. Na também denominada *Ermida da Mata*, começou a ser muito venerada a imagem da “Senhora de Varzim” que uma lenda dizia ter aparecido por milagre junto a uma fonte na Vila Velha, tendo sido colocada na capela aí existente.

*“Os mareantes tanto d'esta villa, como dos povos circumvisinhos tinham n'ella grande fé; não faziam viagens sem levar comsigo uma prenda da senhora, e lh'a repunham melhorada. Os capitães portuguezes mercantes d'estas visinhanças passando por esta costa a salvam com a artelharia de seus navios.”*³⁶

Com o desenvolvimento da pesca e dos rendimentos, a Câmara Municipal, interpretando a vontade da população em crescimento, lidera o processo de emancipação religiosa, que levou à

³⁶ Cf. LEAL, Francisco Felix H. da Veiga - *Noticia da Villa da Povia de Varzim, feita a 24 de Mayo de 1758* [in BARBOSA, Fernando (publ. e pref.) - *O Concelho da Póvoa de Varzim no século XVIII - As Memórias Paroquiais de 1736 e 1758*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. I, Póvoa de Varzim, 1958, pp. 319-329.]

criação da Vigararia de Santa Maria de Varzim, na antiga paróquia de Argivai³⁷, antes da primeira referência documental conhecida com a data de 1454³⁸.

Com o crescimento a Póvoa o vigário preferiu viver na vila e já não na aldeia de Argivai, onde tinha “*menos povo e pior comodidade; veio viver para este povoado onde se servia das capelas da vila. Passaram-se alguns anos veio uma visitação; queixaram-se os vizinhos da aldeia de Argivai da mudança do pastor*”. Mas a opção do vigário era tão compreensível que o visitador “*deixou um capitulo para que o pároco logo nomeasse sacerdote que assistisse de coadjutor em Argivai, se achava ser-lhe preciso e útil viver no maior povoado. Executou-o este assim, e conta-se que por ocasião do caso referido do aparecimento da imagem da Senhora de Varzim determinaram os moradores desta vila fazer, da sobredita capela, igreja matriz; pediram licença ao ordinário, contrataram com o cabido fabrica-la o povo, e com efeito nela fizeram a nova erecta, de cujo tempo ao certo não se acha noticia, mas sem duvida antes do ano de mil quinhentos quarenta e quatro, porque nele já achamos noticia de ser matriz.*”³⁹

Em 1540⁴⁰ a terra fica livre da jurisdição da Abadessa de Santa Clara de Vila do Conde, facilitando a sua afirmação como terra autónoma, tentando demarcar-se da sua poderosa e aristocrática vizinha Vila do Conde.

Na história antiga da vila da Póvoa de Varzim foram, frequentemente, capitães e pilotos, navegantes do alto-mar (alguns originários de famílias de outras localidades, como do concelho de Vila do Conde) que trouxeram riqueza e emprego para a população, assim como instituíram e fundaram capelas, deixando legados para a implementação de solenidades e devoções, revelando a profunda religiosidade característica dos homens do mar, sejam navegantes de longo curso, simples pescadores, ou mesmo “sargaceiros”.

João Martins Gaio - da nobre família Gaio, ligada ao *tráfico marítima de Vila do Conde* – fixou-se na Póvoa onde mais facilmente recrutava *homens para os seus maneios*⁴¹. Mandou construir a capela da madre de Deus, c. 1542⁴², no centro da povoação, possibilitando a colocação do sacrário com o Santíssimo e a realização, no futuro, da Procissão do Corpo de Deus na Póvoa. A importância, nobreza e círculo de influências desta família devem ter sido fundamentais para os benefícios que foram outorgados ao pequeno burgo.

Os fundadores, João Martins Gaio “cavaleiro da casa d' El Rei”, e sua mulher, Maria Afonso, e os administradores da capela, como o seu filho, Jorge Martins Gaio, receberam autorização para

³⁷ Cf. AMORIM, Manuel – *Póvoa de Varzim*, in «Agenda Municipal da Póvoa de Varzim», Serviço de Turismo, Dezembro, 1994.

³⁸ Cf. AMORIM, Manuel - *Luís Fernandes, o Primeiro Pároco da Póvoa?*, in «O Comércio da Póvoa de Varzim», Póvoa de Varzim, 2002.10.24, pp. 1 e 2.

³⁹ Cf. LEAL, Francisco Felix H. da Veiga - *Notícia da Villa da Povoas de Varzim, feita a 24 de Mayo de 1758* [in BARBOSA, F. – *Op. cit.* pp. 320 - 321.]

⁴⁰ A Póvoa de Varzim esteve na dependência jurisdicional do Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde, tanto no cível, como no crime, entre 1319 e 1540. Cf. MARQUES, José - *Os Forais da Póvoa de Varzim e Rates*, Póvoa de Varzim, 1991, p. 23.

⁴¹ Cf. AMORIM, Manuel - *A Formação da Póvoa de Varzim*, in «O Comércio da Póvoa de Varzim», Póvoa de Varzim, 2003.03.27, p. 2.

⁴² A Capela da Madre de Deus foi mandada construir pela família Gaio e “foi dotada com varias propriedades, e instituida a formalidade de sua successão a 20 de dezembro de 1542”. Cf. LEAL, Francisco Felix Henriques da Veiga - *Notícia da Villa da Povoas de Varzim, feita a 24 de Mayo de 1758*. Resposta ao Inquérito dirigido pelo P.e Luís Cardoso, em 1758 [in BARBOSA, F. - *Op.cit.*, p. 322.]

serem sepultados na ermida “com o brazão d'armas na pedra, por licença do arcebispo de Braga Primaz o venerando D. fr. Barthelomeu dos Martires, dada em visita na villa d'Espozende a 13 de Janeiro de 1560.”⁴³

Por sua vez, tornou-se possível realizar todos os anos com solenidade as Cerimónias da Semana Santa devido aos legados de foros e bens, deixados à *Confraria do Santíssimo Sacramento* pela família dos Cardia, nomeadamente pelo capitão de navios António Cardia e sua filha Mónica Cardia de Macedo em 1678 / 1679.⁴⁴

Como a afirmação da Póvoa como terra “independente”, com individualidade e valores próprios esteve intimamente associada à sua “independência” religiosa, os valores religiosos e civis estiveram sempre profundamente associados na história da terra. Foi a Câmara Municipal, como representante das gentes da vila, os “fregueses”, que tomou a seu cargo, já no século XVIII; a construção de um novo e monumental edifício religioso, o da igreja matriz, de dimensão algo inusitada para esta “pequena vila”⁴⁵, sendo ela a “fabriqueira”, ou responsável pela igreja. Adoptando a invocação da Imaculada Conceição de Nossa Senhora, a grande devoção da Família Real Portuguesa (inicialmente o orago invocado para a freguesia da Póvoa de Varzim era simplesmente o de *Santa Maria*), era mais uma justificação para se conseguir o apoio real para a sua edificação, ao demonstrar o profundo apreço pelo rei e por tudo o que era do seu agrado.

*«Recorrendo á piedosissima magestade do fidelissimo rei o sr. D. João V obtiveram estes moradores a graça de lhes conceder por quinze annos as sobras das correntes das Sizas d'esta villa, que lhes ampliou depois por mais oito annos, concorrendo tambem o povo com a imposição d'um real em genero vendavel para se edificar, como edificou, no centro da parte da villa antiga a igreja parochial d'ella, cuja primeira pedra se assentou solemnemente pelo parcho que então era José Carvalho da Cunha aos 18 dias do mez de Fevereiro de 1743 annos»*⁴⁶.

A Póvoa de Varzim no século XVIII estava, nitidamente, em crescimento e a conjuntura económica nacional era favorável ao seu desenvolvimento e embelezamento. A edificação do novo edifício dos Paços do Concelho da Vila da Póvoa (1713⁴⁷) é disso sintomático. Dispunha de amplo terreiro⁴⁸, no largo da Praça, que lhe nobilitava os cinco arcos e a escadaria exterior, lateral, rematada

⁴³ Cf. LEAL, Francisco Felix Henriques da Veiga - *Noticia da Villa da Povo de Varzim, feita a 24 de Mayo de 1758*, [in BARBOSA, F. - *Op. cit.*, p. 323.]

⁴⁴ *Testamento cit.*, fols. 2 v. -3. Transcrito por: GONÇALVES, Flávio - *Um Templo Desaparecido: a antiga Igreja Matriz (depois igreja da Misericórdia)*, in «Póvoa de Varzim. B. C.», Vol. III, 1964, p. 220 - 222.

⁴⁵ “Tem esta villa quinhentos quarenta e cinco visinhos a que vulgarmente chamam fogos, que fazem o numero, segurado a gente que tem cada fogo, de 1543 pessoas.” Cf. LEAL, Francisco Felix Henriques da Veiga - *Op. cit.*, Resposta à pergunta n.º 3.

⁴⁶ LEAL, Francisco Felix Henriques da Veiga - *Op. cit.*, 312 - 313.

⁴⁷ AMORIM, Manuel - *A Formação da Póvoa de Varzim*, *Op. cit.*, 2003.03.27, p. 2.

⁴⁸ Antes da construção de um muro na casa fronteira

por volumoso modilhão,⁴⁹ no cimo das quais se encontrava o fundamental “campanário com o seu sino”⁵⁰. O edifício, que transmite, ainda, uma certa imagem de ruralidade, quase no extremo da área habitada, dispunha, no entanto, de uma *Praça* fronteira à casa do Concelho.”⁵¹

A primeira descrição que encontramos deste edifício é na “*Notícia da Villa da Póvoa de Varzim, feita a 24 de Mayo de 1758*”, redigida pelo Tenente Francisco Felix da Veiga Leal em resposta ao Inquérito enviado pelo Pe. Luís Cardoso:

“Tem uma muito boa casa da camara com as armas da villa pintadas no tecto da sala das audiencias. Das mesmas armas uzam no seu estandarte do senado, que sahe nas funcções d'elle, e na parede da fronteira exterior tem as armas Reaes. E esta casa, parte d'ella, formada sobre seis arcos com seus portes d' esquadria, e debaixo d' elles ficam as grades das duas enxovias.”

Esta descrição refere, com orgulho, a existência de uma nobre e bem decorada sala de audiências; a arcaria, sob a qual se abrigavam os escravos para redigir os documentos, bem como dois outros espaços – enxovias - para servirem de prisão.



Figura 1 - Desenho realizado por Orlando Barbosa, em 1939, tentando reconstituir os Antigos Paços do Concelho da Póvoa de Varzim, publicado por: BARBOSA, Viriato - *A Póvoa de Varzim. Ensaio da história desta vila* (1.ª edição: 1937), Póvoa de Varzim, ed. do autor, 1972 (2ª ed. Melhorada), p. 51.

⁴⁹ Cf. CARNEIRO, Deolinda M. V. - *Património Artístico e Arquitectónico da Póvoa de Varzim - do século IX a inícios do século XX*, in *Opera Fidei - Obras de Fé num Museu de História. Arte Sacra do Arciprestado de Vila do Conde - Póvoa de Varzim*, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim / Museu Municipal, 2002 - 2003, (pp. 71 – 108) p. 85.

⁵⁰ AMORIM, Manuel José Gomes da Costa (Mons.) - *Os Antigos Paços do Concelho da Póvoa de Varzim*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. XXX, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1993, p. 18.

⁵¹ Cf. AMORIM, Manuel - *A Formação da Póvoa de Varzim*, in «O Comércio da Póvoa de Varzim», Póvoa de Varzim, 2003.03.27, p. 2.



Figura 2 - Os Antigos Paços do Concelho da Póvoa de Varzim (construídos c. 1713). Fot. 2002.

Pouco tempo depois, entre 1742 e 1757, edificou-se, como já referimos, a nova igreja matriz que, muito convenientemente, foi construída a noroeste dos *Paços do Concelho*. O amplo adro fronteiro da nova Matriz, ladeando o terreiro das casas da Câmara, criava um vasto espaço que incluía e unia os dois principais centros do concelho: o cívico e o religioso, já de si naturalmente ligados, ao ser a Câmara a fabriqueira da igreja.



Figura 3 - Igreja Matriz de N.ª S.ª da Conceição da Póvoa de Varzim (1742 – 1757).

A Câmara Municipal, sendo *Comissão fabriqueira* da Igreja Matriz, e tendo desenvolvido grandes esforços para a manutenção e ampliação da antiga matriz, assim como para a construção da nova igreja, aí gozava de especiais privilégios, nomeadamente o de dispor de cadeiras próprias para os seus membros e o de participar em local de honra em todos as solenidades, particularmente nas procissões. Aliás, já em 1610 fora instalado na primitiva igreja matriz um “assento de espaldas”, ou seja um cadeiral, na zona do arco cruzeiro. Apesar das reclamações dos visitantes, representantes do arcebispado,, são os próprios arcebispos de Braga que confirmam esta situação de privilégio e excepção da Câmara da Póvoa, merecida, sem dúvida, pelos esforços realizados ao longo de séculos em prole da Igreja e clero da vigararia.

Em 1699 e o arcebispo de Braga considera ser o uso de “assentos de espaldas” costume antigo, devendo ser observado e respeitado por todos, ratificando ainda, em 1726, o facto de o juiz da Câmara, ser também juiz da igreja, mesmo indo contra os “capítulos”, ou seja, as ordens emanadas da própria arquidiocese.

“O senado da camara d'esta villa tem ao pe do arco cruzeiro d'esta igreja, como padroeiro, por fabriqueiro d'ella um assento d'espaldas que se pôz no anno de 1610 - sendo juiz ordinario e da igreja Affonso Fernandes Medella, e sendo-lho prohibido por um capitulo de visitaçao se lhe mandou conservar por despacho do arcebispo D. João de Sousa datado de 3 de outubro de 1699.

O juiz ordinario d'ella é juiz da igreja, e procedendo o parcho Antonio Francisco Seixas á eleição de juiz da igreja, separado, recorreu o senado, como cabeça do povo, ao arcebispo, e em Relação se accordou que sem embargo de quaesquer capitulos, ou ordens se observasse o antigo costume de ser juiz da igreja o ordinario da villa, e o mesmo succedeu sobre o capitulo que deixou o visitador Manoel da Cunha Lira, e lhe foi derogado por accordão da Relação primaz de - 4 d'abril de 1726.”⁵²

Em 1756 é instituída a Santa Casa da Misericórdia da Póvoa de Varzim, ficando com o cuidado de zelar pela antiga igreja matriz. Esta irmandade é criada graças ao auxílio pecuniário de uma mulher da lavoura, Maria Fernandes, viúva de Manuel Francisco Maio, do lugar da Vila Velha⁵³, mas com o apoio e incentivo da Câmara Municipal, que assim vê a terra enriquecida por uma instituição de benemerência, civil, mas inspirada nos valores católicos, vocacionada para a ajuda ao próximo, sob os mais diversos pontos de vista.

⁵² Cf. LEAL, Francisco Felix Henriques da Veiga - *Notícia da Villa da Povo de Varzim, feita a 24 de Mayo de 1758*. Resposta ao Inquérito dirigido pelo P.e Luís Cardoso, em 1758; [in BARBOSA, Fernando (publicou e pref.) –*Op. cit.*, 1958, p. 315.]

⁵³ BARBOSA, Fernando - *O Concelho da Póvoa de Varzim no século XVIII - As Memórias Paroquiais de 1736 e 1758*, *Op. cit.*, 1958, p. 277.



Figura 4 - "Castelo de N.ª S.ª da Conceição da Póvoa de Varzim (1701 – 1743...)"

Falámos, até agora, do universo religioso e da autoridade civil, que se encontravam em consonância na pequena terra em crescimento, mas, curiosamente, também a “autoridade militar” confluiu, com um novo ponto de afirmação, de marcação de força castrense, com todo o seu peso simbólico, para uma articulação com a prática religiosa. No século XVIII constrói-se o “Castelo da Póvoa de Varzim”, uma vasta fortaleza implantada em frente à enseada, dominando visual e militarmente, o capital espaço do porto. As obras iniciam-se em 1701, mas a sua edificação foi-se arrastando ao longo do século. Construído segundo desenhos do sargento-mor engenheiro Sebastião de Souza, os trabalhos foram interrompidos em 1703 devido a problemas orçamentais, e só retomados em 1738. Foi, então, nomeado para intendente e governador, Francisco Felix Henriques da Veiga Leal, homem culto que redigiu uma utilíssima *Notícia da Villa da Povia de Varzim, feita a 24 de Mayo de 1758*, em resposta ao Inquérito enviado pelo Padre Luís Cardoso⁵⁴.

A primeira “Notícia” tinha sido redigida pelo Dr. Leandro Rodrigues, um clérigo da localidade, que descreveu com minúcia a anterior igreja, mas em relação à descrição e história da terra não se compara com a posterior. O tenente, familiar do Santo Ofício, homem de ilustre família, dispondo de muitos conhecimentos, grande cultura e obviamente provido da curiosidade que caracteriza um bom historiador, deve ter acedido com prazer ao pedido de realizar o preenchimento do inquérito que competia ao vigário. Esta colaboração revela o bom entendimento entre os dois e um bom discernimento, por parte do clérigo, que aproveitando os conhecimentos e gostos académicos do militar tornou possível a redacção do primeiro esboço “esforçado” da história da Póvoa e, sobretudo, uma descrição vivíssima e de grande qualidade da Póvoa de Varzim da época (que nos serviu de base para muitas das informações transmitidas em relação a este período e anteriores, por se fundamentar em

⁵⁴ Publicada e prefaciada por Fernando BARBOSA: - *O Concelho da Póvoa de Varzim no século XVIII - As Memórias Paroquiais de 1736 e 1758*, in «PÓVOA DE VARZIM. Boletim Cultural», vol. I, P. Varzim, 1958, p. 301- 303.

documentos escritos e por distinguir, com uma notável consciência de historiador, o que é facto verificável ou apenas uma tradição).

A imponente fortaleza, a que nos referimos, foi uma das principais obras desta povoação, reveladora da importância crescente do porto de pesca. Em 1743 diz-se a primeira missa na capela da Fortaleza (ou do “Castelo”, como é conhecido). Tendo como padroeira Nossa Senhora da Conceição é, como nos informa Veiga Leal, “*fabricada do real erario de Sua Magestade fidellissima, por especial ordem sua, isenta como tal da jurisdição ordinaria*”, o que revela o particular apoio real a esta capela e invocação.

É conhecida a importância crescente da pesca no pequeno burgo. Vai-se, no entanto, afirmando uma nova actividade, ligada ao valor terapêutico da água do mar. Os médicos começam a prescrever a “vinda a banhos” para uma série de maleitas e a obter bons resultados que são atribuídos particularmente ao forte teor de iodo reconhecido na zona. Estão documentadas, mediante os registos conservados em dois *Livros do Gasto da Enfermaria do mosteiro de S. Martinho de Tibães* (1725 e 1798), as vindas de vários frades desse mosteiro beneditino, particularmente os mais idosos. Robert Smith publicou excertos desses documentos, transmitindo-nos a informação da vinda a “banhos da Póboa” de, pelo menos, 5 frades, um dos quais pelo menos duas vezes, seguindo a recomendação de quatro cirurgiões do Porto⁵⁵. As despesas registadas são diversificadas e provam o desenvolvimento de novas actividades e a vinda de riqueza para a vila piscatória, mediante pagamentos vários, que indiciam actividades várias: desde as associadas à estadia (alugando casas), ao trabalho de mulheres ou moços para comprarem víveres, fazerem a comida e auxiliarem nos banhos. Também se refere a utilização dos banhos quentes, o que implica pagar o transporte da água e a lenha para a aquecer. Ou seja, em finais do século XVIII, encontra-se comprovada a existência de uma nova fonte de riqueza, ligada à saúde, dando trabalho e activando a vida comercial e para-hoteleira da terra. É difícil fazer um estudo quantitativo desta actividade para épocas tão recuadas, mas os testemunhos vão surgindo em documentos inesperados, quer em curiosos livros de botica, quer, por exemplo, em ex-votos. Um “Milagre” pintado mais tarde, em 1840, ilustra a vinda de famílias de Braga à Póvoa em Outubro, ou seja, depois do período em que se fazem as colheitas e se pagam ou recebem as rendas. Estes banhistas tardios também teriam que recorrer aos banhos quentes. Esta actividade motiva o aparecimento da “profissão” de banheiro, naturalmente integrada na comunidade piscatória.

⁵⁵ SMITH, Robert C. - *Os Banhos de Mar, na Póvoa de Varzim, no Século XVIII*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. IV, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1965, pp. 239 - 244.



Figura 5 - Ex-voto ao Senhor da Prisão / Senhor Bom Jesus da Prisão. 1840. Proveniência: Antiga Igreja da Misericórdia, Póvoa de Varzim. Pintura a óleo sobre tela. Alt. 40,5 x Larg. 49,5 cm. MMEHPV - Inv.º P-50.

Legenda / Subscrição actualizada: "Milagre que fez o Senhor Bom Jesus da Prisão a Francisco José Vieira de Carvalho e sua mulher Dona Antónia Rosa da Conceição, da Cidade de Braga, que estando a banhos nesta Vila da Póvoa de Varzim foi atacada de uma gravíssima moléstia no dia 27 de Outubro de 1840 seu filho Manoel José Vieira de Carvalho tendo de idade 23 meses e estando este nos últimos paroxismos de vida seus pais visitando devotamente a este Bom Jesus da Prisão, rogando-lhe a prolongamento da vida e recuperação da saúde de seu filho, foram ouvidos no dia 1.º de Novembro de 1840. Estes lhe dedicam esta memória pelos benefícios recebidos de sua Divina Graça."

O concelho da Póvoa, resultante das reformas administrativas de 1836, toma a sua forma definitiva a partir de 1855 (com a irrevogável integração da freguesia de Balasar), passando a, integrar freguesias litorais e interiores, numa sequência geográfica, adquirindo uma riqueza histórica, artística e de bio-diversidade, que a irá marcar para sempre.

A segunda metade do século XIX (em particular, o último quartel) e o primeiro quartel do XX, é um período fundamental para a história da Póvoa, tornando-se a estância balnear mais importante da zona norte, embora a pesca continue a ser a principal actividade. Em 1875 é inaugurada a linha do caminho-de-ferro Porto – Póvoa de Varzim⁵⁶, que vai permitir a vinda de turistas de um só dia, mas também facilitar a vinda de artistas: de escritores, mas particularmente dos poetas e pintores, que aqui

⁵⁶ LANDOLT, Candido - *Movimento Social da Póvoa. O Comboio da Póvoa*, in Revista «A "Póvoa de Varzim"», 1.º Ano, n.º 18, 2.ª Quinzena de Junho, Póvoa de Varzim, Dir. propr. e edit. João Agostinho Landolt, 1912, p. 1.

podem gozar de um ambiente marinho palpitante de vida e sentimento, que lhes recorda a “primitiva” Bretanha francesa.⁵⁷

A história desta região espelha também, como é natural, a conturbada política nacional, que, na sequência da crise de 1876 e com a criação do Partido «Progressista», irá motivar o funcionamento do «rotativismo», evidente na alternância daquele partido com o «Regenerador» na direcção do governo do país.

Simbolicamente lembramos que foi, neste ano de 1876, oferecida a imagem do “Senhor dos Navegantes” à pequena capela de S. José de Ribamar, fronteira ao mar, sede da Confraria do mesmo nome⁵⁹. A bela imagem naturalista de Cristo na cruz, lembra a antiga e profunda devoção dos mareantes ao *Crucificado*, evidente, por exemplo, no *Bom Jesus de Matosinhos*. Esta invocação perdurará na capela das Caxinas, Vila do Conde, dando origem à mais conhecida igreja do arceprelado, realizada na segunda metade do século XX, assumindo a sua integração numa comunidade piscatória ao adoptar – arquitectonicamente - a forma de um barco. Esta escultura é também de uma importância fulcral na história da arte da Póvoa, porque é uma das primeiras imagens naturalistas, de tamanho próximo do natural ou natural⁶⁰, adquiridas nos séculos XIX e XX, que irão ocupar o lugar de antigas imagens de menores dimensões (e algumas de roca) nos retábulos dos templos da vila. Em algumas igrejas⁶¹ e capelas vão mesmo obrigar à renovação ou substituição dos retábulos, por outros neoclássicos, com a forma de pequenas capelas, para disporem de mais espaço para o acondicionamento das novas imagens. Estas modernas esculturas irão ter um papel fundamental nos “andores” das procissões, as quais se vão tornar famosas por todo o norte, nas palavras de, por exemplo, Viriato Barbosa.

Ramalho Ortigão, também em 1876⁶², descreve a *Praia da Póvoa*, relatando de forma saborosa e viva a vinda, em várias fases, de banhistas e “*touristes*” que enchiam e enriqueciam a terra. O movimento comercial intenso nos meses de Verão, com “*estabelecimentos de comercio, uns fixos, outros flutuantes*”, vendedores ambulantes, “*tabernas com o seu grande ramo de loureiro à porta*”, hotéis, diligências que passam e descarregam pessoas e cargas, distrações para todos, hotéis e cafés cheios de animação, fumo, gente, música e jogo...

⁵⁷ O caminho de ferro vai permitir uma maior afluência de visitantes nos dias de festa, em particular no de N.ª S.ª da Assunção, duplicando ou triplicando o número de viagens.

⁵⁹ A imagem foi “oferta à Mesa de 1875 – 1876, em sessão de 4.Fev.1876”. Cf. COSTA, Joaquim Martins da Costa - *Cem anos de vida da Confraria de S. José de Ribamar da Póvoa de Varzim (1860-1960)* - Introdução, in «PÓVOA DE VARZIM. Boletim Cultural», vol. XXXI, Póvoa de Varzim, 1994, pp. 305- 351.

⁶⁰ Na Póvoa só existia outra imagem semelhante, também de Cristo crucificado, na igreja da Misericórdia.

⁶¹ Substituem-se antigos retábulos por novos, em estilo neoclássico, por exemplo, na Igreja de N.ª S.ª da Lapa e na Capela do Desterro, assim como ao fazerem os retábulos para os novos edifícios, como a Basílica do Sagrado Coração de Jesus ou a nova Igreja da Misericórdia, criam grandes retábulos neoclássicos, ou ecléticos, em madeira escura, com amplas vitrinas com portas para se colocarem imagens em tamanho natural (e se poderem retirar facilmente para participarem nas procissões).

⁶² ORTIGÃO, Ramalho - *As Praias de Portugal. Guia do Banhista e do Viajante* (col. Obras Completas de Ramalho Ortigão), Lisboa, Livraria Clássica Editores, (1876), pp. 94 – 108.

A sua descrição do pescador poveiro, do seu traje e maneira de ser marcará todas as publicações e estudos antropológicos e etnográficos posteriores, perdurando em todas as monografias até ao século XX. Por isso consideramos pertinente a transcrição de um dos mais sugestivos estratos da sua obra:

“A mais interessante e a mais importante curiosidade da Póvoa é o pescador poveiro.

O poveiro constitui uma raça perfeitamente especial na população do nosso litoral. Inteiramente diferente dos tipos gregos, finos, magros, elegantes, de perfis aquilinos, dos varinos, dos célebres pescadores de Ovar e de Olhão, o poveiro tem o tipo saxónio. É ruivo, de olhos claros, largos ombros, peito atlético, pernas e braços hercúleos. As feições são arredondadas e duras. (...) Têm uma (...) extraordinária força muscular (...). Velhos de sessenta a oitenta anos, de cabelos brancos e duros caídos na testa, a camisa desabotoada, o peito mordido pelo sol e pelo vento do mar, a pele vermelha, doirada, com reflexos metálicos como uma folha de vinha no Outono, acocoram-se debaixo da popa de uma lancha, fincam os pés na areia e impelem com as costas, desenvolvendo a maior força de que pode dispor a coluna vertebral, um peso de esmagar um homem vulgar. Nessas atitudes, com as clavículas descobertas, os braços e as pernas nuas, de uma riqueza, de uma amplidão, de uma perfeição muscular que iguala as mais vigorosas anatomias de Miguel Ângelo, os poveiros são verdadeiramente belos, de uma beleza titânica.

O traje de que usam contribui para fazer realçar o aspecto da sua forte corpulência. De uma espécie de grossa flanela branca, fabricada na Covilhã e chamada branqueta, trazem umas amplas pantalonas largas até o bico do pé, camisa igual, cinta de lã preta, barrete encarnado, de grande manga, caído quase até à cinta, e, lançado ao ombro, um jaquetão de grosso pano azul, que se não veste senão quando chove. Nada mais simples, mais confortável e mais cómodo para um homem do mar.

Para os trabalhos da pesca arregaçam as mangas até o ombro, arregaçam as calças até ao alto da perna, e ficam quase nus como os atletas.

Muitos são condecorados pelos assombrosos actos de dedicação e de bravura, praticados no mar em serviço dos seus semelhantes. Nenhum deles traz a medalha na camisola ou na jaqueta. A condecoração, que eles estimam como uma lembrança querida e solene, trazem-na pendente do pescoço, escondida, junto da pele, sobre o coração.

Da nacionalidade eles sabem que um soberano português, viajando a bordo de um paquete e encontrando-os no mar alto, impressionado pela estranheza dos seus trajos e dos seus tipos fisionómicos, lhes perguntou se eram portugueses. Ao que eles responderam que não; e acrescentaram: - «A gente semos poveiros, meu senhor».

De instrução sabem o que aprenderam com os seus pais: tecer uma rede, colher uma vela, manejar um remo, prever o tempo e calcular a hora pelo aspecto do céu.

Da viação sabem que há o caminho de ferro da Póvoa – feito por uma empresa particular.

Da religião sabem que há um pároco a quem eles pagam os baptizados, os casamentos e os enterros e que há também a Senhora da Assunção que lhes dá missas regulares que eles pagam e um ou outro milagre extraordinário, que eles também pagam.

Tal é o poveiro. Tal é o carácter das suas relações com a sociedade portuguesa. Entre o Estado e ele, a seguinte distribuição de serviços: o Estado recebe; ele paga. Paga a pesca.

*Poderoso e desdenhado, o poveiro cativa a nossa mais viva simpatia*⁶³

Ramalho Ortigão e, mais tarde, outros autores, tipificam a figura mítica de pescador poveiro: corajoso, forte, de tipo saxónico, ignorante e indigente, mas profundamente religioso e bom. Esta caracterização de uma “raça”, irá cristalizar na figura real e heróica do Cego do Maio. Herói popular, pobre, analfabeto, mas abnegado, cuja história circulará nos livros de escola e de propaganda turística do Estado Novo, como exemplo do *bom povo português*. Também este poveiro teve um final trágico, como todos os grandes heróis da nossa história romântica e terá, frente ao mar, um monumento feito em sua honra. Também ele seguia nas procissões, junto do pálio, juntamente com outros “homens de respeito”, não por vaidade pessoal, mas porque lho pediam e porque, no fundo, estavam a cumprir uma “obrigação”, dado serem eles os verdadeiros representantes da autoridade para os da sua “classe”⁶⁴.

Ortigão tornou famosa a anedota em que um grupo de pescadores ao serem inquiridos no alto mar, por um rei português (não identificado), se eram portugueses, eles respondem: “Não. Semos poveiros!”, desta forma demarcando a sua individualidade, ao mesmo tempo que, admitamos, demonstravam a sua ignorância e “simplicidade”.

Custava ao poveiro e etnógrafo António dos Santos Graça admitir esta historieta, que ele não descreve no seu livro principal, “O Poveiro”. Só a refere, em leve apontamento, na “Epopéia dos Humildes”, editada em 1952, em que identifica o rei como sendo D. Pedro IV. Na introdução desta publicação “para a história trágico-marítima dos poveiros”, se aceita a declaração “Somos poveiros”, já refuta como impossível a afirmação de que não eram portugueses. Esta cena era, de facto, difícil de aceitar para alguém que ajudou o grupo de poveiros que se encontravam emigrados no Brasil e regressaram em massa, por se negarem, em 1920, a pedir a nacionalidade brasileira⁶⁵. Nas publicações de propaganda turística da década de 40, todavia, a par da exaltação do património da terra, e das suas potencialidades ao nível do turismo, em particular como estância balnear, recordam-se histórias pitorescas do Cego de Maio e outros heróis poveiros, ao mesmo tempo que se recorda “o reino da Póvoa”, como sendo história “bem conhecida, em quasi todo o Norte”⁶⁶

Não resistimos por isso a reproduzir parcialmente o texto de Ramalho⁶⁷, porque a sua descrição de cariz pictórico e cativante nos faz compreender porque é que pintores naturalistas do Porto, como Sousa Pinto, Silva Porto, Marques de Oliveira, João Vaz, entre outros, dada a facilidade de deslocação

⁶³ ORTIGÃO, Ramalho - *As Praias de Portugal...* Op. cit., pp. 95 – 108.

⁶⁴ Ver Programa impresso da Procissão de N.ª S.ª da Assunção. vol. 3 – Apêndices. 1878.

⁶⁵ GRAÇA, A. Santos - *Epopéia dos Humildes (Para a História Trágico-Marítima dos Poveiros)*, Póvoa de Varzim, (1.ª ed: 1952), 2.ª ed. 2005, p. 9

⁶⁶ CALAFATE, Vasques, et. al. - *Portugal Económico Monumental e Artístico. Fascículo XLVI. Concelho e vila de Póvoa de Varzim*, Lisboa, Editorial Lusitana., 1940, p. 255.

⁶⁷ Vd. *supra*.

por caminho de ferro, já referida, se encontravam tão frequentemente na Póvoa a pintar cenas de costume no último quartel do séc. XIX. Graças a eles, aos desenhistas e gravadores do “Arquivo Pittoresco” (1868), ou do “Minho Pittoresco” (1887) e a grandes fotógrafos, como Avelino Barros, podemos hoje ter uma visão multifacetada da Póvoa do período em estudo.



Figura 6 - António Carvalho da Silva Porto (1850-1900) - Póvoa (Póvoa de Varzim), 1888. / Óleo s/madeira (415x557 mm.) / Col. Museu Nacional de Soares dos Reis, Porto. Reprodução do postal n.º 6 da colecção de Postais do Centenário da Morte de António Nobre (1867-1900) - A Póvoa na Arte Portuguesa

“Os poveiros” não são também esquecidos pelos poetas. António Nobre⁶⁸ publica a “Ladaíinha das Lanchas”, no seu livro “Só”, editado em 1892, fascinado pelo mar e pela praia. Poema elegíaco dos pescadores da Póvoa, em que a beleza simples e primitiva das embarcações, com nomes de santos e invocações da Virgem e de Cristo, imprimem um valor sagrado à paisagem.

Ladaíinha das Lanchas

*“Oh as lanchas dos poveiros,
A saírem a barra,
entre ondas e gaivotas!
Que estranho é! (...)
Rosário de velas, que o vento desfia,
A rezar, a rezar a Ladainha das Lanchas:
Senhora Nagonia!
Olha, acolá!
Que linda que vai com seu erro de ortografia...
Senhora Da guarda!
Senhora d'ajuda!*

⁶⁸ Em 1900 morrem dois grandes vultos da literatura portuguesa ligados à Póvoa. Um aqui nascido, facto que não renegou, apesar da triste circunstância de ser registado como filho de mãe incógnita na Matriz de Vila do Conde, onde foi baptizado. Eça de Queirós nasceu na Praça do Almada, na casa de uns familiares ligados ao porto de pesca, usufruindo da condição mais livre de preconceitos e de alguma discrição própria de uma “cosmopolita” Póvoa balnear, favorável ao nascimento de um filho antes do casamento. A Póvoa nunca esqueceu aquele filho ilustre e sempre cultuou a sua memória, fosse com monumentos esculpidos, fosse dando nome daquele “santo” a embarcações. António Nobre, é outro escritor que morre, no mesmo ano, envolvido em “melancolia”.

Ora pro nobis!
Calluda!
Sêmos probes!
Senhor dos ramos!
Istrella do mar!
Cá bamos
Parecem Nossa senhora, a andar.
Senhora da Luz! Parece o Farol...
Maim de Jesus! É tal qual ela, se lhe dá o Sol!
Senhor dos Passos!
Sinhora da Ora!
Águias a voar, pelo mar dentro dos espaços
Parecem ermidas caídas por fora...
Senhor dos Navegantes!
Senhor de Matuzinhos!
Os mestres ainda são os mesmos d'antes: Lá vai o Bernardo da Silva do Mar,
A mailos quatro filhinhos, Vasco da Gama, que andam a ensaiar...
Senhora dos aflitos!
Martyr São Sebastião!
Ouvi os nossos gritos!
Deus nos leve pela mão!
Bamos em paz!
Ó lanchas,
Deus vos leve pela mão. Ide em paz! Ainda lá vejo o Zé da Clara, os Remelgados,
O Jeques, o Pardal, na Nam te perdes, E das vagas, aos ritmos cadenciados,
As lanchas vão traçando, à flor das águas verdes
"As armas e os barões assinalados..."
Lá sai a derradeira! Ainda agarra as que vão na dianteira...
Como ela corre! com que força o Vento a impele:
Bamos com Deus!
Lanchas, ide com Deus!
Ide e voltaí com ele
Por esse mar de Cristo...

António Nobre – Só, 1892.

A “Ladainha das Lanchas” permaneceu como poema épico, o verdadeiro hino declamado, ou melhor cantado” - no dizer dos velhos poetas - à Póvoa dos pescadores. Ele destaca, como ninguém, a perene sacralidade, que lhe advém dos nomes dos barcos, dos muitos edifícios religiosos e devoções, mas principalmente, da beleza inesquecível, quase divina, das velas a partir para o mar.

Nesta 2.^a metade do século XIX, e principalmente na passagem para o último quartel do século, a Póvoa é marcada por uma série de eventos, que revelam a sua *facies* histórica, social, económica e religiosa. São sintomáticos do espírito conservador e religioso, vincado pelas actividades ligadas ao mar, desde a pesca à actividade balnear, contando com uma forte presença de membros do clero, professores e outros intelectuais de vasta cultura, em conjunto com forças militares, emigrantes, comerciantes e outros representantes de uma grande diversidade de profissões liberais, que vão formar um “cadinho” muito próprio e característico. Destes, podemos destacar alguns que revelam a mentalidade muito própria que se foi forjando na comunidade.

No dia 11 de Setembro de 1866 (e após muitas resistências da população conservadora da vila em geral e do clero em particular) é inaugurado o 1.º Cemitério público da Póvoa de Varzim. Dispomos da descrição do solene cortejo organizado através do diário do Padre Coentrão⁶⁹, que satiriza a solenidade com que tal procissão - civil! (e religiosa) - se realizou. Pelo que ele representa – ao transmitir um carácter civil ao que antes estava limitado ao domínio e espaço sagrado – espelha bem a passagem para uma nova época e mentalidade.

Logo em 1870 surge o primeiro jornal local, a «Gazeta da Póvoa de Varzim», e nas décadas seguintes novos periódicos e publicações irão surgir, relativas a esta localidade. De destacar é o «Estrela Povoense», iniciado em 1877, que descreve, com detalhe, os acontecimentos mais marcantes na vida da localidade. Nas décadas subsequentes novas publicações: almanaques, livros e revistas e mais periódicos, vão relatando a vida do dia-a-dia, ao mesmo tempo que vão pretender divulgar as “belezas e tradições da terra”, com um fim nitidamente apologético e de divulgação turística.

Com a data de 4 de Junho de 1872, se transcreve no *Livro dos “Capítulos de Vezita” de Beiriz*⁷⁰ a provisão pastoral em que o Arcebispo Primaz de Braga “*proíbe as procissões dos cercos de S. Sebastião em volta nas freguesias*”. Estes tradicionais cortejos deixam de ser permitidos por motivos de ordem moral e atendendo aos desacatos que provocam motivados por dúvidas nos limites das freguesias. É nítida uma cautela, sempre presente, visando a manutenção da decência e a pretensão de afastar as mostras da religiosidade popular menos eruditas e difíceis de controlar. Nestas e outras ordens, há propósito evidente, por parte das autoridades religiosas, de expurgar os aspectos de cariz menos religioso (e às vezes até pagão) de procissões como a do Corpo de Deus, substituindo cantares e dança profanas (com figuras da mitologia clássica, lendas e História) por andores e cânticos piedosos.

Em 1892 acontece a grande catástrofe da Póvoa: numa só tempestade naufragam grande número de barcos arrastando consigo as tripulações. Nunca foi possível contabilizar as mortes, mas todas as famílias ficam de luto e muitas sem possibilidade de ganhar o pão do dia-a-dia. Nesta época, devido a períodos de fome, motivada pela falta de pescado, a emigração era já uma realidade, mas a partir desta fase cresce ainda mais o movimento migratório (que, sendo constante já em séculos anteriores, intensificar-se-á ao longo do século XIX e perdurará ao longo de todo o século XX), motivado por uma endémica falta de recursos. O Brasil é o grande destino. Alguns dos que partiram e, enriquecendo, não esqueceram a terra de origem (mesmo quando se estabelecem definitivamente no Brasil), acabam por marcar a vida económico-social local, a história e a arte, devido aos grandes investimentos que vão aplicar na construção e renovação de edifícios religiosos, escolas, asilos e outras instituições de assistência e desenvolvimento sócio-cultural da região.

⁶⁹ Cf. BARBOSA, Fernando - *As memórias do P.º Coentrão*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. I, nº 2, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1958, pp. 218 - 219.

⁷⁰ 4.º Livro de Visitas da Paróquia de Santa Eulália de Beiriz, tendo no “Termo de Abertura” a data de 28 de Novembro de 1830 e a assinatura de Manuel José Gomes

No último quartel do século XIX e inícios do XX empreendedores presidentes da Câmara e executivos camarários – onde normalmente encontramos vários membros do clero - vão motivar o desenvolvimento da localidade com novos arruamentos, maiores exigências de qualidade na construção e condições de salubridade, enquanto a povoação crescia, principalmente devido à actividade balnear que trazia novos proventos à comunidade piscatória (alugando casas e barracas) e a empresários vindos “de fora”, que abrem cafés, lojas comerciais e hotéis, enquanto intelectuais como Rocha Peixoto, Cândido Landolt, António dos Santos Graça, Viriato Barbosa, etc. estudam aspectos históricos e etnográficos, divulgando e defendendo as tradições e folclore locais, independentemente de opções políticas.

A partir de Outubro de 1910, atravessa-se um período anti-clerical e tendencialmente a-religioso, em que as procissões são vistas, no melhor dos casos, pelo aspecto turístico ou folclórico. Passa-se por uma época em que nos apercebemos de uma propaganda anti-ecclesiástica, zelando pelos valores republicanos e invectivando fortemente os Jesuítas, em particular, e o clero tradicionalista, em geral, que reagia como lhe era possível contra a lei da Separação do Estado da Igreja (de 20 de Abril de 1911), que lhes retirava os rendimentos usuais e os deixava sem poderem usufruir dos bens e imóveis das paróquias, perante a sua total nacionalização.

Esta lei controversa era a mais profundamente revolucionária num país por tradição católico e em que a obediência ao Papa tinha marcado a própria independência política, nos confins da Idade Média, em que os reis eram cruzados lutando contra os infiéis que tinham invadido a, outrora cristã, Península Ibérica. Na verdade, o Estado pretendia ser a única autoridade do país e isso só seria possível se controlasse directamente o clero. A laicização da sociedade vai criar feridas e a separação da Igreja do Estado, em que a religião católica deixa de ser a religião oficial do mesmo, vai motivar o desaparecimento de algumas manifestações exteriores de culto que a república tenta restringir e cuja realização dependia *de prévia autorização escrita das autoridades administrativas, as quais só as podiam conceder nas localidades onde as procissões, etc., fossem consideradas «um costume inveterado da generalidade dos cidadãos»*⁷¹.

São, pois, difíceis para a “Igreja” os tempos da “República”, nos inícios do século XX, mas, na Póvoa, alguns dos mais notáveis investigadores, republicanos e anti-clericais⁷², como Rocha Peixoto, Cândido Landolt, António dos Santos Graça, Viriato Barbosa, etc. defendem as tradicionais procissões e outras celebrações, porventura mais pelo seu aspecto folclórico e etnográfico, é certo, e pelo seu interesse como forma de turismo religioso,, do que pela sua dimensão religiosa.

⁷¹ RAMOS, Rui - *História de Portugal. A Segunda Fundação (1890 - 1926)*, vol. 6, 1994, p. 408.

⁷² Muitos destes intelectuais e políticos, além de republicanos eram (assumidamente) membros da maçonaria.

As facções políticas de finais do século XIX e inícios do XX, reflectem bem, na Póvoa, um sentimento dúplice. Se por um lado todos defendem a utilidade da religião e dos valores cristão, por outro lado, por parte da “oposição” há um evidente sentimento anti-clerical, que se intensifica à medida que as posições políticas se vão extremado.

Foram, ainda, evidentes os problemas que o município teve que enfrentar nos tempos da República. Esses foram sentidos, desde logo, pelo administrador do concelho, tentando manter a ordem pública, no meio de padres revoltados, que faziam propaganda contra o novo regime e se recusavam a cumprir certas funções, como a Visita Pascal. Na zona da Póvoa, os párocos de Amorim, Navais e principalmente o Prior da Póvoa, levam o Administrador do Concelho ao desespero, mas, inteligentemente, Santos Graça não toma medidas repressivas violentas, para evitar complicações maiores, permitindo que os ânimos vão serenando com o tempo.⁷³

Quem se vai encontrar á frente de muitas decisões políticas da Câmara é, precisamente, António Santos Graça, administrador do concelho entre 6 de Julho de 1911 a 24 de Fevereiro de 1915⁷⁴, sendo nomeado neste ano secretário da Câmara Municipal, funções que exercerá até 1938, ano em que solicita a aposentação. Se continuou a exercer o cargo em pleno Estado Novo, é porque as suas acções visaram sempre o melhor para a vila, acima dos interesses partidários, evidência assumida pelos presidentes que exerceram funções durante o novo regime político. Aliás, mesmo depois da aposentação, Santos Graça continuará a dirigir o Museu Municipal, inaugurado em 1937, apoiará outros museus, como o Museu de Etnologia do Porto, colaborará com outros investigadores, organizará um sem número de acções que visavam a propaganda turística da sua terra, como a fundação do Rancho Poveiro e diversos cortejos etnográficos e “festas do Mar”. Apoiou ainda de perto o cineasta Leitão de Barros no filme “Ala Arriba”, entre 1940 e 1942.

No entanto, imbuído dos ideais republicanos, assinará algumas medidas que hoje podemos considerar algo polémicas, mas absolutamente compreensíveis na época. Em Janeiro de 1912 recomenda que se retirem as freiras que exerciam funções de enfermeiras no hospital, por considerar as suas atitudes perniciosas para os doentes.

“entendo ser pernicioso para o regimen que de novo voltem a entrar para aquela casa de caridade as religiosas que, tanto elas como os Jesuitas e Dorotêas e que aqui abundavam em cair, deixavam o povo simples e ignorante d’esta terra n’um estado de fanatismo que durante muito tempo servirá de entraves á propagação das boas leis republicanas (...) embora secularizados, jamais deixarão de fazer propaganda sempre em defesa das congregações, lançando anátemas sobre o regimen que os dissolveu. (...) Adm.or Santos Graça⁷⁵

⁷³ Ver Documentos relativos aos anos 1911 A 1916 - Quadro de registos documentais, volume 3 – Apêndices.

⁷⁴ MARQUES, João Francisco - *António dos Santos Graça (1882 - 1956) - Coração Poveiro*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. 38, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da P. de Varzim, 2003, pp. 5 - 184.

⁷⁵ Ver: Doc. n.º 117, de 10.01.1912. Quadro de registos documentais, volume 3 – Apêndices.

Em 1913 pede autorização ao Estado para entregar a antiga residência paroquial e passal à associação de caridade “A Beneficente”. Esta associação, fundada em 1906 por maçonícos e membros do clero, visava dar a resposta possível aos problemas da fome e da mendicidade endémicas, que se tornavam um problema crescente nestes tempos de crise⁷⁶. A medida proposta por Santos Graça revela-se, no contexto, uma diligência pertinente e socialmente importante, ao destinar o edifício a uma instituição de caridade aceite e apreciada por todos.

Nos anos que se seguem a 1916, assim como já se tinha sentido em 1900, o grande problema a resolver vai ser, porém, o de fornecer meios de subsistência à população, particularmente milho⁷⁷.

Um foco de controvérsia política e religiosa advém da influência marcante da comunidade jesuíta na sociedade local, através das suas “missões”, da divulgação do “Apostolado de oração” e do incremento de devoções, como ao Sagrado Coração de Jesus e ao Santíssimo Sacramento. Vão incentivar publicações devotas nas tipografias da Póvoa, iniciar a construção da igreja do Coração de Jesus, seguindo o exemplo de outras, como Santa Luzia, em Viana do Castelo, mas, paralelamente, pessoas como Rocha Peixoto, depois António Santos Graça e muitos outros maçonícos ou puros republicanos, vão incentivar manifestações contra esses eclesiásticos⁷⁸, por acreditarem serem responsáveis pela condução do povo inculto para a ignorância e a credice piegas.

Mas a maior parte da população local (desde as mais ricas e conservadoras famílias, aos também conservadores e tradicionalistas pescadores) apoiaram e colaboram com o numeroso grupo de clérigos que aqui viviam, ajudando-os a comprar novos edifícios e a continuar a edificação e conservação das igrejas que se encontravam em fase de construção (a Igreja da Misericórdia e, mais tarde, a Basílica do Sagrado Coração de Jesus), mesmo após os tempos conturbados da *Lei de 20 de Abril de 1911*. Lembremos que este diploma, *decretado pelo Governo da República, determinava a separação do Estado e da Igreja*, e é na sua sequência que se procede á nacionalização de todos os bens da Igreja.⁷⁹

Cândido Landolt, no seu livro - *A Póvoa Linda (lendas e tradições regionais)*, de 1914, destaca as mais importantes festividades da localidade, e a sua história. Mas nota-se, nas entrelinhas, que “alguns” criticavam as despesas realizadas. Por isso, este jornalista republicano (mas estudioso e amante do “folclore” e tradições populares) demonstra que, mesmo num governo republicano, sem “religião oficial”, estas celebrações sagradas são úteis, pela importância económica e pela

⁷⁶ Ver: Doc. n.º 133, Quadro de registos documentais, volume 3 – Apêndices.

⁷⁷ Registam-se apenas algumas referência do mesmo tipo nos anos subsequentes, mas compreende-se o desespero pela falta dos produtos básicos de alimentação, problema que ainda se agudiza na época de Verão de 1918, em que as confeitarias querem fazer doces, para satisfazer os “banhistas” e não há açúcar disponível no mercado, nem mesmo para o hospital.

⁷⁸ Ver capítulo 1.6.1. Devoções.

⁷⁹ COSTA, Luís - *A lei de Separação do Estado das Igrejas (algumas incidências na Póvoa de Varzim)*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. XXIX, Póvoa de Varzim, ed. da Câmara Municipal da P. de Varzim, 1992, pp. (83- 87) 83-84.]

movimentação de valores e actividades que suscitam riqueza, sendo mesmo compreensível o apoio que [antes] lhes era providenciado pela Câmara Municipal.⁸⁰

Os testemunhos, mesmo literários, documentam esta realidade. Já referimos que, ainda no século XIX, em 1876, Ramalho Ortigão publica: “*As Praias de Portugal. Guia do Banhista e do Viajante*”⁸¹, cujas descrições coloridas e vivas serão parcialmente reeditadas ou copiadas em publicações de finais do século XIX até inícios do XX, nomeadamente n’ *O Minho Pittoresco* (1887) de José Augusto Vieira⁸². A sua caracterização do pescador poveiro é confirmada, e reforçada por Fonseca Cardoso, que realiza um estudo “científico” de *anthropometrismo*⁸³ em 25 pescadores poveiros de ambos os sexos (uma amostragem de 25 indivíduos em 6000 habitantes aproximadamente), publicado em Janeiro de 1908. Realizado com o apoio de Rocha Peixoto e Santos Graça, o estudo confirma a ideia de uma comunidade fechada, com características arcaicas e únicas. O que de novo, e sempre se discute, é a questão da especificidade e da identidade do poveiro, que se projecta numa identidade local.

“Sobre um estrato indígena [proto-histórico] já pescador, (...) assentaram depois, em epochas mui diferentes e distanciadas, duas raças humanas tambem pescadoras e navegadoras: a phenicia semitica e a loura teutónica ou normanda. E assim se produziu o poveiro, de viver simples, pacifico, exercendo a pesca como navegante audaz e atrevido. / Por herança nasce, vive e morre.”

Esta imagem reforça a afirmação da dedicação exclusiva do poveiro à pesca marítima - como os autores anteriores e os que se lhe seguem – e às tradições ancestrais, com todas as consequências que daí advêm. Insiste-se nas características que o distingue dos pescadores da zona envolvente, só o tornando comparável ao “Varino” de Ovar.

“A única ocupação do Poveiro é a pesca marítima do alto mar, enquanto os seus vizinhos de Abremar e Lavra, occupando-se especialmente da agricultura, exercem subsidiariamente a pesca em pequenos barcos e procimo da costa.

«Quer em Bouças [Matosinhos], quer em Vila do Conde, a pesca teve sempre um carácter apenas subsidiário da principal ocupação marítima dos seus habitantes – a navegação. A pesca era e é ainda (embora essa navegação se possa dizer extincta) a aprendizagem ou a reforma dos marinheiros e moços de bordo. Na Povia o caso é outro.

*«Acha-se ahi uma verdadeira colónia de gente pedadora por tradição e officio exclusivo. A navegação, enquanto a havia, recebia o excesso da criação d’essa gente prolifica, mas o pescar era e é o modo de vida geral dos homens. Nascem, vivem e morrem pescadores...”*⁸⁴

⁸⁰ Cf. LANDOLT, Candido Augusto - A Póvoa Linda (Lendas e Tradições Regionais), Póvoa de Varzim, “Propaganda”, 1914, pp. 75 - 77.

⁸¹ ORTIGÃO, Ramalho - *As Praias de Portugal...*, Op. cit., 1876.

⁸² VIEIRA, José Augusto - *O Minho Pittoresco*, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira - Editor, 1887, vol. II, pp. 215- 259.

⁸³ CARDOSO, Fonseca - *O Poveiro - Estudo Antropologico dos Pescadores da Póvoa de Varzim*, in «Portugalia», vol. 2, Porto, 1908, pp. 517- 539.

⁸⁴ [Oliveira MARTINS] - *Relatório do inquérito industrial do Porto*, pág. 20, Porto, 1881.

As publicações do tempo apontam o avultado número de barcos matriculados na Delegação Marítima da Póvoa de Varzim, que eram no mês de Novembro de 1907, seiscentas e oitenta e quatro embarcações, considerando-se ser “o mais importante centro piscatorio e a praia de banhos mais concorrida e dilecta da província interamnense”⁸⁵. Quanto aos pescadores, destaca-se o facto de serem “*mareantes sabedores e arrojados (...) os mais industriosos e peritos na sua arte*”. Realça-se o papel da mulher como “administradora da sua casa”, que executa todos os trabalhos em terra. E, finalmente, sublinha-se um aspecto que surpreende todos os estudiosos, habituados à rudeza e má fama das populações marinhas: a natural candura e o espírito religioso destes poderosos navegadores:

*“Estes verdadeiros homens do mar são, no entanto, bondosos e d’uma grande simplicidade de vida. Sobre a duna a a attestar a sua profunda religiosidade, ergue-se, junto ao casario, a capella da Senhora da lapa, administrada pela Real Irmandade de Nossa Senhora da Assumpção (...) amparo dos homens do mar.”*⁸⁶

Raúl Brandão, com “Os Pescadores”, em 1923, projecta em paralelo para o panorama nacional a imagem de uma Póvoa piscatória e de um punhado de homens sofredores, resistentes, orgulhosos, intensamente religiosos e detentores de uma dignidade que nem a maior das adversidades põe à prova. Outros escritores locais, como Cândido Landolt, Baptista de Lima, o jornalista José de Azevedo⁸⁷, entre outros, irão contar e popularizar mais histórias, vidas, costumes e folclore da “classe piscatória poveira”.

Destaca-se, neste contexto, pela qualidade, inteligência, rigor e correcção do trabalho, a obra e a acção de Santos Graça, etnógrafo, jornalista e político. Dedicado ao estudo da cultura poveira, especialmente no que toca ao estudo das *siglas poveiras*, com obras como “O Poveiro” (1932), “A Crença do Poveiro nas Almas Penadas” (1933), “Inscrições Tumulares por Siglas” (1942) e “A Epopeia dos Humildes” (1952), este autor em muito contribuiu para o conhecimento e a dignificação da cultura poveira, incluindo das suas práticas religiosas e da sua espiritualidade própria.

Tendo seguido de perto o trabalho de investigação científica (antropométrica) realizado por Fonseca Cardoso, António dos Santos Graça irá respeitar e reproduzir, nos seus estudos, as indicações de cariz antropológico daí concluídas, a propósito da caracterização da “raça” do poveiro. Em simultâneo, as informações transmitidas no artigo de Fonseca Cardoso, resultam, nos aspectos históricos e etnográficos, da troca de informações com Rocha Peixoto e Santos Graça, que o apoiaram. Com efeito, apercebemo-nos, facilmente de que toda a descrição dos costumes e características do

⁸⁵ Cf. CARDOSO, Fonseca - *O Poveiro ... Op. cit.*, 1908, pp. 517 - 518.

⁸⁶ Cf. CARDOSO, Fonseca - *O Poveiro ...Op. cit.*, p. 519.

⁸⁷ José de Azevedo, jornalista e trabalhador reformado da Capitania do Porto de Pesca, também originário da classe piscatória, irá ter uma colaboração importante na criação das festas de S. Pedro, na criação de textos para peças teatrais e musicais retratando os costumes locais. As festas de S. Pedro iniciam-se em 1962, como veremos, mas estavam em embrião desde a década de 50, na ideia do Presidente Major Mota, do funcionário do sector do Turismo da Câmara Armando Marques e de outros activistas locais.

poveiro escrita por Fonseca é integralmente fornecida por Santos graça, que depois os desenvolve e explicita nas suas publicações.

Se isto ocorre no domínio da construção literária e “científica” da imagem da Póvoa e do poveiro, do ponto de vista da acção política e dos investimentos económicos, distingue-se, nesta primeira metade do século XX; a acção de autarcas como David Alves, apoiados por excelentes técnicos como o arquitecto Gonçalo Artur Cruz, que, através de persistentes e continuados investimentos urbanísticos e de obras públicas contribuem em muito para a definição de uma nova imagem urbana da Póvoa de Varzim. Favorece-se a construção de hotéis, restaurantes, pensões, praça de toiros, piscinas, campos de futebol, pavilhões gimnodesportivos, novos jardins e zonas marginais, para se poder passear junto ao mar, com espaço para bicicletas e alamedas arborizadas, como na Avenida Mouzinho, ou a praça do Almada, entre outras estruturas que visam a renovação urbanística e o melhoramento da vila enquanto estância balnear.

Estas tendências conjunturais alicerçam-se no decurso do “Estado Novo”. A Póvoa de Varzim, através da figura do Cego do Maio [com um texto na *Cartilha* da 4.^a classe], torna-se conhecida por todo o país, “mitificando” a dignidade e a coragem própria do pescador simples da região. Salazar apreciava esta localidade e as suas gentes, senda visita frequente de algumas famílias locais, principalmente da jovial e benemérita Maria da Paz Varzim Barbosa, de Dona Virgínia Campos e da família Amaral. Na Ourivesaria Gomes eram frequentemente vistos altos dignitários do regime e suas famílias.

Encontram-se, de novo, em debate, questões de natureza religiosa. Com o Estado Novo sente-se o apoio das autoridades às manifestações de religiosidade popular, desde que devidamente enquadrada. A recuperação dos “valores religiosos” como estruturantes da ideologia do regime político, paralelos, de resto, à extinção das associações de cariz sindicalista, e à instalação de uma censura activa que inverte os ideais defendidos pela República, torna-se notória após 1928.⁸⁸

A primeira metade do século XX, até à década de 60, aparenta ser a época áurea das celebrações religiosas na região, encontrando-se um número elevado de “armadeiras” que vão “vestir” procissões por todo o norte do país, culminando nas celebrações dos 200 anos da Igreja Matriz, em 1957, marcadas pela presença do cardeal patriarca e outras personalidades importantes.

Este período é também o da promoção das campanhas de pesca de longo curso, para a Terra Nova, o da continuada e sustentada emigração para o Brasil, o da projecção da Póvoa como colónia balnear; o da construção do belo coreto *Arte Nova*, em ferro (1905), na Praça do Almada cujo jardim é, também, repetidamente renovado e melhorado; da edificação do seu Casino (1931 - 1943) e do Grande Hotel (1938 – 1939), ambos projectados pelo arquitecto Rogério de Azevedo; e o da afluência continuada de “boas famílias” de Entre-Douro-e-Minho, e mesmo de Espanha. Todos eles factores

⁸⁸ Em Outubro de 1929 é dada “permissão de entrada às ordens religiosas expulsas”. Cf. ROSA, Maria de Lourdes (cronologia); FERREIRA, José Medeiros [in MATTOSO, José (Direc.)] - *História de Portugal. Portugal em Transe (1974 - 1985)*, vol. 8, 1994, p. 340.

confluentes para a explicação e a compreensão da vitalidade persistente e reconhecida na organização de cortejos processionais religiosos na Póvoa de Varzim no decurso de toda a primeira metade do século XX.

2. AS PROCISSÕES NA PÓVOA DE VARZIM

2.1. OS CORTEJOS PROCESSIONAIS

2.1.1. INTRODUÇÃO GERAL

As procissões são cortejos que reflectem uma natural tendência do homem para realizar marchas ou desfiles de carácter ritual e comunitário, com carácter sagrado, que se encontram em todas as religiões⁸⁹, mas que também se podem revestir de uma motivação política, civil ou corporativa⁹⁰. Estas procissões - realizadas com variadíssimas cambiantes e motivações, contando com realizações artísticas como a música/cânticos, danças, teatro, realizações escultóricas (andores) e pictóricas (bandeiras), trajes especiais e /ou fardas usadas pelos participantes, bem como a respectiva organização, divergem entre si, evoluem e adaptam-se às diferentes circunstâncias e temas, para os quais encontramos registos escritos e manifestações rurais e urbanas desde as primeiras civilizações.

Com efeito, em todas as culturas encontramos referência a cortejos sagrados, em que participam membros do clero e, normalmente, congregam as “autoridades”. No mundo antigo, invariavelmente, associa-se o poder civil ao religioso, encontrando-se o “poder” em sentido lato sempre envolvido numa áurea de sagrado que o justifica. Destacam-se os aparatosos cortejos rituais da Mesopotâmia, do Egipto, da Palestina. Na Babilónia, cidade sagrada por excelência do berço da civilização ocidental, são mesmo identificadas vias processionais - longos arruamentos que estabelecem ligação entre templos, palácios e praças.

O povo Judeu, se por um lado é diferente por adorar um só Deus, na sua longa caminhada errante, vai assimilando muitas características dos povos com que estabelece contacto. Assim se compreende que o rei David, assim que se fixa na cidade sagrada de Jerusalém, sinta necessidade de construir um templo ao seu Deus⁹¹, como faziam os outros povos.

⁸⁹ COUTO, Luís de Sousa (Pe.) - *Origem das Procissões da Cidade do Porto* (Col.: Documentos e Memórias para a História do Porto - I], Porto, Câmara Mun. do Porto/ Gabinete de História da Cidade, [1832] 1936, p. 15. O autor transcreve um manuscrito datado de 1832.

⁹⁰ “Procession (all. Prozession; angl. Procession; esp. Procesión; it. Processione)

Du latin *procedere*, aller de l' avant, la procession est une marche à caractère rituel et communautaire, que l'on retrouve dans la plupart des religions. Elle peut également avoir une motivation politique, civile ou corporative. Elle se déplace selon un parcours, un déroulement et un cérémonial préétablis. la plupart du temps, elle s' accompagne de chants et de prières. Le sujet n' ayant jamais véritablement suscité de synthèse, il faut se référer aux ouvrages traitant des différentes religions.” ALTET, Xavier Barral I - *Procession*, in *Dictionnaire Critique D' Iconographie Occidentale*, (Collection «Art & Société»), Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2003, pp. 704:

⁹¹ Não será o rei David a construir o templo de Jerusalém, mas, por decisão de Deus, o seu filho Salomão.

Uma cidade real e sagrada, um só templo para a divindade única de Israel, uma *Lei*, um *Livro*, deveriam servir de vector de união para todo o povo, convidado a realizar peregrinações que o deverão reunir ciclicamente para festejar o seu Deus e a sua Lei. Apercebemo-nos da ideia, profundamente interiorizada pelo povo Judeu, de que se podem aproximar mais facilmente de Deus (do sagrado) através do acto de caminhar e especialmente com o sentido de subir, na direcção do único templo, onde se guardam os testemunhos da intervenção de Deus junto do seu povo – de que se destacam as tábuas da Lei, uma taça de maná (na Arca da Aliança) e onde pode dar esmolas, realizar sacrifícios, que o ajudarão a expiar os pecados e a pedir o favor divino. As descrições dos cortejos festivos no Antigo Testamento, em que as pessoas se deslocam ao som de cânticos, em particular do transporte da Arca da Aliança para Jerusalém, em que a alegria justifica até que o próprio rei David cante e dance, entram no imaginário judaico-cristão.

Na verdade, o simbólico lento peregrinar de quarenta anos no deserto, depois da estadia no Egito, marcará para sempre este povo e os que aderiram às religiões que têm a Bíblia como livro sagrado (Cristianismo e Islamismo), para os quais caminhar fisicamente na direcção de um templo consagrado ganhará o sentido de uma aproximação a Deus e às suas leis. Daí o valor fulcral, redentor, das peregrinações a Jerusalém e a Roma ou a Meca.

As procissões no Próximo Oriente encontram semelhanças em plena Europa, seja na Grécia, com as solenes “*Panateneias*”, os “triumfos” ou os cortejos sacrificiais em Roma, retratados, respectivamente, em arcos de triunfo ou em aras. A representação do Imperador em traje de *sumo-pontífice*, recorda-nos a sacralidade de um poder marcado pela divinização.

Também a religião cristã, desde que o culto é permitido pela *Paz da Igreja* (313), vai realizar estes cortejos, desenvolvendo regras litúrgicas que lhe transmitem a solenidade e a liturgia própria da nova religião, que se vai tornando mais complexa e exigente. A Procissão de Ramos, recriando a Entrada triunfal de Cristo em Jerusalém no Domingo anterior à Páscoa, é uma das mais antigas procissões ordinárias de que há notícia, realizada quer em Jerusalém (séc. IV ou V), quer por toda a cristandade (séc. VIII)⁹². Corresponde, aliás, no calendário, à Festa dos Tabernáculos, do povo Judeu. Esta recriação - como o são tantas cerimónias litúrgicas do Cristianismo – condensa algumas das heranças culturais e religiosas da religião cristã: o judaísmo, a Antiguidade greco-latina, todo o sentido de sacralidade do *Próximo e Médio Oriente*, a que se aliarão, nas várias regiões, as heranças culturais locais.

Muitas festas cristãs vão ser adaptações de outras que faziam parte do calendário Judeu (como a Páscoa, que conservou o nome hebreu), do romano, ou de outros povos pagãos onde o cristianismo foi implantado. As festas ao Sol, em Dezembro, foram transformadas na Festa do Nascimento de Cristo (muitas vezes representado, na arte paleo-cristã, como o Sol, ou Apolo), ou na festa de Santa Luzia

⁹² MARTIMORT, A. G. - *Op. cit.*, pp. 818 – 820.

(celebração da Luz), do mesmo modo que em Junho, as do equinócio, foram metamorfoseadas nas populares festas a S. João Baptista e outros santos deste mês (S. António e S. Pedro).



Figura 7 - “Figuras” ex-voto de “Santa Luzia”. Procissão de Santa Luzia de Navais, Póvoa de Varzim 2003.12.14.

A partir da Alta Idade Média, desenvolveram-se numerosas procissões de carácter litúrgico. No século VII estabeleceu-se que a celebração eucarística dos dias de festa e das “férias” da Quaresma fossem precedidas de uma procissão saindo de uma igreja de reunião para as igrejas “estações”, com celebração de missa pontifical. A liturgia com as “estações” romana foi seguidamente imitada em Milão, Ravena e na maior parte das cidades da Gália e Germânia. Na época carolíngia, em alguns mosteiros, as celebrações litúrgicas eram acompanhadas por importantes procissões, com percurso complexo no interior da abadia. Foi em Roma, no século XII, que surgiu a procissão do círio pascal⁹³, entre outras, que se vão divulgando por toda a Cristandade.

À partida é natural - e sabemos ser assim desde os primórdios – que membros do clero, com as adequadas alfaías sagradas, fiéis e representantes das autoridades civis e militares participem nas procissões (respeitando as regras protocolares, de carácter civil e religioso, bem definidas), enquanto se entoam cânticos, e se deslocam entre espaços sagrados. São esses os principais aspectos que encontramos na definição de “Procissão sagrada” mas cedo se começam a integrar, nestes cortejos, relíquias e imagens sagradas, transportadas em “andas”⁹⁴, que nos recordam cenas da História Antiga,

⁹³ Procissão, in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 23, Lisboa / Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, Lda, s.d.

⁹⁴ Só depois de 1500 se começa a usar o termo “andor”, referindo-se às padiolas usadas no transporte de pessoas no Malabar.

“Chamava-se, antigamente, *em andas*, a um sistema de transporte de pessoas ou objectos aos ombros de servidores especiais e ainda andas, por antonomasia, às varas de madeira que conforme as reproduções que publicamos, serviam para facilitar o transporte. A liteira ou maca que transportava as pessoas tinha, dos lados, dispositivos especiais onde passavam as varas paralelas que iam assentar, pelos

como os Hebreus transportando a Arca da Aliança, suportada por varas, ou o transporte de tesouros em padiolas nos cortejos romanos, conhecidos devido à sua representação em arcos de triunfo por todo o Império. Aliás, muitas procissões revestem-se das principais características dos cortejos dos “Triunfos”⁹⁵ romanos.

As procissões sagradas católicas fazem parte integrante de uma crença bi-milenar - a cristã - cuidadosamente organizada segundo um tríptico código estrutural: o *Dogma*, a *Moral* e a *Liturgia* – devendo, como tal, respeitar os regulamentos que regem estas manifestações da religião, quer ao nível oficial da Igreja, quer ao nível da religião popular”⁹⁶.

E se o Dogma⁹⁷ e a Moral⁹⁸ são fundamentais para os crentes e estudiosos de uma determinada religião, a Liturgia (ou seja, o “conjunto dos ritos, cerimónias, orações e objectos com que a Igreja, no circunstancialismo do espaço e do tempo, através dos seus ministros, realiza para os cristãos e com os cristãos o louvor de Deus e o serviço da Igreja”⁹⁹), ao orientar as práticas religiosas, vai condicionar a arte sacra, desde a organização arquitectónica dos espaços consagrados, às imagens (esculturas, pinturas, tapeçarias, etc.), às alfaias litúrgicas e a todas as “expressões de arte que tentam dar a conhecer a religião”, nomeadamente a música/cânticos, a dança¹⁰⁰ e as representações com sentido teatral e alegórico, desde a representações de “Mistérios”, aos cortejos/procissões.

É por isso fundamental conhecer as orientações litúrgicas que, nos préstitos mais eruditos e organizados, são seguidas com absoluto rigor. Mesmo nas manifestações mais espontâneas, em que se exterioriza uma religiosidade popular, menos controlada, as orientações básicas têm que ser respeitadas para receberem o aval do clero. Toda a arte religiosa tem que acatar as especificações da Igreja. Assim sendo, desde as pinturas que seguem nas procissões (principalmente em bandeiras, “Verónicas, “Santos sudários”, etc.), aos quadros vivos com os figurantes vestidos de forma teatral, aos têxteis - com a cor litúrgica adequada à festividade, etc. - tudo deve respeitar as regras estabelecidas pela “Congregação dos Ritos”, que as condicionam e determinam a existência de grandes similitudes entre estas manifestações por todo o mundo católico.

O facto de estes eventos se realizarem em “*Assembleia litúrgica*”- reunindo leigos e clero numa acção religiosa viva e colectiva - faz com que se revistam de maior valor, pois manifestam o verdadeiro sentido de “Igreja”, ou seja, o conjunto dos fiéis que se congregam, nas procissões, num acto de

seus extremos, nos ombros dos carregadores do transporte.” Cf. Andas e Andor, in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 2, Lisboa / Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, Lda, s.d., vol. XXIII, p. 515.

⁹⁵ GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA – *Triunfo*, in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 33, Lisboa / Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, Lda, s.d., vol. XXIII, pp. 12 – 17.

⁹⁶ Cf. DIAS, Geraldo Coelho - “*O Património Religioso Português*”, in *As Formas do Espírito. Arte Sacra da Diocese de Beja* (Roteiro da Exposição), Beja, Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja, 2003, (pp. 47 – 59) p. 47.

⁹⁷ O Dogma é “o conjunto da doutrina que a Igreja foi descobrindo e enunciando como constituindo o núcleo essencial das verdades cristãs” CF. DIAS, Geraldo Coelho - “*O Património Religioso...*”, *Op. cit.*, 2003, p. 47.

⁹⁸ A Moral “é o conjunto dos comportamentos pessoais ou comunitários, internos ou externos, que os crentes, guiados pela religião, assumem nas suas atitudes éticas.”CF. DIAS, Geraldo Coelho - “*O Património Religioso...*”, *Op. cit.*, 2003, p. 47.

⁹⁹ CF. DIAS, Geraldo Coelho - “*O Património Religioso...*”, *Op. cit.*, 2003, p. 47.

¹⁰⁰ A prática de representações teatrais/*Mistérios* e danças com valor simbólico/religioso, nomeadamente nas igrejas e procissões, foi sendo progressivamente evitada e proibida (como as danças na Procissão do Corpo de Deus, etc.).

louvor, súplica, comemorativo, ou simplesmente festivo, de grande valor sagrado e agregador. Não podemos esquecer que, nos primeiros séculos do Cristianismo, à expressão “processio” e “ao verbo “procedere” era dado o sentido litúrgico técnico de «reunir-se»¹⁰¹, ou seja, o sentido real de “assembleia” – “a reunião periódica ao redor da Palavra de Deus e da Eucaristia”. As mesmas expressões, associadas ao sentido do “movimento”, vai originar a palavra: “procissão”.

Para definir com clareza a noção de “Procissão” e de “Peregrinação”, bem como a sua tipologia e respectivas regras litúrgicas a respeitar, seguiremos de perto a obra de A. G. MARTIMORT - *A Igreja em Oração - Introdução à Liturgia*, de 1965¹⁰². Esta publicação, desde o II Concílio de Vaticano (1962 – 1965), é utilizada pelo clero como livro base e orientador das normas litúrgicas. O cuidado registo da documentação proveniente do *Rituale Romanum*, o respeito que reflecte pelas tradições e costumes locais, bem como pelos manuais de liturgia anteriores, assegura-nos uma linha de continuidade com a tradição e com a actualidade legislativa da *Sacrorum Rituum Congregatio*.

“O Código de 1917, can. 1290. § I, exprime-se assim:

I. Definição

Pelo nome de procissões sagradas, designam-se súplicas solenes¹⁰³ feitas pelo povo fiel sob a orientação do clero, indo em ordem dum lugar sagrado para outro lugar sagrado, destinadas a excitar a piedade dos fiéis, a recordar os benefícios de Deus e dar-Lhe graças, a implorar o socorro divino.

Quatro elementos constituem pois a procissão.

- 1) *É uma caminhada em ordem (eundo ordinatim), que supõe o deslocamento real de todos os que nela tomam parte, e o seu agrupamento harmonioso em filas e categorias: é a manifestação orgânica dum povo, não um tropel tumultuoso.*
- 2) *É a caminhada de toda uma Igreja: povo fiel e clero; é uma assembleia litúrgica em marcha, que o clero guia e preside. Se não há clérigos ou eles não presidem, não é uma procissão (SRC 3217, 20 de Agosto de 1870); quanto às caminhadas litúrgicas que não implicam o deslocamento do povo, por exemplo a entrada solene na missa, podem, não obstante, ser verdadeiras procissões sagradas, mas num sentido puramente analógico.*
- 3) *A procissão tem o seu ponto de partida e o seu termo em lugares sagrados que em princípio devem ser distintos: não que seja necessário ir duma a outra igreja, mas dum lugar em que se está reunido para uma oração litúrgica a outro lugar em que se desenrolará um outro acto litúrgico; é assim que a procissão do viático vai da igreja à morada do moribundo que recebe a comunhão, a procissão dos Ramos parte*

¹⁰¹ Cf. MARTIMORT, A. G. - *Op. cit.*, 1965, pp. 98 - 99.

¹⁰² MARTIMORT, A. G. - *Op. cit.*, 1965.

¹⁰³ Os sublinhados e os “negritos” foram destacados por nós.

dum lugar em que se procedeu à bênção dos ramos, edifício do culto ou não, para a igreja, de preferência distinta, em que se celebrará a missa.

- 4) *É uma «súplica solene», isto é, um tempo excepcionalmente forte na vida litúrgica; eis porque deve precedê-la uma catequese e estão previstos cânticos a acompanhar durante o percurso.*

II. Regras Gerais

Na disciplina actual, as procissões constituem a reunião por excelência da igreja local. As igrejas não paroquiais, mesmo pertencendo a isentos, não podem organizar procissões no exterior, senão nos dias que se seguem ao Corpo de Deus; ainda mais, para a Ladainha maior e o dia do Corpo de Deus, a procissão deveria ser única dentro duma cidade e reunir todo o clero, religiosos e fieis, com excepção apenas dos enclausurados.

O celebrante está normalmente revestido de capa (pluviale: foi para as cerimónias exteriores que esta veste foi primeiramente destinada). Diante dele [o celebrante] caminha o clero, os menos dignos à frente. O povo segue o celebrante como seu guia. À cabeça da procissão, um clérigo leva um turíbulo fumegante, em que o celebrante lançou e benzeu o incenso antes de partir; precede a cruz, geralmente levada por um subdiácono paramentado (por vezes um simples clérigo) e ladeado por duas tochas levadas por dois acólitos : turíbulo e círios eram tradicionais em todo o cortejo solene desde o tempo dos Ordines Romani; o uso de cruzes, mais ou menos numerosas, é facto atestado nas descrições mais antigas das procissões em Roma, Bizâncio, Tours; com o tempo, destas múltiplas cruzes distinguiu-se uma mais preciosa que precede o celebrante e seus ministros e que após a procissão é colocada em frente do altar. Quando se leva o Santíssimo Sacramento ou relíquias todos os participantes levam velas acesas. Em certas procissões solenes, o celebrante canta uma oração antes de ser dado pelo diácono o sinal de partida: «Procedemus in pace». Ao longo do caminho, deve-se rezar (...) e o clero deve convidar o povo a fazê-lo devotamente. É pelos cânticos que se exprime esta oração: antes de tudo os salmos, cantados com refrão (...). Aos salmos juntou-se em seguida a ladainha, quer dizer esta forma de canto muito popular em que, às invocações de um ou mais solistas, a multidão responde por uma aclamação breve e invariável. (...)

No termo da procissão, às vezes, prevê-se uma oração do celebrante, por exemplo para os Ramos; mas termina sempre com a missa, à excepção da procissão do Corpo de Deus que, sendo eucarística, não pode ser senão a sequência e o prolongamento da missa que a precedeu.

III. Importância e Significação das Procissões

«As procissões remontam à mais antiga instituição dos Santos Padres», diz o Ritual (c. I, n.1). Pelo menos verifica-se a sua aparição desde o fim do século IV [Santo Ambrósio] uma vez que a paz constantiniana permitiu as manifestações exteriores do culto cristão.

Correspondem de tal modo às necessidades profundas da psicologia religiosa que, por vezes, a Igreja instituiu algumas para substituir procissões do paganismo. É por isso que, longe de desprezar estas

necessidades, a pastoral lhes deve dar satisfação, tratando a procissão com a grandeza e solenidade necessárias.

*Conquanto correspondam ao instinto natural do homem, as procissões da igreja ultrapassam este plano e constituem uma realidade que a fé é chamada a compreender: «contêm grandes e divinos mistérios e os que as seguem com piedade delas colhem frutos salutares de piedade cristã» (RR, *ibid.*). Com efeito, como acto litúrgico, a procissão tem o valor da oração da Igreja: santifica e dá o seu verdadeiro sentido sobrenatural a marchas humanas como o enterro; faz por vezes reviver, com o realismo e a eficácia do *opus operantis Ecclesiae*, um acontecimento da vida de Cristo; mas toda a procissão, qualquer que ela seja, exprime um aspecto fundamental da economia da salvação.*

Com efeito, o povo de Deus do Velho testamento foi um povo em marcha, do Egipto a Canaã e mais tarde do exílio a Jerusalém; esta caravana, sobretudo nas etapas decisivas, é descrita na Bíblia como uma grande procissão festiva, com cânticos, instrumentos de música e estandartes; o Deus de Israel estava presente ao Seu povo, partilhava da sua condição de nómadas até entrar no seu templo escoltado de procissões; mesmo após o exílio, os Judeus continuaram a ser peregrinos, tomados pelo ritmo periódico da Subida a Jerusalém. Mais ainda que do Velho Testamento, o novo Povo de Deus está em marcha, na companhia de Jesus, para o Reino; esta condição fundamental da Igreja é, por vezes, apresentada nos escritos do Novo testamento sob a figura duma procissão, coisa que por seu lado, as procissões litúrgicas manifestam com evidência.

A procissão deve, pois, ser precedida duma catequese pastoral que lhe explique o fim e significado."¹⁰⁴

Consideramos importante transcrever esta definição e a caracterização normativa do que a Igreja entende por "procissão", para de seguida verificarmos, no nosso espaço de estudo, o cuidadoso cumprimento das regras litúrgicas emanadas pela Igreja. E podemos afirmar que na cidade da Póvoa de Varzim estas especificações são seguidas com escrupulo: desde a organização cuidada de clérigos e povo; ao facto de se realizar tendo início e fim em locais sagrados; à circunstância de serem precedidas e terminadas por celebrações; à prática de transportarem múltiplas cruzes e serem acompanhadas por cânticos ou música sacra. Diferem destas recomendações, no entanto, em alguns aspectos: é muito frequente a procissão iniciar-se e acabar no mesmo lugar sagrado e não em distintos e, em muitos cortejos, provavelmente devido à sua enorme extensão, não se cumpre a imposição segundo a qual: "À cabeça da procissão, um clérigo leva um turíbulo fumegante (...); precede a cruz", sendo mais frequente, após a fanfarra de escuteiros ou bombeiros, seguir uma cruz ou pendão / bandeira processional, membros de confrarias com as respectivas cruzes, lanternas e varas, figurado, etc. e só imediatamente antes do pátio é que vemos a cruz principal, a paroquial, precedendo o turíbulo com as brasas acesas com incenso, a que se segue o pátio com o clero paramentado (com o pluvial e as dalmáticas) transportando ou uma relíquia do Santo Lenho ou, nas procissões eucarísticas, uma custódia com o Santíssimo sacramento, ou seja, a hóstia consagrada.

¹⁰⁴ Cf. MARTIMORT, A. G. - *Op. cit.*, 1965, pp. 728 - 732.

Independentemente da sua tipologia, de fundamental caracterização para para o seu estudo como manifestação do sagrado, os cortejos sagrados são por norma acompanhados de outras manifestações, profanas, que informam uma sociabilidade activa, de profundo sentido gregário, que associam ao tempo e às manifestações sagradas manifestações de lazer e lúdicas, já documentadas desde tempos ancestrais. Ambivalência de que dão prova as tradicionais Procissões de Corpus Christi, promovidas pelos municípios, ao associarem largadas de touros, “mouriscas”, música, “pelas”, manifestações teatrais, que até ao Concílio de Trento envolviam, com a conivência das autoridades religiosas, mascaradas e teatro de forte teor profano.

2.1.2. TIPOLOGIA DE PROCISSÕES

Toda a bibliografia da especialidade respeita a definição de MARTIMORT (dado que este autor reproduz a legislação católica) e as tipologias por ele definidas:

- *Procissões Ordinárias e Extraordinárias*¹⁰⁸
- *Procissões litúrgicas e não litúrgicas*¹⁰⁹;
- *Procissões Festivas e Penitenciais*
- *Procissões Comemorativas, Funcionais, Lustrativas.*
- *Procissões que se distinguem “segundo o fim a que se propõem” podendo ser “festivas, penitenciais, gratulatórios, impetratórias, do Santíssimo Sacramento, das Relíquias, Imagens, etc.”*¹¹⁰

É objectivo do presente capítulo apresentar, classificar por tipologias e caracterizar, num elenco sistemático, as diversas procissões de que temos notícia, procurando perceber, na Póvoa de Varzim, a sua evolução na diacronia, e apontar as permanências, as supressões e as criações de novos eventos, tomando como base uma distribuição cronológica que tem como vectores de parametrização alguns cortes temporais: 1900/ 1925/ 1950/c. 1977/ 2003-2006.

Incluiremos nessa distribuição apenas as procissões ordinárias, que se realizam regularmente, adaptando-se à sequência do calendário litúrgico, sem falarmos das extraordinárias, como as célebres “procissões do cerco”, atendendo a que apenas se realizam em ocasiões especiais.¹¹¹

As procissões que nos propomos elencar e a estudar são as mais frequentes e comuns - as “ordinárias” e “litúrgicas”¹¹² – as quais se podem dividir em “festivas” e “penitenciais”.

¹⁰⁸ “Procissões ordinárias são aquelas que se celebram no decurso do ano em dias pré-estabelecidos, quer pelos livros litúrgicos, quer pelo direito local escrito ou consuetudinário. Tais são, no conjunto do rito romano, as procissões de 2 de Fevereiro, dos Ramos, de 25 de Abril, dos três dias das Rogações, do Corpo de Deus; e, nos usos locais, as procissões dominicais, a do voto de Luís XIII em 15 de Agosto em França, etc.” Cf. MARTIMORT, A. G. - *Op. cit.*, 1965, p. 733.

¹⁰⁹ “São litúrgicas, no sentido estrito do termo, as procissões que vêm descritas nos livros litúrgicos gerais ou particulares: deve-se observar fielmente as prescrições destes livros quanto aos ritos, às orações ou cânticos e à língua. As outras procissões, mesmo que o costume possa eventualmente torná-las litúrgicas, são tratadas como pia exercitia, sob a responsabilidade do bispo do lugar [SCR, 03.08.1958, n.15, e NCR, n. 82–90]. A sua importância é por vezes muito grande sobre a vida religiosa de um povo, pela sua celebridade, brilho ou emoção que provocam. Por isso não se podem suprimir ou mudar-lhes a data por iniciativa privada, como ocorre com as procissões tradicionais espanholas. “Longe de as deixar decair em manifestação folclórica, velar-se-á por que proclamem as realidades da fé, arrastem os fiéis a uma oração autêntica e os encaminhem para a liturgia.” Cf. MARTIMORT, A. G. - *Op. cit.*, 1965, p. 733.

¹¹⁰ COELHO, António (Dom, O. S. B.) - *Curso de Liturgia Romana*, vol. I: *Liturgia Fundamental - Liturgia Laudativa. Liturgia Sacramental* (Nova edição revista e actualizada por J. P. de Carvalho, O. S. B.), Ed. Mosteiro de Singeverga-Negrelas, Braga, 1941, p. 588.

¹¹¹ As procissões extraordinárias que encontramos registadas na documentação ou na bibliografia, foram inseridas na “Cronologia”, no vol. 2.

¹¹² Exceptuando as procissões infantis, que não seguem a totalidade das regras. Numa o clero não vai paramentado (na procissão dos Infântários), ou não levam o turbulo, como na “procissão das santas infâncias” mas são, na verdade importantes como “pio exercitia”, na medida em que transmitem aos mais jovens o gosto por estes eventos.



Figura 8 - A primeira procissão do ano no concelho, às 6 horas da manhã. N.ª S.ª das Candeias de Terroso. Debaixo de chuva. 2004.02.02.



Figura 9 - A última procissão do ano no concelho - a Procissão de Santa Luzia de Navais – atravessando a Estrada nacional. Domingo. 2003.12.14.

Dentro destas categorias podemos caracterizá-las (quase todas) como “festivas”, exceptuando as que são intrinsecamente “penitenciais”, como as da Semana Santa. Mesmo estas, embora o aspecto fúnebre e o sentimento de tristeza sejam destacados ou lembrados (como se se tratasse do funeral de um ente querido), através da cor negra dos “baldraus” e véus, dos pendões “tombados”, dos finos véus pretos ou roxos sobre as “figuras” e do silêncio solene e respeitoso, o sentido penitencial é pouco acentuado nas celebrações desta região, notando-se apenas a presença de alguns (poucos) encapuçados. Mesmo o canto da Verónica, se comove e emociona, por soar no fundo do silêncio sepulcral, consola, simultaneamente, por se tratar de um cântico harmonioso que ajuda a esquecer as tristezas pessoais. A expectativa da festa / da Ressurreição está sempre presente, assim como a alegria por se estar a aproximar o fim de um período de jejuns (obrigatórios). Já se pensa no Jogo da Péla e preparam-se as iguarias para a merenda nos pinhais e carvalheiras de Argivai.

Antes do Concílio de Trento, na noite do Sábado de Páscoa, mesmo a cerimónia das “trevas”, em que todos os retábulos eram cobertos com panos pretos pendentes das sanefas, era motivo para brincadeira dos rapazes. Os mais brincalhões, além dos martelos de madeira para bater no chão, levavam também pequenos pregos e, aproveitando-se do acto simbólico, quando todos batiam ruidosamente com os martelos no chão “para afastar as trevas”, pregavam as saias compridas das mulheres “da pescaria” ao chão. Nunca assistimos a esta cerimónia, mas todas as pessoas de idade que nos contaram o acontecimento, lembravam-no com boa disposição, recordando a posterior e cenográfica queda dos panos pretos dos retábulos e a alegria de ver de novo toda a igreja com a talha dourada brilhando à luz das muitas velas que se acendiam.

Numa terra em que as grandes aflições estavam relacionadas com o mar (com os naufrágios, o mau tempo que os impedia de trabalhar, ou a falta de peixe, com o espectro da fome sempre pairando ameaçador), a recordação dos tormentos do “Senhor Crucificado” e da “Senhora das Dores”, transmitiam, à sofredora classe piscatória, a sensação de que seriam mais facilmente compreendidos e ajudados por um Deus e sua mãe que, como eles, padeceram todo o tipo de mágoas. Aliás, é de destacar que algumas das mais importantes devoções da “classe” na região (exceptuando a excepcional Senhora da Assunção, na Lapa e, em Vila do Conde, a Senhora da Guia, invocação muito frequente em zonas de passagem, em portos e portelas terrestres) estão relacionadas com a *Senhora das Dores* e o *Crucifixo*. Nomeadamente: o Senhor dos Navegantes - na Capela de S. José de Ribamar e na Igreja das Caxinas, Vila do Conde; o Senhor da Agonia, na igreja da Lapa; o Bom Jesus de Matosinhos e o Bom Jesus de Fão (que não se encontra crucificado, mas carrega com a cruz, tal como o Bom Jesus de Barcelos) e a famosíssima Nossa Senhora da Agonia, de Viana do Castelo, só para falar nas devoções de pescadores mais próximos.

As cerimónias da Semana Santa / Páscoa ilustram, igualmente, as “procissões” realizadas no interior das igrejas. Por exemplo, aquando da *Celebração da Ceia do Senhor*, na 5.^a Feira Santa, a entrada solene na igreja do cortejo de clérigos, os acólitos com o turíbulo e os membros da confraria do Santíssimo Sacramento com a cruz paroquial, apresenta as características básicas de uma “procissão”. No decorrer desta cerimónia, após a comunhão, efectua-se, ainda, uma “procissão eucarística”, exclusivamente no interior da igreja destinada a realizar, com solenidade, a transferência das hóstias consagradas do sacrário para a “Urna” da Semana Santa (transportando a cruz paroquial, turíbulo, umbela), contando, também, com a participação de membros da confraria e clero.

As Procissões não são, porém, a única manifestação colectiva em torno do sagrado, nem a única expressão da associação entre religião e sociabilidade decorrente do facto de a religião extravasar os templos e vir para as ruas e os caminhos, ainda que estes sejam caminhos de peregrinação. Importa, por isso, distinguir o que diferencia essas procissões dessas outras manifestações do sagrado, bem como apontar a associação desses dois tipos de eventos..

Romarias

As festividades que tradicionalmente são consideradas romarias – em que a procissão era apenas um dos muitos elementos constituintes - como a de N.^a Senhora da Assunção e N.^a Senhora das Dores, têm vindo a perder muitas das características populares típicas (os vendedores e zonas de diversão têm diminuído drasticamente nas últimas décadas), mas as cerimónias religiosas em geral e as procissões, em particular, têm mantido a vivacidade e riqueza, congregando e motivando o interesse de um surpreendente número de pessoas.

No entanto, mesmo nas festas / romarias em que os divertimentos profanos são importantes, o momento alto das festividades é sempre a procissão.

Romagens

Se a expressão “romagem” se referia à peregrinação a Roma, aqui é sobretudo utilizada para designar a caminhada de um pequeno grupo – de uma família ou amigos – que se reúnem para irem em peregrinação a um local sagrado próximo.

De destacar na região é a “romagem” a S. André de Aver-o-Mar - efectuada por muitas pessoas da classe piscatória, da cidade da Póvoa e freguesias envolventes – por ser realizada por grupos que

se deslocam a pé, ao fim da tarde ou noite, sempre rezando e entoando cânticos. Na capela, além da Via-sacra, cantam e dizem as orações tradicionais¹¹⁴.

Santo André, irmão de S. Pedro, também pescador, na zona da Póvoa - devido à capela na Praia de Aver-o-mar e à sua festa coincidente com o fim do mês das Almas do Purgatório - tornou-se o grande *psicopompo*, um benévolo e cristianizado Caronte, o “barqueiro” das Almas na sua viagem para o Além. A capela situa-se junto de rochedos onde aparecem “*fossettes*”, ou seja, sinais de cultos proto-históricos. As marcas mais fundas, na zona superior dos penedos em frente à praia, foram cobertas – “cristianizadas” - por uma cruz, à volta da qual se realiza o sermão campal no dia da procissão e festa (ou seja, no domingo seguinte ao dia santo).

A vetusta sacralidade daquele espaço motiva uma crença de cariz quase primitivo, que compele familiares e amigos, após a morte dos entes queridos, a aí se dirigirem para rezar e fazer a “encomendação das Almas” (cerca de sete dias depois da morte) e no dia do santo (para levar o descanso às almas de todos os familiares e conhecidos).

Peregrinações

“I. Peregrinações

As peregrinações devem relacionar-se com as procissões porque implicam, como elas, uma caminhada feita em espírito de penitência, de acção de graças ou de piedade. Esta caminhada tem por termo um lugar sagrado.

Mesmo que vá individualmente, o peregrino encontrará a comunidade litúrgica no lugar sagrado para onde caminha. Mas é mais normal que a peregrinação seja o deslocamento duma comunidade inteira, conduzida pelos seus pastores, e neste caso pode constituir uma verdadeira procissão: era assim que muitas vezes se apresentavam as peregrinações judaicas e muitas peregrinações da Antiguidade ou da Idade Média.”¹¹⁵

As peregrinações são raras no perímetro do concelho, exceptuando-se a *Peregrinação à Senhora da Saúde de Laundos*, que, neste caso, também se reveste da tipologia própria de uma verdadeira procissão. Este exemplo único, específico e bastante recente (foi só iniciada em 1949) de peregrinação, tem uma importância local muito significativa. Ocorrida no Mês de Maria (Maio), além de motivar várias procissões, durante a sua vinda e estadia na Matriz da Póvoa, a própria peregrinação em si apresenta as principais características de uma *procissão sagrada*: congrega o clero local; as confrarias, com as respectivas cruzes e bandeiras; uma “companha” que transporta o andor aos

¹¹⁴ Esta festividade de S. André que assinala o fim do Mês das Almas e o seu ponto alto. A visão deste como “psicopompo” – condutor das Almas – é particularmente importante na região, motivando a peregrinação de numerosos grupos em 30 de Novembro. Sempre que há algum falecimento, é frequente deslocar-se um grupo de familiares, vestidos de luto, a “remir” a alma à capela de Santo André de Aver-o-Mar.

¹¹⁵ Cf. MARTIMORT, A. G. - *A Igreja em Oração... Op. cit.*, 1965, pp. 737 - 738.

ombros durante todo o percurso; a elaboração de tapetes de flores; a colocação de colchas nas janelas e o acompanhamento de um avultadíssimo número de crentes, alguns com os respectivos ex-votos em cera, que seguem cantando ou rezando durante o percurso.

Sabemos que a capela ainda não existia em 1825, pois numa Visita Pastoral desse ano ela não é referida, embora nesse documento seja descrito o estado da Ermida de S. Félix¹¹⁶, mas em 1845 já se informa que na capela de Nossa Senhora da Saúde, “colocada no centro da freguesia” se realiza missa todos os dias¹¹⁷.

A implantação desta capela tornou-a progressivamente mais relevante e conhecida. Situa-se no centro da “paróquia”, ao contrário da pequena Matriz, a qual, na resposta ao Inquérito de 1758, já ficava “fora dos lugares”. Fica na base da elevação mais alta e abrupta do concelho, e é uma “marca” ou “baliza” de sinalização na paisagem muito usada pelos pescadores. O monte surge por vezes denominado como “pirâmide”, devido à sua forma, a qual lhe confere um valor sagrado, de altar primitivo, ideia reforçada pela existência de restos de habitações proto-históricas castrejas; pela presença da antiga capela do mártir S. Félix - ou anacoreta, na tradição local; pela envolvência de vegetação natural e floresta¹¹⁸ e pela escadaria com a Via-sacra e a enorme cruz iluminada. A capela, com dedicação a Nossa Senhora da Saúde, tornou-se mais famosa que a matriz (sendo o seu orago S. Miguel arcanjo), tendo sido ampliada e “melhorada”, até à actualidade, principalmente graças a doações de emigrantes¹¹⁹.

A romaria da Senhora da Saúde, no primeiro domingo de Agosto, foi ganhando importância ao longo do século XIX¹²⁰, sendo já famosa em finais desse século e inícios do XX, sobretudo pela “pândega”, pelo vinho e pancadaria e também pelas “promessas”, chamadas do “morto vivo”¹²¹, que só no último quartel do século XX o pároco e confraria conseguiram extinguir ¹²².

Mas em 1949, por sugestão de D. Maria da Paz Varzim da Cunha e Silva Barbosa (irmã do famoso padre Abel Varzim, ligado a movimentos católicos de operários e amiga pessoal de Salazar) e um grupo de raparigas da JOC (Movimento Operário Católico), o prior da Póvoa, Monsenhor Pires Quesado, organizam uma peregrinação à Senhora da Saúde, em Maio - mês de Maria - exactamente

¹¹⁶ Cf. MARQUES, Mário César (introd. e notas) - *Visita de 1825 a paróquias hoje integradas no concelho da Póvoa de Varzim*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural» vol. XII, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da P. de Varzim, 1973, p. 188.

¹¹⁷ Cf. MARQUES, Mário César (introd. e notas) - *Inquérito às Paróquias do Concelho da Póvoa de Varzim em 1845*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. X, Póvoa de Varzim, ed. da Câmara Municipal da P. de Varzim, 1971, pp. 214 - 216.

¹¹⁸ A envolvência e zona do monte até há poucos anos convidava ao contacto com a natureza, sendo local de eleição para a realização de pic-nics de veraneantes e locais. Permitindo que as pessoas, nos dias de romaria e peregrinação, se instalassem, confortavelmente, com as suas merendas e aí descansassem. Na actualidade, o corte da floresta, a criação de “jardins à francesa” e o aumento das construções têm vindo a retirar muito do espaço natural de que todos podiam fruir.

¹¹⁹ Ver: CARNEIRO, Deolinda Maria Veloso - *Património Artístico e Arquitectónico da Póvoa de Varzim ... Op. cit.*, 2002 - 2003, pp. 100 e 108. e

¹²⁰ Cf. LOPES, Dinis da Silva - *Monografia da freguesia de São Miguel de Laundos. Póvoa de Varzim* (1.ª edição: «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», 1981- 1984, 2.ª edição: 1985), 3.ª edição, revista e aumentada, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2005, (Colecção: “Na linha do Horizonte - Biblioteca Poveira, n.º 11), p. 144.

¹²¹ Nesta “promessa” a pessoa “miraculada” alugava um caixão à confraria e, dentro dele, fazia-se transportar a ombros por quatro homens, como se de um enterro se tratasse. Davam três voltas à capela e no fim o “morto” saía, já dentro da capela para rezar as últimas preces.

¹²² Cf. LOPES, Dinis da Silva - *Monografia da freguesia de São Miguel de Laundos... Op. cit.*, p. 144 - 145.

para incentivar a devoção Mariana. Ao longo das décadas, a adesão popular à peregrinação foi crescendo, tornando-se um “fenómeno de massas”, difícil de explicar. Apenas podemos dizer que no último domingo de Maio, quando o andor (que vem de Laundos para a Matriz da Póvoa na noite do dia 13) com a Nossa Senhora da Saúde, rodeado de querubins, que são beijados e afagados pelas devotas, regressa a Laundos em ombros da “companha” da embarcação “Senhora da Saúde”. O cortejo sai com dificuldade por entre o “mar” de gente que se prepara para acompanhar a “Senhora”. É precedido pelos escuteiros, por banderias ou pendões das confrarias de Laundos, do Rosário da Póvoa, entre outras, e rodeado pelos jovens que vão a cantar e a rezar durante o trajecto. Os fiéis, envergando traje de passeio (ou “de treino”), seguem rapidamente, ao longo da estrada, antes e depois do andor. Os que vão à frente esperam conseguir um bom lugar no adro onde se realiza a missa campal, antes que chegue o “grosso” da peregrinação. Ao longo do trajecto vão-se juntando à marcha grupos provenientes das outras freguesias do concelho, com a bandeira paroquial, confrarias e devotos. Atrás, seguem aqueles que vão com carrinhos de bebés ou cadeiras de rodas.

No final, quando chegam à igreja ou santuário, pagam as suas “promessas” em cera ou dinheiro, rezam algumas orações rápidas (porque outros estão à espera para entrar) ou ficam para assistir à missa campal, finda a qual regressam de novo a pé, de camioneta ou à boleia, depois de descansar um pouco e retemperar as forças com alguns doces de romaria.

É uma peregrinação alegre, normalmente fruindo de um sol de Maio, que não é abrasador, sentindo-se a solidariedade entre as pessoas e o gozo pelo “passeio” em comum. Lembra, também, tristezas e dificuldades, que quase todos sofrem, mas a expressão e as atitudes reflectem esperança ou felicidade por graças recebidas.

Procissões do Cerco

As populares procissões do “cerco”, realizavam-se frequentemente por altura de calamidades naturais, pestes, fomes, guerras e outros flagelos. Eram cortejos instintivos de uma população que invoca a protecção celeste para um determinado espaço. Daí percorrer-se todo o circuito das povoações e transportar-se frequentemente a imagem tida como mais “miraculosa”. Realizaram-se em Roma e daí divulgou-se o seu uso e a invocação de S. Sebastião para a Fome, Peste e Guerra¹²³.

Descobrem-se registos destes mesmos cortejos penitenciais, invocando a protecção e a ajuda divina em todas as freguesias do concelho, encontrando-se bandeiras e várias imagens de S. Sebastião (pelo menos duas em cada igreja), mas não achamos nenhum registo a partir de 1900,

¹²³ Vd. SOARES, Franquelim Neiva - *Cataclismos, Medo e Piedade. Votos e clamores na arquidiocese de Braga (1550-1900)*, in *Piedade Popular. Sociabilidades - Representações - Espiritualidades*, Actas do Colóquio Internacional, Lisboa, Ed.Terramar / Centro de estudos de História da Cultura / História das Ideias FCSHUNL, 1999, pp. 453 - 471.

exactamente por terem sido proibidas em finais do século XIX. No bem estudado arquivo da freguesia de Beiriz conserva-se a “Provisão Pastoral do Arcebispo de Braga”, datada de 4 de Junho de 1872, interditando estas manifestações invocando que *“se tem convertido em ocasião de muitas irreverências, desacatos e peccados, já por que atravessando montes e sítios escabrosos e caminhos defficeis não é possível guardar-se nellas a decencia e respeito que deve observar-se em todos os actos do culto divino; já porque esfriando a fé e devoção que aconselhou o estabelecimento destas solemnidades, e augmentada a immoralidade de que tudo abusa, têm-se tornado incentivo para ajuntamentos profanos, nos quaes nem a religião, nem a moral publica são respeitadas”*¹²⁴.

É evidente neste documento a consciência de que um cortejo, para ser “sagrado”, deve cumprir as regras da educação, do respeito e da decência, que os longos caminhos escusos não favoreciam. Também temos consciência que a extensão dos percursos não agradava a alguns devotos, tanto mais que a incerteza nas divisões das freguesias eram muitas vezes motivos de discussões e desacatos. Mesmo hoje, em zonas em que se deu o crescimento populacional, antigos marcos desapareceram e cursos de água foram desviados, as fronteiras são difíceis de precisar, motivando acesas questões¹²⁵.

¹²⁴ Vd. Doc. 1 (Vol. 3) - Transcrição da *Provisão Pastoral* em que o Arcebispo Primaz de Braga proíbe as procissões dos cercos de S. Sebastião em volta das freguesias. Data: 1872, Junho, 4. Colocação: Cartório Paroquial de Beiriz. Transcrição do documento nos “Capítulos de Vezita”, ou *Livro de Visitas da Paróquia de Santa Eulália de Beiriz*, tendo no “Termo de Abertura” a data de 28 de Novembro de 1830 e a assinatura de Manuel José Gomes.

¹²⁵ Ainda há cerca de 3 anos surgiram dúvidas acerca dos limites entre Beiriz e Póvoa de Varzim, atendendo que a freguesia de Beiriz continua a invocar a tradição de lhe pertencer uma faixa de terra que segue até ao mar (antes utilizadas para os agricultores irem buscar sargaço), que o crescimento urbanístico da Póvoa agora absorveu. Como é evidente, os habitantes deste local estão naturalmente mais integrados na cidade do que na freguesia interior.

2.1.3. PROCISSÕES “ORDINÁRIAS”

Entre o grupo das “Procissões Ordinárias”, a que limitaremos o nosso estudo, para além das recenseadas em 1900, data de partida do nosso trabalho, importa noticiar outras de realização prévia e ancestral, de que a documentação consultada dá provas.

Como já referimos, a Póvoa de Varzim, mesmo depois de receber carta de foral e se tornar concelho, continuou ligada religiosamente à freguesia de S. Miguel-o-Anjo Argivai. A população da Póvoa marítima tinha que se deslocar àquela igreja para assistir aos serviços religiosos. Era por isso natural que as festas em que mais participavam fossem as celebrações quaresmais, que se realizavam, com mais ou menos pompa, em todas as paróquias, bem como as festividades do “Senhor dos Milagres” (Cristo Crucificado gótico), com confraria documentada em 1758¹²⁶ e a festa do orago de S. Miguel Arcanjo.

Já mencionámos, igualmente, a existência da antiga Ermida de S. Tiago, onde se cultuava a imagem de Nossa Senhora de Varzim, cuja devoção ia crescendo. Aliás, a devoção a esta imagem motivou a realização das primeiras procissões documentadas, em que se levava a imagem às freiras de Santa Clara, num acto de compreensível “vassalagem”.¹²⁷

“As freguezias visinhas pediam algumas vezes a dita imagem e a levavam processionalmente á igreja das religiosas de Santa Clara de Villa do Conde, onde lhe faziam suas preces, findas as quaes a repunham outra vez com a mesma formalidade de acompanhamento. Em uma d'estas occasiões haviam as ditas religiosas mandado fazer uma semelhante imagem, e quando havia de recolher-se a procissão a esta igreja, deram a nova imagem. Não advertiram os moradores d'esta villa na troca com a confusão do povo que acompanhara a senhora: collocaram-na dentro da sua vidraça, e no outro dia appareceu sobre o altar a que se tinha mettido dentro, e dentro a propria que havia ficado em o mosteiro.

*Depois d'este acontecimento nunca mais este povo consentiu sahisse fora d'esta freguezia esta sacrosancta imagem, á qual ainda hoje vem no tempo da quaresma muitos procissonaes votos ás sextas feiras, de todas as freguezias da visinhança.”*¹²⁹

¹²⁶ CARDOSO, Luís (P.e) (dir. quest. em 1758) - *Diccionario Geographico de Portugal, ou Memórias Paroquiais de 1758, ou Indice das Cidades, Villas & Parochias de Portugal conteudas nos 43 volumes manuscriptos do Diccionario Geographico*,... Tomo IV, nº 75, 1832. [BARBOSA, F. (publ. e pref.) - *O Concelho da Póvoa de Varzim no século XVIII - As Memórias Paroquiais de 1736 e 1758*, ... 1958, pp. 288-290.

¹²⁷ A abadessa de Santa Clara de Vila do Conde detinha o jurisdição civil e crime de 1319 até 1540.

¹²⁹ Cf. LEAL, Francisco Felix H. da Veiga - *Noticia da Villa da Povoa de Varzim...1758* [in BARBOSA, F. – *Op. cit.*, pp. 319 - 320.]

A acusação de que as freiras tentaram trocar a imagem motivou, porém, o final destas procissões, revelando, talvez, um sinal de descontentamento, motivado por algumas prepotentes e excessivas exigências, que teriam originado algum desejo de autonomia, que se concretizou em 1540.

A edificação, c. 1452¹³⁰, da Capela da Madre de Deus, mandada construir pelo já referido João Martins Gaio¹³¹, no centro da povoação, possibilitou a solicitação, ao arcebispado de Braga, em 1544, pelo “juiz ordinario, vereadores e povo desta vila” da *“licença para collocarem em sacrario o Sanctissimo Sacramento”*, a qual foi concedida. Tal pedido não poderia ter sido permitido na primitiva igreja matriz de Santa Maria de Varzim, a vetusta capela de S. Tiago, por se encontrar em lugar ermo¹³² e pouco seguro. Assim, logo que começou a ter o sacrário com o Santíssimo, o clero e “o senado desta vila” deixou de participar na Procissão do Corpo de Deus de Vila do Conde, dando princípio à realização desta procissão na própria povoação.

De 1591 é conhecida a provisão do arcebispo em que ficam o clero e a população da vila isentos de participar na de Vila do Conde, sendo obrigados a participar na da Póvoa quatro sacerdotes que vivessem em redor. Neste caso foram destinados os clérigos de Beiriz, Amorim, Terroso e Estela. Em 1625 virão também os párocos de Laundos, Navais e Argivai. Naturalmente, Vila do Conde reclamou mais tarde, esta viragem, em 1637, mas a procissão do Corpus Christi permaneceu na pequena vila da Póvoa, como uma afirmação da sua individualidade. De resto, as freguesias que nela participavam, por se encontrarem territorialmente próximas, irão, no século XIX, ser integradas no próprio concelho da Póvoa.

Essas realizações foram sendo sucessivamente aumentadas. O capitão de navios António Cardia e sua filha Mónica Cardia de Macedo, em testamento comum de 16 de Abril de 1678 (acrescentado de um codicilo de 24 de Abril de 1679) deixaram à *Confraria do Santíssimo Sacramento* da vila, entre outros bens, numerosos foros com a obrigação de todos os anos aquela Irmandade realizar as cerimónias da Semana Santa, dando, assim, início a grandes celebrações litúrgicas e processionais na pequena vila da Póvoa.

Ordenamos, e deixamos por legado, q. na Igreja Matriz desta villa da Povia de Varzim in perpetuão Rey memorião os officios da Semana Santa de cada hum anno convem a saber o officio de trevas na quarta feira de tarde, que se começarão a horas e tempo q. se acabe a horas de Trindades e na quinta feira seguinte se exporá o Santíssimo com o acatamento devido, e de tarde se fará o officio custumado - e na Sexta feira se fará também como he custume nas mais Igrejas, e aqui com Procissão do enterramento do Senhor - e no Sábado se fará o officio das fontes com declaração q. na

¹³⁰ A Capela da Madre de Deus foi mandada construir pela família Gaio e “foi dotada com varias propriedades, e instituida a formalidade de sua successão a 20 de dezembro de 1542”. Cf. LEAL, Francisco Felix Henriques da Veiga - *Noticia da Villa da Povia de Varzim, feita a 24 de Mayo de 1758*. Resposta ao Inquérito dirigido pelo P.e Luís Cardoso, em 1758 [in BARBOSA, F. – *Op. cit.*, p. 322.]

¹³¹ Cf. AMORIM, Manuel - *A Formação da Póvoa de Varzim*, in «O Comércio da Póvoa de Varzim», Póvoa de Varzim, 2003.03.27, p. 2.

¹³² Cf. LEAL, Francisco Felix H. da Veiga - *Noticia da Villa da Povia de Varzim, feita a 24 de Mayo de 1758* [in BARBOSA, F. – *Op. cit.*, p. 322.]

quinta feira da Semana Santa de todos os annos se fará hum Sermão de paixão do Senhor pelas nove horas da noite”¹³³

Além das cerimónias litúrgicas realizadas na igreja é identificada, especificamente, a procissão do Enterro do Senhor, sendo também referida a realização da procissão da Ressurreição entre a igreja matriz e a capela da Madre de Deus, ou capela do Santíssimo Sacramento.

A imponência das cerimónias descritas em testamento justificavam a existência de uma igreja maior e, assim, de novo por vontade do povo, se realizam ampliações na igreja de Santa Maria de Varzim, sem as quais não seria possível dar “cumprimento à obrigação”¹³⁴ de realizar as cerimónias da Semana Santa com a dignidade devida.

Esta documentação não refere as procissões dos Passos e das Endoenças (que se fará na 5.^a Feira Santa). Sabemos, no entanto, que a Confraria dos Passos é instituída em 1699, o que nos faz crer que a realização destes cortejos não deverá ter demorado muito a ser concretizada.¹³⁵

Em 1756 é instituída a Santa Casa da Misericórdia da Póvoa de Varzim, “*criada por diligência da Câmara Municipal e auxílio pecuniário de uma mulher da lavoura, Maria Fernandes, viúva de Manuel Francisco Maio, do lugar da Vila Velha*”¹³⁶. Como sucessora da Confraria dos Santos Passos, que já promovia uma procissão de penitência, criou a “procissão dos Passos” que começou a sair no Domingo de Lázaro, ou seja no Domingo anterior ao Domingo de Ramos. Como se transportava a imagem do Senhor dos Passos para a Matriz na noite anterior, também se criou a tradição da procissão dos fogaréus, ou *Procissão dos Passos de noite*, em que se acompanhava o andor com fogaréus, entre uma igreja e outra.

Entretanto, com a construção da capela na fortaleza da enseada, sagrada em 1743, sabemos, pelo próprio intendente e governador, Francisco Félix Henriques da Veiga Leal (nomeado em 1738), que nela se celebrava a padroeira, N.^a Senhora da Conceição, se festejava a protectora da artilharia, Santa Bárbara e se fazia uma novena a S. José. Mas a sua principal festividade estava ligada à imagem do “Menino Jesus com o coração na mão”, realizando-se uma solene procissão, com andores, “anjos” e o pálio, dedicada ao Santíssimo Sacramento, que conjugava o pároco e o capelão da fortaleza, no Domingo depois da oitava do Corpo de Deus.

“O Menino Jezus com o coração na mão, patrono d'uma grande congregação ou irmandade do Sanctissimo Coração de Jezus, que na dita real capella se acha erecta com o numero de mais de dous mil irmãos da villa e povos circumvisinhos.

¹³³ Testamento cit., fols. 2 v. -3. Transcrito por: GONÇALVES, Flávio - *Um Templo Desaparecido: a antiga Igreja Matriz (depois igreja da Misericórdia)*, Op. cit., p. 220 - 222.

¹³⁴ Cf. GONÇALVES, Flávio - *Um Templo Desaparecido...* Op. cit., 1964, pp. 223 – 224.

¹³⁵ Cf. COSTA, Joaquim Martins da – *As procissões que a Irmandade da Santa Casa da Misericórdia organizava...*, in «Companha», S. C. Misericórdia, P. V., n.º 4, 1994.

¹³⁶ BARBOSA, Fernando - *O Concelho da Póvoa de Varzim no século XVIII...* Op. cit., 1958, p. 277

Por obrigação da dita confraria está n'esta capella, todos os quartos domingos de tarde, exposto o Sanctissimo Sacramento: faz a sua principal festividade na dominga «extra octavam Corporis Christi», principiando o triduo no dia proprio que he a sexta feira antecedente, e concluindo-a com uma solemnissima procissão em que vão muitos andores decentemente ornados, e anjos primorosamente compostos, e debaixo do pallio o Sanctissimo Sacramento, que leva o parcho da villa, por sahir a ella, acompanhando-o o capellão da Fortaleza como tal até ás portas d'ella, e dando esta uma descarga da sua artilharia ao sahir e outra ao entrar o Sacramento.”¹³⁷

Em 6 de Janeiro de 1757 foi benzida a nova igreja matriz e transferido solenemente o Santíssimo Sacramento e grande parte das imagens da antiga igreja, que se tornou a sede da Santa Casa da Misericórdia.

Realizou-se na ocorrência uma “uma solemnissima procissão em que com toda a pomposa magnificencia foram conduzidas do antigo templo do ermo para o novo fabricado entre o povo, as Santas Imagens que deviam sahir da antiga Matriz, e debaixo do palio o Sanctissimo Corpo de Christo Sacramentado, e passando a procissão pelo terreiro de S. Sebastião avistando-a a fortaleza d'esta villa salvou ao rei dos reis com uma descarga de sua artilharia recebendo com a bandeira das reais armas e sagradas quinas, abatida, a benção que o prestes deu á mesma fortaleza, prostrado de joelhos o povo e clero ao cantar o - Tamtum ergo.

Recolhida a procissão, collocadas as imagens nos respectivos altares, exposto o Sacramento augusto no throno, alegres os corações dos freguezes, e com mostras efficazes de devoção todo o povo, se deu principio á missa primeira, que officiou o parcho actual Diogo Ferreira, prestes que havia sido na procissão; actos a que se não faltou em cousa alguma ás ceremonias da igreja.”¹³⁸

As descrições destas duas procissões, uma extraordinária (de sagração de uma igreja) e outra ordinária (da Fortaleza), revelam como os préstitos na vila já incluíam, no século XVIII, “anjos primorosamente compostos”, ou seja “figuras” vestidas segundo as regras litúrgicas, andores artisticamente arrançados, cânticos, sendo de destacar que se reúne o referencial simbólico eclesiástico, militar e civil, numa conjugação de esforços, coadjuvada evidentemente pelo governador da fortaleza, o mesmo que redige estas descrições, com o sabor de uma religiosidade erudita, própria de quem era “familiar do Santo Ofício”.

Procissões excepcionais - realizadas em cumprimentos de votos, ou para realizar preces eram, em paralelo, muito frequentes, envolvendo as imagens que gozavam de maior devoção nas duas igrejas: Nossa Senhora de Varzim¹³⁹ e o Cristo Crucificado morto, da antiga matriz.

¹³⁷ Cf. LEAL, Francisco Felix Henriques da Veiga - *Noticia da Villa da Povia de Varzim... 1758* [in BARBOSA, F. (publ.) - *Op. cit.*, 1958, p. 313.]

¹³⁸ Cf. LEAL, Francisco Felix Henriques da Veiga - *Noticia da Villa da Povia de Varzim... 1758* [in BARBOSA, F. (publ.) - *Op. cit.*, 1958, pp. 336 – 337.]

¹³⁹ Cf. LEAL, Francisco Felix Henriques da Veiga - *Noticia da Villa da Povia de Varzim... 1758* [in BARBOSA, F. (publ.) - *Op. cit.*, 1958, p. 320.]

A imagem gótica de Nossa Senhora de Varzim foi transferida para a nova igreja matriz, sendo a imagem cultuada pela Confraria do Rosário, transmitindo-lhe o seu prestígio. O *Cristo Crucificado*, que se conservou na antiga igreja matriz, depois igreja da Misericórdia, também tinha fama de realizar milagres. Tratando-se, talvez, da escultura de maior dimensão do burgo (com a estatura “de homem”, tal como o Senhor dos Milagres de Argivai, gótico), provavelmente de finais do século XVI ou inícios de XVII, maneirista, apresenta um tratamento anatómico erudito de tipo italianizante, reflectindo um sofrimento contido, mas realista e, simultaneamente, uma beleza verdadeiramente divina, que parecem sugerir-nos tratar-se de uma obra do período dos Filipes, de origem espanhola.¹⁴⁰ Com ele faziam-se *procissões de preces*, pelas ruas da vila, quando por doença ou falta de água se necessitava de invocar a ajuda divina. O gosto pelas belas imagens de grandes dimensões perdurou nos préstitos que vamos encontrar a partir de finais do século XIX.

A realização destas procissões assumiu arraigadas tradições, das quais muitas perduraram ao longo dos séculos, como podemos ver pelo elenco, que apresentaremos, das procissões ordinárias realizadas de 1900 a 2005. E, embora algumas desaparecessem, outras foram surgindo, não diminuindo, nem em número, nem em diversidade.

Mas além de lembrarmos o grande número de cortejos que existiam e os muitos que continuaram a sair, devemos realçar que os cuidados, gosto e conhecimento da liturgia, história sagrada e sentido de organização, colocados na realização destas cerimónias sagradas vão criar consciência e critérios de exigência de qualidade, quer no grupo dos que as elaboram, quer no universo dos fieis que assistem, deveras surpreendentes, numa vila com uma maioria da população pobre e analfabeta. Ao que cremos, o facto deve-se ao “cadinho” formado nesta zona, em que se encontra um conjunto avultado de clérigos (alguns com grande cultura); numerosas associações de cariz religioso, confrarias e irmandades com cuidado em executar e respeitar as funções que lhes foram sendo atribuídas ao longo do tempo; um numeroso grupo de fiéis devotos, com gosto em colaborar e participar em cerimónias religiosas, e um grupo de intelectuais, cientistas e jornalistas, que devido ao interesse pelos aspectos etnográficos e da religiosidade popular, a par da propaganda turística, incentivam a realização de muitos e bons cortejos.

Fundamental, no entanto, é o empenho da classe piscatória e o seu padrão de vida, pautado pela religião e pelas suas festas, as quais favorecem o gosto pelas procissões. Embora maioritariamente pobres, os pescadores são profundamente religiosos e respeitadores da orientação próxima do clero, em particular dos jesuítas, que procuram evitar que caiam na superstição e em credências. Ainda que tendo sempre subjacente um certo tipo de religiosidade popular, empenham-se nas acções religiosas, particularmente nas mais exteriorizadas, ao mesmo tempo que o seu forte

¹⁴⁰ Cf. LEAL, Francisco Felix Henriques da Veiga - *Noticia da Villa da Povia de Varzim...* 1758, [in BARBOSA, F. (publ.) - *Op. cit.*, 1958, p. 318.]

sentido “bairrista” faz com que tentem sempre fazer melhor do que os “vizinhos”, sejam os da varanda do lado, do bairro oposto da Póvoa, ou de uma terra próxima, como Vila do Conde.

Após este breve excursão diacrónico, que procurou situar as primeiras e as principais realizações de cortejos processionais de que há notícia na Póvoa de Varzim, importa que delimitemos a nossa análise ao período seleccionado: 1900-1950, tendo como ponto de referência o levantamento de eventos efectuado na actualidade (2003-2006).

Como metodologia, procuramos organizar as informações disponíveis num elenco sistemático que parte de uma distribuição dos eventos ao longo do ano, tomando como referência comparativa, num primeiro quadro, três cortes cronológicos: 1900/ c.1975/ 2003-2006. Esta esquematização é desenvolvida, num segundo elenco, mais detalhado, a que acrescem as referências de 1925 e ao período entre 1950-1975. Pretendemos, em primeiro lugar, que os dados sistematizados nos referidos quadros permitam uma imediata leitura da evolução do número de procissões, evidenciando os desaparecimentos e as novas emergências. Em simultâneo, os dados apontados, no seu carácter sistemático, deverão constituir um ponto de apoio e uma base de sustentação para todas as análises dos cortejos processionais que desenvolveremos subsequentemente.

Nos quadros relativos às procissões realizadas não incluímos algumas de que encontramos registos esporádicos, mas não provas da sua existência continuada (como acontece, por exemplo, em 1900, com a procissão de S. Bento, entre outras). Também não incluímos nas listagens algumas procissões de cariz nitidamente extraordinário, pelo seu carácter esporádico e conjuntural. Estas são apresentadas numa cronologia de “Procissões extraordinárias” no volume 3, de Apêndices. Apesar da sua importância, pois revelam factos históricos, acontecimentos únicos e especiais, não são aqui descritas, exactamente pelo seu valor “excepcional” em relação ao percurso normal do ano litúrgico.

Os dados resultantes do levantamento de informações relativas às procissões realizadas na Póvoa do Varzim desde 1900 encontram-se sistematizados nos quadros-síntese que se seguem, devendo a sua interpretação decorrer da compreensão dos factos e contextos históricos a que previamente nos reportamos¹⁴¹.

Notícias colhidas, quer nas actas de vereação, quer no copiador do Governo Civil, quer, em particular, nas publicações periódicas, surgem como apontadores preciosos para a compreensão dos contextos precisos em que se realizam as procissões em análise na primeira metade do século XX.

Do mesmo modo, procuramos inserir essa análise num percurso de continuidade em relação ao último quartel do século XIX, iniciativa possível por dispormos do Jornal «ESTRELLA POVOENSE», cujo 1.º número é de 11 de Março de 1877. A partir dele tentamos sondar um pouco das mentalidades e o modo de ver as procissões e outras cerimónias e festividades litúrgicas. Essas leituras e apontamentos

¹⁴¹ Vd. 1.

são tanto mais pertinentes, quanto muitas das tradições se mantiveram, pelo menos, desde o século anterior e irão perdurar no século seguinte.

Dessa análise se depreende, por exemplo, que as celebrações da Semana Santa continuaram a ser realizadas com todo o esplendor e solenidade, incluindo a procissão dos Passos com os “anjinhos” e os sermões realizados com oradores convidados¹⁴², a procissão das Endoenças, na 5.^a Feira Santa, que incluía a visita às igrejas com o Santíssimo exposto e ricamente adornado, e a procissão do Enterro, provavelmente a que se revestia de maior pompa e riqueza, com muitos “anjinhos” e “todos muito bem vestidos”¹⁴³. Outro pormenor curioso são as notícias do retorno de pessoas ilustres de Póvoa e de Vila do Conde, que se deslocaram a Sevilha para assistir “às pomposas festas da Semana Santa”¹⁴⁴, as quais apontam para itinerários de peregrinação religiosa que extrapolavam o próprio país, revelando ainda a importância atribuída às celebrações deste momento do calendário litúrgico..

As notícias desse período referem-se também a festividade com missa cantada a grande instrumental, e a uma procissão dedicada a Nossa Senhora do Loreto, que é, pelo contrário, uma devoção que não irá perdurar. Aliás, na actualidade a curiosa escultura encontra-se sintomaticamente guardada nas reservas da Igreja Matriz.



Figura 10 – N.ª S.ª do Loreto. Séc. XVII (?). Madeira policromada e dourada. Igreja matriz da Póvoa de Varzim.

¹⁴² Documentos n.º 2 e 3. Os números de documentos aqui mencionados referem-se aos quadros do volume 3 – Apêndices. Os quadros e textos transcritos estão divididos em Documentos manuscritos (excepto dois que foram publicados pela Câmara Municipal e se encontram no Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim) e Notícias publicadas em periódicos.

¹⁴³ Documento (Doc.) n.º 3, Quadro de notícias, vol. 3 – Apêndices.

¹⁴⁴ «Estrella Povoense», 1877.04.29, p. 2 e 1877.04.29, p. 2. Transcrição completa pág. 98, volume 3 – Apêndices.

Quadro Geral das Procissões na Póvoa de Varzim (1900 – c. 1975 - 2005)

MÊS	PROCISSÕES - c. 1900 As já desaparecidas (segundo: J. Martins da COSTA, c.1977) estão sublinhadas intermitentes	PROCISSÕES - c. 1975. Segundo: J. Martins da COSTA	PROCISSÕES - 2003 – 2006	PRINCIPAIS PROCISSÕES NO EXTERIOR
01 Janeiro	<u>01.20 - Procissão de S. Sebastião</u> Capela de S. Roque 20 de Janeiro - ????.01.20.	01.20 - - - - - ---	01.20 - - - - -	
02 Fevereiro			02.02 - Cerimónia de N.ª S.ª das Candeias Celebração nas igrejas: bênção das velas 02.02 – Dia Santo - N.ª S.ª da Purificação	Festa de N.ª S.ª das Candeias - <u>Procissão de velas - 6 H da manhã</u> - <u>Procissão da tarde - 15 H.</u> Terroso, PV 02.02 – Dia Santo - N.ª S.ª das Candeias <u>Procissão de N.ª S.ª da Guia,</u> Domingo seguinte de 02.02. Vila do Conde
	Cerimónia das Cinzas. 4.ª feira de Cinzas	Cerimónia das Cinzas. 4.ª feira de Cinzas	02.09 - Cerimónia das Cinzas. 4.ª feira de cinzas – início da Quaresma 2004.02.09	
03 Março	<u>Procissão da Comunhão aos entrevados</u> 2.º Domingo da Quaresma	- - - - -	03.14 - - - - -	<u>Procissão dos Passos.</u> Amorim, PV Domingo de Lázaro. 16 H. 2004.03.21
	<u>Procissão dos Passos da noite, ou “das Lanternas”(?)</u> Sábado da Paixão.	<u>Procissão dos Passos da noite, ou “das Lanternas”.</u> Crianças levam lanternas Sábado da Paixão	03.27 - <u>Procissão dos Passos da noite - Procissão das Lanternas</u> Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição / Ig. da Misericórdia Sábado da Paixão, 21 Horas - 2004.03.27	
	<u>Procissão dos Passos de dia / Procissão do Santo Lenho</u> Domingo da Paixão.	<u>Procissão dos Passos de dia</u> <u>Procissão do Santo Lenho</u> (1950) Domingo da Paixão.	03.28 - <u>Procissão dos Passos – de Dia.</u> Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição / Ig. da Misericórdia Domingo da Paixão - tarde, 16 / 17 Horas. - 2004.03.28	
04 Abril			04.02 - <u>Procissão de velas – Via-Sacra.</u> Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição Dia de semana - anterior à Semana Santa, 21. 30 H. 2004.04.02	
	<u>Bênção dos Ramos</u> Domingo de Ramos	<u>Procissão de Ramos e bênção</u> Domingo de Ramos	04.04 - <u>Procissão de Ramos e Bênção</u> Ig. Matriz de N.ª S.ª da C. / Ig. da Misericórdia Domingo de Ramos, 10.30 Horas. – 2004.04.04	<u>Procissão dos Passos.</u> Rates, PV / Domingo de Ramos, 16H. - 2004.04.04
	<u>Procissão do Ecce Homo ou das Endoenças, ou Lanternas</u> 5ª feira Santa - nocturna	- - - - -	04.08 - Celebração da Ceia do Senhor - <u>Procissão Eucarística</u> na Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição Quinta-feira Santa. 17 – 19 H. - 2004.04.08 04.08 - Visita às Igrejas e Capelas da cidade Quinta-feira Santa. 21.30 – 24 H. – 2004.04.08	
	<u>Procissão do Enterro do Senhor</u> Sexta-feira Santa	<u>Procissão do Enterro do Senhor</u> Sexta-feira Santa - nocturna (Na década de 30 era ao fim da tarde)	04.09 - <u>Procissão do Enterro do Senhor.</u> Póvoa de Varzim - N.ª S.ª da Conceição - Matriz. Sexta-feira Santa. 22 H. 2004.04.09	
	<u>Procissão da Ressurreição</u> Domingo de Páscoa	<u>Procissão da Ressurreição</u> Domingo de Páscoa	04.11 - <u>Procissão da Ressurreição</u> Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição Domingo de Páscoa. 10 H - 2004.04.11 04.11 - Visita Pascal Domingo de Páscoa. 14.30 – 19 H. 2004.04.11 04.11 - <u>Procissão de Cruzes Pascais</u> no regresso à Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição Domingo de Páscoa. 19 H - 2004.04.11.	04.12 - Merenda do Anjo 2.ª-feira de Páscoa
Domingo de Páscoa (ocorre entre 22 de Março a 25 de Abril)	<u>Procissão da Ladainha Maior</u> Igreja N.ª S.ª da Conceição – Matriz / Cruzeiro / 04.25 - manhã muito cedo	- - - - -	- - - - -	

	<u>Procissão de N.ª S.ª da Boa Viagem</u> Domingo da Pascoela	<u>Procissão de N.ª S.ª do Desterro</u> Capela do Desterro Domingo de Pascoela (mudou para o 2.º domingo de Junho)	04.18 - ----- -	<u>Procissão de N.ª S.ª do Bom Sucesso</u> Argivai, PV Domingo de Pascoela -16 H. 2004.04.18
05 Maio			05.13 - <u>Procissão de velas de N.ª S.ª da Saúde de Laundos</u> Procissão de velas da cap.S. Roque até à Igreja Matriz de N.ª S.ª da Conceição 13 de Maio – nocturna – velas - 2004.05.13.	
			05.14 - <u>Procissão de N.ª S.ª de Fátima – dos Infantários</u> Praça do Almada – Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição Próximo do dia 13 de Maio – tarde - 2004.05.14	
	<u>Procissão das Ladainhas Menores ou Rogações</u> / Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição / Cruzeiro Manhã muito cedo - nos 3 dias que precedem a Ascensão (40 dias depois da Páscoa) 05.18 – 05.20	-----		Encerramento das festividades da Páscoa <u>Procissão do Senhor dos Milagres</u> / Festa da “Hora”, ou “das rosas” / Argivai, PV / Domingo de Ascensão - 16 H. - 23.05.2004
			05.24 - <u>Procissão da Festa do Mês de Maio das crianças da catequese</u> Adro da Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição Próximo do fim do Mês de Maio – noite (21.30 – 22.30) - 2004.05.24	
			05.30 - <u>Procissão / Peregrinação de N.ª S.ª da Saúde de Laundos.</u> N.ª S.ª da Saúde sai da Igreja Matriz de N.ª S.ª da Conceição num andor em peregrinação para Laundos. Último Domingo de Maio - 2004.05.30.	
06 Junho			05.31 - <u>Procissão de N.ª S.ª do Rosário de Fátima</u> / Encerramento do Mês de Maria – velas N.ª S.ª da Conceição – Matriz PV. Fim do Mês de Maria – nocturna / velas - 2004.05.31.	
			06.05 - <u>Procissão de N.ª S.ª de Belém</u> Capela de N.ª S.ª de Belém (efectua-se de 2 em 2 anos) 1.º Domingo de Junho - 2005.06.05	
	<u>Procissão do Corpo de Deus</u> Festa Móvel	<u>Procissão do Corpo de Deus</u> Festa Móvel	06.10 - <u>Procissão do Corpo de Deus</u> Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição Dia do Corpo de Deus - feriado nacional Móvel - 2004.06.10.	<u>Procissão do Corpo de Deus</u> Rates, PV / Dia do Corpo de Deus - 2004.06.10.
		<u>Procissão do Sagrado Coração de Jesus</u> / 6ª feira seguinte à 8ª do Corpo de Deus	-----	
			06.13 - <u>Procissão de N.ª S.ª do Desterro</u> Capela do Desterro *Alterada do Domingo de Pascoela para o 2.º Domingo de Junho – 16 h. - 2004.06.13	
07 Julho	<u>Procissão de Santo António</u> 13 de Junho	-----	06.13 - -----	<u>Procissão de S. António</u> Capela de S. António de Cadilhe. Amorim, PV Domingo. 16H / 2004.06.13. <u>Procissão de S. António</u> Capela de S. António, Rates, p.v. Domingo.16 H - 2004.06.13.
	<u>Procissão S. João</u> 24 de Junho	-----	06.24 - -----	
		<u>Procissão dos Santos Populares / S. Pedro</u> 29 de Junho	06.29 - <u>Procissão de S. Pedro / dos Santos Populares</u> N.ª S.ª da Conceição – Matriz, PV. Junho. 29 – Feriado Municipal - 2004.06.29.	
	<u>Procissão da Senhora de Belém</u> (?) 1º Domingo de Julho (1975)	<u>Procissão da S.ª de Belém</u> 1º Domingo de Julho (1975). Foi alterada para o		

	<u>Procissão de N.ª S.ª do Carmo</u> 16 de Julho (não "sai" sempre)	1.º Domingo de Junho <u>Procissão de N.ª S.ª do Carmo</u> 16 de Julho (não "sai" sempre)	07.16 -----	
	<u>Procissão de Santiago</u> 25 de Julho (?)	-----	07.25 ----- ----	<u>Procissão de N.ª S.ª da Boa Viagem</u> Igreja da Aguçadoura Domingo (último de Julho) 16 H. 2004.07.25
08 Agosto				<u>Procissão do Senhor dos Navegantes</u> Caxinas, Vila do Conde 1.º Domingo de Ag. - 2004.08.01 <u>Procissão de N.ª S.ª das Neves</u> Igreja de Aver-o-Mar / Domingo depois de 08.05 / 16 H. 2004.08.08
	<u>Procissão de N.ª S.ª da Assunção</u> 08.15 - Feriado Concelhio <u>Procissão de N.ª S.ª das Dores</u> Capela de N.ª S.ª das Dores Último Domingo de Agosto (será alterada para Setembro) 1900.08.26	08.15 - <u>Procissão de N.ª S.ª da Assunção</u> 08.15 - Feriado	08.15 - <u>Procissão de N.ª S.ª da Assunção</u> Igreja de N.ª Senhora da Lapa, PV. Agosto, 15 - Feriado Nacional - 15.08.2004.	
09 Setembro		<u>Procissão do Sr. do Bonfim</u> Capela do Sr. do Bonfim 1.º Domingo de Setembro	09.05 - <u>Procissão do Senhor do Bonfim</u> Antes de 1978: dia, depois: noite (velas) / 2000 em diante: dia. / Capela do Senhor do Bonfim 1º Domingo de Setembro - 2003.09.07 / 2004.09.07	
	<u>Procissão de S. José de Ribamar</u> Capela de S. José de Ribamar 2º Domingo de Setembro – 09.12	----- --	09.12 -----	
		<u>Procissão de N.ª S.ª das Dores</u> 3.º Domingo de Setembro	09.19 - <u>Procissão de N.ª S.ª das Dores</u> Capela de N.ª S.ª das Dores 3º Domingo Setembro - Festa móvel - 2004.09.19	
10 Outubro	<u>Procissão de N.ª S.ª do Rosário</u> 2.º Domingo de Outubro (?)	<u>Procissão de N.ª S.ª do Rosário</u> 2.º Domingo de Outubro	10.10 - <u>Procissão de N.ª S.ª do Rosário</u> N.ª S.ª da Conceição – Matriz PV. Domingo a seguir ao dia 11, ou 2.º Domingo - 10.10.2004	
			10.17 - <u>Procissão em honra das Santas Infâncias</u> : Menino Jesus de Praga e N.ª S.ª da Apresentação Rainha / Igreja da Misericórdia 3.º Domingo de Outubro – 2004.10.17.	
11 Novembro	<u>Procissão do Cemitério</u> 11.02 (?)	<u>Procissão do Cemitério</u> 11.01	11.01 - <u>Procissão do Cemitério</u> Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição / Confraria das Almas. <i>Dia de Todos os Santos</i> 11.01 - Feriado Nacional - 2004.11.01	
	Romagem a S. André Capela de S. André de Aver-o-Mar, PV. 11.30 - Dia da festa - 2004.11.30	Romagem a S. André Capela de S. André de Aver-o-Mar, PV. 11.30 - Dia da festa	11.30 - Romagem a S. André Capela de S. André de Aver-o-Mar, PV. 11.30 - Dia da festa - 2004.11.30	<u>Procissão de S. André e N.ª S.ª do Leite</u> Capela de S. André, Aver-o-Mar, PV Domingo a seguir á festa de S. André: 11.30 – 2004.12.05
12 Dezembro	Romaria e <u>Procissão de N.ª S.ª da Conceição do Castelo</u> 10.07 - 10.08	<u>Procissão da N.ª S.ª da Conceição do Castelo</u> 10.07 - Nocturna – velas	12.07 - <u>Procissão de N.ª S.ª da Conceição</u> e Romaria Capela do Castelo [Fortaleza] / Guarda Fiscal 12.07 - Nocturna – velas	.

			10.08 – Romaria e celebração litúrgica Cap. do Castelo e Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição	
				<u>Procissão de Santa Luzia</u> Navais, PV - Domingo a seguir ao 13 – 2003.12.14

Quadro 1 - Quadro Geral das Procissões na Póvoa de Varzim

Legenda

Procissões – negrito e sublinhadas
Roxo – ciclo da Páscoa
Azul – Mês de Maria – N.ª Senhora de Fátima – Mês de Maria (Fátima / Saúde etc.) /
Azul escuro – Festas diversas dedicadas a N.ª Senhora
Vermelho - Festas Cristológicas e / ou Eucarísticas
Vermelho escuro - Festas dos “Santos Populares”: S. João, S. António e S. Pedro e santos do verão
Roxo acinzentado - Mês das Almas (Novembro)
Verde escuro - Festividades do Natal
Cinzento - sublinhado a ponteadado – procissões antigas cujo dia foi alterado
Cinzento azulado – sublinhado intermitente Procissões que deixaram de se realizar.
Cerimónias litúrgicas / Tradições – não sublinhadas

Fonte: Todos os corpos documentais consultados

Devemos, também, destacar nesta época, a referência às procissões e romarias a que o poveiro já ia tradicionalmente e continuou a frequentar até à actualidade, seguindo o preceito de ir assistir e pagar as suas promessas. Referimo-nos, nomeadamente à procissão dos Passos de Amorim (no Domingo de Lázaro, portanto antes da procissão dos passos na Póvoa) e à romaria do Senhor dos Milagres, em Argivai.¹⁴⁶

Ao encetarmos uma observação mais próxima, no tempo, sobre os préstitos sagrados realizados a partir de 1900, devemos evocar alguns outros acontecimentos com eles mais directamente ou indirectamente relacionados .

São reconhecidas as interferências de aspectos sócio-económicos e políticos na realização, ou não, de festividades. Dados pertinentes sobre estas matérias encontram-se compulsados na documentação apresentada ao volume 3. Quer os registos camarários, quer as notícias dos periódicos apontam para difíceis condições de vida e para mudanças nas opções políticas que, embora não impeçam definitivamente a continuação da realização de festividades, podem-lhes alterar o sentido e a finalidade.

Em 1900 e nos anos subsequentes assiste-se ao avolumar da emigração da comunidade piscatória, principalmente para o Brasil, associada ao crescente problema da fome e ao fraco rendimento das pescarias. A "Fome" tornou-se um flagelo da "*classe piscatória*"¹⁴⁸, o que prejudica, naturalmente, a realização das festividades porque diminuem as ofertas de esmolas e o envolvimento das pessoas nesses eventos.

Na imprensa há vozes que alertam para a "gravíssima crise de fome" que atinge a "*laboriosa população marítima desta praia*", agravada pela competição imposta pelas técnicas de pesca usadas pelos barcos vindos de Espanha, os quais se identificam como dispondo de "*systemas de pesca, que destroem a criação*"¹⁴⁹.

Em desespero, a *Real Irmandade de N.ª S.ª da Assunção* - a associação "de classe", defensora dos "homens do mar" -, em conjunto com a Câmara Municipal e a Associação Comercial, enviam uma "*representação ao governo de Sua Majestade*", contra a "*pesca por meio dos arrastões e traina*"¹⁵⁰.

Sentimos o cuidado, ao longo da documentação dos primeiros anos do século, de se dar uma solução ao problema da fome. Os autarcas tentam justificar o pedido de subsídios invocando a luta contra a mendicidade tão perniciosa na época balnear e durante as festividades. A criação da Beneficente (em 1906) é uma medida que igualmente tenta atenuar as dificuldades dos tempos.

¹⁴⁸ Ver: Doc. n.º 72, de 22.04.1900. Quadro de notícias, volume 3 – Apêndices.

¹⁴⁹ Ver: Doc. n.º 84. «ESTRELLA POVOENSE», Nº 239, 1900.07.15 p. 1. Quadro de notícias, volume 3 – Apêndices.

¹⁵⁰ Ver: Doc. n.º 59. «ESTRELLA POVOENSE», Nº 241, 1900.07.29, p. 2. Quadro de notícias, volume 3 – Apêndices.

Quadro Geral das Procissões na Póvoa de Varzim: 1900 – 1925 – 1950/1975 – 2003/2005 - Imprensa

MÊS	PROCISSÕES - c. 1900 <i>As já desaparecidas (segundo: J. Martins da COSTA, c.1977), estão sublinhadas intermitentes</i>	PROCISSÕES – 1925	PROCISSÕES – 1950 / c. 1975	PROCISSÕES - 2003 – 2006	PRINCIPAIS PROCISSÕES NO EXTERIOR
-----	--	-------------------	-----------------------------	--------------------------	-----------------------------------

INVERNO / FOME, PESTE E GUERRA

01 Janeiro	<u>01.20 - Procissão de S. Sebastião</u> <u>Capela de S. Roque / S. Tiago</u> 20 de Janeiro –ou Domingo seguinte 1900.01.21 – 15 H. <i>numerosos grupos de anjinhos e figuras alegóricas</i>	<u>01.20 - Procissão de S. Sebastião</u> <u>Capela de S. Roque</u> 20 de Janeiro - ????.01.20 1925	<u>01.20 – Festividade de S. Sebastião</u> (deixou de se realizar neste quartel) Não encontramos notícia da procissão para 1950.	01.20 - - - - - - - - - -	
---------------	---	--	--	---------------------------	--

FINAL DO INVERNO E DESPERTAR DA PRIMAVERA / FESTA DA LUZ

02 Fevereiro	02.02 - Cerimónia de N.ª S.ª das Candeias Celebração nas igrejas: bênção das velas 02.02 – Dia Santo - N.ª S.ª da Purificação	02.02 - Cerimónia de N.ª S.ª das Candeias Celebração nas igrejas: bênção das velas 02.02 – Dia Santo - N.ª S.ª da Purificação	02.02 - Cerimónia de N.ª S.ª das Candeias Celebração nas igrejas: bênção das velas 02.02 – Dia Santo - N.ª S.ª da Purificação	02.02 - Cerimónia de N.ª S.ª das Candeias Celebração nas igrejas: bênção das velas 02.02 – Dia Santo - N.ª S.ª da Purificação	Festa de N.ª S.ª das Candeias – Terroso, PV - <u>Procissão de velas</u> - 6 H da manhã - <u>Procissão da tarde</u> - 15 H. 02.02 – Dia Santo - N.ªS.ª das Candeias <u>Procissão de N.ª S.ª da Guia,</u> Domingo seguinte de 02.02 - Vila do Conde
-----------------	--	--	--	--	---

PRIMAVERA / QUARESMA – PREPARAÇÃO PARA A PÁSCOA

	Cerimónia das Cinzas. g. Matriz de N.ª S.ª da Conceição 4.ª feira de Cinzas	Cerimónia das Cinzas. Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição 4.ª feira de Cinzas	Cerimónia das Cinzas. Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição 4.ª feira de Cinzas	02.09 - Cerimónia das Cinzas. Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição 4.ª feira de cinzas – início da Quaresma (2004.02.09)	
03 Março	<u>Procissão da Comunhão aos entrevados e presos</u> Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição 4.º Domingo da Quaresma 1900.03.25 - Procissão só com clero e confrades 1925.03.22	<u>Procissão da Comunhão aos entrevados</u> Domingo da Quaresma 1925.03.22	- - - - -	<u>03.14</u> - - - - - - - - -	<u>Procissão dos Passos.</u> Amorim, PV Domingo de Lázaro. 16 H. 2004.03.21 1900 1925.03.22
	<u>Procissão dos Passos da noite, ou “das Lanternas” (?)</u> Ig. da Misericórdia / Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conc. Sábado da Paixão.	<u>Procissão dos Passos da noite, ou “das Lanternas”.</u> Crianças levam lanternas trabalhadas. Ig. da Misericórdia / Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conc. Sábado da Paixão	<u>Procissão dos Passos da noite, ou “das Lanternas”.</u> Crianças levam lanternas trabalhadas. Ig. da Misericórdia / Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição Sábado da Paixão 1950	03.27 - <u>Procissão dos Passos da noite - Procissão das Lanternas</u> Ig. da Misericórdia. Sábado da Paixão, 21 Horas - 2004.03.27	
	<u>Procissão dos Passos de dia / Procissão do Santo Lenho</u> Ig. Matriz de N.ª S.ª da C. / Ig. da Misericórdia Domingo da Paixão. 1877 1900.04.01	<u>Procissão dos Passos de dia / Procissão do Santo Lenho</u> (1950) Ig. Matriz de N.ª S.ª da C. / Ig. da Misericórdia Domingo da Paixão. 1925	<u>Procissão dos Passos de dia ou Procissão do Santo Lenho</u> (1950) Ig. Matriz de N.ª S.ª da C. / Ig. da Misericórdia Domingo da Paixão. 1950	03.28 - <u>Procissão dos Passos – de Dia.</u> Ig. da Misericórdia Domingo da Paixão - tarde, 16 / 17 Horas. - 2004.03.28	
04 Abril				04.02 - <u>Procissão de velas – Via-Sacra.</u> Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição Sexta-feira à noite, anterior à Semana Santa, 21. 30 H. 2004.04.02	

PRIMAVERA / SEMANA SANTA - PÁSCOA

	<u>Bênção dos Ramos</u> Ig. Matriz de N.ª S.ª da C. (cerimónia no interior) Domingo de Ramos	<u>Benção de Ramos e Procissão dos Ramos</u> Ig. da Misericórdia / Ig. Matriz de N.ª S.ª da C. Domingo de Ramos (após 1913)	<u>Benção de Ramos e Procissão dos Ramos</u> Ig. da Misericórdia / Ig. Matriz de N.ª S.ª da C. Domingo de Ramos (após 1913) 1950 – notícia da procissão	04.04 - <u>Procissão de Ramos e Bênção</u> Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição / Ig. da Misericórdia Domingo de Ramos, 10.30 Horas. – 2004.04.04	<u>Procissão dos Passos.</u> Rates, PV Domingo de Ramos, 16H. - 2004.04.04
	<u>Procissão das Endoenças, do Ecce Homo ou Lanternas</u> Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição <u>5ª feira Santa.: nocturna</u> 1877...“P. das Endoenças -com estandartes e 4 andores (Sr. da prisão, Sr. da Cana-verde, Sr. dos Passos e Sr. Crucificado). Igrejas com o SS. Sacram.: Matriz, Dolores, S. José e Lapa – decoradas 1900.04.12	<u>Procissão do Ecce Homo ou das Endoenças, ou Lanternas</u> Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição <u>5ª feira Santa.: nocturna</u> Cf. GRAÇA, A. Santos – O Poveiro, PV, 1932, p. 102.	- - - - -	04.08 - <u>Celebração da Ceia do Senhor - Procissão Eucarística</u> Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição Quinta-feira Santa. 17 – 19 H. - 2004.04.08 04.08 - <u>Visita às Igrejas e Capelas da cidade</u> Quinta-feira Santa. 21.30 – 24 H. -2004.04.08	

Domingo de Páscoa (ocorre entre 22 de Março a 25 de Abril)	Procissão do Enterro do Senhor Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição Sexta-feira Santa - “ <i>saindo de tarde</i> ” 1877 – procissão de tarde com muitos anjinhos	Procissão do Enterro do Senhor Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição Sexta-feira Santa - na década de 30 era ao fim da tarde 1925 – de tarde	Procissão do Enterro do Senhor Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição Sexta-feira Santa - nocturna 1950 – notícia da procissão	04.09 - Procissão do Enterro do Senhor . Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição Sexta-feira Santa . 22 H. - 2004.04.09	
	Procissão da Ressurreição Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição da PV. Domingo de Páscoa 1900.04.15 – Cerimónia e procissão de Manhã [Visita pascal de tarde]	Procissão da Ressurreição Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição Domingo de Páscoa 1925 - manhã	Procissão da Ressurreição Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição Domingo de Páscoa 1950 – notícia da procissão eucarística	04.11 - Procissão da Ressurreição Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição da PV. Domingo de Páscoa . 10 H - 2004.04.11 04.11 - Visita Pascal Domingo de Páscoa. 14.30 – 19 H. 2004.04.11 04.11 - Procissão de Cruzes Pascais Regresso à Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição Domingo de Páscoa . 19 H - 2004.04.11.	04.12 - Merenda do Anjo 2.ª-feira de Páscoa
	Procissão da Ladainha Maior Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição / Cruzeiro 04.25 - manhã muito cedo Cf. COSTA, J. Martins da - <i>Ob. Cit.</i> , 1979, pp. 208.	Procissão da Ladainha Maior Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição / Cruzeiro 04.25 - manhã muito cedo (anos antes de 1975) Cf. COSTA, J. Martins da - <i>Ob. Cit.</i> , 1979, pp. 208.	Procissão da Ladainha Maior Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição / Cruzeiro 04.25 - manhã muito cedo (anos antes de 1975) Cf. COSTA, J. Martins da - <i>Ob. Cit.</i> , 1979, pp. 208.	04.25 -----	

Mês de Maio (alargado) / Mês de Maria

	Procissão de N.ª S.ª da Boa Viagem (???) Ig. de N.ª S.ª da Lapa Domingo da Pascoela	Procissão de N.ª S.ª da Boa Viagem (?) Ig. de N.ª S.ª da Lapa (até 1937 ou 1938) Domingo da Pascoela	----- Procissão de N.ª S.ª do Desterro Capela do Desterro (paróquia de S. José de Ribamar) Domingo de Pascoela 1950.04.23 (no final do séc. XX mudou para o 2.º domingo de Junho)	04.18 -----	Procissão de N.ª S.ª do Bom Sucesso Argivai, PV Domingo de Pascoela -16 H. 2004.04.18
05 Maio				05.13 - Procissão de velas de N.ª S.ª da Saúde de Laundos Capela S. Roque (paróquia de S. José de Ribamar) vinda de Laundos em carro de Bombeiros até à Igreja Matriz de N.ª S.ª da C. 13 de Maio – nocturna – velas - 2004.05.13.	
				05.14 - Procissão de N.ª S.ª de Fátima – dos Infantários Praça do Almada – Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição Próximo do dia 13 de Maio –Sexta-feira tarde - 2004.05.14	
	Procissão das Ladainhas Menores ou Rogações / Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição / Cruzeiro Manhã muito cedo - nos 3 dias que precedem a Ascensão (40 dias depois da Páscoa) 05.18 – 05.20 Cf. COSTA, J. Martins da - <i>Ob. Cit.</i> , 1979, p. 208.	Procissão das Ladainhas Menores ou Rogações / Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição / Cruzeiro Manhã muito cedo - nos 3 dias que precedem a Ascensão (40 dias depois da Páscoa) 05.18 – 05.20 (anos antes de 1975) Cf. COSTA, J. M. da - <i>Ob. Cit.</i> , 1979, p. 208.	Procissão das Ladainhas Menores ou Rogações / Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição / Cruzeiro Manhã muito cedo - nos 3 dias que precedem a Ascensão (40 dias depois da Páscoa) 05.18 – 05.20 (anos antes de 1975) Cf. COSTA, J. Martins da - <i>Ob. Cit.</i> , 1979, p. 208..		Encerramento das festividades da Páscoa Procissão do Senhor dos Milagres / Festa da “Hora”, ou “das rosas” Argivai, PV Domingo de Ascensão - 16 H. - 23.05.2004
				05.24 - Procissão da Festa do Mês de Maio das crianças da catequese Adro da Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição Próximo do fim do Mês de Maio – noite (21.30 – 22.30) - 2004.05.24	
				05.30 - Procissão / Peregrinação de N.ª S.ª da Saúde de Laundos. Sai da Igreja Matriz de N.ª S.ª da Conceição num andor em peregrinação para Laundos. Último Domingo de Maio - 2004.05.30.	
06 Junho				05.31 - Procissão de N.ª S.ª do Rosário de Fátima / Encerramento do Mês de Maria – velas Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição Fim do Mês de Maria – nocturna - velas - 2004.05.31.	
				06.05 - Procissão de N.ª S.ª de Belém Capela de N.ª S.ª de Belém (só se efectua de 2 em 2 anos) – paróquia da Matriz de N.ª S.ª da Conceição 1.º Domingo de Junho - 2005.06.05	

Final da Primavera – Cristo / Eucaristia / Sagrado Coração de Jesus

***_>	Procissão do Corpo de Deus /Santíssimo Sacramento (?) Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição Festa Móvel 1900. 06.17 – procissão	Procissão do Corpo de Deus Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição Festa Móvel	Procissão do Corpo de Deus Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição Festa Móvel 1950.06.08	06.10 - Procissão do Corpo de Deus Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição Dia do Corpo de Deus - feriado nacional Móvel - 2004.06.10.	Procissão do Corpo de Deus Rates, PV / Dia do Corpo de Deus - 2004.06.10.
	Procissão do Sagrado Coração de Jesus. Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição 6ª feira seguinte à Procissão do Santíssimo Sacramento 1900.06.22 – procissão		Procissão do Sagrado Coração de Jesus Basílica / Igreja do Sagrado Coração de Jesus (paróquia da Matriz) 6ª feira seguinte à 8ª do Corpo de Deus	-----	

VERÃO - Santos populares – Festas do Sol

				06.13 - <u>Procissão de N.ª S.ª do Desterro</u> Capela do Desterro *Alterada do Domingo de Pascoela para o 2.º Domingo de Junho – 16 h. - 2004.06.13	
	Procissão de Santo António Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição 13 de Junho 1900.06.17 - Procissão com "anjinhos" e meninos da comunhão	Procissão de Santo António Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição 13 de Junho	-----	06.13 -----	Procissão de S. António Capela de S. António de Cadilhe, Amorim, PV Domingo. 16H / 2004.06.13. Procissão de S. António Capela de S. António, Rates, P.V. Domingo.16 H - 2004.06.13.
	Procissão de S. João Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição 24 de Junho 1900.06.24 - Procissão com "anjinhos"		-----	06.24 -----	
			Procissão de S. António e S. Pedro / 1950.06.25 Procissão dos Santos Populares / S. Pedro Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição (S. Pedro a partir de 1962) 29 de Junho	06.29 - Procissão de S. Pedro e dos Santos Populares Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição Junho. 29 – Feriado Municipal - 2004.06.29.	

Verão – “Festas de Verão”

07 Julho	Procissão da Senhora de Belém (?). Capela de N.ª S.ª de Belém (paróquia da Matriz) 1º Domingo de Julho 1900.07.01 - Procissão. Missa cantada, por música, sermão de manhã e de tarde. Arraial no fim.	Procissão da Senhora de Belém (?). Capela de N.ª S.ª de Belém (paróquia da Matriz) 1º Domingo de Julho	Procissão da S.ª de Belém 1º Domingo de Julho (1975). <u>Foi alterada para o 1.º Domingo de Junho</u>		
	Procissão de N.ª S.ª do Carmo Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição 16 de Julho (não “sai” sempre) 1900.07.22 - procissão, adornada de anjos, precedendo o andor da Virgem, um grupo de freiras carmelitas, entoando canticos com acompanhamento de musica	Procissão de N.ª S.ª do Carmo Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição 16 de Julho (não “sai” sempre)	Procissão de N.ª S.ª do Carmo Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição 16 de Julho (não “sai” sempre) <i>1950.07.16 - todas as Confrarias e numerosos grupos alegóricos, além dos andores de Santa Terezinha, Sr.r do Bonfim e N.ª S.ª do Carmo.</i>	07.16 -----	
	Procissão de Santiago (???) Capela de S. Roque /S. Tiago 25 de Julho (deixou de sair, mas não sabe desde quando) Cf. COSTA, J. Martins da - <i>Ob. Cit.</i> , 1978, p. .177.	07.25 -----	..-----	07.25 -----	Procissão de N.ª S.ª da Boa Viagem Igreja da Aguçadoura Domingo (último de Julho) 16 H. 2004.07.25
08 Agosto					Procissão do Senhor dos Navegantes Caxinas, Vila do Conde 1.º Domingo de Ag. - 2004.08.01 Procissão de N.ª S.ª das Neves Igreja de Aver-o-Mar / Domingo depois de 08.05 /16 H. 2004.08.08
	Procissão de N.ª S.ª da Assunção Igreja de N.ª S.ª da Lapa 08.15 - Feriado Concelhio	Procissão de N.ª S.ª da Assunção Igreja de N.ª S.ª da Lapa 1925	08.15 - Procissão de N.ª S.ª da Assunção Igreja de N.ª S.ª da Lapa (paróquia de N.ª S.ª da Lapa) 1950.08.15	08.15 - Procissão da N.ª S.ª da Assunção Igreja de N.ª S.ª da Lapa (paróquia de N.ª S.ª da Lapa) Agosto, 15 - Feriado Nacional - 15.08.2004.	
	Procissão de N.ª S.ª das Dores Capela de N.ª S.ª das Dores (paróquia da Matriz) Último Domingo de Agosto (será alterada para Setembro) 1900.08.26				
09 Setembro			Procissão do Senhor do Bonfim Capela do Sr. do Bonfim (paróquia da Matriz de N.ª S.ª da C.) 1.º Domingo de Setembro	09.05 - Procissão do Senhor do Bonfim Antes de 1978: dia / Depois de 1978: noite (velas) / 2000 em diante: dia. Capela do Sr. do Bonfim (paróquia da Matriz PV) 1º Domingo de Setembro - 2003.09.07 / 2004.09.05	
	Procissão de S. José de Ribamar. Capela de S. José de Ribamar 3º Domingo de Setembro 1900.09.16 - procissão que percorrerá todo o bairro balnear.	Procissão de S. José de Ribamar. Capela de S. José de Ribamar 2º Domingo de Setembro – 09.12	Procissão de S. José de Ribamar. Igreja de S. José de Ribamar (paróquia de S. José de Ribamar) – deixou de sair durante este quartel, antes de 1975 2º Domingo de Setembro – 09.12	09.12 -----	
		Procissão de N.ª S.ª das Dores Capela de N.ª S.ª das Dores (paróquia da Matriz) 1925.09.13 – 2.º Domingo de Setembro	Procissão de N.ª S.ª das Dores Capela de N.ª S.ª das Dores (paróquia da Matriz) 1950. 09.17 - 3.º Domingo de Setembro	09.19 - Procissão de N.ª S.ª das Dores Capela de N.ª S.ª das Dores (paróquia da Matriz) 3º Domingo Setembro - Festa móvel – 2004.09.19	

OUTONO - Festas de Início do Outono

10 Outubro	Procissão de N.ª S.ª do Rosário (???) Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição 1900.10.07 - 1.º Domingo de Outubro – festa litúrgica, igreja decorada, mas não referem procissão		Procissão de N.ª S.ª do Rosário Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição 1950.10.08 - 2.º Domingo de Outubro	10.10 - Procissão de N.ª S.ª do Rosário Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição Domingo a seguir ao dia 11, ou 2.º Domingo - 10.10.2004	
				10.17 - Procissão em honra das Santas Infâncias : Menino Jesus de Praga e N.ª S.ª da Apresentação Rainha Igreja da Misericórdia 3.º Domingo de Outubro – 2004.10.17.	

Celebração dos Mortos – Final do Outono

11 Novembro	Procissão do Cemitério Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição / Cemitério 11.01 / Dia dos Fieis defuntos (sendo Domingo ou no seguinte)	Procissão do Cemitério Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição / Cemitério 11.01 / Dia dos Fieis defuntos (sendo Domingo ou no seguinte)	Procissão do Cemitério Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição / Cemitério 11.01 / Dia de Todos os Santos – Feriado Nacional Deixou de se realizar no Domingo a seguir ao dia dos Fiéis durante este período (1950 – 1975)	11.01 - Procissão do Cemitério Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição / Cemitério Confraria das Almas. <i>Dia de Todos os Santos</i> : feriado nac. 11.01 - Feriado Nacional - 2004.11.01	
	Romagem a S. André Capela de S. André de Aver-o-Mar, PV. 11.30 - Dia da festa - 2004.11.30	Romagem a S. André Capela de S. André de Aver-o-Mar, PV. 11.30 - Dia da festa - 2004.11.30	Romagem a S. André Capela de S. André de Aver-o-Mar, PV. 11.30 - Dia da festa	11.30 - Romagem a S. André Capela de S. André de Aver-o-Mar, PV. 11.30 - Dia da festa - 2004.11.30	Procissão de S. André e N.ª S.ª do Leite Capela de S. André, Aver-o-Mar, PV Domingo a seguir á festa de S. André: 11.30 – 2004.12.05

INVERNO - Festa de Inverno - “O sol e a Lua” – celebração da Padroeira

12 Dezembro	Romaria e Procissão de N.ª S.ª da Conceição do Castelo Capela de N.ª S.ª da Conceição do Castelo (paróquia da Matriz de N.ª S.ª da Conceição) 10.07 - 10.08		12.07 - Procissão de N.ª S.ª da Conceição e Romaria Capela do Castelo [Fortaleza] / Guarda Fiscal (paróquia de N.ª S.ª da Lapa) 12.07 - Nocturna – velas	12.07 - Procissão de N.ª S.ª da Conceição e Romaria Capela do Castelo [Fortaleza] / Guarda Fiscal (paróquia de N.ª S.ª da Lapa) 12.07 - Nocturna – velas	.
				10.08 – Romaria e celebração litúrgica Cap. do Castelo e Ig. Matriz de N.ª S.ª da Conceição	Procissão de Santa Luzia Igreja paroquial de Navais, PV Domingo a seguir ao 13 – 2003.12.14

Legenda:

Procissões – negrito e sublinhadas
Roxo – ciclo da Páscoa
Azul – Mês de Maria – N.ª Senhora de Fátima – Mês de Maria (Fátima / Saúde etc.) / Azul escuro – Festas diversas dedicadas a N.ª Senhora
Vermelho - Festas Cristológicas e / ou Eucarísticas
Vermelho escuro - Festas dos “Santos Populares”: S. João, S. António e S. Pedro e santos do verão
Roxo acinzentado - Mês das Almas (Novembro)
Verde escuro - Festividades do Natal
~~Cinzento - sublinhado a ponteados – procissões antigas cujo dia foi alterado.~~
~~Cinzento azulado – sublinhado intermitente~~ Procissões que deixaram de se realizar.
Cerimónias litúrgicas / Tradições – não sublinhadas

Fonte: Todos os corpos documentais consultados, bibliografia e informações orais.

Num processo de busca para cativar novos meios de riqueza para a terra procura-se, em paralelo, o desenvolvimento da Póvoa como estância balnear, procurando oferecer mais divertimentos aos banhistas e turistas, nomeadamente através do incremento das “Festas de Verão”. Neste contexto se integra uma ampla intervenção camarária através da concessão de subsídios, sugestões, criação de comissões organizativas¹⁵¹, a qual culmina com o aparecimento da Comissão Municipal de Turismo, na década de 30¹⁵². O turismo religioso começa a fazer sentido e, a par deste, assiste-se ao incremento de cortejos etnográficos, ligados ao mar¹⁵³, à criação do Museu Municipal em 1937 e ao apoio à realização de filmes de divulgação turística.

É curiosa a reacção entusiástica das autoridades camarárias perante a Exposição Colonial, realizada no Verão de 1934, convidando os “indígenas” a vir assistir às festas de verão, embora os comissários não concordem em ceder a banda de música local ¹⁵⁴. Em paralelo, recebem o pedido do “Governo Civil, solicitando desta Municipalidade a representação de todos os elementos que possam ser julgados próprios da região, a fim de se incorporarem no cortejo de encerramento da Exposição Colonial”¹⁵⁵. Numa terra tão habituada a cortejos religiosos e, alguns poucos, cívicos (principalmente a partir da “República”), estes cortejos vão, sem dúvida, incentivar a realização de “cortejos etnográficos” locais.

A grande Associação de Classe (que tanto trata do cuidado da alma, como do corpo), a Irmandade de Nossa Senhora da Assunção, vai continuando com as suas funções de luta por melhores condições do porto de abrigo, de defesa da classe piscatória, enquanto, simultaneamente, realiza a procissão mais importante do concelho, inicialmente às suas expensas, com as esmolas dos pescadores e o lucro da “rede da Senhora”, que todos os barcos entregavam. Mais tarde esta mesma realização contará com o apoio da população em geral, e da Câmara em particular.

O seu estatuto religioso protegeu-a do encerramento e liquidação que afectou as Associações de Classe, por ordem da circular n.º 141, de 14 de Março de 1934, nomeadamente a *Associação de Classe dos Operários Sapateiros e Tamanqueiros Povoenses*; o *Sindicato unico dos operários da construção civil da Povo de Varzim - associação de classe*; a *Associação de Classe dos Empregados no Comercio*; a *Associação de Classe dos Alfaiates e Costureiras da Póvoa de Varzim*¹⁵⁶ - todas encerradas na sequência da promulgação dessa lei. Curiosamente conservam-se no Museu Municipal tabuletas de algumas destas associações, naturalmente recolhidas por António Santos Graça, que tinha apoiado a sua criação e desenvolvimento.

¹⁵¹ Ver: Doc. n.º 203 – 1939.06.02 - Quadro de registos documentais, volume 3 – Apêndices.

¹⁵² Ver: Doc. n.º 201 – 1938.10.06 - Quadro de registos documentais, volume 3 – Apêndices.

¹⁵³ Ver: Doc. n.º 173– 1934.07.16 - Quadro de registos documentais, volume 3 – Apêndices.

¹⁵⁴ Ver: Doc. n.º 173 – 1934.07.16 - Quadro de registos documentais, volume 3 – Apêndices.

¹⁵⁵ Ver: Doc. n.º 177 – 1934.09.12 - Quadro de registos documentais, volume 3 – Apêndices.

¹⁵⁶ Ver: Doc. n.º 180 a 182 – Abril de 1935 - Quadro de registos documentais e transcrições completas, volume 3 – Apêndices.

Relativamente à pesquisa realizada nos periódicos locais, temos que estar cientes que nem todas as procissões são divulgadas através da imprensa. Particularmente algumas, por serem mais discretas, poderiam não interessar ao jornalista. Por exemplo, tudo leva a crer que seriam realizadas as Procissões das Ladaínhas maiores e menores, mas pelo facto de se realizarem de manhã muito cedo, sem acompanhamento instrumental, nem “figurado”, não encontramos quaisquer referências a estes préstitos. A curiosa procissão dos Passos à noite (anterior á procissão dos passos, de dia), frequentemente não é noticiada, por certo porque se tratava de um simples cortejo de transferência de uma imagem de uma igreja para outra. O curioso acompanhamento de pessoas com “lanternas”, que motivou a sua descrição por investigadores e etnógrafos, não interessou os jornalistas. Por outro lado, noticiam-se procissões e festejos que parecem ser casuais, mas que esta pesquisa, por amostragem, não pode confirmar se são de facto ordinárias ou não.

Também devemos destacar que as notícias dos anos 1950 demonstram mais preocupações doutrinárias e apoloéticas do que estritamente informativas. Não referem, por exemplo, o nome das “armadeiras”, nem a listagem completa dos eventos da Semana Santa, mas comprazem-se a desenvolver poética e devotamente o significado do período litúrgico e a enaltecer as realizações com frases vagas e piedosas.

As informações compulsadas, escritas e orais, bem como o trabalho de campo desenvolvido na actualidade permitiram a sistematização, em quadro, das procissões ordinárias, tentando demarcar as que se realizavam no início do século XX, em meados do mesmo (até cerca de 1975¹⁵⁷), e na actualidade (2004 – 2005). A sua caracterização enferma, porém, de algumas incertezas, porque as fontes nunca são exaustivas, a nossa pesquisa não foi tão extensa como gostaríamos e os depoimentos orais e escritos dependem, muitas vezes, de memórias, sempre incertas.

No volume 2 integram-se as fichas descritivas referentes a cada procissão ordinária, com os respectivos registos iconográficos, antigos e recentes. Aí se deve, pois, coligir toda a informação relativa a cada um dos eventos, numa “ficha técnica” breve e sistemática. É tendo como base esse registo que de seguida desenvolveremos notícias circunstanciadas sobre cada uma das procissões,, com o objectivo de apresentar uma panorâmica, ainda que muito geral, dessas realizações. A análise circunstanciada do seu teor será objecto dos pontos 2.2. a 2.4.

Nem sempre se indicará a paróquia responsável pela sua realização, porque, até 1935, todos os templos estavam sob a direcção da Igreja Matriz. Quanto aos colaboradores, apresenta-se, adiante, um quadro alusivo, mas deles se destacam, pelo seu protagonismo e iniciativa, as Irmandades, confrarias e algumas comissões de festas. A Irmandade da Santa Casa da Misericórdia cuidava da procissão dos

¹⁵⁷ 1975 é a data de redacção do trabalho basilar de: COSTA, Joaquim Martins - *As Procissões na Póvoa de Varzim*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. XVII e XVIII, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1978, pp. 163 - 210; 1979, 165 - 223.

Passos e auxiliava em algumas outras celebrações da Semana Santa; a Irmandade da Senhora da Assunção tratava das celebrações da Igreja da Lapa, com destaque para a Procissão e festa de N.^a S.^a da Assunção; a Confraria do Santíssimo Sacramento encarregava-se das cerimónias da Semana Santa e das festividades Eucarísticas. Todas as outras festividades recebiam o apoio da confraria ou devoção respectiva, sempre sob a supervisão do prior da matriz. A partir de 1935, o espaço eclesiástico é dividido em mais duas paróquias, dividindo-se também as responsabilidades pela realização das procissões, continuando, porém, a assistir-se a um apoio recíproco e a uma colaboração activa entre as diversas paróquias e confrarias.

A primeira procissão do ano é dedicada a S. Sebastião, protector da fome, peste e guerra. Realizava-se em 20 de Janeiro se fosse Domingo, ou no Domingo que se seguisse. Era uma procissão muito importante atendendo à devoção da classe piscatória. A sua capela, de S. Roque (integrada na paróquia de S. José de Ribamar a partir de 1935), situava-se ela própria na zona antes alagadiça, junto ao mar, na Rua da *Junqueira*. Era uma das mais antigas do burgo e sem dúvida a mais antiga próxima da zona litoral. Registam-se elaborados cortejos com grupos alegóricos, alusivos à vida “do mártir”. Mas, assim como terminaram as procissões do Cerco, eivadas de sentimentos pagãos, também com o diminuir das pestes e da fome, esta irá cair no esquecimento. Documentada em 1900 e 1925, dela já não encontramos registo na década de 50, embora em algumas freguesias se realizassem procissões pontuais em alturas de guerras e doenças e o culto a S. Sebastião ressurgisse no período da guerra colonial entre os jovens mancebos..

Em Fevereiro não encontramos referência a procissões na vila, mas apenas a cerimónias litúrgicas, nomeadamente ligadas à festividade de N.^a S.^a das Candeias, com a bênção das velas em todas as igrejas e a procissão que perdura ao nascer do dia na freguesia de Terroso.

Santos Graça também refere a grande devoção dos pescadores à Nossa Senhora da Guia, na entrada da barra de Vila do Conde, que é festejada no mesmo dia.

Com a Quarta feira de cinzas (depois do Entrudo) começava o período da Quaresma. Já se falou da antiguidade destas celebrações, perdurando até á actualidade a maior parte delas. O responsável pelas celebrações era o pároco, mas à Confraria do Santíssimo Sacramento cabia muita da responsabilidade do apoio a prestar ao clero local.

Um cortejo que era realizado com grande pompa, nele participando todas as confrarias, música e fiéis a cantar, e obedecendo a um percurso que palmilhava toda a povoação, era o da Procissão da Comunhão aos Entrevados e Presos, ou do Sagrado Viático. Em 1900 realiza-se no dia 25 de Março, Domingo, sendo engalanadas as ruas, enfeitadas as janelas com colchas, decorada a Câmara para ser “*ministrada a Sagrada Eucharistia a cinco presos, assistindo àquele acto a Câmara Municipal*

com todos os seus empregados e o pessoal judiciário."¹⁵⁸. Em 1925 (22 de Março) refere-se, ainda, a presença de "*muitos anjinhos, os pagens do Santíssimo Sacramento e os escoteiros*".¹⁵⁹ Em meados do século, porém, com o crescimento urbanístico, deixou de se realizar a procissão com esta pompa e passou-se a visitar os doentes um a um, muitas vezes sendo o pároco substituído por um auxiliar.

A Procissão dos Passos da noite, ou das Lanternas, como foi referido, tratava-se de uma pequena procissão realizada no Sábado à noite antes do Domingo de Passos, destinada a passar a imagem do Senhor dos Passos da Misericórdia para a Matriz. O seu carácter informal e prático, que motivava a que não fosse divulgada, permitia também uma certa liberdade, com os jovens levando lanternas decoradas a seu gosto, para acompanhar o andor coberto. Ainda hoje se realiza, e embora mudando de trajectos, ou de finalidade, porque hoje a procissão dos Passos inicia-se e termina na Misericórdia, continua a efectuar-se, agora também com o andor do Senhor da Prisão e com algumas figuras alegóricas, relativas á prisão de Jesus.

A Procissão dos Passos, realizada no "Domingo da Paixão" (duas semanas antes da Páscoa), iniciava-se na igreja matriz e terminava na Misericórdia. Também é denominada do "Santo Lenho" porque, por tradição, a relíquia do "Santo Lenho", existente na Misericórdia, deve "sair" todos os anos. Sempre foi uma procissão importante, principalmente pelos sermões que implica: um no início, outro no meio da cidade, junto ao cruzeiro ("O Sermão do Encontro"), e o "sermão do Calvário", no final. Este último era, antigamente, acompanhado pela montagem do "Monte" Calvário na Capela-mor, como ainda se faz em Amorim e Rates e eram oferecidos doces a todos os participantes.

A Procissão de Velas ou Via-Sacra, realiza-se, agora, no exterior da igreja, como já se terá realizado em épocas antigas, como o provam as pinturas de Via-sacra provenientes da Misericórdia e os azulejos e cruzeiros nas paredes do Arquivo Municipal e Museu. Esta realização não é usualmente publicitada nos jornais, pelo que apenas nos fica o seu registo actual, que testemunha o facto de os habitantes de casas por onde passa a via-sacra decorarem as cruzeiros e iluminarem o local. Realiza-se na sexta-feira anterior ao Domingo de Ramos.

Relativamente á bênção dos ramos sabemos que ela se realiza desde que existe a igreja matriz na Póvoa, mas a procissão dos Ramos, realizada entre a Misericórdia e a Matriz, terá sido iniciada após a inauguração da nova igreja, em 1913. Em 1950 dá-se notícia da procissão, que se realiza sempre de manhã no Domingo de Ramos, iniciando-se com esta celebração a Semana Santa.

A procissão das Endoenças (como é chamada em 1877) também pode ser denominada do Ecce Homo¹⁶⁰ (em 1900) ou das Lanternas, porque se realiza na 5.ª feira santa à noite, tendo que ser

¹⁵⁸ Ver: Doc. n.º 16 - Quadro de notícias, volume 3 – Apêndices. «Estrella Povoense», 1900.05.01, p. 1.

¹⁵⁹ Ver: Doc. n.º 164 - Quadro de notícias, volume 3 – Apêndices. "O Liberal", Nº 1530, 1925.03.29, p.2.

¹⁶⁰ Ver: Doc. n.º 19 - Quadro de notícias, volume 3 – Apêndices. «ESTRELLA POVOENSE», Nº 226, 15.04.1900, p. 1.

transportadas lanternas para iluminar o caminho. Saíam da Misericórdia, normalmente, os andores do Senhor da Prisão, do Senhor da Cana-Verde, do Senhor dos Passos e do Senhor Crucificado. A procissão visitava as igrejas que tinham o Santíssimo em exposição e estavam decoradas com flores e iluminadas: Igreja matriz, Capela de N.^a Sr.^a das Dores, Capela de S. José e Igreja da Lapa.

Hoje em dia já não se realiza a procissão, mas, depois da Celebração da ceia do Senhor e procissão Eucarística no interior da igreja, decoram-se igrejas e capelas, para que as pessoas vão em “romagem” apreciar as decorações e rezar em cada uma. Só na Igreja do Sagrado Coração de Jesus se realizam outras cerimónias, mas todas as outras, no interior da cidade, estão abertas, atraindo numerosos fiéis e turistas.

A Procissão do Enterro do Senhor, na sexta-feira feira santa, realizava-se até à década de 30 durante a tarde e a partir daí à noite. Iniciando-se e terminando na Matriz, ia fazendo paragens para se ouvirem os cânticos da Verónica e outras santas mulheres.

Em 1925, quando ainda não existiam as duas casas de “armadeiras” por nós identificadas, divulga-se o nome do mesário, Celestino da Costa Pacheco, como membro da mesa da confraria que ficou encarregado de registar as crianças que irão participar e de tratar da “*organização do programa dos anjos e das figuras alegóricas*”¹⁶¹. Na actualidade a Confraria do Santíssimo empresta panos pretos para colocarem em varandas ao longo do percurso.

A Procissão da Ressurreição realiza-se na Matriz, no Domingo de manhã, com a colaboração de todas as confrarias da cidade.

Em 1900 era também costume realizar-se a procissão de manhã e a Visita Pascal à tarde. Neste ano apercebemo-nos de um incidente acontecido durante a Visita Pascal, em que o sentimento anti-clerical é evidente. Segundo o «Jornal Liberal», o Prior bateu deliberadamente na cabeça de uma criança com o hissopo, só por que este pediu para beijar a cruz, tendo sido depois tratado na Farmácia Vieira “sendo-lhe aplicados QUATRO PONTOS”¹⁶².

Por sua vez o Jornal «ESTRELLA POVOENSE», conservador, apresenta uma diferente versão do incidente, ocorrido com o Prior da Matriz, segundo o qual o menino teria sido ferido acidentalmente quando o prior, como “de costume”, benzia umas redes de pesca na Rua da Assunção.¹⁶³ Esta versão interessa-nos em particular, por dar a conhecer que, nas casas do Bairro Sul, próximas da Igreja da Lapa, existia o hábito de pedir ao padre para benzer as redes, num gesto de bênção e sacralização dos instrumentos usados para o trabalho.

¹⁶¹ Ver: Doc. n.º 159 - Quadro de notícias, volume 3 – Apêndices. “O Liberal”, Nº 1527, 1925.03.08, p.2.

¹⁶² Ver: Doc. n.º 21, de 22.04.1900. Quadro de notícias, volume 3 – Apêndices. «O Liberal», Nº 251, 22.04.1900, p. 2.

¹⁶³ Ver: Doc. n.º 26, de 22.04.1900. Quadro de notícias, volume 3 – Apêndices. «ESTRELLA POVOENSE», Nº 228, 29.04.1900, p. 2

Igualmente em 1900, «O Liberal» critica a prática do Jogo da Péla "*nas ruas da Villa*" e refere que "*Todos os annos tem havido protestos contra o consentimento d'este jogo*" no dia de Páscoa.¹⁶⁴, o que prova que nesta época o jogo não constituía ainda uma curiosidade, quase uma relíquia etnográfica, como hoje, mas era tão frequente que até incomodava.

A Procissão de Cruzes Pascais, iniciada na década de 90 do século XX, é um exemplo de um cortejo e tradição que surgiu naturalmente, decorrente da mudança da sociedade. Só para a paróquia da Matriz têm que sair mais de 30 grupos com a cruz enfeitada com flores para visitar todas as casas católicas da zona. Como a última missa se realiza às 19 horas, para se agruparem e entrarem ordeiramente na igreja, começaram a reunir-se e a esperar pelos mais demorados no jardim da Praça do Almada, junto à benévola estátua do Eça e perto do cruzeiro paroquial. Quando estão todos, organizam-se em grupos e seguem tocando as campainhas até à Igreja. No final da jornada, terminada a Quaresma, e com a expectativa do dia seguinte, em que se faz o pic-nic do Anjo, num regresso à natureza "distante", a alegria é o sentimento predominante no cortejo.

Da Procissão da Ladaíinha Maior, que se realizava a partir da Igreja Matriz, até ao cruzeiro, de manhã muito cedo, no dia 25 de Abril, apenas temos referências no artigo de Martins da Costa¹⁶⁵. Não sabemos quando deixou de se realizar, o mesmo ocorrendo com a Procissão das Ladaínhas Menores ou Rogações, também com grandes tradições em todo o ocidente católico e que se realizava três dias antes da Ascensão.

A Procissão de N.ª S.ª da Boa Viagem, que se realizava a partir da igreja da Lapa, no Domingo da Pascoela, sendo da particular devoção dos pescadores "bacalhoeiros", também foi documentada por Martins da Costa¹⁶⁶. Percorria a zona do Bairro Sul, mas não detectamos notícias dela nos jornais.

Poderíamos reunir todas as procissões do Mês de Maio, o Mês de Nossa Senhora e falar delas no final, pois são as mais recentes, mas como referiremos no capítulo das devoções, se estas procissões reflectem a devoção crescente a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, também na Póvoa eram já muitas as celebrações litúrgicas neste mês já dedicado ao Imaculado Coração de Maria. Todavia, em vez de continuar a cingir-se ao interior dos templos, com decorações florais e iluminações caprichosas, a devoção saiu para as ruas, com a aceitação de N.ª Sr.ª de Fátima como grande devoção nacional a partir do Estado Novo.

Sendo a devoção que unificava o país, também na basílica do Coração de Jesus se encomenda a José Ferreira Thedim, o mesmo santeiro de S. Mamede do Coronado que executou a imagem da "capelinha das Aparições", para fazer uma imagem, maior que o natural, do Imaculado Coração de

¹⁶⁴ Ver: Doc. n.º 73, de 22.04.1900. Quadro de notícias, volume 3 – Apêndices. «O Liberal», Nº 251, 1900.04.22, p. 2.

¹⁶⁵ Cf. COSTA, Martins da - *As Procissões...*, Op. cit., 1978, p. 164.

¹⁶⁶ Cf. COSTA, Martins da - *As Procissões...*, Op. cit., 1978, p. 200.

Maria de Fátima, representando uma das visões. Procurou-se, no entanto, conciliar iconograficamente as duas devoções: a imagem antiga, provinda dos tempos conturbados da guerra civil do século XIX e a actual, branca e serena, olhando para todos como se fossem crianças e desejando a paz.

O primeiro cortejo do mês é a Procissão de N.ª S.ª da Saúde de Laundos, à noite, no dia 13 de Maio. A imagem vem de Laundos num carro de bombeiros aberto, seguida por carros de devotos da terra e passando pelas casas enfeitadas com velas nas janelas e muros. Chega à Póvoa e o andor é retirado do carro transportado por bombeiros, em frente à escola dos “Sininhos”, iniciando-se a procissão junto à capela de S. Roque / S. Tiago, acompanhada pela confraria da Senhora da Saúde de Laundos e N.ª S.ª do Rosário da Póvoa e pelos fiéis com velas, até à igreja matriz. O andor fica exposto junto ao altar de N.ª S.ª do Rosário até partir de novo para Laundos.

A Procissão de N.ª S.ª de Fátima dos Infantários, realiza-se de tarde, normalmente numa sexta-feira, depois do dia 13. É organizada por vários infantários e OTL (Ocupação dos Tempos Livres) e preparada pelas educadoras e crianças. Organizam-se na praça do Almada e vêm até à matriz onde se realiza uma cerimónia. Apesar de ser um cortejo informal, e de não se tratar de uma procissão com todas as condições, as crianças e educadoras convidam a confraria do Santíssimo, que participa com a imprescindível cruz processional e lanternas, os párocos das várias freguesias, o prior da Matriz, o arcepreste e um ou dois vereadores (da cultura e educação) para participarem no cortejo.

A Procissão da festa do Mês de Maio da Catequese, efectua-se na igreja e adro da matriz. É organizada pelo pároco e catequistas e todas as crianças da catequese vêm numa noite, próxima do fim do Mês de Maio, rezam o terço e elas próprias transportam um pequeno andor com a Senhora de Fátima, que circula no Adro, rodeada por cânticos e lenços brancos agitados freneticamente.

A Procissão / Peregrinação de N.ª S.ª da Saúde de Laundos acontece no último domingo de Maio. O andor da Senhora da Saúde é transportado em ombros pela “companha” do barco “Senhora da Saúde”, é acompanhada pelos membros das confrarias, principalmente da N.ª S.ª do Rosário e é seguido pelos escuteiros, grupos de jovens e muitos fiéis que seguem a pé, rezando e cantando até Laundos. Ao longo de percurso outros grupos de várias paróquias vão-se reunindo, transportando as bandeiras da Paróquia ou de uma confraria de N.ª Senhora. Chegando à Igreja da Senhora da Saúde em Laundos, as pessoas entregam as promessas de cera, ou em dinheiro, e assistem à missa campal, no terreno ao lado da igreja.

No último dia do mês de Maio ainda se realiza a procissão de velas de N.ª S.ª de Fátima, que vai seguindo diferentes percursos, para ir passando por todas as ruas da paróquia. Simplesmente com o andor da Senhora de Fátima, os escuteiros e grupos de jovens tocando e cantando, sob a orientação do clero, nela se vai rezando o rosário e passando por casas com velas a brilhar nas janelas.

A Procissão de N.^a S.^a de Belém realiza-se a partir da pequena capela de aspecto rural no lugar de Belém, a caminho de Beiriz.

Em 1900 a imprensa já relata a Procissão com anjinhos e todas as confrarias da vila. Depois da missa cantada, por música vocal e instrumental, ocorria sermão de manhã e de tarde. Arraial no fim,¹⁶⁷ tocando, no coreto do arraial, a banda musical Povoense¹⁶⁸

A Procissão do Corpo de Deus será das mais antigas a ser efectuada, como já se referiu, desde que existe sacrário na capela da Madre de Deus. Realiza-se no dia santo, que é móvel, mas calha sempre a uma 5.^a feira.

Como está documentado a partir da década de 40, realiza-se a bênção a partir da varanda principal da Câmara Municipal, voltando, desde essa época, o executivo camarário a integrar-se no cortejo. Como é referido, esta seria a procissão em que todos os funcionários da Câmara, bem como todas as associações e corporações deviam participar, o que acontecia antes de 1911. Na Póvoa também existia a tradição de participarem as “pelinhas”, mulheres que dançavam durante a procissão. As sargaceiras participavam levando palmitos decorados, e havia a obrigação de cobrirem o caminho da procissão com verdes e flores, sendo tudo a expensas da Câmara, ou do pagamento de tributos a esta instituição. Mas não existem registos das participações de grupos complexos de bailarinas e figuras alegóricas, serpes, dragões ou “cocas”, nem mesmo do S. Jorge a cavalo, com o seu tenente, que encontramos referido noutros concelhos. Nem mesmo os majestosos tapetes de flores da vizinha Vila do Conde ou da vila de Rates. Actualmente seguem alguns grupos alegóricos alusivos á eucaristia, atrás das crianças da primeira comunhão, mas como a procissão é eucarística, não seguem andores. Continua, no entanto, por parte da população a haver o cuidado de colocar flores e verdes no chão e de enfeitar as janelas e varandas com colchas.

A Procissão do Santíssimo Coração de Jesus era uma procissão eucarística, que se realizava na 6.^a feira seguinte à oitava do Corpo de Deus. Realizava-se a partir da Igreja do sagrado Coração de Jesus. Por decisão do arcebispo (pouco antes de 1975) passou a transportar-se o andor com a imagem do Sagrado Coração de Jesus e deixou de ser eucarística por se realizar muito perto do Corpo de Deus e ser no Mês dedicado ao Sagrado Coração de Jesus – Junho.

A Procissão de N.^a S.^a do Desterro, efectuada no Bairro Norte, a partir da capela com o mesmo nome acontecia, até à década de 90 do século XX, no Domingo da Pascoela, ou seja, no Domingo a seguir á Páscoa. Em 24 de Abril de 1925 a reportagem descreve-a como “uma brilhante

¹⁶⁷ Ver: Doc. n.º 50. Quadro de notícias, volume 3 – Apêndices. «ESTRELLA POVOENSE», Nº 236, 1900.06.24, p. 2.

¹⁶⁸ Ver: Doc. n.º 51. Quadro de notícias, volume 3 – Apêndices. «ESTRELLA POVOENSE», Nº 237, 1900.07.01, p. 1.

festividade”¹⁶⁹, havendo de *“tarde uma rica procissão á qual os devotos procuram imprimir o maior luzimento, percorrerã as principais ruas do bairro norte.”*

Sendo integrada na Paróquia de S. José de Ribamar em 1935, a Confraria de N.^a S.^a do Desterro zelou sempre por conservar esta festividade intimamente ligada ao Bairro Norte e à classe piscatória que a zela, decorando sempre as ruas com bandeiras e decorações vegetais, as varandas e janelas com colchas e o chão com tapetes de serrim ou flores.

Por altura dos Santos populares, os que mereciam mais atenção eram o S. António e o S. João. Em 15 de Abril de 1900 a Procissão de Santo António era uma grande festividade que motivava uma grandiosa festa litúrgica e procissão com “anjinhos” e meninos da comunhão¹⁷⁰. Incluía ainda missa cantada por música e grande instrumental e a banda Povoense tocando no final no Adro. As ruas eram também decoradas pelos particulares. Por vezes alegravam o arraial com fogo de artifício, “foguetório”, “presépios”, ou cascatas.¹⁷¹

Logo de seguida, por vezes alternando com a Procissão Eucarística ou do Sagrado Coração de Jesus (móveis), decorria a Procissão de S. João, com andor, “anjinhos” e todas as confrarias, sem esquecer a missa solene cantada por música vocal e instrumental de grande orquestra, exposição do Santíssimo, e sermão. Segundo a notícia de 17 de Junho de 1900, deste se teria encarregado o Pe. João Trocado.¹⁷² A mesma que informa que um *“grupo de meninos e meninas, entoarão cânticos acompanhados de música em honra ao glorioso Precursor de Cristo”*.

O “profano” não estava ausente, já que, mesmo na “noitada” a mais animada era a de S. João, com danças nas ruas e fogueiras.

Em 25 de Junho de 1950 já se referenciam com destaque as procissões de S. António e S. Pedro, conjugando as duas e destacando já a figura do S. Pedro Pescador. A partir de 1962, articulam-se as devoções dos três santos populares num só cortejo e festividade. A Procissão de S. Pedro e dos Santos Populares partiu de uma ideia do Major Mota¹⁷³ de iniciar um pouco mais cedo a estação balnear e criar um feriado municipal exclusivo para a Póvoa. Como S. António e S. João eram já festejados em todas as vilas e cidades em redor (Vila do Conde, Porto, Braga), resolveram seleccionar como santo do concelho S. Pedro pescador e incentivar as festividades em 29 de Junho, apoiando rusgas, o arraial, noitada, mas também a procissão, a que a Câmara se vai associar. Esta inicia-se na Igreja matriz e termina na Igreja da Lapa, passando, assim, em frente ao mar, como já acontecia com a

¹⁶⁹ Ver: Doc. n.º 167. Quadro de notícias, volume 3 – Apêndices. «O Comércio da Póvoa de Varzim», N.º 17, 1925.04.26, p. 3

¹⁷⁰ Ver: Doc. n.º 41 e 42. Quadro de notícias, volume 3 – Apêndices. «ESTRELLA POVOENSE», N.º 234, 1900.06.10, p. 1 e N.º 235, 1900.06.17, p. 1.

¹⁷¹ Ver: Doc. n.º 45. Quadro de notícias, volume 3 – Apêndices. «O Liberal», N.º 258, 1900.06.10, p. 2.

¹⁷² Ver: Doc. n.º 39. Quadro de notícias, volume 3 – Apêndices. «ESTRELLA POVOENSE», N.º 235, 1900.06.17, p. 2.

¹⁷³ Cf. LOPES, Manuel - *Origem, tradição e Percurso das Festas de S. Pedro*, in «O Comércio da Póvoa de Varzim», P. de V., Junho, 1989, pp. 1, 8 e 9.

Procissão de N.^a S.^a da Assunção, que era em períodos anteriores considerada a grande festividade da povoação. A ideia que partiu da década de 50 só se realizou em 1962, mas, a partir daí, colheu total aceitação por parte da população e turistas.

S. Pedro Gonçalves Telmo - o santo dominicano, medieval, protector das tempestades, invocado como protector dos mareantes de Portugal e Espanha no período das descobertas, cujas relíquias se veneram na catedral de Tui - era o S. Pedro a que recorriam os pescadores da Póvoa. Na antiga matriz, depois igreja da Misericórdia, conservou-se a bela escultura em calcário do século XV (?) e, até inícios do século XX, os pescadores e pescadeiras iam acender velas e lamparinas junto da imagem antiga para pedir a protecção na altura das tempestades e quando era lançada uma nova lancha ao mar. Foi por isso fácil a aceitação do novo S. Pedro, o qual, em vez de apresentar uma embarcação aos pés, sai nas procissões num barco, na atitude de atirar as redes ao mar.



Figura - S. Pedro Gonçalves Telmo. Século XV (?). Escultura de vulto em calcário policromado e dourado. Prov.: Primitiva Igreja Matriz da Póvoa de Varzim / Misericórdia da P.V. Em depósito no MMPV Inv.º Es. 36.

A Procissão de N.^a S.^a do Carmo, realizava-se a partir da Igreja matriz, com festa e procissão com anjinhos, levando, em 22 de Julho de 1900¹⁷⁴, precedendo o andor, um coro de freiras carmelitas entoando cânticos. Com a devoção crescente à santa Teresinha do Menino Jesus, beatificada em 1923 e canonizada em 1927, estas procissões ganham importância, se bem que não se realizem todos os anos. Em 1900 realiza-se a 22 de Julho, em 1925, a 16 do mesmo mês e em 1950 sai também em 16 de Julho, contando com a presença de todas as Confrarias e numerosos grupos alegóricos, além dos andores de Santa Terezinha, Senhor do Bonfim e N.^a Sr.^a do Carmo.¹⁷⁵

A Procissão de Sant'Iago, realizada em 25 de Julho, ou no domingo seguinte, referida por Martins da Costa, partia da Capela de S. Roque / S. Tiago, e era organizada pela confraria de S. Tiago. Realizava-se em 25 de Julho, mas já em 1975 Martins da Costa não sabia quando a procissão tinha deixado "de sair"¹⁷⁶.

A Procissão da Senhora da Assunção era a grande festividade do concelho, como já foi repetidamente afirmado. No entanto, logo no ano de 1900¹⁷⁷, devido aos lucros diminutos obtidos na

¹⁷⁴ Ver: Doc. n.º 56. Quadro de notícias, volume 3 – Apêndices. «ESTRELLA POVOENSE», Nº 239, 1900.07.15 p. 2.

¹⁷⁵ Ver: Doc. n.º 56. Quadro de notícias, volume 3 – Apêndices. «ESTRELLA POVOENSE», Nº 239, 1900.07.15 p. 2.

¹⁷⁶ Cf. COSTA, J. Martins da - *Op. cit.*, 1978, p. 177

¹⁷⁷ Doc. 007 - 1900.02.05 "1.ª Repartição (...) / (Fl. 2v - 3) / N.º 9. Quadro de registos documentais, volume 3 – Apêndices.

pesca, encontrando-se a classe piscatória na mais absoluta miséria, a irmandade decidiu, por falta de numerário, avisar, na imprensa, que não seria possível sair a procissão. Seria realizada a celebração litúrgica - missa solene, exposição do Santíssimo, sermão de manhã e de tarde. Mas, atendendo à miséria dos pescadores a Irmandade não podia pagar a procissão¹⁷⁸. A imprensa, e naturalmente todas as “forças vivas da Póvoa”, se movimentam, insistindo na importância dos pescadores e da obrigação da Câmara Municipal em ajudar as festas de N.^a S.^a da Assunção¹⁷⁹. Devido à falta de dinheiro da Irmandade de N.^a S.^a da Assunção realizou-se mesmo uma subscrição pública¹⁸⁰ para que se realizasse a procissão.

Esta acaba por ocorrer, graças à subscrição pública, com andores e “figurado” organizado. Contando com a participação de um carro triunfante (pela segunda vez) puxado por três pares de cavalos com a figura da Igreja rodeada de anjos e querubins. Os jornais anunciam o programa das festas. As festas desenrolam-se no dia 14 (com iluminação, fogo e música pelas bandas) e 15.

Em todos os artigos e publicações da época ou posteriores se destaca o foguetório na praia, quando a procissão passa solenemente por entre os barcos engalanados. O interesse histórico e etnográfico do registo justifica as transcrições documentais que seleccionamos.

“A crise angustissima porque a nossa classe piscatoria vem atravessando, a fome desesperadora e a miseria cortejada com todos os horrores, que tão impiedadamente assaltou o tugúrio do pobre pescador, foram os unicos motivos a que a festa d’Assumpção não sahisse, o que acaretava para esta villa grandes prejuizos, pois todos sabem o movimento extraordinário de forasteiros que n’esses dias influem á nossa praia, avidos de vêrem o deslumbrante espectaculo que, a quando a procissão fimbria a orla do oceano se apresenta á vista ao desfilar da procissão entre o estralejar dos foguetes, o tremular das bandeiras que se agitam febrilmente açoutadas pelo vento.

E esses forasteiros, que são aos milhares, deixam na estada praia por essa ocasião proventos fabulosos, auferidos pelo consummo feito em todos os ramos de negocio.

Adviriam prejuizos incalculáveis se essa festividade se não realisasse, porque ella é como que um chamariz dos forasteiros que veem admirar as bellezas da nossa praia, a situação topographica que é excelente, emfim, todo este confructo com que a natureza sempre prodiga a dotou.

Felizmente, que um punhado de corações diamantinos, que passam por este valle de lagrimas só fazendo o bem praticando nobres acções, verdadeiros e estremos amigos d’esta terra, não nos quizeram privar da melhor festividade que possuimos.¹⁸¹”

“A procissão sahiu da igreja da Lapa por volta das 5 horas da tarde. Destacava-se á frente um luzido carro triunfal, puxado a três magnificas parelhas de cavallos bellamente ajaezados. Este carro,

¹⁷⁸ O Juiz da Irmandade é Manuel Rodrigues Maio Júnior, ou seja, da família do “Cego do Maio”. Doc. 58. Quadro de notícias, volume 3 – Apêndices. «O Liberal», Nº 265, 1900.07.29, p. 1.

¹⁷⁹ Doc. 61 e 64. Quadro de notícias, volume 3 – Apêndices. «A Praia», Nº 1, 1900.08.02, p. 2 e «ESTRELLA POVOENSE», Nº 242, 1900.08.05, p. 2.

¹⁸⁰ Doc. 67 e 88. Quadro de notícias, volume 3 – Apêndices. «O Povoense», 1900.08.12, p. 1 e «O Povoense», 1900.09.19.

¹⁸¹ Cf. «O Povoense», 1900.08.12, p. 1.

ricamente decorado, era encimado por uma esbelta e majestática figura de anjo, representando a Igreja catholica; no sopé um outro anjo com as rédeas e mais acima três Cherubins dedilhando as harpas, ladeados por seis virgens entoando cânticos alusivos á Virgem d'Assumpção.

Seguia-se o riquíssimo estandarte da Real Irmandade da Lapa, empunhado por pulsos herculeos. Durante o trajecto da procissão, que foi longo, foram lançadas pétalas de flores sobre os andores, principalmente sobre o da Virgem d'Assumpção, que envolvida em nuvens, rodeada de seraphins e de braços distendidos parece querer abraçar em seu amplexo a desprotegida classe piscatória a «sua protectora, o seu auxilio».

Entremeava a procissão grupos de anjinhos bellos e formosos, a coadunarem-se com os seus irmãos célicos, d'um resplandecedor vivaze d'uma sublimidade mificativa e inenarrável. O povo apinhava se no Paredão para gosar o deslumbrante espectáculo que se offerecia á vista ao desfilar a procissão pela areia, por entre as embarcações que se achavam engalanadas com bandeiras, os typicos lenços e com arbustos.

Surpreendente, bello, o effeito produzido pelo drapejar de myriades de bandeiras multicores, pelo contínuo estrallejar de foguetes. No couce do préstito seguiam as bandas da guarda municipal que havia chegado ás 11 horas da manhã e a dos bombeiros do Porto.

A guarda d'honra era feita por seis cavallarias. O que podemos sem embargo dizer, é que em anno algum sahiu procissão com tanta imponência nem com tanta concorrência dos forasteiros foi em maior número.”¹⁸²

A partir daqui, só temos notícia de que a procissão não se realizasse, em 1912, de novo devido à crise económica. De 1911, não obstante a Lei da Separação do Estado da Igreja e todos os problemas subsequentes já referidos, existem belas fotografias que documentam a procissão a decorrer com toda a dignidade.

São repetidos os registos de solicitação para que os representantes da Câmara participassem no cortejo, bem como o aval, da parte desta, num esforço comparticipação e apoio deste evento. Tendência que se torna mais visível principalmente quando começa a haver uma séria política que visa o incremento do turismo, sendo as festas de Verão repetidamente referidas em sessão de câmara, apresentando-se sugestões para a sua melhoria.

A percepção que temos da importância desta festa para o país vizinho é evidente, no pedido realizado ao Governo Civil do Porto, para facilitar a vinda de espanhóis, em 1932.

“Do Governo Civil do Pôrto, informando que o Senhor Ministro do Interior deferiu o pedido desta Câmara para a livre passagem de espanhóis na fronteira, nos dias das festas da Assunção. Inteirada.”¹⁸³

A Procissão de S. Bento, realizada após a celebração litúrgica, missa cantada, exposição do

¹⁸² Cf. «O Povoense», 1900.09.19.

¹⁸³ Ver: Doc. n.º 170. Quadro de registos documentais, volume 3 – Apêndices. Livro de Actas das Sessões da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim (1932.04.26 - 1936.06.03), [Fl. 023, L. 24]

Santíssimo, sermão de manhã e de tarde, é noticiada em 19 de Agosto de 1900.¹⁸⁴

A Procissão do Senhor do Bonfim, que se realiza no primeiro domingo de Setembro, a partir da sua capelinha no lugar do Coelho, ou Bairro Nova Sintra (operário), foi sendo alterada conforme os meios do grupo de devotos. Antes de 1978 realizava-se de dia, depois dessa data passou a ser uma procissão nocturna, de velas. De 2000 em diante voltou a sair de dia, com os andores das imagens existentes na capelinha e “figurado” correspondente.

A Procissão de S. José de Ribamar organizada pela confraria do mesmo nome, partia da capela de S. José, implantada em frente ao mar, no passeio Alegre e, a partir de 1927, da capela / igreja da Avenida Mouzinho, a qual, a partir de 1935, tornou-se a sede da paróquia de S. José de Ribamar. Em 1900 realizou-se no 3.º domingo de Setembro, no dia 16. Em 1925 sabemos que já se realiza no 2.ª Domingo¹⁸⁵. Antes de 1975, deixou de se realizar este cortejo.

A festividade incluía, em 1900, *“missa a grande instrumental, sermão pelo erudito orador Sagrado padre Annibal de Vasconcelos Mourão Passos, da redacção da Aliança, e á tarde procissão que percorrerá todo o bairro balnear. Na véspera á noite haverá arraial e iluminação, onde tocarão duas bandas de musica.”*¹⁸⁶

Aqui torna-se evidente a ideia de que a área de influência da capela é a zona balnear e turística, revestindo-se, por isso, de especial importância, pois prestava a assistência religiosa aos banhistas durante o período de “banhos”

A Procissão de Nossa Senhora das Dores realizava-se, em 1900, no último domingo de Agosto (26 de Agosto). Em 1925 efectua-se no 2.º domingo de Setembro, como se vai manter até hoje.

Da responsabilidade da Confraria de N.ª S.ª das Dores (normalmente presidida por pessoas de famílias abastadas da burguesia, mas sem perder a grande ligação à população piscatória), sita na capela com o mesmo nome, no antigo lugar do “Monte”, esta dispõe de clero assistente, sacristão e zeladores. Muito se fala desta procissão ao longo do trabalho pela grande devoção que congrega gente de diferentes locais, que trazem os seus ex-votos. É um cortejo em que se patenteia mais a fé popular na realização de milagres, que o cortejo extenso de pessoas com ex-votos, que ainda hoje perdura.

Em 1900, para garantir que a festividade decorra sem incidentes, solicita-se a vinda de “oito cavalarias”. Segundo a informação dirigida ao Governo Civil, destinam-se *“a fim de evitarem os abusos que se têm dado na passagem da procissão de N. S. das Dores”*. É o próprio Presidente da Câmara (servindo de *Administrador do Concelho*) que corrobora o pedido, insistindo ser “de toda a

¹⁸⁴ Ver: Doc. n.º 70. Quadro de notícias, volume 3 – Apêndices. «ESTRELLA POVOENSE», Nº 243, 1900.08.19, p. 1.

¹⁸⁵ Ver: Doc. n.º 104. Quadro de notícias, volume 3 – Apêndices. “A Praia”. 1900-09-12.

¹⁸⁶ Ver: Doc. n.º 104. Quadro de notícias, volume 3 – Apêndices. “A Praia”. 1900-09-12

necessidade” e “conveniência”, pois que é verdade tudo quanto se alega¹⁸⁷. Não se compreende muito bem quais são os abusos que motivam que, nesta procissão, apenas se solicite a vinda de cavaleiros, enquanto que para a Senhora da Assunção, além das “8 cavalarias”, se pedem mais 8 guardas civis e um polícia judiciária (a somar aos 3 guardas e 1 cabo, já antes pedidos para controlar o aumento populacional no Verão para esta estância balnear). Provavelmente, como ainda hoje, a devoção à Senhora das Dores faz com que as pessoas ocupem excessivamente o espaço de passagem da procissão, o que é facilmente resolvido com a força policial a cavalo, que intimida os assistentes e os obriga a afastar, (embora sempre com relutância), enquanto a festa da Senhora da Assunção atrai maior número de pessoas, desde turistas a banhistas, presas fáceis para carteiristas e falsos mendigos sem escrúpulos¹⁸⁸. Talvez a própria quantidade de pessoas motive alguns conflitos que os jornais não deixam de relatar, a par da qualidade do cortejo e da sua riqueza em número de participantes.

De 1900 ficou também a descrição da: *“sumptuosa e imponente procissão, composta de 115 anjinhos com dísticos alegóricos às prerrogativas da excelsa Rainha”*.

“Não sabemos pelo que, travou-se no largo das Dôres um conflito desnecessário que só mostrou a falta de educação por parte d’aquelles que deviam ser os primeiros a dar o exemplo de um profundo respeito attendendo ás funções que exerciam n’aquelle acto.

*Um mezario do qual eliminamos o nome foi alvo de acerbos recriminações por parte do público que presenciou pois offendeu um benemérito d’essa confraria, um honrado ancião.”*¹⁸⁹

A Procissão de N.ª S.ª do Rosário, organizada pela Confraria da mesma invocação, teve como primeira imagem a gótica Nossa Senhora de Varzim. O seu retábulo, na igreja matriz, é dos mais importantes, sendo o colateral, do lado do Evangelho, formando esquina com o retábulo de N.ª S.ª da Conceição. Em 1950 realiza-se no 2.º Domingo de Outubro, como ainda hoje acontece. Em 7 de Outubro de 1900 - 1.º domingo de Outubro – refere-se a sua festa litúrgica, com a igreja profusamente decorada, mas não se indica a saída da procissão.¹⁹⁰

A Procissão das Santas Infâncias, realizada na Igreja da Misericórdia e área envolvente é uma procissão infantil, iniciada na 2.ª metade do século XX (cerca de 1961). Efectua-se no 3.º domingo de Outubro.

Os pequenos andores do Menino Jesus de Praga e Nossa Senhora da Apresentação, Rainha, ou Nossa Senhora Menina (de vestir) e as bandeiras transportadas por crianças seguem apenas até em frente ao Liceu, em atenção “à Juventude Académica”. No final, são entregues mealheiros às crianças para aí recolherem esmolas.

¹⁸⁷ Ver: Doc. n.º 21 de 1900.08.24 - Quadro de registos documentais, volume 3 – Apêndices.

¹⁸⁸ Ver Capítulo: 1.3.1. Responsáveis e participantes institucionais

¹⁸⁹ Ver: Doc. 100. Quadro de notícias, volume 3 – Apêndices. “O Povoense”, 2 de Setembro de 1900.

¹⁹⁰ Ver: Doc. 112. Quadro de notícias, volume 3 – Apêndices. «ESTRELLA POVOENSE», N.º 252, 1900.10.18 p. 1.

A Procissão ao Cemitério, organizada a partir da Matriz em direcção ao cemitério, reúne todas as confrarias das três paróquias, atendendo que só existe um cemitério. Desde que este existe que se realizava este cortejo no Dia de Todos os Santos, sendo domingo, ou no seguinte. Agora, como é feriado nacional, realiza-se no próprio dia santo. A confraria das Almas é a responsável pela procissão, assim como pelas celebrações realizadas.

"Chronica religiosa

Começam hoje, com toda a solmnidade, na igreja matriz, os suffragios pelas almas do purgatorio....

Procissão ao cemiterio - no final da missa, organiza-se a procissão, com todas as confrarias da vila, clero e no counce, musica poveira....

*Ao contrario do que nas outras localidades se faz, n'esta villa é amanha que os fieis vao em piedosa romagem á mansão dos mortos."*¹⁹¹

Procissão de N.^a S.^a da Conceição, ou das velas (véspera da festividade: 8 de Dezembro)

A festividade de Nossa Senhora da Conceição, apesar de ser o orago da paróquia, é tradicionalmente celebrada com arraial e procissão de velas, na véspera, e com romaria (com doces tradicionais, danças, pau ensebado, etc.) no dia, na capela de N.^a S.^a da Conceição do Castelo / Fortaleza da Póvoa de Varzim.

Sabemos que em 1900 não se realizou procissão por falta de dinheiro.: *"Festividade da Conceição. - Dizem-nos que não se realisa este anno a festividade de Nossa Senhora da Conceição. o motivo segundo nos affirmam, é não haver a indispensavel receita, em razão de contributos, certamente á espera do relaze que os castigará durante, não haverem pago, até hoje, á junta de Parochia as respectivas contribuições em divida...."*¹⁹²

Em 1975, como agora, quem transporta o andor de N.^a S.^a são membros da Guarda Fiscal, a qual abre a fortaleza aos fiéis durante os dois dias das festividades. No início da procissão vai a cruz paroquial da Lapa (paróquia em que a capela está integrada desde 1935), do mesmo modo que é o pároco da Lapa quem acompanha a procissão.

¹⁹¹ Ver: Doc. 117. «ESTRELLA POVOENSE», N.º 255, 1900.11.04 p.2.

¹⁹² Ver: Doc. 120. «ESTRELLA POVOENSE», N.º 259, 1900.12.09 p.2.

Do elenco apresentado, destacam-se aspectos que importa analisar de forma estruturada, nomeadamente no que se refere à logística da sua realização, aos agentes participantes, às devoções que mobilizam, aos itinerários que percorrem e à forma como marcam o tempo litúrgico e social. Dessas matérias falaremos oportunamente. Importa agora avaliar estatisticamente a sua evolução diacrónica.

Meses	N.º Procissões: 1900	N.º Procissões: c.1976	N.º Procissões: 2004/5
Janeiro	1	1	0
Fevereiro	0	0	0
Março	3	2	2
Abril	5	5	5
Maio	1	1	5
Junho	3	3	4
Julho	3	3	0
Agosto	1	1	1
Setembro	2	3	2
Outubro	1	1	2
Novembro	1	1	1
Dezembro	1	1	1
Soma	22	22	23

Quadro 2 - Procissões ordinárias anuais - sua organização ao longo dos meses.

Da análise do quadro de distribuição apresentado algumas tendências podem ser sublinhadas: é evidente a permanência de grande número de procissões e a sua distribuição ao longo do ano, e embora desapareçam alguns cortejos, outros surgem de novo. Na verdade, em relação ao número das procissões ordinárias, o seu número total subiu de 22 (em 1900 e 1975) para 23 (em 2004-2005).

O desaparecimento mais marcante, que ocorre na 2.^a metade do século XX, foi o da procissão de S. Sebastião, em Janeiro, motivado pelo esmorecer da devoção e também por motivos práticos, atendendo a que, muitas vezes, era impossível realizar o cortejo devido ao mau tempo.

Notou-se uma notável permanência dos cortejos ao longo do ano, com pequenas alterações em Março (de 3 passaram para 2, devido ao desaparecimento da procissão dos Entrevados), e uma mais

em Outubro (a pequena e curiosa procissão das Santas Infâncias, aqui colocada para coincidir com o início do ano escolar).

Destaca-se o aumento do número de préstitos em Maio (de 1 para 5) e Junho (de 3 para 4) e uma diminuição em Julho, devido à grande concentração nos meses envoltentes. Por coincidência, duas que se realizavam em Julho eram organizadas pela paróquia de S. José de Ribamar, onde, por opção do pároco, terminaram todas as procissões, excepto a de N.^a S.^a do Desterro. A comunidade piscatória do Norte não permitiu a extinção da “sua” procissão, enquanto que os habitantes da rua da Junqueira, onde se situa a capela de S. Roque / S. Tiago, e da Avenida Mouzinho, mais *aburguesados* e cultos, aceitaram as razões de cariz pastoral, em que se valorizou uma religiosidade mais intimista e erudita, por oposição à religiosidade mais popular e exteriorizada das procissões.

Podemos concluir que, em alguns casos, razões práticas motivam a extinção de alguns cortejos, como ocorre com a procissão dos Entrevados, em Março (impossível de se realizar com a pomba tradicional, numa terra em crescimento), ou a do Sagrado Coração de Jesus, de realização muito próxima da do Corpo de Deus (ambas de cariz eucarístico). Ocorre, também, a alteração de datas, como a transferência recente do cortejo da Sr.^a do Desterro, para Junho, devido a estar frequentemente mau tempo na Pascoela. Outras vezes deveram-se a alteração das devoções, como a já referida de S. Sebastião, mas também a de S. Tiago, Sr.^a do Carmo, N.^a Sr.^a da Boa Viagem ou as das Ladainhas, as quais evidenciam alterações socio-económicas.

O número avassalador de procissões que se realizam na actualidade no mês de Maio revela a devoção crescente a N.^a S.^a de Fátima. Devemos, no entanto destacar, que neste mês já se realizavam grandes celebrações litúrgicas, novenas e outras devoções ao Imaculado Coração de Maria, ainda que não se realizassem cortejos, como se começaram a realizar a partir de meados do século XX. Também não podemos ignorar que um maior número de procissões de velas relaciona-se com uma maior liberdade, por parte das mulheres, para poderem participar em procissões nocturnas, ao contrário do que ocorria no período anterior ao Concílio de Vaticano II (1962 – 1965), altura em que se considerava mais correcto que elas assistirem à passagem dos cortejos a partir das janelas ou varandas, em vez da participação muito mais activa e piedosa que o Concílio veio favorecer por parte do sector feminino.

A criação, ou melhor, o incentivo dado às festividades em honra de S. Pedro, é a alteração, mais artificial e de cariz “oportunista”, político e económico. Na Póvoa concentraram-se as tradicionais festividades em honra dos Santos populares na de S. Pedro, a única que não tinha procissão e a menos importante, mas, assim, conseguiu-se distinguir a Póvoa das outras terras circunvizinhas, e em particular de Vila do Conde, Braga ou Porto, onde eram já famosas as festas ao S. João Baptista, criando animação e tornando a terra apelativa no início da “estação balnear”. No entanto, ao contrário

do que aconteceu na maioria das terras em que se concentraram as potencialidades numa festa principal, que foi em, muitos casos, transferida para o mês de férias, Agosto, aqui mantiveram-se as festividades, pontuando o ano pelas celebrações do calendário litúrgico e as diferentes devoções que permaneceram no período tradicional do ano.

2.1.4. AS PROCISSÕES: FESTA RELIGIOSA / FESTA PROFANA

Sendo a celebração, a festa religiosa, o mote para se festejar numa determinada data, a procissão constitui, normalmente o zénite, o aspecto exterior mais marcante do dia. Este aspecto fundamental do ponto de vista antropológico e religioso é evidente, dos folhetos e cartazes mais antigos aos mais recentes, em que as letras que anunciam a procissão são maiores e mais densas. Se se celebra a festa religiosa e litúrgica de Nossa Senhora da Assunção, ela não está completa sem a procissão, até porque é o desfile que atrai mais devotos e turistas. Assim, em anos em que devido à falta de recursos, a Irmandade avisa que não se realizará a procissão, como aconteceu em 1900, a imprensa local revolta-se, e denuncia que os hotéis, restaurantes, comerciantes, a Empresa do Caminho de Ferro, entre outros, não apoiam financeiramente o evento quando são eles que mais beneficiam da sua realização. Procura soluções, faz subscrições públicas, que em 1900 redundou numa grande e majestosa procissão, em que, pela primeira vez, sai um “carro triunfal”. Mas, por exemplo, em 1912, devido à grave crise económica geral, a procissão realmente “não sae”¹⁹³, para desgosto de todos.

Na verdade, é a procissão que constitui o aspecto fundamental da festa, a “desculpa”, que atrai um vasto conjunto de pessoas para junto das igrejas ou as leva a espalhar-se “ordeiramente” ao longo das ruas por onde se sabe que vai passar o cortejo. Se a festa religiosa é o motivo, a justificação para a “Festa”, o seu componente mais evidente, mais vivo e interveniente na cidade, é o desfile festivo, com as crianças “inocentes” a darem um sentido de representação, e a música, sempre presente, a animar o ambiente. Na actualidade, o aspecto de festa profana, com comércio associado, de venda de doces e objectos decorativos em tendas, bem como carrocéis e “barracas” de diversões tem vindo a perder progressivamente a sua importância. O fogo de artifício é ainda fundamental, quer durante o dia a assinalar o avançar da procissão, quer à noite para animar o arraial, mas o aspecto de “feira” que se espalhava pelas ruas da cidade tem vindo a diminuir, até por motivos de ordem prática (o movimento automóvel e a ocupação do espaço, cada vez menos disponível), quer pelo período de tempo envolvido, cada vez mais curto. Apenas na “feira da loiça” da festa de N.ª S.ª das Dores, por se situar no fim do Verão, estas manifestações ainda conservam alguma importância.

Mas também não podemos esquecer as muitas festas realizadas em honra dos santos da particular devoção de uma pessoa ou de um grupo de vizinhos que motiva que se realizem festas nas ruas, organizadas pelos devotos, que podem completar alguma celebração litúrgica, ou não. Muitos

¹⁹³ Cf. LANDOLT, João Agostinho (direct.)- *Uma Procissão que não sae. A Senhora d' Assumpção*, in Revista «A "Povoa de Varzim"», 1.º ano, n.º 21, Póvoa de Varzim, Dir. propr. e edit. - João Agostinho Landolt, 1912, (p. 1 - rosto e seguintes).

documentos e notícias¹⁹⁴ referem estas festas, para que é pedida licença à autoridade camarária para se colocarem bandeiras e outras decorações nas ruas e se lançar fogo preso.

Encontramos os registos, em Julho de 1877 e 1881, do negociante José Ferreira do Vale, morador na Rua do Pelourinho, que dispondo “em sua própria casa” de uma imagem de Nossa Senhora do Carmo, pede autorização para fazer buracos para colocar mastros com bandeiras e lançar fogo preso (em 1881) para celebrar a imagem da sua devoção¹⁹⁵.

Mas mais frequentes serão as decorações efémeras realizadas em honra dos santos populares, em particular S. António e S. João Baptista, com algumas ruas a realizarem decorações que são motivo para serem noticiadas para orgulho dos seus executores.

¹⁹⁴ Ver volume 3 – Apêndices.

¹⁹⁵ Ver: Doc. n.º 2 e 3 do volume 3 – Apêndices.

2.2. AGENTES E INSTITUIÇÕES ENVOLVIDOS - ORGANIZAÇÃO PROTOCOLAR

“Nas procissões na Póvoa tomam parte a cruz paroquial, as irmandades e confrarias ¹⁹⁶, às vezes pias uniões e ordens terceiras, clero, precedendo os de menor dignidade os outros, andores, grupos alegóricos, pálio (sob o qual é conduzida a relíquia do Santo Lenho ou a hóstia consagrada, nas procissões eucarísticas), música e acompanhamento de fiéis com as promessas.

Além da dignidade do pálio e das irmandades e confrarias, sobressaiem os andores, pela excelência das imagens, das quais salientamos as de S. João, Senhora do Carmo e Senhora do Rosário, [p. 165:] S. Sebastião e Sant’Iago, S. José, Senhora da Lapa, Senhora da Assunção e Senhor dos Passos e Senhora das Dores, entre outras; e os grupos alegóricos, que têm a sua origem no facto de as procissões terem também um fim catequético.”¹⁹⁷

Na organização e “protocolo” reflectem-se muitas das normas indicadas pela *Congregação dos Ritos*, relativamente à “ordem” de participação e à localização exacta de cada um dentro do cortejo. A questão das precedências é cuidadosamente regulamentada para evitar sérias e melindrosas questões que jogam com a importância económico-social e histórica dos participantes, quer eles estejam ali a representar instituições, associações, quer pelos cargos políticos e militares que ocupam.

Transportados pelos participantes - bem identificados - seguem as alfaias litúrgicas que estruturam todo o cortejo. O turíbulo transportado por um clérigo deve seguir à frente¹⁹⁸, logo seguido por uma cruz, ladeada por tochas. Na actualidade, se o início do cortejo é sempre marcado pela cruz – após a fanfarra que segue antes de todos, anunciando a passagem da procissão, normalmente não é transportada por um clérigo, mas por um membro de uma confraria, a quem a opa confere dignidade, ladeado por acólitos ou outros membros de confrarias¹⁹⁹.

Neste capítulo temos que distinguir os responsáveis pela realização e organização destes eventos, sobretudo os párocos e outros elementos do clero que regiam as actividades dos vários edifícios religiosos, dos “autores” ou “criadores”, ou seja, aqueles que programam a procissão, como o teólogo que redige o conjunto do Programa em conjunto com o clero que organiza a festa com um

¹⁹⁶ CF. Martins da Costa - *Irmandades e Confrarias da Póvoa de Varzim*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. XVII, nº 1, 1978, pág. 33.

¹⁹⁷ Cf. COSTA, Joaquim Martins da - *As Procissões...* Op. cit., 1978, pp. 164 - 165.

¹⁹⁸ O que normalmente não se verifica nas procissões aqui estudadas.

¹⁹⁹ “II. Regras Gerais (...) Diante dele [o celebrante] caminha o clero, os menos dignos à frente. O povo segue o celebrante como seu guia. À cabeça da procissão, um clérigo leva um turíbulo fumegante, em que o celebrante lançou e benzeu o incenso antes de partir; precede a cruz, geralmente levada por um subdiácono paramentado (por vezes um simples clérigo) e ladeado por duas tochas levadas por dois acólitos: turíbulo e círios eram tradicionais em todo o cortejo solene desde o tempo dos Ordines Romani;” Cf. A. G. MARTIMORT – Op. cit., 1965, p. 730.

tema bem determinado, o “armador” ou “realizador” que elabora os trajes, insígnias e filácteras/cartelas, dos que, também ajudando na sua concepção e organização, nela participam activamente, como os membros do clero, confrarias, etc. Temos, ainda, que destacar os que neles participam, mas dirigidos e orientados pelos anteriores, que os colocam nas posições respectivas (como os anjinhos, os grupos musicais, representantes de instituições políticas, militares e civis, bem como os “heróis” locais e personalidades de renome que, normalmente, também seguem na cauda da procissão) e por fim os que assistem e os que comentam (seja o simples fiel que devotamente assiste ao périplo, seja o intelectual que vai redigir artigos que irá publicar na imprensa local ou em livros).

Ao falarmos deles não podemos nunca ignorar, como eles também nunca esqueciam, a antiga e tradicional organização protocolar que tem que ser respeitada ao longo de todo o cortejo, desde a sua concepção até ao momento em que termina.

2.2.1. RESPONSÁVEIS E PARTICIPANTES INSTITUCIONAIS

Todas as procissões ordinárias aqui referidas são, em primeira instância, da responsabilidade da paróquia. É o pároco quem dirige, sendo ele o responsável por tomar as principais decisões e verificar que tudo se realize segundo as regras litúrgicas exaradas pela Congregação dos Ritos. Mas, paralelamente, o encargo da organização, divulgação e angariação de fundos recai, mais especificamente, sobre uma irmandade, confraria ou comissão de festas (que segue no cortejo em lugar de honra, em último lugar, junto do pálio).

Devemos, no entanto destacar, que as procissões de Passos, implementadas pela Irmandade da Santa Casa da Misericórdia, que dispõe de capelão, são quase inteiramente da sua responsabilidade, embora sempre em ligação e consonância com a paróquia e com a Confraria do Santíssimo Sacramento, que gere e trabalha nas restantes actividades da Semana Santa. Outra procissão que, pensamos, funcionaria de forma semelhante, era a do cortejo Eucarístico organizado pela comunidade Jesuítica da Basílica do Sagrado Coração de Jesus, mas mesmo nessa, por exemplo, é o arcebispo, prior da Matriz, quem decide que ela deixe de ser eucarística e passe a transportar o andor do Sagrado Coração de Jesus.

Em pequenos pormenores é perceptível que sobretudo a responsabilidade financeira recai sobre as irmandades e confrarias. Por exemplo, em 1900, é patente a preocupação da Câmara Municipal em manter a ordem pública, solicitando, para isso, ao Governo Civil do Porto o reforço do número de guardas-civis e “cavalarias” na altura das grandes festividades. No entanto, quem paga as despesas e cuida da guarda dos cavalos é a Irmandade da Senhora da Assunção: *“promptificando-se a irmandade a dar quartel para os cavallos e faser as outras despesas de sustentação e gratificação aos cavallarias.”*²⁰⁰

O mesmo ocorre com a Confraria de N.^a Senhora das Dores: *“promptificando-se a confraria a dar quartel para os cavallos e faser as outras despesas de sustentação e gratificação aos cavallarias”*²⁰¹.

Foi fundamental, para a evolução histórica e cultural da região, a interligação e entreaajuda de diversas instituições de diferente cariz (religioso, civil, militar) que trabalharam em conjunto na realização destes eventos. Com efeito, as instituições participantes, tanto eram de cariz religioso (as paróquias, com todas as suas associações, destacando-se as confrarias e Irmandade; as “Devoções”; grupos corais e de jovens, nomeadamente a muito activa, JOC), como de cariz civil (em particular a Câmara Municipal e o Governo Civil do Porto), ou militar.

²⁰⁰ Ver: Doc. n.º 19 de 1900.08.11 - Quadro de registos documentais, volume 3 – Apêndices.

²⁰¹ Ver: Doc. n.º 21 de 1900.08.24 - Quadro de registos documentais, volume 3 – Apêndices.

Se por parte da Igreja se visa, através destas empolgantes manifestações do sagrado, incentivar a devoção, e atingir objectivos catequéticos, por parte das autoridades civis e forças “vivas” da terra, este “turismo religioso” ao ser um motivo de entretenimento para banhistas, atraindo novos visitantes, desenvolvendo o comércio, a hotelaria / restauração, etc. torna-se defensável, e justifica o apoio da Câmara Municipal, através dos seus serviços de Turismo e por meio de subsídios, em ordem a assegurar a efectivação das celebrações.

Mas independentemente das Instituições em si mesmas, temos que lembrar que neste local se instalaram diversos indivíduos de grande cultura, alguns leigos (civis e militares), mas sobretudo elementos do clero (alguns párocos, mas muitos outros que eram professores, capelães, ou não dispunham de um “emprego” específico e iam colaborando como pregadores em outras cerimónias religiosas), que além de participarem activamente nas celebrações, foram os responsáveis pela organização e permanência das procissões religiosas, edificando uma tradição de grandes e bem construídos cortejos.

Vários nomes são destacados pela historiografia local, de que passaremos a dar conta, nomeadamente o pároco Diogo Ferreira desde 1756, já antes referido, e o Padre José Cascão Araújo (1874 – 1961), capelão da Capela de Nossa Senhora das Dores.

Participantes activas e constantes nas procissões eram também as religiosas e membros do clero local que regiam os colégios internos e externos (de ensino primário e secundário) dos dois sexos, que costumavam participar e abrilhantar todas as cerimónias religiosas, fazendo também parte de *Associações Pias* (destinadas principalmente a jovens e crianças) como “As Filhas de Maria”; os “Pagens do Santíssimo Sacramento”; a “Santa Cruzada”; etc.

Quadro 3 - Listagem de Procissões anuais, com indicação dos responsáveis pela sua realização

Procissões	Paróquia	Templo	Dia da festa	Responsáveis (além da Paróquia): Confraria, Comissão de Festas, etc.	Extinta
Procissão de S. Sebastião	S. José de Ribamar (desde 1935);	Capela - S. Roque / S. Tiago	20 de Janeiro 01.20.	Devoção de S. Sebastião / Confraria de S. Tiago	Extinta no séc. XX
Procissão da Comunhão aos entrevados	Matriz de N.ª S.ª da Conceição	Igreja – Matriz de N.ª S.ª da Conceição	2.º Domingo da Quaresma	Confraria do Santíssimo Sacramento	Extinta no séc. XX
Procissão dos Passos - da noite - Lanternas	Matriz de N.ª S.ª da Conceição	Igreja – Misericórdia	sábado da Paixão 2004.03.27	Irmandade da Santa Casa da Misericórdia / Confraria do S. Sacramento	
Procissão dos Passos	Matriz de N.ª S.ª da Conceição	Igreja – Misericórdia	domingo da Paixão 2004.3.28	Irmandade da Santa Casa da Misericórdia / Confraria do Santíssimo Sacramento	
Procissão de Velas: Via-Sacra	Matriz de N.ª S.ª da Conceição	Igreja – Matriz de N.ª S.ª da Conceição	Sexta-feira - noite, antes da Semana Santa / 2004.04.02	Confraria do Santíssimo Sacramento	
Procissão de Ramos	Matriz de N.ª S.ª da Conceição	Igreja – Matriz de N.ª S.ª da Conceição / Igreja da Misericórdia	Domingo de Ramos 2004.04.04	Confraria do Santíssimo Sacramento	
Procissão das Endoenças ou do Ecce Homo	Matriz de N.ª S.ª da Conceição	Igreja – Matriz de N.ª S.ª da Conceição	5ª feira Santa - noite	Confraria do Santíssimo Sacramento	Extinta no séc. XX
Procissão do Enterro do Senhor	Matriz de N.ª S.ª da Conceição	Igreja – Matriz de N.ª S.ª da Conceição	6ª feira Santa 2004.04.09	Confraria do Santíssimo Sacramento	
Procissão da Ressurreição	Matriz de N.ª S.ª da Conceição	Igreja – Matriz de N.ª S.ª da Conceição	domingo de Páscoa – manhã / 2004.04.11	Confraria do Santíssimo Sacramento	
Procissão de Cruzes Pascais	Matriz de N.ª S.ª da Conceição	Igreja – Matriz de N.ª S.ª da Conceição	domingo de Páscoa – fim da tarde / 2004.04.11	Confraria do Santíssimo Sacramento	
Procissão da Ladaíinha Maior	Matriz de N.ª S.ª da Conceição	Igreja – Matriz de N.ª S.ª da Conceição	25 de Abril - manhã	Paróquia	Extinta
Procissão de N.ª S.ª da Boa Viagem	N.ª S.ª da Lapa	Igreja – N.ª S.ª da Lapa	Domingo da Pascoela	Devoção	Extinta no séc. XX
Procissão de N.ª S.ª da Saúde de Laundos - velas	Matriz de N.ª S.ª da Conceição / Laundos	Igreja – Matriz de N.ª S.ª da Conceição	13 de Maio – noite 2004.05.13	Confraria de N.ª S.ª do Rosário	
Procissão de N.ª S.ª de Fátima dos Infantários	Matriz de N.ª S.ª da Conceição	Igreja – Matriz de N.ª S.ª da Conceição	6.ª-feira próxima do 13 de Maio – tarde / 2004.05.13	Confraria do Santíssimo Sacramento	
Procissão das Ladaíhas Menores	Matriz de N.ª S.ª da Conceição	Igreja – Matriz de N.ª S.ª da Conceição	3 dias antes da Ascensão - manhã	Paróquia	Extinta
Procissão da festa do Mês de Maio da Catequese	Matriz de N.ª S.ª da Conceição	Igreja – Matriz de N.ª S.ª da Conceição	Próximo do fim do Mês 2004.05. 24	Catequistas	
Procissão / Peregrinação de N.ª S.ª da Saúde de Laundos	Matriz de N.ª S.ª da Conceição	Igreja – Matriz de N.ª S.ª da Conceição /Laundos	Último domingo de Maio 2004.05.31	Confraria de N.ª S.ª do Rosário	

Procissão de N.ª S.ª de Belém	Matriz de N.ª S.ª da Conceição	Capela – N.ª S.ª de Belém	1.º domingo de Junho (2 em 2 anos) / 2004.06.05	Confraria de N.ª S.ª de Belém e Comissão de Festas	
Procissão do Corpo de Deus	Matriz de N.ª S.ª da Conceição	Igreja – Matriz de N.ª S.ª da Conceição	Móvel 2004.06.10	Confraria do Santíssimo Sacramento	
Procissão do Sagrado Coração de Jesus	Matriz de N.ª S.ª da Conceição	Igreja / Basílica do Sagrado Coração de Jesus	6ª-feira seguinte à 8.ª do Corpo de Deus	Comunidade Jesuíta da Basílica do Sag. Coração de Jesus	Extinta no séc. XX
Procissão de N.ª S.ª do Desterro	S. José de Ribamar (criada em 1935)	Capela – N.ª S.ª do Desterro	2.º domingo de Junho 2004.06.13	Confraria de N.ª S.ª do Desterro	
Procissão de Santo António	Matriz de N.ª S.ª da Conceição	Igreja – Matriz de N.ª S.ª da Conceição	13 de Junho	Devoção	Extinta no séc. XX
Procissão de S. João	Matriz de N.ª S.ª da Conceição	Igreja – Matriz de N.ª S.ª da Conceição	24 de Junho	Devoção	Extinta no séc. XX
Procissão de S. Pedro / Santos Populares	Matriz de N.ª S.ª da Conceição	Igreja – Matriz de N.ª S.ª da Conceição	29 de Junho	Paróquias da Matriz e da Lapa / Câmara Municipal	Extinta no séc. XX
Procissão de N.ª S.ª do Carmo	Matriz de N.ª S.ª da Conceição	Igreja – Matriz de N.ª S.ª da Conceição	16 de Julho	Confraria de N.ª S.ª do Carmo	Extinta no séc. XX
Procissão de Sant'Iago	S. José de Ribamar (desde 1935);	Capela - S. Roque / S. Tiago	25 de Julho	Confraria de S. Tiago	Extinta no séc. XX
Procissão da Senhora da Assunção	N.ª S.ª da Lapa	Igreja – N.ª S.ª da Lapa	15 de Agosto 2004.08.15	Irmandade de N.ª S.ª da Assunção / Câmara Municipal	
Procissão do Senhor do Bonfim	Matriz de N.ª S.ª da Conceição	Capela – Senhor do Bonfim	1.º domingo de Setembro / 04.09.05	Devoção do Senhor do Bonfim	
Procissão de S. José de Ribamar	S. José de Ribamar (criada em 1935)	Igreja – S. José de Ribamar	2.º domingo de Setembro	Confraria de S. José de Ribamar	Extinta no séc. XX
Procissão de N.ª S.ª das Dores	Matriz de N.ª S.ª da Conceição	Capela - N.ª S.ª das Dores	3.º domingo de Setembro / 2004.09.19	Confraria de N.ª S.ª das Dores	
Procissão de N.ª S.ª do Rosário	Matriz de N.ª S.ª da Conceição	Igreja – Matriz de N.ª S.ª da Conceição	11 de Outubro 2004.10.10	Confraria de N.ª S.ª do Rosário	
Procissão das Santas Infâncias	Matriz de N.ª S.ª da Conceição	Igreja – Misericórdia	3.º domingo de Outubro / 2004.10.17	Irmandade da Santa Casa da Misericórdia	
Procissão ao Cemitério	Matriz de N.ª S.ª da Conceição	Igreja – Matriz de N.ª S.ª da Conceição / Cemitério	1 de Novembro 2004.11.01	Confraria das Almas do Purgatório	
Procissão de N.ª S.ª da Conceição - velas	N.ª S.ª da Lapa (desde 1935);	Capela – N.ª S.ª da Conceição do Castelo	7 de Dezembro – noite. 2004.12.07	Guarda Fiscal	

Fonte: Todos os corpos documentais consultados, bibliografia e informações orais.

Irmandades, confrarias, devoções e outras associações religiosas

As confrarias da paróquia de N.^a S.^a da Conceição (Matriz) da Póvoa de Varzim abarcavam todo o espaço da actual cidade da Póvoa, incluindo a zona da Lapa e S. José. Só em 1935 este espaço é dividido em três paróquias, criando-se duas novas: S. José de Ribamar e N.^a S.^a da Lapa. Assim se compreende que grande parte das confrarias e a Irmandade de N.^a S.^a da Assunção²⁰² continuem a colaborar nas várias procissões da primitiva paróquia / freguesia.

As Irmandades e Confrarias religiosas do concelho colaboram activamente no culto público, nomeadamente nas cerimónias religiosas na igreja, bem como na organização e realização dos cortejos religiosos.

Ao contrário do que ocorre noutras localidades (como por exemplo, na vizinha, e considerada “irmã”, paróquia das Caxinas, em Vila do Conde, em que as confrarias seguem em longas filas, logo no início das procissões²⁰³), na Póvoa cada confraria acompanha um andor e/ou um ou mais grupos alegóricos. Por vezes são eles que transportam os andores (ou pagam por isso) e vão acompanhando e orientando os “anjinhos”, com jeito paternal e condescendente, evitando, assim, que os mais jovens sejam acompanhados pelas mães. É frequente que as “figuras” sejam filhos ou familiares dos confrades, mas mesmo quando isso não acontece, uma imediata empatia, motivada pela própria solenidade do momento, é estabelecida entre estes companheiros de função.

Os principais registos documentais que discriminam listagens de confrarias permitem-nos elaborar uma visão geral e cronológica da sua formação e evolução:

Cerca de 1732²⁰⁴, em resposta ao Inquérito enviado pelo Pe. Luís Cardoso, na Póvoa de Varzim, o Dr. Leandro Rodrigues, nas “*Memórias Paroquiais*”, refere as seguintes: “*quatro Irmandades ou Confrarias*” ²⁰⁵:

²⁰² A Irmandade da Santa Casa da Misericórdia só participa nas cerimónias da Semana Santa na zona da Matriz.

²⁰³ Na procissão dos Senhor dos Navegantes, no primeiro domingo de Agosto.

²⁰⁴ O Inquérito realizado pelo Pe. Luís Cardoso terá sido enviado, segundo Fernando Barbosa; cerca de 1736: “Consultando o Códice 8.750, do Fundo Geral, da Biblioteca Nacional de Lisboa, deparamos a fl. 132, com uma «Copia dos interrogatorios impressos que m.^{dou} o d.^r Vigr.^o G.^{al} de Braga», inteiramente iguais aos publicados no prólogo do *Diccionario Geografico* do P.^e Luís Cardoso; e logo na folha 133 e segs. Com uma extensa «Noticia da frg.^a de S. João do campo que se mandou o D.^r Vigr.^o Geral aos 9 de Julho de 1736», cujo texto se acha reproduzido no tomo II do mesmo *Diccionario*, numas partes textualmente e noutras em resumo.”

Segundo Maria José Mexia Chorão o inquérito terá sido enviado (para Viseu) cerca de 1732. Cf. CHORÃO, Maria José Mexia Bigotte - *Inquéritos Promovidos pela Coroa no Século XVIII*, in «Revista de História Económica e Social», n.º 5, 21 Set. - Dez., Lisboa, 1987, pp. 93 - 130. Data este Inquérito de 1732 – data dos textos de 66 párocos de Viseu. Vide p. 99.

²⁰⁵ Cf. RODRIGUES, Leandro [Rev.^o Dr.] - *Noticia do Doutor Leandro Rodrigues* - em resposta ao Inquérito enviado pelo Padre Luís Cardoso, destinado ao: *Diccionario Geografico*, 1747, c. 1736 (posterior a 1732 e anterior a 1747) [ANJO, José A. Alves transcreveu-a.] [in BARBOSA, Fernando (publicou e prefaciou) - *O Concelho da Póvoa de Varzim no século XVIII - As Memórias Paroquiais de 1736 e 1758*, in «PÓVOA DE VARZIM. Boletim Cultural», I, 1958, pp. (258-343) 270-281 (com preâmbulo e notas de Manuel Silva), p. 276.]

- 1ª. Irmandade do *Santíssimo Sacramento* “no Altar Mayor”. Trata-se, segundo Martins da Costa²⁰⁶ da mais antiga e importante confraria criada na Póvoa de Varzim .
- 2ª. Irmandade de N.ª *Senhora do Rosário* [“Rozario no altar della Collateral da p.ª do Evangelho”];
- 3ª. Irmandade do *Nome de Deus* e dos *Santos Passos* [“Nome de Deos e dos Santos Passos no altar do Cruzeiro da p.ª do Evangelho”];
- 4ª. *Confraria das Almas* “na outra Capella da p.ª da Epistolla” “no altar dellas”

Em 1758 regista-se:

*“Ha n'esta matriz tres irmandades (ou confrarias) uma do Sanctissimo Sacramento, outra de Nossa Senhora do Rozario, outra das Almas do Purgatorio: está para erigir-se uma do Nome de Deus: ha mais duas na villa, uma de S. Thyago, outra do Coração de Jezus, de que se tratara quando se fallar das capellas em que estão erectas.”*²⁰⁷

No período em que iniciamos o nosso estudo a distinção e a separação entre as instituições religiosas e civis, além de muito mais ténues, revelam uma evidente “promiscuidade” e uma exigência, por parte das autoridades civis, de controlar as contas das organizações de carácter religioso. À Câmara Municipal competia enviar ao Governo Civil do Porto cópias dos relatórios de contas, desde a grande Irmandade da Santa Casa da Misericórdia e respectivo Hospital, até às Confrarias e Ordens terceiras das freguesias, como podemos constatar pelos registos destas acções.²⁰⁸

Os “Mapas” com listagens completas que se conservam no Arquivo Municipal permitem-nos, em algumas datas, encontrar listagens completas das Irmandades e confrarias existentes e mesmo avaliar a sua antiguidade, mediante o registo da *data da aprovação dos seus estatutos* e, em alguns casos, mesmo a sua importância económica, através dos respectivos relatórios de contas..

Seleccionamos, por isso, duas listagens, uma de 1891 (anterior a 1900, para termos uma ideia do estado da situação anterior a esta data) e o primeiro “Mapa” do século XX, de 1915.

Em 1891²⁰⁹ encontram-se registadas oficialmente, só na freguesia da Póvoa de Varzim, duas irmandades e oito confrarias.

²⁰⁶ CF. COSTA, Joaquim Martins da - *Irmandades e Confrarias da Póvoa de Varzim*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. XVII, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1978, pp. 33 - 67.

²⁰⁷ Cf. LEAL, Francisco Felix Henriques da Veiga (1758) - *Notícia da Villa da Povo de Varzim, feita a 24 de Mayo de 1758...* (Resposta ao Inquérito dirigido pelo P.e Luís Cardoso, em 1758) [in BARBOSA, Fernando (publ. e pref.) - *O Concelho da Póvoa de Varzim no século XVIII...* 1958, p. 315.]

²⁰⁸ Ver. Doc. n.º 3 - *Copiador da Correspondência para o Governo Civil* (1900, Janeiro, 4 - 1901, Dezembro, 30), Fl. 4. Cota: ADPV (CMPV / 0662). Resumo: A Câmara Municipal da Póvoa de Varzim envia, ao Governo Civil do Porto, o relatório da Santa casa da Misericórdia e Hospital, informando não existirem outras corporações de beneficência.

Doc. n.º 4 - *Copiador da Correspondência para o Governo Civil* (1900, Janeiro, 4 - 1901, Dezembro, 30), p. 4. Cota: ADPV (CMPV / 0662). Resumo: A Câmara Municipal da Póvoa de Varzim envia, ao Governo Civil do Porto, o relatório da Confraria de N.ª S.ª do Rosário de Beiriz e Ordem Terceira de S. Francisco de Navais.

²⁰⁹ Ver. Doc. n.º 5, Vol.. 3 – Apêndices

Concelho da Póvoa de Varzim

Relação das irmandades, confrarias e institutos de piedade e beneficência deste concelho.

Freguesias	Corporações	Data de aprovação dos seus estatutos
Póvoa de Varzim	Confraria do Santíssimo Sacramento	22 de Abril de 1702
"	Confraria do Santíssimo Coração de Jesus	29 de Maio de 1769
"	Irmandade de N.ª Senhora da Assunção	21 de Fevereiro de 1791
"	Confraria de N.ª Senhora de Belém	26 de Janeiro de 1826
"	Confraria de N.ª Senhora das Dores	24 de Abril de 1769
"	Confraria de N.ª Senhora do Rosário	17 de Janeiro de 1805
"	Confraria de S. José de Ribamar	25 de Agosto de 1859
"	Confraria de S. Tiago Maior	23 de Agosto de 1741
"	Confraria das Almas	7 de Março de 1756
"	Irmandade da Santa Casa da Misericórdia	21 de Junho de 1886 (...)

Administração do Concelho da Póvoa de Varzim, 27 de Abril de 1891.

Figura 11 - ADPV / 0899 - Copiador dos Mapas (1891, Março, 6 - 1893, Agosto, 7) 1891.04.27 - Fl. 8 e 8v.

1891.04.27: "Concelho da Póvoa de Varzim

Relação das irmandades, confrarias e institutos de piedade e beneficência deste concelho.

Freguesias - Corporações Data de Aprovação dos seus estatutos:

(...)

Póvoa de Varzim / Confraria do Santíssimo Sacramento / 22 de Abril de 1702

Póvoa de Varzim / Confraria do Santíssimo Coração de Jesus / 29 de Maio de 1769

Póvoa de Varzim / Irmandade de N.ª Senhora da Assunção / 21 de Fevereiro de 1791

Póvoa de Varzim / Confraria de N.ª Senhora de Belém / 26 de Janeiro de 1826

Póvoa de Varzim / Confraria de N.ª Senhora das Dores / 24 de Abril de 1769

Póvoa de Varzim / Confraria de N.ª Senhora do Rosário / 17 de Janeiro de 1805

Póvoa de Varzim / Confraria de S. José de Ribamar / 25 de Agosto de 1859

Póvoa de Varzim / Confraria de S. Tiago Maior / 23 de Agosto de 1741

Póvoa de Varzim / Confraria das Almas / 7 de Março de 1756

Póvoa de Varzim / Irmandade da Santa Casa da Misericórdia / 21 de Junho de 1886 (...)

Administração do Concelho da Póvoa de Varzim, 27 de Abril de 1891."

Em 1915, apesar dos turbulentos tempos da República, conservam-se as mesmas confrarias e irmandades, surgindo uma nova, devido ao desenvolvimento de uma nova devoção proveniente de França, a Confraria de N.ª S.ª de Lourdes. Por sua vez, a Irmandade da Misericórdia é considerada um "instituto de caridade e assistência", devido ao facto de dispor do Hospital e asilo.

1915.02.24 - "Distrito do Porto. Concelho da Póvoa de Varzim, /

Relação das Irmandades e confrarias existentes neste concelho.

Freguesias /	Designação /	Observações
(...)		
Póvoa de Varzim /	Confraria do santíssimo Sacramento	
Póvoa de Varzim /	Confraria das Almas	
Póvoa de Varzim /	Confraria de N.ª S.ª do Rosário	
Póvoa de Varzim /	Confraria do Coração de Jesus	
Póvoa de Varzim /	Confraria de N.ª Senhora das Dores	
Póvoa de Varzim /	Confraria de N.ª Senhora de Belém	
Póvoa de Varzim /	Confraria de S. José	
Póvoa de Varzim /	Confraria de S. Tiago Maior	
Póvoa de Varzim /	Confraria de N.ª Senhora de Lourdes	
Póvoa de Varzim /	Irmandade de N.ª Senhora da Assunção (...)"	

Freguesias	Designação	Observações
Póvoa de Varzim	Confraria do Santíssimo Sacramento	
Póvoa de Varzim	Confraria das Almas	
Póvoa de Varzim	Confraria de N.ª S.ª do Rosário	
Póvoa de Varzim	Confraria do Coração de Jesus	
Póvoa de Varzim	Confraria de N.ª Senhora das Dores	
Póvoa de Varzim	Confraria de N.ª Senhora de Belém	
Póvoa de Varzim	Confraria de S. José	
Póvoa de Varzim	Confraria de S. Tiago Maior	
Póvoa de Varzim	Confraria de N.ª Senhora de Lourdes	
Póvoa de Varzim	Irmandade de N.ª Senhora da Assunção (...)"	

Freguesias	Designação	Observações
Póvoa de Varzim	Confraria do Santíssimo Sacramento	
Póvoa de Varzim	Confraria das Almas	
Póvoa de Varzim	Confraria de N.ª S.ª do Rosário	
Póvoa de Varzim	Confraria do Coração de Jesus	
Póvoa de Varzim	Confraria de N.ª Senhora das Dores	
Póvoa de Varzim	Confraria de N.ª Senhora de Belém	
Póvoa de Varzim	Confraria de S. José	
Póvoa de Varzim	Confraria de S. Tiago Maior	
Póvoa de Varzim	Confraria de N.ª Senhora de Lourdes	
Póvoa de Varzim	Irmandade de N.ª Senhora da Assunção (...)"	

Figura 12 - Copiador dos Mapas (1913, Janeiro, 6 - 1915, Novembro, 11), fl. 82 e 82 v., 1915, Fevereiro, 11 [ADPV / 0910]

No início do século XXI registamos a existência de 2 Irmandades, 11 confrarias (duas das quais se encontram extintas em 2004) e várias devoções, que aqui se encontram segundo a sua ordem de importância, que lhes advém da sacralidade da "invocação" (as confrarias ou Irmandades do Santíssimo Sacramento são aquelas a que é atribuída maior dignidade) e da antiguidade. Em termos protocolares, no decurso das procissões, respeita-se a ordem de precedência mas, seguindo a lógica

cristã, do fim para o princípio²¹⁰, ou seja, segue na última posição, em lugar de honra, a que é mais importante, ou aquela que teve o encargo de organizar a festa.

- *Confraria do Santíssimo Sacramento* (usa Opa vermelha). Tem origem na *Irmandade do Santíssimo Sacramento* que deu origem à *Confraria* actual. Segundo a tradição foi fundada em 1622.

- *Confraria de Nossa Senhora do Rosário* (usa Opa branca). Tem origem na *Irmandade de Nossa Senhora do Rosário* que deu origem à *Confraria* actual. Segundo a tradição foi fundada em 1686.

- *Confraria do Santíssimo Coração de Jesus / Coração Agonizante* (usa Opa vermelha e “cabeção” branco). Segundo a tradição foi fundada em 1661, tendo origem na *Irmandade do Nome de Deus*, “relacionada” com a *Confraria do Santíssimo Coração de Jesus, da Fortaleza*, que evoluiu, em 1768, para a *Confraria do Diviníssimo Coração de Jesus e do Santíssimo Nome de Jesus*, que deu origem à *Confraria* actual.

- *Confraria de S. Tiago Maior* (usava opas vermelhas com “cabeção” preto) - *Confradia de santiago Mayor*²¹¹. Segundo a tradição foi fundada em 1685 ou antes. Integrada na paróquia de S. José de Ribamar, criada em 1935. Extinta no século XX, ainda existia em 1978.

- *Real Irmandade de Nossa Senhora da Assunção* (usa opas bancas com “cabeção” verde). Tem origem na *Confraria de Nossa Senhora da Lapa, amparo dos homens do mar*. Foi fundada em 1761. Em 1791 passou a denominar-se *Irmandade de Nossa Senhora da Assunção*.

- *Confraria de Nossa Senhora das Dores* (usa Opa vermelha e “cabeção” azul). Tem origem na *Irmandade de Nossa Senhora das Dores*. Os seus Estatutos foram aprovados em 1769.

- *Confraria de Nossa Senhora de Belém* (usa Opa branca e “cabeção” vermelho). Segundo a tradição foi fundada em 1826, ou antes.

- *Confraria de S. José de Ribamar* (Opa azul e “cabeção” amarelo). Integrada na paróquia de S. José de Ribamar, criada em 1935. Os seus Estatutos foram aprovados em 1859.

- *Confraria de Nossa Senhora do Desterro* (Opa branca e “cabeção” azul). Integrada na paróquia de S. José de Ribamar, criada em 1935. Segundo a tradição foi fundada em 1937.

- *Confraria* (ou *Irmandade* ?) de *Nossa Senhora de Lourdes*. Ainda estava activa em 1978, mas foi extinta antes de 2004. Foi fundada em 1898.

- *Confraria de Nossa Senhora do Carmo* (usava Opa branca e “cabeção” ou “sobrecapa” castanho). Foi fundada em 1938.

- *Devoção do Senhor do Bonfim* (usa opas de cor vermelha, com cabeção roxo).

- *Confraria das Almas do Purgatório* (usa opa verde). Segundo a tradição foi fundada antes de 1693: *Irmandade das Almas do Purgatório* que deu origem à *Confraria* actual.

²¹⁰ Cf. COSTA, Joaquim Martins da - *Irmandades e Confrarias da Póvoa de Varzim...* Op. cit., 1978, (pp. 33 – 67) p. 33.

²¹¹ Cf. COSTA, Joaquim Martins da - *Irmandades e Confrarias da Póvoa de Varzim*, Op. cit., 1978, p. 51.

- A *Irmandade da Santa Casa da Misericórdia* (usa Balandrau preto). Esta Irmandade “deve tomar a antiguidade da Confraria dos Santos Passos (a qual, segundo a tradição, foi fundada em 1699), que a antecedeu”²¹². Em 1756 é instituída na antiga Igreja Matriz, ficando com parte das imagens e das obrigações que existiam naquela (como algumas celebrações da Semana Santa, que decorrem entre os dois edifícios), permanecendo uma estreita relação e colaboração entre ambas as instituições e espaços. Actualmente só participam nas cerimónias da Semana Santa.

Apesar de referirmos a normal cordialidade de que se revestiam as relações entre irmandades/confrarias e outras instituições, a importância de que se revestia a Misericórdia, pelo seu poder económico e posse do Hospital, era responsável por alterações da ordem pública na altura da eleição de uma nova Mesa administrativa. A insegurança nessas alturas era suficientemente preocupante para justificar o pedido, em 1900, por parte da Câmara Municipal, ao Governo Civil do Porto, do reforço da segurança policial, com a vinda de “10 polícias civis”.²¹³

²¹² Cf. COSTA, Joaquim Martins da - *Irmandades e Confrarias da Póvoa de Varzim*, *Op. cit.*, 1978, 38 - 40.

²¹³ Ver: Doc. n.º 15, Quadro de registos documentais, volume 3 – Apêndices.



Figura 13 - Confraria do Santíssimo Sacramento [tem origem na Irmandade do Santíssimo Sacramento - c. 1622]. Seguindo no lugar de honra, ou seja, em último lugar antes do pároco acompanhado pelos acólitos e grupo musical. Procissão e bênção de Ramos. N.ª S.ª da Conceição (Matriz) / Santa Casa da Misericórdia da Póvoa de Varzim. Domingo de Ramos, 10.30 Horas. 04.04.2004.



Figura 14 - Confraria de Nossa Senhora do Rosário [tem origem na Irmandade de N.ª S.ª do Rosário – 1689]. Procissão e bênção de Ramos. N.ª S.ª da Conceição (Matriz) / Santa Casa da Misericórdia da Póvoa de Varzim. Domingo de Ramos, 10.30 Horas. 09.04.2006.



Figura 15 - Confraria de N.ª S.ª do Rosário, Paróquia de N.ª S.ª da Conceição (Matriz). Juiz da confraria, Sr. José Adeia (ourives reformCado), com vara da confraria de prata e irmão com vara pintada com o emblema da confraria. Opa branca com emblema bordado e passamanarias douradas. Procissão de N.ª S.ª do Desterro. 13.06.2004.



Figura 16 - Emblemas bordados da Confraria de N.ª S.ª dos Rosário, aplicados nas opas. 10.10.2004.



Figura 17 - Confraria do Santíssimo Coração de Jesus [ou Coração Agonizante]. Teve origem na Irmandade do Nome de Deus (1661), depois, Confraria do Santíssimo Coração de Jesus da Fortaleza (1768). Procissão e bênção de Ramos. N.ª S.ª da Conceição (Matriz) / Santa Casa da Misericórdia da Póvoa de Varzim. Domingo de Ramos, 10.30 Horas. 09.04.2006.



Figura 18 – Real Irmandade de Nossa Senhora da Assunção (1756), o Juiz, Sr. Manazé, ao centro e dois membros da “mesa”. Opa branca com cabeção verde. Procissão do Senhor dos Navegantes, Caxinas, Vila do Conde. 01.08.2004.



Figura 19 - Confraria de Nossa Senhora das Dores (Opa vermelha e "cabeção" azul) – 1769: Tem origem na Irmandade de Nossa Senhora das Dores. Procissão de N.ª S.ª das Dores. 18.09.2005



Figura 20 - Confraria de Nossa Senhora de Belém (Opa branca e "cabeção" vermelho) – 1826 (ou antes). Procissão e Bênção dos Ramos. 2006.04.09



Figura 21 - Confraria de S. José de Ribamar (Opa azul e "cabeção" amarelo) [paróquia de S. José de Ribamar, criada em 1935] - 1860. Procissão de N.ª S.ª do Desterro. 11.06.2006



Figura 22 - Confraria de Nossa Senhora do Desterro (Opa branca e "cabeção" azul) [paróquia de S. José de Ribamar, criada em 1935] - 1860. Procissão de N.ª S.ª do Desterro. 11.06.2006.



Figura 23 - Confraria de Nossa Senhora do Carmo (Opa branca e "cabeção" ou "sobrecapa" castanho) – 1938. Procissão e Bênção dos Ramos. 04.04.2004. Na procissão de 2006 já não participou.



Figura 24 - Devoção do Senhor do Bonfim (opas de cor vermelha, com cabeção roxo). Procissão do Senhor do Bonfim. 07.09.2003.



Figura 25 - Confraria das Almas do Purgatório (opa verde) – anterior a 1693. Procissão de N.ª S.ª das Dores. 19.09.2005.



Figura 26 – Juiz da Confraria das Almas do Purgatório, senhor Casanova, ao centro. Procissão e Bênção de Ramos 09.04.2006.



Figura 27 - Existe um nítido sentimento de solidariedade (a par da natural rivalidade) que motiva a entreaajuda e amizade entre as diferentes confrarias. Membro da "Mesa" da Confraria do Santíssimo e Presidente da Confraria de N.ª S.ª do Rosário durante a paragem na Praça do Almada para a bênção da cidade a partir da Câmara Municipal.

A solidariedade entre confrarias é evidente não apenas entre as três paróquias da Póvoa de Varzim, mas também entre outras comunidades do concelho e exteriores, entre as quais existem ligações de cariz social, económico e cultural. A mais evidente é a participação em várias procissões (N.ª S.ª da Assunção, N.ª S.ª das Dores e N.ª S.ª do Rosário) da importante Confraria do Senhor dos Navegantes das Caxinas, de Vila do Conde, que apesar de pertencer a um concelho diferente está integrada no mesmo arcepriestado de Vila do Conde e Póvoa de Varzim. A essa participação contrapõe-se, como retribuição, a presença de diversas confrarias, como a Confraria de N.ª S.ª das Dores, Irmandade de N.ª S.ª da Assunção e Confraria de N.ª S.ª do Rosário, na procissão das Caxinas.



Figura 28 - Confraria do Senhor dos Navegantes, Caxinas. Procissão de N.ª S.ª das Dores. 19.09.2004

Martins da Costa informa-nos que além da Confraria das Caxinas, também tomavam parte na Procissão de N.ª S.ª da Assunção *“como convidadas e em regime de retribuição”*, as Confrarias de N.ª S.ª das Neves de Aver-o-mar (que com a anterior seguiam à frente da procissão) e a *“Confraria do Senhor de Matosinhos, em lugar especial, seja, entre as Confrarias do Santíssimo Sacramento e do Rosário, como Confraria do Santíssimo Sacramento que também é.”*

2.2.2. AUTORES

“É interessante acentuar que, tendo os grupos alegóricos, os «Anjinhos» nas procissões um fim catequético, a sua composição, indumentária, insígnias e a forma como fazem o «passo» no cortejo religioso, foram sempre objecto de estudos rigorosos baseados em pinturas, painéis, bíblias ilustradas, santinhos, etc., e na leitura atenta dos Evangelhos e livros sobre a Vida dos Santos, sobressaindo o Reverendo Padre José Cascão de Araújo que os imaginava, em estudo com as «armadeiras», os descrevia, desenhava vestes e insígnias e pessoalmente ia controlar às procissões se tudo se realizava conforme imaginara.”²¹⁴

O Tenente Francisco Félix Henriques da Veiga Leal conta-nos, na sua *Notícia da Vila da Póvoa de Varzim*, feita a 24 de Maio de 1758 em resposta ao Inquérito enviado pelo P.e Luís Cardoso, em 1758, que as cerimónias litúrgicas de bênção da nova igreja matriz e a procissão de transferência do Santíssimo Sacramento e imagens foram realizadas com pompa sem igual, porque o novo pároco, vindo há cerca de um mês para a bela e novíssima Matriz, era o mestre de cerimónias do arcebispo de Braga. As mudanças foram realizadas rapidamente, ainda com pormenores por acabar, mas o espaço soberbo do interior era já convidativo. Um interior barroco, cruciforme, mas com uma só nave, cuja cobertura em abóbada de berço criava uma sonoridade magnífica que convidava à realização de sermões, aos cânticos e à música. E, como o Tenente Veiga Leal informa, os próprios paroquianos já pareciam mestres-de-cerimónias ao fim de pouco tempo de receberem as instruções do experiente mestre.

A igreja fora construída com grandes dimensões, com visão de futuro, pelo mesmo mestre bracarense que tinha renovado a fachada principal da Sé de Braga, Manuel Fernandes da Silva. O amplo adro, de cariz cenográfico no alto da pequena urbe, convidava à realização de cerimónias no interior e no exterior do templo.

“...prepararam uma solemníssima procissão em que com toda a pomposa magnificencia foram conduzidas do antigo templo do ermo para o novo fabricado entre o povo, as Santas Imagens que deviam sahir da antiga Matriz, e debaixo do palio o Sanctissimo Corpo de Christo Sacramentado, e passando a procissão pelo terreiro de S. Sebastião avistando-a a fortaleza d'esta villa salvou ao rei dos reis com uma descarga de sua artilharia recebendo com a bandeira das reais armas e sagradas quinas, abatida, a bênção que o prestes deu á mesma fortaleza, prostrado de joelhos o povo e clero ao cantar o - Tamtum ergo.

Recolhida a procissão, collocadas as imagens nos respectivos altares, exposto o Sacramento augusto no throno, alegres os corações dos freguezes, e com mostras efficazes de devoção todo o povo, se deu

²¹⁴ Cf. COSTA, Joaquim Martins da - *As Procissões...* Op. cit., 1978, pp. 165 – 166.

principio á missa primeira, que officiou o parcho actual Diogo Ferreira, prestes que havia sido na procissão; actos a que se não faltou em cousa alguma ás ceremonias da igreja, porque o emprego que o dito parcho teve muitos annos de mestre d'ellas em varias funcções do serenissimo arcebispo primaz, e em todas as de seus dous bispos coadjutores tem exercitado os parochianos de tal forma, que qualquer d'elles pode ter o nome de mestre de ceremonias, que na igreja antiga se não podiam executar pela pequenez d'ella, sendo talvez este o motivo porque o parcho ha pouco mais d'um mez de posse d'esta igreja procurasse a brevidade da mudança.

Prègou de manhã o padre Bernardino de Santo Antonio, conego secular do Evangelista, e de tarde o padre Manuel Correa de Carvalho Salgado, collegial que foi no seminario de S. Pedro da cidade de Braga, ambos naturaes d'esta villa, que apostados entre si desentranharam a escriptura nas intelligencias com que acomodaram as circumstancias, mostrando que a sciencia lhes sobrevencia a idade."²¹⁵

Apesar de se tratar de uma pequena terra os rendimentos do pescado tornavam a vigararia - "chamada reitoria do cabido" da Sé de Braga - desejável. Os ares, o clima saudável, as águas, que tinham tornado a terra famosa (atraindo desde os monges de Tibães às famílias bracarenses e de toda a zona interior), os "vizinhos" devotos e de boa índole, o ambiente agradável, a proximidade tanto de Braga, como do Porto, tornavam esta paróquia apetecível.

É sintomática esta descrição em que se realça a propensão da população para participar activamente e com capacidade de aprendizagem na realização de cerimónias religiosas festivas. É compreensível que este gosto pela realização de procissões e elaboradas cerimónias litúrgicas, que perdura, seja o resultado de um exercício e gosto que foi correcta e de forma erudita acalentado ao longo de séculos, justificando a sua preservação.

A vila da Póvoa chamou a si, pois, com o tempo, muitos sacerdotes. Sendo "Reitoria colada, de apresentação do Cabido"²¹⁶, um sacerdote era nomeado "Reitor" da igreja Matriz²¹⁷ e existiam diversas capelas a que davam assistência, assim como a Misericórdia e o Hospital que também necessitavam de capelães.

Numa "Visita da 2.^a parte de Vermoim e Faria", realizada em 1825, somos informados que, relativamente à Póvoa de Varzim, para uma população de 1581 fogos (4285 pessoas de sacramento²¹⁸) existiam 6 sacerdotes.

Com a extinção das Ordens Religiosas, em 28 de Maio de 1834, e o clero regular disperso, muitos regressam à sua terra origem, enquanto outros se instalam em locais que os acolhem. Em 1845, numa Póvoa com 1958 fogos (8409 habitantes), o arcepreste de Vila do Conde identifica 17

²¹⁵ Cf. LEAL, Francisco Felix Henriques da Veiga - *Noticia da Villa da Povoia de Varzim, feita a 24 de Mayo de 1758...* em resposta ao Inquérito enviado pelo P.e Luís Cardoso, em 1758; [in BARBOSA, Fernando (publ. e pref.) - *O Concelho da Póvoa de Varzim no século XVIII...* Op. cit, 1958, pp. 313 – 314.]

²¹⁶ Cf. MARQUES, Mário César (introd. e notas) - *Visita de 1825 a paróquias hoje integradas no concelho da Póvoa de Varzim*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural» vol. XII, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da P. de Varzim, 1973, pp. 196 - 198.

²¹⁷ Nem sempre era um "reitor" a exercer o cargo. Por vezes, devido ao afastamento do reitor, por incapacidade, ou mau comportamento, ficava a ocupar o cargo um padre "encomendado" até ser nomeado devidamente, segundo o direito canónico, um novo reitor.

²¹⁸ Quando os números da população se referem as "pessoas de sacramento", não incluem as crianças pequenas, que ainda não realizaram a primeira comunhão.

sacerdotes aqui residentes, sendo 9 antigos “egressos” de várias ordens, agora secularizados, dos quais 4 eram naturais desta vila. Muitos colaboram como capelães nas cinco capelas da vila, além das 3 capelas régias (Misericórdia, N.ª Senhora da Lapa, ou Assunção, e a do castelo), mais o “oratório” (ou seja, uma capela no interior do “solar”, actual Museu Municipal) na casa de Francisco Velho d'Azevedo.²¹⁹

Um tão elevado número de clérigos, alguns com elevado valor cultural, como frei Sebastião de S. Luís, dos Agostinhos Descalços, permitem uma vida religiosa intensa, repleta de celebrações litúrgicas e festividades religiosas. Nos registos de notícias de 1877 e depois, de 1900, é perceptível um dia-a-dia cadenciado por eventos de cariz religioso.²²⁰

Mais tarde um nome surge, recorrente, na boca de todos os que falam e estudam as cerimónias religiosas desde 1900 a 1961, o Padre José Cascão.

O Reverendo José Gonçalves Cascão de Araújo (1874-1961), era natural da freguesia de Beiriz (concelho da Póvoa de Varzim) e depois de frequentar o Seminário Conciliar em Braga, ordenou-se no dia 31 de Julho de 1898.



Figura 29 – Fotografia do Padre José Gonçalves Cascão de Araújo. Col. MMEHPV.

²¹⁹ Cf. CÉSAR, M. (introd.) - *Inquérito às Paróquias do Concelho da Póvoa de Varzim em 1845, 1971*, pp. 22-226.

²²⁰ Ver: Vol. 3 – Apêndices.

Viveu, como sacerdote, sempre na Póvoa de Varzim. Foi nomeado capelão da Confraria de N.^a Senhora das Dores, sita na capela com o mesmo nome, onde “exerceu fecundo apostolado mariano. Em 1900 fundou a Pia União das Filhas de Maria, que fez da Igreja das Dores uma das mais concorridas da vila.

Era uma figura popular, de uma simplicidade e bonomia ímpares, que todas as pessoas ainda recordam com saudade. Quando novo, trabalhou activamente em várias Instituições locais. Foi Presidente dos «Bombeiros», da «Beneficente», da «Associação de Socorros Mútuos», do «Sindicato Agrícola». Deixou dispersa nos jornais locais bem elaborada colaboração, especialmente na *Estrela Povoense* de que foi administrador e co-redactor.

Era uma grande estudioso, principalmente de temas marianos, lendo continuamente e gastando em livros todo o seu dinheiro, dispunha de uma vasta biblioteca e “traduziu do Francês e do Italiano vários manuais de piedade”.²²¹

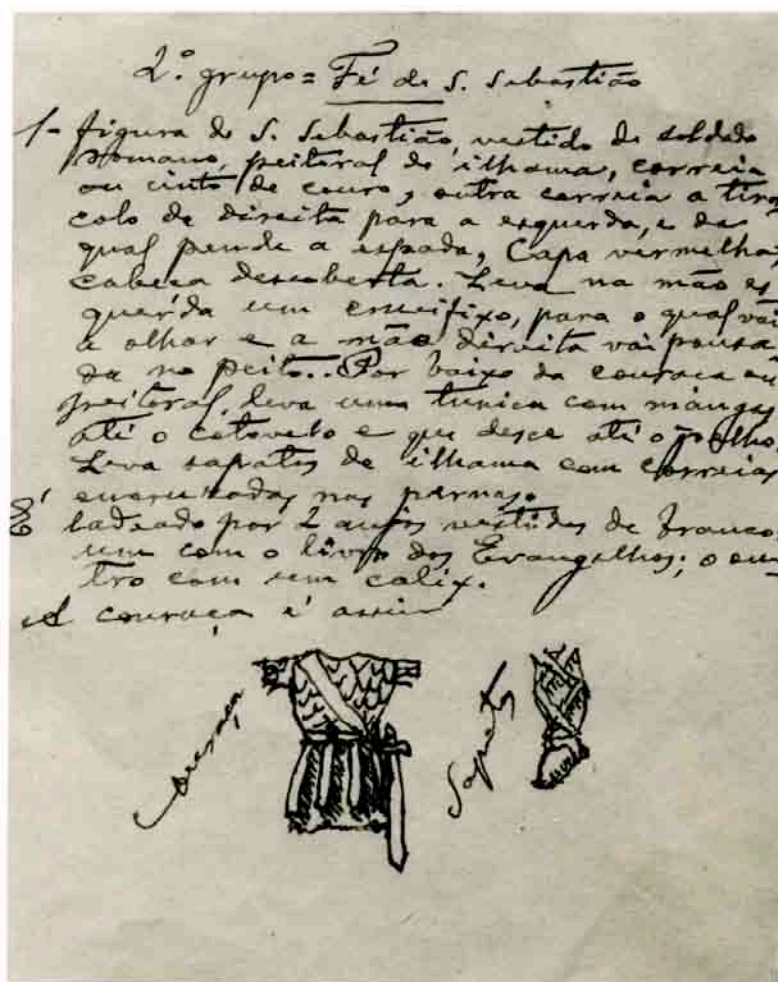


Figura 30 - “Reprodução de parte do original do P.e José Gonçalves Cascão de Araújo (1874-1961) relativo à organização ou «programa» da Procissão de S. Sebastião.” Publicada por: COSTA, J. M. – Ob. Cit., 1978, p. 171.

²²¹ Cf. BARBOSA, Jorge - Padre José Cascão, in, *Toponímia da Póvoa de Varzim*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. XXVIII, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal P. de Varzim, 1991, pp. 185 - 187. (De uma palestra, na sede dos Bombeiros Voluntários da Póvoa de Varzim, comemorativa do 4º Centenário do Seminário Conciliar de Braga, pelo Ex.mº Senhor Rev.º Padre Manuel Amorim).

Foi o grande redactor dos programas utilizados nas procissões da Póvoa a partir da primeira metade do século XX, sendo pago por quem os encomendava. Quando se desejava um novo programa, as “armadeiras” ou as confrarias faziam a “encomenda” ao Pe. Cascão, solicitando o que de novo se desejava, por exemplo, que ilustrasse uma oração, como os “Mistérios” do rosário. Nesses programas que preparava, descrevia com detalhe a composição e sequências a respeitar; as cenas; trajas; figuras e cores simbólicas; as cores, os atributos ou símbolos, etc.

No volume 3 deste trabalho reproduzimos os programas redigidos por ele e copiados por Dona Maria da Assunção Martins da Costa. Aí também reproduzimos dois folhetos (propriedade de um coleccionador particular) com “programas”, um de 1878, para a procissão de N.^a Senhora da Assunção (em que saiu pela primeira vez a escultura de S. Pedro Pescador, de Affonseca Lapa, e se menciona, a presença dos medalhados, José Martins Areias, José Rodrigues Maio, entre outros *arraís* da classe piscatória) e o Programa para a Festividade de N.^a Senhora das Dores, de 1880, onde se pode observar que todos os grupos de “figuras” e “anjos” são descritos. Em particular no programa dedicado a N.^a S.^a das Dores, os “figurantes” são identificados, assim como os seus atributos.

Em suma, existia, no século XIX, particular cuidado em organizar as procissões com um programa de cariz catequético, embora por vezes mais pobre de meios. Infelizmente só dispomos da cópia destes dois “programas”, não sendo, por isso, possível tirar conclusões acerca da provável diversidade e riqueza daqueles cortejos.

Para servirem de inspiração e exemplo, a família Martins da Costa conservava programas de outros locais, principalmente de grandes procissões realizadas com grande rigor teológico, como o “PROGRAMMA DA GRANDIOSA PROCISSÃO COMMEMORATIVA DO QUINQUAGÉSIMO ANIVERSÁRIO DA PROCLAMAÇÃO DO DOGMA DA IMMACULADA CONCEIÇÃO DA SS. VIRGEM MARIA MÃE DE DEUS” de 1904. Nesse programa (também transcrito no volume 3 – Apêndices) as próprias figuras alegóricas são descritas com rigor, desde a cor, ao atributo que transportam, a posição, as legendas em latim e mesmo o significado daquela representação.

É esta exactidão que encontramos nos esquemas preparados pelo Pe. Cascão, embora, como se tratavam de projectos de trabalho, normalmente não explicassem o significado. Mas esse rigor teológico e histórico, o cuidado na organização e na indumentária irá permanecer até à actualidade - os programas posteriores inspiram-se nos que ele criou, com as naturais adaptações aos novos temas e devoções.

Hoje, como há cem anos atrás, cada procissão, além de reflectir a fé de um povo, é verdadeiramente um momento de beleza²²² que resulta da perfeição dos trajas, da riqueza dos tecidos, dos atributos primorosos, das “figuras” bem escolhidas, tudo seguindo uma organização rigorosa e erudita.

²²² Cf. GOUVEIA, António Camões - *Procissões*, in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. 4 (P-V), Lisboa / Rio de Mouro, Círculo de Leitores SA & Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2001, p. 69.



Figura 31 - Procissão dos passos. 1941. Fotografia: Manuel Azevedo Duarte. Arquivo Manuel Lopes.



Figura 32 - Grupo alegórico da "Fugida para o Egito". Procissão de N.ª S.ª das Dores. 2004.09.19.

2.2.3. REALIZADORES: OS “ARMADORES”

Os *armadores*, que instalavam os panos e arranjos cenográficos nas igrejas, vestiam anjos, organizavam as procissões e montavam as “essas” na altura dos funerais de figuras gradadas da terra tinham, como verdadeiros cenógrafos, o seu trabalho particularmente destacado na historiografia e nos periódicos da localidade²²³.

No primeiro terço do século XX, na Póvoa existiam várias pessoas que “armavam anjos para as procissões”, nomeadamente: “Senhoras Alcina e Emília Marques, Senhor Virgílio Marques, irmão daquelas, D. Maria Flores, D. Amélia Rosa Vieira Maio e sua filha D. Elvira”. Também era normal contratarem-se “armadores” da vizinha Vila do Conde

Depois de 1931²²⁴ a Família Martins da Costa - sob a direcção da viúva D. Maria da Assunção Azevedo Martins da Costa²²⁵, que já tinha sociedade numa casa de Fazendas e Funerais - desenvolve, também, o negócio de “vestir Anjos”, assumindo, com a “Casa Confiança,” diversos trabalhos, dos quais se destacavam: a decoração de igrejas para celebrações litúrgicas, preparar procissões e tratar de funerais. D. Maria Amélia Ferreira, neta da D. Amélia Maio²²⁶, continua também com o negócio de família, esta com a “Casa dos Anjos”.

Apercebemo-nos que se passa por um período áureo na década de 40 a 60, em que coexistem duas famílias de “armadeiras” e respectivas “Casas”, normalmente dividindo o encargo das procissões pelas duas, alternando os grupos alegóricos. Não se limitam a trabalhar na Póvoa e freguesias, mas a sua fama leva-as a vestir cortejos em muitas terras do norte do país (destacando-se Viana, Monção, várias freguesias de Barcelos, Guimarães, Miranda, Bragança, Lamego).

Em 1982 a Família Martins da Costa “passa” a secção da “Casa Mortuária” da “Casa Confiança”, e encerra a sua actividade de “armadeira de anjos”. A partir deste momento permanece na cidade só a “Casa dos Anjos” pertencente a Dona Amélia Ferreira, que em 1990 entrega a “Casa” à responsabilidade de Elisa Novais, na altura uma estudante universitária em medicina, que a costumava auxiliar nos cortejos.

Na zona rural detectamos, na 2.ª metade do século XX, vários armadores, sendo de destacar: a “Casa Palhares”, de Lino Araújo de Balasar, que além dos funerais decora quase todas as igrejas nas

²²³ Logo em 1870, no primeiro ano da sua publicação, no «Estrella Povoense» se destaca repetidamente, nas referências às festividades religiosas, o trabalho do armador Manuel Rodrigues Vieira, da vila da Póvoa de Varzim, pela maneira como decorava as igrejas de maneira *brilhante*. Cf. «ESTRELLA POVOENSE», Póvoa de Varzim, Redactor principal - J. Baptista Moreira, Publ. aos Domingos, 1º Ano, n.º 2, 25.Fevereiro.1877, p. 2.

²²⁴ Ver em “Fontes Orais – Entrevistas: *Memória*” breve redigida por: Dr.ª Maria da Glória Martins da Costa [CASA CONFIANÇA] em Outubro de 1999. Volume 3, Apêndices.

²²⁵ Mãe da Dona Ana Maria Martins da Costa e Dr.ª Maria da Glória Martins da Costa que continuaram com o negócio depois da sua morte.

²²⁶ CF. COSTA, J. Martins da - *As Procissões ...*, Op. cit., 1978, p.165. Reportando-se ao segundo quartel do século XX.

alturas festivas e a Dona Ana Cabaças (filhos), a “armadeira de Beiriz”, que vestem muitas das procissões das áreas rurais. Estes não colocam em prática programas eruditos no figurado, mas usam mais “figuras” ex-voto (destinadas ao pagamento de promessas). É frequente estes colaborarem entre si e com a “Casa dos Anjos”, quando são necessárias muitas figuras iguais (como N.^a S.^a das Candeias, em Terroso, Santa Luzia, em Navais).

D.^a Elisa Novais continuou a vestir quase todas as procissões da cidade da Póvoa, excepto, nos últimos anos (a partir de c. 2000) em que as Procissões de N.^a Senhora do Desterro e a de N.^a Senhora do Rosário são entregues à Dona Paula Cunha da Silva, sem empresa comercial instalada, mas sedeadada na zona da Lapa, a qual, para vestir os “anjos” normalmente utiliza um espaço livre emprestado por pessoas da zona. A “Elisinha”, como é conhecida por todos, também organiza alguns dos mais importantes cortejos em várias das freguesias (Rates, Amorim, Aver-o-Mar, Aguçadoura, entre outras, em que colabora com os “armadores” locais), assim como se desloca a outras localidades, sendo da sua particular estima a paróquia de S. Miguel, em Leixões, por considerar, segundo as suas palavras: “os membros da confraria muito atenciosos e com afinidades com os do Bairro da Lapa, da Póvoa”.

Na listagem das despesas específicas de uma festividade religiosa, o pagamento pelo trabalho do armador é uma das verbas mais significativas. No entanto, o custo é aceite como compreensível dada a dimensão e a qualidade do trabalho, em que é preciso “pessoal sabedor”. O número de homens necessários e as despesas que acarreta, como a aquisição de grande quantidade de tecidos, a execução de trajes e motivos decorativos, em metal e madeira entalhada, dourada e policromada, quer para as procissões, quer para o arranjo das igrejas justificam, de facto, um generoso orçamento. Tudo isto é apreciado, quer por motivos religiosos e estéticos, quer pelo movimento económico que provoca.

“As cerimoniais da Semana Santa, na igreja Matriz, acarretam muita despesa e, sobre tudo, muito trabalho; - despesa, porque os padres não estão pela tabela de 1687, recebendo seis tostões para cantarem 4.^a, 5.^a, 6.^a e sabado, com obrigação de acompanhar a Procissão da Ressurreição, assistir á missa e cantar o responso final por 50 reis! - trabalho, porque a igreja tem de estar de gala e de luto: com arte para a Exposição, em forma de monte para o Enterro, coberta de crepes e gala para a Aleluia, sendo necessario pagar e ter muito pessoal activo, efectivo e sabedor.

Mas como para os grandes males se inventam os grandes remedios, a comida a rôdos, o vinho e os doces distribuidos a mãos largas, a tudo imprime movimento e acção, exercendo as funções do azeite no bancal duma maquina rotativa.

Todas as mezas administrativas da Confraria do Sacramento se empenham por dar o maior brilho possivel ás festas da Semana Santa.

Com efeito, essas festas são necessárias, o comercio e a industria não as dispensam; porquanto nesta quadra, ha em todos os estabelecimentos e oficinas um grande movimento que é o equilibrio financeiro da maior parte dos que vivem do trabalho.

Acabar com as festas da Semana Santa, seria levar a desgraça a centenas de casas.”²²⁷

O esquema seguido na organização da procissão é sempre o mesmo. Primeiro a “Casa” é contactada para apresentar o orçamento, sendo por vezes dadas algumas directrizes por parte da confraria, pároco, ou comissão de festas. Acordando-se no número de “figuras”, são avisadas as pessoas na missa que quem quiser pode inscrever os filhos na procissão. Paga-se normalmente uma pequena quantia quando se vai à “Casa” e pensa-se logo na figura adequada. Nessa altura escreve-se, no cartão pré-existente, com o nome da figura, as medidas (do ombro ao chão), e alguns pormenores, como o tom e o comprimento do cabelo, etc. Se a família deseja que a criança ou jovem envergue o traje de uma figura especial, como as que reproduzem as imagens do andor, a “apoteose”, ou a “Jerusalém” (durante a Semana Santa), terá que pagar uma quantia mais elevada, assim como para se vestirem “de promessa” (se a idade ou o aspecto físico não for o adequado, irão num grupo à parte no início da procissão para não adulterar a sequencia do “Programa”). Alguns lugares são tradicionalmente colocados à disposição de membros das confrarias, ou de benfeitores, para familiares. De qualquer maneira, para as “figuras” mais importantes há listas de espera e a jovem deverá ser adequada para o lugar, ou seja, bonita, de preferência alta, elegante e, principalmente, com uma postura adequada.

Usando as indicações dos cartões, a “armadeira” vai preparado os trajes, adaptando-os ao tamanho e condições das inscrições e, no dia do cortejo, durante toda a manhã, na “Casa”, ou num local cedido perto da igreja, vão vestindo as “figuras”, explicando o seu local na procissão, bem como a posição que devem assumir.

Cerca de hora e meia antes da procissão, congregam-se no adro da igreja onde se organiza a composição dos grupos. A “armadeira”, membros da confraria mais experientes e o pároco vão colaborando na colocação das pessoas na sequência correcta, nomeadamente as confrarias, pela ordem ditada pelo protocolo, os grupos alegóricos, os andores e os participantes no final. Os confrades vão seguindo ao longo da procissão (enquanto que noutras zonas as confrarias seguem numa linha contínua no início da procissão, como acontece no Senhor dos Navegantes, nas Caxinas) e vão zelando para que as crianças estejam bem. O pároco responsável e diversos confrades não assumem uma posição fixa no cortejo, mas vão-no percorrendo com celeridade para comprovar que tudo esteja bem e resolvendo problemas pontuais que surjam. Assim se compreende que o padre que leva a relíquia do Santo Lenho ou o Santíssimo Sacramento na custódia seja, tradicionalmente, um clérigo convidado que segue assim em lugar de honra.

²²⁷ Cf. LANDOLT, Cândido Augusto - *A Póvoa Linda (Lendas e Tradições Regionais)*, Póvoa de Varzim, “Propaganda”, 1914, pp. 76 - 77.

Intelectuais que escrevem sobre a Póvoa, como Pacheco de Amorim²²⁸, na qualidade de turista e “banhista”, reconhece os méritos destas Casas Armadoras, ao mesmo tempo que destaca “a vida religiosa intensa” do povo da Póvoa do Varzim. Na data em que o artigo é escrito, 1945, é de realçar que este professor catedrático de Coimbra fique “encantado” com a qualidade e beleza das procissões, classificando-as como as melhores que ele viu, destacando a organização dos “grupos”, em que os *“anjos são agrupados, ou para tirar efeitos cívicos (!), como numa das procissões dêste ano, o sete-estrêlo, - sete anjos vestidos de igual e cada um com sua estrêla; ou então para figurarem um mistério ou um passo das Escrituras”*, obtendo, assim, *“efeitos impressionantes”*, ao contrário do que ele viu em outros locais, em que, no *“geral, os anjos são postos nas procissões em grupos sem gosto e sem sentido. Não assim nas procissões da Póvoa.”*, afirmando mesmo que: *“Há na Póvoa o gosto e a arte de vestir os anjos e de os agrupar e combinar de modo a tirar efeitos belíssimos.”* Sentimos no professor a surpresa sentida ao deparar com uma realização de cariz religioso erudito, a qual ele estava mais habituado a ligar à “religiosidade popular”.

Nestes cortejos também se consegue deleitar os sentidos pela beleza do conjunto, uma beleza, que quase poderíamos apelidar de clássica, pela organização cuidadosamente pensada, resultando numa obra que agrada e deleita, não pela quantidade e riqueza das figuras e andores, mas pela perfeição e proporção do trabalho que, com toda a justeza, podemos considerar artístico.

Lembrando o que referimos aquando do prévio historial das Procissões na Póvoa, as “casas” de “armadores” existentes na primeira metade do século XX, nomeadamente, D. Amélia Rosa Vieira Maio e, mais tarde, a sua neta: Maria Amélia Ferreira [Casa dos Anjos] e a família Martins da Costa [Casa Confiança], destacavam-se pela erudição e religiosidade dos seus elementos, que os motivava a procurar o máximo rigor catequético e histórico, a qualidade de execução dos trajés e da organização dos cortejos, respeitando os programas teologicamente irrepreensíveis do Pe. Cascão.

Para cada procissão existem vários programas, como se pode observar no livro manuscrito Programas de Grupos Alegóricos das Procissões da Póvoa, imaginadas pelo Padre José Gonçalves Cascão de Araújo e copiadas por D. Maria da Assunção Ribeiro Martins da Costa²²⁹, em que a D. Maria da Assunção, na 1.^a metade do século XX, ia transcrevendo os programas das diversas procissões e as suas variantes à medida que iam sendo recolhidas. A variedade dos programas, embora seguindo os temas próprios, fazia com que estes cortejos se revestissem sempre de alguma novidade e diversidade.²³⁰

²²⁸ Cf. AMORIM, Pacheco de - *Impressões da Póvoa de Varzim*, in «Guia Ilustrado da Praia da Póvoa de Varzim. Elucidário para Banhistas e Forasteiros. Propaganda», (separata da Corografia Histórica «Terras Portuguesas», 4.º ano, Póvoa de Varzim, Tipografia Camões - Editora - PV. Sob o patrocínio da Câmara Municipal, 1946, pp. 53 – 55 (Do «Jornal do Pescador, Outubro de 1945).

²²⁹ Pacheco de Amorim realça o facto de que, naquela época, a “vida na Póvoa é baratíssima”.

²³⁰ Transcrito em Apêndices.

²³⁰ Ver: capítulo sobre “Programas Iconográficos”. “É interessante acentuar que, tendo os grupos alegóricos, os «Anjinhos» nas procissões um fim catequético, a sua composição, indumentária, insígnias e a forma como fazem o «passo» no cortejo religioso, foram



Figura 33 - AMORIM, Pacheco de - Impressões da Póvoa de Varzim, in «Guia Ilustrado da Praia da Póvoa de Varzim. Elucidário para Banhistas e Forasteiros. Propaganda», (separata da Corografia Histórica «Terras Portuguesas», 4.º ano, Póvoa de Varzim, Tipografia Camões - Editora - PV. Sob o patrocínio da Câmara Municipal, 1946, pp. 53 - 55.

A actividade dos “armadores” é, por fim, completada com a actuação dos “compositores”. Subscrevemos as palavras de Martins da Costa quando afirma: “Para brilho do desfile das procissões,

sempre objecto de estudos rigorosos baseados em pinturas, painéis, bíblias ilustradas, santinhos, etc., e na leitura atenta dos Evangelhos e livros sobre a Vida dos Santos, sobressaindo o Reverendo Padre José Cascão de Araújo que os imaginava, em estudo com as «armadeiras», os descrevia, [p. 166:] desenhava vestes e insígnias e pessoalmente ia controlar às procissões se tudo se realizava conforme imaginara.” Cf. COSTA, Joaquim Martins da - *As Procissões...* Op. cit., 1978, pp. 165 - 166.

²³³ CF. COSTA, J. Martins da - *As Procissões ...*, Op. cit., 1978, p. 166.

especialmente dos grupos alegóricos, muito contribuía a acção dos «compositores», que chegaram a ir compor procissões fora da Póvoa (Viana do Castelo, Barcelos, Lamego, etc.). Citamos entre os compositores o grande poveiro Joaquim Luis Monteiro, os Senhores Tito Lívio Gonçalves Franco, António Festas, Francisco Vilaça, Manuel Pinheiro, Manuel Prisão e António Casimiro da Silva Ramos. Modernamente também ajudam a compor os escuteiros, com postos emissores-receptores portáteis.”²³³



Figura 34 - Grupo alegórico recebendo indicações de um dos “compositores”. Procissão de N.ª Senhora do Bom Sucesso. Argivai (S. Miguel-o-Anjo). Domingo “de Pascoela” – 6 H. 18.04.2004.

Mas para além destes autores e “realizadores de programas iconográficos, também os “figurantes” em muito contribuía e continuam a contribuir para a dignidade e mesmo o esplendor das procissões poveiras. Dedicemos-lhes, pois, alguma atenção.

2.2.4. PARTICIPANTES

Os que se integram nos cortejos estão usualmente intimamente ligados à Igreja, como clérigos, diáconos, membros de ordens religiosas – principalmente as Irmãs Doroteias, que desde 1900 inauguraram o Colégio do Sagrado Coração de Jesus, e outras ordens femininas que colaboram no Hospital e diversas obras de caridade. Para além destas, refira-se a recorrente presença de leigos que fazem parte integrante das confrarias e irmandades, de grupos organizados por devoções ou actividades religiosas. Citemos, como exemplo, as crianças que recebem lições de catequese, “As Filhas de Maria”, os “Pagens da Santa Cruzada”, os Escuteiros, as meninas da “Joc” - Jovens Operárias Católicas, a que acrescem grupos de jovens, grupos corais, etc. que se vão formando ao longo do século XX. As sua participação reflecte aspectos de afirmação social, ou de verdadeira devoção, sempre exteriorizando a faceta de bons e intervenientes católicos.

“ANJINHOS E “FIGURAS”

Os “anjinhos” e “figuras” diversas participam por vontade dos pais, por devoção, muitas vezes “pagando promessas”, os quais, semanas antes, os inscrevem, pagando o aluguer do traje, que varia conforme a importância da personagem escolhida. Por vezes a marcação é mesmo feita com anos de antecedência. Mas muitos são familiares dos já referidos confrades, que, aliás, têm preferência na escolha desse figurado, ou de famílias que oferecem importantes donativos, ou ainda dos que se encarregam de realizar o transporte de andores.

Muitos destes colaboradores e patrocinadores, com dinheiro e trabalho, das procissões, são originários da classe piscatória. A retribuição dos seus serviços e boa vontade implica a despesa do “agasalho” (merenda no final) e o pagamento de alguma compensação aos que fazem trabalhos mais pesados²³⁴. Frequentemente é o mestre, ou “patrão” de uma embarcação que dá importantes esmolas e se encarrega dos trabalhos pesados, com a colaboração de “camaradas” dos barcos. O transporte do andor da Senhora da Saúde da Matriz da Póvoa até Laundos é realizado há diversos anos pela “companha” da motora “Senhora da Saúde”, e andores pesados, como o andor da “Coroação de Nossa Senhora pela Santíssima Trindade” têm sido do encargo da família “Manazé” (uma das poucas grandes famílias de pescadores que continuou a residir na Rua da Junqueira em finais do século XX, inícios do XXI, possuindo uma peixaria, numa travessa desta rua), com vários familiares pertencentes à

²³⁴ “Aos andores pegam «companhas» completas, com o Mestre a comandar o andor. No final da procissão há «um agasalho», que é uma merenda para compensar o esforço dispendido, merenda que, às vezes, é dada em casa do Mestre.” Cf. COSTA, J. Martins da - *As Procissões...* Op. cit., 1978, p. 166.

Irmandade de Nossa Senhora da Assunção e outros, por afinidade, à Confraria dos Santíssimo Sacramento da Matriz.

É natural que as famílias, as crianças e as jovens gostem de fazer parte destes eventos a que eles assistem desde crianças e em que participaram também os seus familiares, tornando-se parte da história e da identidade da família. Fotografias antigas e histórias divertidas de meninos vestidos de soldados a picar os “pobres Cristos”, de acidentes cómicos e de grandes beldades apreciadas por todos, com os longos cabelos ou a bela postura, e da tia ou da madrinha que neles participaram, são lembrados em todos os cortejos.

Também não podemos esquecer que para as figuras principais são, discretamente, escolhidas as jovens mais bonitas “da classe”, tornando-se um motivo de orgulho para toda a família. É natural que se sinta vaidade por fazer parte de um evento tão importante na localidade. Assim se compreende que as meninas e jovens vão ao cabeleireiro e se preparem com esmero. Existe apenas um senão: é sempre um pouco mais difícil arranjar jovens rapazes para fazerem par com as jovens, porque a partir dos 11 ou 12 anos, para muitos dos rapazes torna-se desagradável ter que usar peruca e roupas que, em vez de lembrarem vestidos de noite, de luxo, como os das meninas, lembram trajes de cena.

TRANSPORTADORES DE ANDORES, PENDÕES E BANDEIRAS

Os transportadores de andores, pendões e bandeiras são também participantes de grande protagonismo, pelo que a sua aparência é, de igual modo, cuidada, como de resto, o de todos os participantes. O traje usado nas procissões é seleccionado com cuidado. Todos os membros da Mesa da Confraria do Santíssimo Sacramento devem possuir um fato preto, de cerimónia. Nas procissões da Semana Santa todos usam balandraus pretos e os que carregam os andores devem levar o mesmo tipo de camisa (normalmente branca ou de xadrez) ou “fardas”²³⁵ típicas, para transportar andores especiais, como o de S. Pedro, em que todos vão vestidos a rigor, com o traje do Rancho Poveiro, ou seja, com as camisolas bordadas e calças de tecido de lã .

²³⁵ Os pescadores chamavam “fardas” à sua roupa. Por exemplo, a “farda branca” era composta por um par de calças de branqueta de lã e camisola bordada; enquanto que a farda de representações oficiais era constituída por um fato branco de “branqueta de lã” bordejado a vermelho.



Figura 35 - Andor de S. Pedro. Procissão de S. Pedro. Igreja de N.ª S.ª da Lapa. 29.06.2004.

Principalmente nestas procissões de S. Pedro (por ser ele o santo protector daqueles que andam no mar), e nas da Senhora da Assunção, Nossa Senhora das Dores e Desterro, é costume irem “*companhas*”, toda a tripulação de um barco, que pagam muito caro para poderem levar os andores

mais prestigiados²³⁶: a *Sagrada Família no Desterro*; a *Nossa Senhora da Assunção* e a *Nossa Senhora das Dores*. Quando não existem “companhas” interessadas, quem contrata os “carregadores”, além de pagar entre 25 a 30 €, a preços de 2004, deve, ainda, fornecer uma camisa ou pólo branco, para todos os que transportam o andor vestirem de igual.



Figura 36 – “Companha” com o nome da sua embarcação e a fotografia estampada nas costas. Procissão de N.^a Senhora do Desterro, Capela de N.^a S.^a do Desterro. 13.06.2004

²³⁶ Afirmam em entrevista: “têm um mealheiro no barco, onde vão juntando o que podem, para darem na festa da Senhora”



Figura 37 - Andor de N.ª S.ª do Desterro. Os "camaradas" da "companha" usam camisas azuis: a cor de N.ª Senhora e da cidade da Póvoa. Procissão de N.ª Senhora do Desterro. Capela de N.ª S.ª do Desterro. 11.06.2006.



Figura 38 - Na fotografia de grupo é patente o orgulho de transportar um andor e particularmente quando é o andor principal, neste caso o da Sagrada Família no Desterro. Capela de N.ª S.ª do Desterro. 11.06.2006.

Outra tradição conservada é o cuidado da confraria responsável por uma devoção, ou do “Juíz de Andor” (aquele que assumiu a responsabilidade de cuidar de um andor específico) servir um lanche (onde antigamente a posta de bacalhau frito e o vinho tinto eram tradicionais).

Todas estas são permanências testemunhadas desde o princípio do século XX e, porventura, informadas de muito mais longa história.



Figura 39 – “Agasalho”, ou merenda oferecida aos participantes na Procissão do Enterro do Senhor, na sala da Confraria do Santíssimo Sacramento. Deve incluir, entre outras iguarias, uma boa posta de bacalhau frito e vinho para acompanhar. N.ª S.ª da Conceição (Matriz) da Póvoa de Varzim. Sexta-feira Santa. 23 H. 25.03.2005.

REPRESENTANTES DE INSTITUIÇÕES CIVIS E MILITARES

Outros recorrentes participantes activos no evento são os representantes de instituições civis e militares. A Câmara Municipal da Póvoa do Varzim apresenta-se como co-responsável, actualmente, pela organização de algumas procissões (a procissão de S. Pedro, que criou, e a de Nossa Senhora da Assunção, que ajudou a preservar), em articulação com o seu estatuto de comissão fabriqueira da igreja Matriz, que lhe foi atribuído em meados do século XVIII, época em que “o povo” da vila decidiu mandar construir uma nova igreja de grandes dimensões, tendo em conta a amplitude populacional. A igreja é construída ao lado do edifício da Câmara Municipal, criando um pólo nuclear cívico e religioso, reafirmando a qualidade da vila como individualidade própria. Aliás, e como já referimos, o “senado da Câmara” tinha, desde 1610, direito de se instalar num cadeiral na antiga matriz.:

“O senado da camara d'esta villa tem ao pe do arco cruzeiro d'esta igreja, como padroeiro, por fabriqueiro d'ella um assento d'espaldas que se pôz no anno de 1610 - sendo juiz ordinario e da igreja Affonso Fernandes Medella, e sendo-lho prohibido por um capitulo de visitação se lhe mandou conservar por despacho do arcebispo D. João de Sousa datado de 3 de outubro de 1699.

O juiz ordinario d'ella é juiz da igreja, e procedendo o parcho Antonio Francisco Seixas á eleição de juiz da igreja, separado, recorreu o senado, como cabeça do povo, ao arcebispo, e em Relação se accordou que sem embargo de quaesquer capitulos, ou ordens se observasse o antigo costume de ser juiz da igreja o ordinario da villa, e o mesmo succedeu sobre o capitulo que deixou o visitador Manoel da Cunha Lira, e lhe foi derogado por accordão da Relação primaz de - 4 d'abril de 1726.”²³⁷

Em 1742 a obra de pedraria da nova igreja é arrematada por Manuel Fernandes da Silva “mestre de pedraria” de Braga e, em 1743, é lançada a 1.^a pedra. Em 6 de Janeiro de 1757 é sagrada solenemente. Por essa altura, em 1758, a Póvoa contava com 545 fogos (1543 pessoas).

Quando a igreja foi inaugurada, em 1757, realizou-se “uma soleníssima procissão”, em que participam todas as autoridades e forças vivas da terra. Para a construção da nova igreja Matriz tinham-se congregado todos os esforços, desde o trabalhador que pagava mais uma “finta”, até ao rei que abdicava de parte dos seus impostos. Ao lado do edifício dos Paços do Concelho, a nova igreja patenteia o orgulho do seu Povo e a marca da sua vontade de “ser grande”. Quanto à colaboração e apoio da Câmara civil, esse facto nunca será esquecido, seja pelo facto relevante de o Juiz da igreja ser o Juiz da Câmara (ou seja o seu Presidente), direito que “por ser costume antigo” será respeitado por ordem do arcebispo, contra todas as Leis da diocese. Assim, o facto de a edilidade possuir *cadeiral*

²³⁷ Cf. LEAL, Francisco Felix Henriques da Veiga - *Noticia da Villa da Povo de Varzim, feita a 24 de Mayo de 1758*. Resposta ao Inquérito dirigido pelo P.e Luís Cardoso, em 1758; [in BARBOSA, Fernando (publicou e prefaciou) - *O Concelho da Póvoa de Varzim no século XVIII - As Memórias Paroquiais de 1736 e 1758*, in «PÓVOA DE VARZIM. Boletim Cultural», vol. I, P. Varzim, 1958, p. 315.]

próprio na Matriz e participar activamente nas festividades religiosas torna-se, de igual modo, incontestável.

É consabido o facto de a organização de procissões como as do Corpo de Deus serem ancestralmente da responsabilidade das Câmaras Municipais do país, prática que se mantém até ao advento da República. Na Procissão do Corpo de Deus participava, por tradição - e obrigação! – todo o executivo camarário, assim como os seus funcionários e todas as corporações do concelho.

Assim se compreende que, na Póvoa, quatro dias depois do acolhimento entusiasta da República, em 6 de Outubro de 1910²³⁸, se pergunte se não há “inconveniente” em permitir a realização da festividade de N.ª S.ª do Rosário no domingo seguinte²³⁹. Aparentemente, não terá havido grandes problemas com a realização dos cortejos religiosos no decurso da 1ª República, pois que, se não se realizou a festividade de N.ª S.ª da Assunção em 1912, foi devido á falta de verbas da Irmandade, tendo-se, todavia realizado em 15 de Agosto de 1911 com todo o esplendor, sendo publicada a fotografia do carro alegórico do “Triunfo da Igreja”.²⁴⁰

Apesar de tudo, só em 1947, na reunião de Câmara de 4 de Junho, foi decidido que seria autorizado que *“da sacada dos Paços do Concelho fosse lançada ao público a bênção do Santíssimo Sacramento e Incorporar-se na procissão do Corpo de Deus, no dia 5 do corrente”*²⁴⁶

Além do *Corpo de Deus*, em que a participação da edilidade era um dado adquirido, sabemos que era, também, costume as autoridades da Póvoa de Varzim, por solicitação directa da Real Irmandade de N.ª S.ª da Assunção, participarem na maior procissão da povoação, que era assumida como festa do concelho, existindo disso provas documentais nos *Livros de Actas das Sessões da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim*, primeiro solicitando a participação e depois agradecendo.

Outro cortejo que, pela sua importância e solenidade contava, e conta, com a participação do executivo camarário, autoridades militares e representantes de Associações, é a procissão do Enterro do Senhor. Curiosamente, as outras cerimónias da Páscoa não apresentam este acompanhamento, caracterizando-se por um protocolo menos rígido e uma maior simplicidade. Mas o que também não podemos esquecer - e aqui sentimos verdadeiramente a marca do peso da história e da tradição – é que as duas procissões referidas, do Corpo de Deus e do Enterro do Senhor, são as mais antigas de que temos notícia de se realizarem na vila, além de serem também as mais importantes do ponto de vista litúrgico. A par destas, só a de N.ª S.ª da Assunção, pelo facto de funcionar como procissão da

²³⁸ Ver: Doc. n.º 100, Quadro de registos documentais, volume 3 – Apêndices.

²³⁹ Ver: Doc. n.º 102 e 103, Quadro de registos documentais, volume 3 – Apêndices.

²⁴⁰ Cf. LANDOLT, João Agostinho (direct.)- *Uma Procissão que não sae. A Senhora d' Assumpção*, in Revista «A "Povo de Varzim"», 1.º ano, n.º 21, Póvoa de Varzim, Dir. propr. e edit. - João Agostinho Landolt, 1912, (p. 1 - rosto e seguintes).

²⁴⁶ Cf. *Livro de Actas das Sessões da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim*, Sessão de 1947, Junho, 04, Fl. 21.

patrona da terra. Embora não seja o orago da mesma é ela também “amparo dos homens do mar”, aspecto de suma importância numa terra de marítimos.

Na procissão de S. Pedro, cuja implementação partiu dos serviços do Turismo da Câmara Municipal a partir de 1962, decretando-se para essa data um feriado concelhio, e realizando-se as festividades em geral com o apoio da Câmara, era natural que esta participasse no evento. Também costumam estar presentes representantes das cidades geminadas e outras entidades oficiais que nela são convidados a participar.

Outras procissões, embora de menor importância, pelo valor simbólico e identitário de que se revestem para as comunidades locais, motivam a participação de autoridades civis, nelas comparecendo normalmente representantes da Câmara Municipal, da Junta e das forças militares. Destacam-se, pelo seu valor popular, a quase rural procissão de N.^a S.^a de Belém, a caminho de Beiriz (que justifica até a participação da Junta de Freguesia de Beiriz) e a de N.^a S.^a do Desterro, na zona Norte, cujo profundo bairrismo motiva a que o próprio Presidente da Câmara e alguns vereadores que aí habitam nunca deixem de participar.



Figura 40 – Presidente da Câmara, Dr. Macedo Vieira, ao centro, ao seu lado esquerdo o vice-presidente, Eng.º Aires Henrique do Couto Pereira. Do lado de fora, à direita, o vereador da cultura, Dr. Diamantino Baptista e à esquerda do Vice-presidente, o presidente da Junta da Póvoa de Varzim. Atrás segue o responsável máximo no concelho da Guarda Fiscal e outros elementos da Junta e associações civis e culturais da zona. Seguem todos no final na procissão (ou seja, no lugar de honra), depois do pálio e dos membros da confraria de N.^a S.^a do Desterro, que organizam a festa. 11.06.2006.

Nas freguesias, e nas principais procissões, também é de regra convidar membros do poder político, Presidente da Câmara, vereadores, membros das Juntas de Freguesia e associações locais, a participam nas procissões.

Independentemente do gosto e até da devoção particular das figuras públicas e das autoridades civis, a sua comparência nestes cortejos solenes, em que quase toda a população participa, ou assiste, revestem-se de uma importância política evidente. Assim como a comparência dos políticos nos enterros das pessoas “gradas” das terras demonstram a sua consideração pela localidade e suas gentes, também a sua presença nas festas que as caracterizam e são motivo de orgulho, se apresenta como momentos de contacto privilegiado com as populações, estabelecendo empatias entre quem festeja em comum, um “estar com os outros²⁴⁷” que todos aproxima, apesar das diferenças de estatutos ou, mesmo, de ideologias.

A mais curiosa participação, até pelo reduzido alcance político do evento, é a do vereador do Pelouro da Cultura na Procissão de N.ª S.ª de Fátima dos Infantários. São as crianças acompanhadas pelas Educadoras de Infância, as quais solicitam audiência e vão convidar “oficialmente”, ao edifício da Câmara Municipal, o Vereador da Cultura. O pequeno cortejo que se organiza na Praça do Almada, num dia de semana, é logo envolvido por sorrisos de carinho e a atenção dos poucos transeuntes que andam pelo espaço entre a Praça e a igreja Matriz. Rapidamente quem se encontra em casa coloca colchas de renda branca nas varandas e é com toda a solenidade que o vereador acompanha o arcipreste e alguns párocos, no final do cortejo, a que, apesar de faltar o pátio e a santa relíquia²⁴⁸, não deixa de ter a cruz paroquial e lanternas, orgulhosamente transportadas por alguns membros da Confraria do Santíssimo Sacramento.

²⁴⁷ DIAS, Geraldo José Amadeu Coelho – *O Mar e os Portos como catalizadores de religiosidade*. Actas: *O Litoral em Perspectiva Histórica. Sécs. XVI a XVIII*, Porto, Instituto de História Moderna da Universidade do Porto, 2005, p. 278.

²⁴⁸ Não deveríamos chamar a este cortejo de crianças do Infantário de Procissão, visto que lhe falta a presença do turíbulo com o incenso a fumar e de um objecto sagrado, como uma relíquia ou a custódia com o Santíssimo, protegidos pelo obrigatório pátio. O clero que participa não segue paramentado no cortejo e a cerimónia só ganha um “verdadeiro” valor litúrgico a partir do momento em que entra na igreja matriz. Trata-se mais de um “exercício espiritual”, quase diríamos, de um jogo, do que uma verdadeira procissão. Mas quem vê passar uma “Nossa Senhora de Fátima” usando sapatilhas e calças de ganga sob a túnica branca, mas com as mãos postas e numa atitude de perfeita concentração e alegria, percebe que aquele não é um acontecimento secundário, mas um momento de intensa sacralidade.



Figura 41 - Procissão de N.ª Senhora de Fátima dos Infantários. 2005.05.14. Seguem no fim do cortejo (lugar de honra): o vereador da Juventude e o vereador do Pelouro da Cultura da Câmara Mun., o Mons. Manuel Amorim (de Beiriz) e, à frente, o Prior da Matriz, o Arcipreste Pe. Domingos Araújo e o pároco da Aguçadoura.

A presença de representantes militares é também reconhecida, hoje, como anteriormente, associando-se, afinal, à presença das restantes autoridades do concelho, a política e a religiosa. Essa participação está documentada pelo menos desde 1758, data em que Francisco Felix Henriques da Veiga Leal, capitão da Fortaleza e familiar do Santo Ofício, colaborou com o pároco na redacção da “Notícia” desta Vila, descrevendo-a tal como era nesse período e relatando a sua história. Nota-se, pela descrição da procissão da inauguração da matriz e noutras actividades, que colabora activamente com as cerimónias religiosas da localidade, disponibilizando a sua pessoa, a fortaleza, também com a invocação de N.ª S.ª da Conceição e respectivos militares para serviços e manifestações de índole socio-religiosa.

CONTROLADORES DA ORDEM E SEGURANÇA

Aquando dos festejos religiosos afluem sempre grande número de visitantes, que, no Verão, se vêm somar aos muitos veraneantes que se encontram na Póvoa. A manutenção da ordem e da segurança, para evitar os roubos e os confrontos, a desagradável mendicância e, com o avançar dos anos, o controle do trânsito, são um dos grandes motivos de preocupação por parte das autoridades, merecendo-lhe particular atenção. Esta é, de resto, frequentemente, a única a ficar registada na

documentação camarária. Podemos comprovar este facto através dos frequentes e repetidos pedidos de reforço de forças militares por altura das procissões, romarias e arraiais.&

A título de exemplo, no ano de 1900 o Administrador Interino da Câmara Municipal pede ao Governo Civil do Porto, para reforço da força policial local, quatro guardas civis para a procissão dos Passos²⁴⁹ e 8 guardas civis, um da policia judiciária e 8 guardas a cavalo, para os dias das festas de N.ª S.ª da Assunção, de 14 a 15 de Agosto de 1900, invocando o aumento da população, de cerca de 15 000 almas, “aumentada com a população proveniente da colónia balnear e, mais ainda, com os visitantes que neste dia concorrem aqui vindos de fóra”²⁵⁰

Na actualidade, em todas as procissões, em particular nas mais concorridas, é fundamental a intervenção das forças da ordem, para controlarem o movimento automóvel, evitando, dentro do possível, engarrafamentos de tráfego. Foi um problema que se foi avolumando ao longo do século XX. Em 1919 ²⁵¹ o Governo Civil do Porto era informado pela Câmara Municipal da Póvoa de Varzim acerca da existência de três automóveis nessa vila, identificando os respectivos proprietários. Face ao seu reduzido número, e mesmo tendo em conta a afluência de automóveis dos muitos visitantes, este problema só se tornará agudo mais tarde, permanecendo na recordação de todos os engarrafamentos que desde a década de 60 e até à década de 90 ocorriam, os quais só se viriam a resolver com a abertura de um itinerário alternativo - o IC1. É patente, todavia, o cuidado em facilitar o normal percurso do trânsito durante os eventos festivos já desde a segunda década do século XX.

Entre os dias 13 e 15 de Agosto de 1916, aquando da realização de “*um grande festival na Alameda da Praça do Almada, por ocasião das festas da Assumpção*” atendendo a que o recinto atravessava a estrada distrital foi pedida licença ao Governador Civil do Porto “*para notificar ao Ex.mo Snr. Director das Obras Publicas de que o trânsito [ficaria] interrompido das 20 horas nos referidos dias às 4 horas do dia seguinte por conveniência do policiamento do local, fazendo-se o trânsito pelas ruas laterais da alameda, sem prejuízo para o público e veículos*”. Como é usual, foi pedido o reforço do policiamento, considerando ser insuficiente “*o destacamento da Guarda Republicana aqui destacada*”, atendendo “*à enorme aglomeração que ali se costuma juntar*”.²⁵²

²⁴⁹ Ver: Doc. n.º 10. in Vol. 3 – Apêndices.

²⁵⁰ Ver: Doc. n.º 19 e 20 de 1900.08.13.

²⁵¹ Ver: Doc. n.º 156, transcrito a partir do *Copiador da Correspondência para o Governo Civil (191 - 1921)*, 1919.10.29, Fl. 6 v..

²⁵² Ver: Doc. n.º 147, de 1916.08.06.



Figura 42 - Em todas as procissões elementos da Polícia de Segurança Pública (e às vezes Polícia de Intervenção) seguem à frente da procissão para interromper o trânsito rodoviário e afastar os transeuntes. Procissão dos Passos da Póvoa de Varzim. (N.ª S.ª da Conceição / Matriz) / Santa Casa da Misericórdia da Póvoa de Varzim. Domingo da Paixão, 17 Horas. 2004.03.28.

Uma das verdadeiramente difíceis funções da Polícia e de outros agentes da autoridade é a de acautelar que as pessoas que assistem não ocupem o espaço necessário para o decorrer do cortejo. Os “mares” de gente nas principais procissões e a busca de um bom local de observação podem levar os fiéis a assumir atitudes muito agressivas, que lembram a atitude natural de garantir um espaço próprio, podendo transformar-se num aspecto de primeira necessidade que tem que ser preservado a todo o custo. Por este motivo, nas procissões mais importantes, as confrarias, com o apoio do clero, “armadores” ou membros da autoridade local, desenvolvem sempre grandes esforços para poder contar com a intervenção dos membros da GNR montados em garbosos e belos cavalos, normalmente brancos, que abrem o cortejo, conseguindo com facilidade afastar o povo que normalmente, no início do cortejo, quase inunda grande parte do espaço das ruas destinado ao percurso do préstito sagrado. A presença das forças da ordem a cavalo, além de transmitir uma verdadeira imagem de autoridade, empresta uma particular dignidade e imponente ao cortejo em que participam.

Sempre foi tão importante esta participação, que a Câmara Municipal tratava de pedir a presença destes através do Governador Civil do Porto. Devido aos avultados custos exigidos eram, porém, em certas realizações, as próprias confrarias e Irmandades, destacando-se a confraria de N.ª S.ª das Dores e a irmandade de N.ª S.ª da Assunção, que assumiam todas as despesas desta colaboração, nomeadamente no que se refere ao tratamento dos cavalos e estadia dos guardas e cavalos: “prontificando-se a irmandade a dar quartel para os cavalos e fazer as outras despesas de

sustentação e gratificação aos cavalarias”²⁵³ Esta necessidade e dispêndio é justificado “afim de evitarem os abusos que se tem dado na passagem da procissão de N. Senhora da Assumpção”. Com efeito, quaisquer distúrbios ou atitudes menos correctas eram consideradas indignas aquando da passagem da procissão, justificando-se, assim, que se tomem todas as precauções para que tudo se realize com o decoro e solenidade próprias a um evento de cariz sagrado.

Mas, curiosamente o que justifica a maior presença de forças policiais são as romarias, particularmente a da Senhora da Saúde de Laundos, à qual não se associava qualquer procissão. Realizada em Agosto, altura em que, em ambiente rural o calor suscitava o consumo de vinho em excesso, nela eram frequentes os distúrbios. Em 5 de Maio de 1901 é solicitada a vinda de mais seis guardas civis e em 20 de Julho de 1908 regista-se o pedido, para a mesma romaria, a ocorrer no dia 2 de Agosto, da vinda de “uma força de 18 praças de infantaria, a exemplo dos anos anteriores”²⁵⁴. Mas em 19 de Julho de 1909, sendo um ano já de conturbada conjuntura política, solicita-se a colaboração de 20 praças de infantaria (a partir do meio dia de 31 de Julho e 1 de Agosto), justificado por ser “o arraial desta festividade um dos que neste concelho mais costuma alterar a ordem pública, e havendo este ano motivos para mais justificar uma alteração da ordem”.²⁵⁵

Os arraiais, com música, divertimentos diversos e fogos de artifício justificam que seja solicitada sempre esta colaboração das forças da autoridade, vindas de fora a partir da tarde do dia anterior.



Figura 43 – GNR a cavalo. Procissão de N.ª Senhora da Assunção. 2004.08.15

²⁵³ Ver: Doc. n.º 019, de 1900.08.11.

²⁵⁴ Ver: Doc. n.º 066, do Copiador da Correspondência para o Governo Civil, (1907.11.04 - 1908.12.30), de 1908.07.20,

²⁵⁵ Ver: Doc. n.º 082, de 1909.07.19.

Em particular na procissão da Senhora das Dores devido ao numerosíssimo número de fiéis que seguem na “cauda” da procissão é fundamental, também, controlar cuidadosamente o acesso dos devotos à capela para aí colocarem os respectivos ex-votos e levar o registo da imagem, pelo que também nela o número de agentes é considerável.



Figura 44 – Final da procissão de N.ª S.ª das Dores.

ACOMPANHAMENTO MUSICAL

Todas as procissões apresentam um acompanhamento musical. As mais importantes incorporam uma fanfarra (normalmente de escuteiros) à frente e uma banda atrás. Outras, como a Procissão dos Ramos, ou na Via-sacra, além dos escuteiros, no início, são acompanhadas por grupos de jovens que tocam instrumentos e cantam. Em quase todas os fiéis entoam cânticos na cauda do cortejo. Em procissões mais espontâneas - sem “anjinhos”, nem apresentando aparato que implique gastos económicos de vulto, como as dedicadas a Nossa Senhora de Fátima, realizadas à noite, no mês de Maio, os cânticos conhecidos e entoados por todos assumem uma importância fulcral, intercalando com as orações do rosário.

Nas procissões de maior importância podem ser contratadas mais que uma banda, para irem alternando as músicas ao longo do trajecto. Em qualquer dos casos é costume, no final do cortejo, como a fanfarra chega em primeiro lugar junto da igreja, formar uma ala, paralela à dos anjinhos, e tocar ruidosamente quando passa o andor principal, de invocação de N.^a Senhora, de Cristo, ou do santo festejado, bem como do pálio com o Santíssimo ou o “Santo Lenho”. A(s) banda(s) que chega(m) por último é costume formarem em parada para tocarem uma ou mais músicas encerrando o cortejo.



Figura 45 – No final da procissão, no adro, a Banda, em parada, toca a última música. Procissão da Ressurreição. N.^a S.^a da Conceição (Matriz) da Póvoa de Varzim. Manhã do Domingo de Páscoa. 11 H. 11.04.2004.

2.2.5. ASSISTENTES

Os fiéis dividem-se, relativamente às procissões, em dois tipos perfeitamente distintos: os que assistem e os que participam.

O grupo dos que participam é muito importante, na medida em que, com a sua colaboração directa, indo cantando, ou rezando, atrás do clero, “anjinhos” e outros, cumprem algumas das funções principais da procissão, personificando a imagem do *“povo em marcha”*, *“sob a orientação do clero, indo em ordem dum lugar sagrado para outro lugar sagrado”*. Lembremos que, por definição, uma procissão é *“uma assembleia litúrgica em marcha, que o clero guia e preside (...) e estão previstos cânticos a acompanhar durante o percurso”*²⁵⁶.

Se os assistentes são uma mais-valia para a terra pela riqueza que trazem, são também um motivo de preocupação para as autoridades, que os motiva a solicitar ao Governo Civil do Porto o reforço de forças militares por altura dos cortejos, mas principalmente de romarias e arraiais, como vimos.²⁵⁷

Entre os assistentes encontram-se pessoas que vêm propositadamente assistir às festividades, por devoção ou em turismo religioso, quer das freguesias envolventes, quer de longe, sendo destacada a comunidade espanhola e as populações que têm acesso à Póvoa através do comboio, ou, mais tarde, através das “carreiras” automotoras.



Figura 46 - Procissão de N.ª S.ª da Assunção. 15.08.2004. Pormenor do 11.º Grupo – Morte de Maria.

Os banhistas são também clientes assíduos destas distrações, que vinham alegrar a sua estadia com divertimentos inatacáveis para a moral pública. Na actualidade não choca ninguém ver banhistas em traje de praia a assistir às procissões da época de Verão, nem as “figuras” perdem a

²⁵⁶ Cf. MARTIMORT, A. G. - *Op. cit.*, 1965, pp. 728 - 732.

²⁵⁷ Ver capítulo: “Controladores da Ordem e Segurança”.

concentração, ou a pose, apesar da diferença de atitude. O mesmo não se pode dizer, por exemplo, da procissão do Enterro em que é exigido um absoluto silêncio aos assistentes.

O grupo dos que simplesmente assistem colocam-se estrategicamente, ao longo dos passeios, por vezes guardando o lugar desde cedo (uma ou duas horas antes), de pé ou em pequenos bancos portáteis, enquanto outros vêm à última hora e procuram arranjar os melhores locais, ou seja, à frente, provocando, por vezes acesas discussões. Os moradores colocam-se, orgulhosa e confortavelmente, nas varandas ou janelas, enfeitadas com colchas de seda coloridas (ou brancas, no Mês de Maria). Ter casa por onde passa a procissão é sinónimo de esta se localizar nas ruas mais importantes da terra.²⁵⁸

Os fiéis que seguem atrás das procissões são maioritariamente pertencentes à comunidade local, nomeadamente à comunidade piscatória, a qual ao longo do século XX também auferia muitos rendimentos com as actividades ligadas à Póvoa enquanto estância balnear. Mas entre eles também se encontram operários, comerciantes, pequenos industriais, funcionários de serviços (funcionários públicos e do hospital, professores, etc.). Apresenta-se, de facto, como costume, até por uma questão de “afirmação pessoal”²⁵⁹, ir atrás da procissão, mesmo sem participar directamente dela. Próximo do pátio sempre foi usual irem sobretudo os homens (até à década de 60 do século XX).

As “promessas” (ou ex-votos), dependendo da fé ou hábitos do crente, podem ser corporizadas em velas ou figuras de cera que são entregues no final da procissão, ou podem corresponder ao cumprimento de uma tarefa, como seguir atrás da procissão (podendo ir descalças e /ou sem falar), A ofertas em dinheiro, jóias, ou ao pagamento do aluguer de trajes representando uma imagem determinada e envergados por crianças, jovens, ou mesmo adultos.

As longas filas de velas e ex-votos de cera dos que seguem atrás da procissão (principalmente na da Senhora das Dores)²⁶⁰ comovem por reflectirem uma expressão directa das dificuldades e tristezas que o crente, devido à sua fé, conseguiu, ou almeja ultrapassar, expressando uma verdadeira religiosidade popular. Ao utilizar a expressão “religiosidade popular” não nos referimos a uma fé típica de “gentes do povo ignorante”, mas à fé primordial, básica, do homem que ao sofrer as dores mais diversas, independentemente da cultura e riqueza, invoca os santos e faz as promessas simples, as que lhe ocorrem no momentos de aflição²⁶¹.

²⁵⁸ Alguém afirmava, ainda nos nossos dias, que, ao comprar casa nova, em vez de adquirir uma vivenda nas zonas de expansão da povoação, preferiu comprar uma casa mais pequena, mas que se localizasse “por onde passa a procissão”.

²⁵⁹ Cf. GOUVEIA, António Camões - *Procissões*, in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. 4 (P-V), Lisboa / Rio de Mouro, Círculo de Leitores SA & Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2001, pp. 67 - 68.

²⁶⁰ A procissão de Nossa Senhora das Dores é um fenómeno que não conseguimos explicar. Torna-se difícil para as armadeiras, fazerem uma procissão com todos os grupos alegóricos devidos, porque existem sempre dezenas de “promessas” para crianças e raparigas irem vestidas de N.ª S.ª das Dores. Tentaram impedir que fossem em tão grande número (mais de trinta), sempre sem resultado. Houve alturas em que tiveram que pagar multa e nada as conseguiu demover, nem acabar com o costume. Mas isso é apenas um dos muitos aspectos *sui generis*. O que realmente impressiona, é ver uma rua inteira coberta de “promessas”. São ex-votos de cera, velas que se sucedem “a perder de vista”, algumas levadas por pessoas descalças, silenciosas. É uma visão que não deixa ninguém indiferente.

²⁶¹ No dia-a-dia todos assistimos à oferta de diferentes ex-votos realizados pelas pessoas mais diversas, independentemente da sua formação cultural e situação socio-económica. Nos momentos difíceis “fazem-se promessas”, naturalmente inspiradas nas que se foram observando ao longo do tempo.

2.3. SANTIFICAÇÃO DO TEMPO

O TEMPO DAS PROCISSÕES – O TEMPO CÍCLICO DAS ESTAÇÕES E O CALENDÁRIO LITÚRGICO E SANTORAL

O tempo”, os ciclos das estações e o calendário litúrgico são aspectos primordiais nesta temática. Como se pode observar nos gráficos seguintes, a realização de procissões encontrava-se em 1900, como hoje, dividida ao longo do ano civil e litúrgico. Algumas alterações aconteceram, porém, que importa sublinhar.



Figura 47 - Festa de N.ª S.ª das Candeias. Procissão da tarde. Terroso, PV. “Fanfarra dos escuteiros”. 2004.02.02



Figura 48 - Festa de S. André e N.ª S.ª do Leite. Venda de doces tradicionais durante a Procissão às 16 H. Capela de S. André de Averno-Mar, PV. 2004.12.05

Quadro 4 - Distribuição mensal das procissões na Póvoa de Varzim (1900 – 2004/05)”

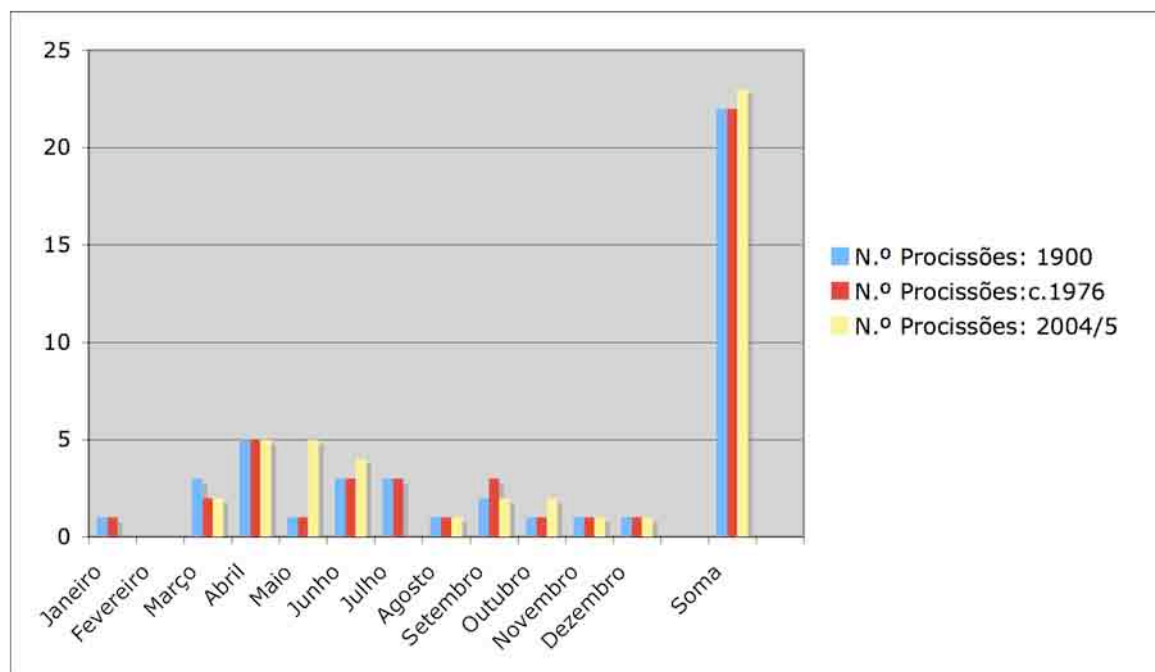
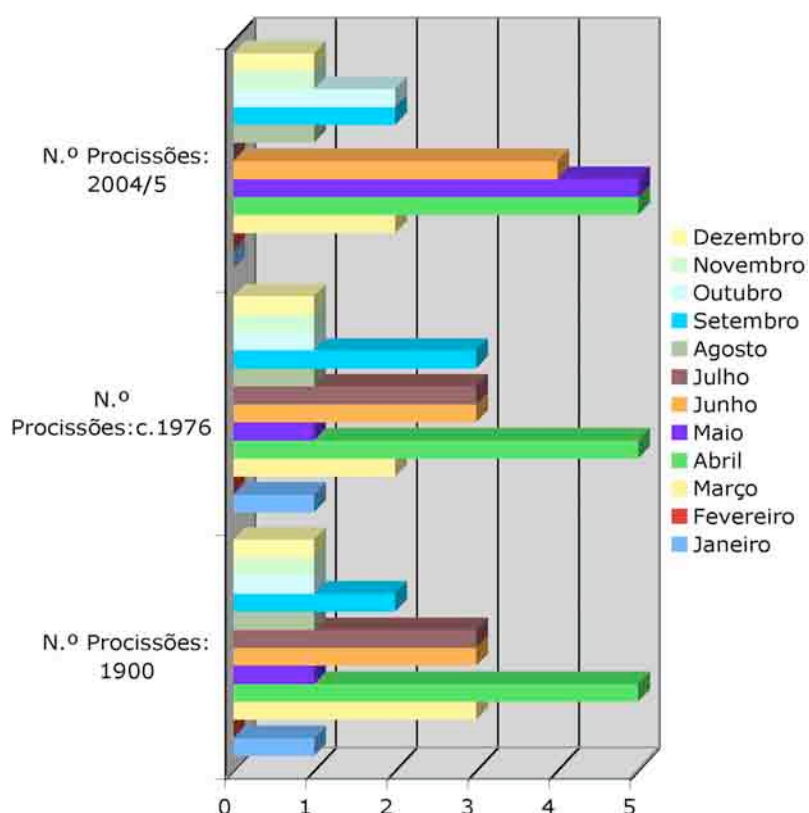


Gráfico ---. Distribuição mensal das procissões na Póvoa de Varzim (1900-2004/05)²⁶²



²⁶² Fonte: Todos os corpos documentais consultados, bibliografia e informações orais.

²⁶⁴ É curioso que, relativamente a Santo André, se evidencia a profissão de pescador e existe uma grande devoção por ele da parte da classe piscatória. Aliás, a representação do Purgatório reveste-se, normalmente, da forma de uma barca com chamas, como podemos observar em quase todos os retábulos dedicados a este tema na região, lembrando-nos os Autos das Barcas de Gil Vicente. Os retábulos do arciprestado seguem o modelo barroco que encontramos na igreja Matriz de Vila do Conde, com as “alminhas” dentro de uma embarcação nesta “viagem” final.

Como podemos observar nos quadro e gráfico anteriores, a realização de procissões encontrava-se em 1900, como hoje, dividida ao longo do ano. Algumas alterações aconteceram, que apresentaremos em seguida.

O ano é dividido em períodos bem concretos, tendo por picos as festas, mas também apresentando uma divisão por meses, correspondendo a períodos em que se realizam novenas e outras cerimónias litúrgicas: a Quaresma, abarcando um período um pouco maior que um mês (Março – Abril); Maio, o “mês de Maria”; Junho, o “Mês do Sagrado Coração de Jesus”, Agosto e Setembro - dedicados às grandes festas de Nossa Senhora e ao seu protector, S. José; Outubro, o “Mês do Rosário”; Novembro, o “Mês das Almas” e Dezembro, o “Mês de Nossa Senhora da Conceição”.

Da análise do elenco geral de procissões, na sua distribuição diacrónica comparativa ao longo do ano, é importante destacar o facto de, na maior parte dos casos, estas festas religiosas se conservarem no seu período próprio e não terem sido deslocadas (como noutros locais, para o período de Verão) por razões de funcionalidade e atendendo à vinda de turistas e emigrantes.

Quase todas as festas respeitam rigorosamente o calendário, festejando o dia do santo no próprio dia da festa ou no domingo seguinte, mesmo não sendo feriado municipal, como a festa em Terroso, dedicada a Santa Maria (Nossa Senhora das Candeias), a qual continua a ser celebrada em 2 de Fevereiro (de madrugada e durante a tarde); S. Gonçalo, em Beiriz (Maio); S. Pedro de Rates (26 de Abril); Santo André em Aver-o-Mar (30 de Novembro); etc. Algumas, por motivos de ordem prática, transferem as principais festividades para o Domingo seguinte (por exemplo: O Senhor dos Milagres de Argivai), mas não deixam de realizar a festa religiosa no próprio dia na igreja.

A grande excepção à regra é, exactamente, o feriado municipal e a festa principal do concelho, conscientemente criada em meados do século XX para coincidir com o início da estação balnear e para não rivalizar com as festas de S. João Baptista de Vila do Conde. Não sendo um santo da particular devoção dos pescadores, que antes cultuavam particularmente (como todos os marinheiros da Península Ibérica) S. Pedro Gonçalves Telmo a par de diversas invocações de Nossa Senhora, como N.ª S.ª da Guia e N.ª S.ª da Boa Viagem, na região foi-se substituindo o S. Pedro sepultado em Tui, por S. Pedro Apóstolo, *Pescador* - aspecto que habitualmente era esquecido²⁶⁴. Foram os “eruditos” e os cultores do “*folclore*” que inspiraram e inculcaram esta nova devoção.

As festas que têm algum significado para a população são as religiosas. Os feriados políticos vivem-se sem sentido, enquanto que as religiosas, pelas tradições a elas associadas e mesmo pela simples obrigatoriedade de ir à missa, “marcam, então, uma ruptura com o tempo banal e trabalhoso, transportam o homem como que ao seu tempo primordial”²⁶⁵. Neste “tempo” as acções e os gestos têm sentido, têm uma história, um tempo de vida que é sempre distante e por isso têm uma mais valia, o

²⁶⁵ Cf. DIAS, Geraldo José Amadeu Coelho – *O Mar e os Portos como catalizadores de religiosidade*. Actas: O Litoral ... Porto, 2005, p. 279.

sentido sagrado das tradições, que têm uma importância quase de ritos de passagem e, por isso mesmo, se querem ancestrais. Dizer que uma festa só se realiza há 50 anos é impensável: se ela “pegou” é porque existe desde sempre. O dia do santo no calendário litúrgico comprova a sua incontestável e valorativa antiguidade.

As festividades do ano litúrgico, cíclicas, ritmam verdadeiramente o viver e as festividades da população em geral. Depois do Ano Novo, Dia de Santa Maria, reiniciam-se os festejos e tradições logo no *dia de Reis* (em que se cantava e continuam a cantar as *Janeiras*). S. Sebastião (20 de Janeiro) era celebrado, até ao 3.º quartel do século XX, realizando-se grandes festejos, que incluíam uma procissão, apesar da insegurança atmosférica do mês de Janeiro. A Senhora das Candeias e a “festa da luz”, em que se benzem as velas, levava todos os devotos às igrejas no dia 2 de Fevereiro. No mesmo dia, a Senhora da Guia, em Vila do Conde – com procissão no domingo - ditava o tempo para a estação: “Senhora da Guia a rir / está o Inverno para vir. / Senhora da Guia a chorar [chover] / está o Inverno a acabar]. O S. Brás, na sua capelinha em Vila do Conde é também ponto de referência numa zona em que as enfermidades da garganta são muito frequentes. A Páscoa (desde a Quarta-feira de cinzas, passando pela *merenda do Anjo*, à celebração da Ascensão, com a festa do Senhor dos Milagres), o *Mês de Maria*, os *Santos Populares*, N.ª S.ª da Assunção (e outras festas do Verão), S. Miguel (na área rural), o dia de Todos os Santos (e, até ao 3.º quartel do século XX, o dos fiéis defuntos, que se conjugavam com S. André, enquadrando o *Mês das Almas*, em Novembro), N.ª S.ª da Conceição (em Dezembro), Santa Luzia, Natal, Ano Novo e dia de Reis, pontuam um calendário civil, o qual informam com o sagrado.

A véspera do dia da festa é já um momento sagrado - à maneira judaica, como na festa da Páscoa ou do Natal. A partir do cair da noite do dia anterior é já considerado o dia seguinte, muitas vezes realizando-se os cortejos processionais com velas, na noite anterior, como na actual procissão de N.ª S.ª da Conceição do Castelo. A noite anterior é mesmo o momento das grandes festividades populares, por alturas dos santos ditos populares, com as tradições ligadas à noite de S. João (23 de Junho) e, em menor escala, às noites de S. António (12 para 13 de Junho) e S. Pedro (28 para 29 de Junho). Este fenómeno é notório na Póvoa a partir de 1962, em que se sai para a rua quando fica escuro, exactamente nos dias mais longos do ano. Na rua e pátios, bebe-se, come-se e salta-se a fogueira, enquanto se dança e canta, indo para casa o mais tarde possível, de preferência ao alvor da manhã. A expectativa, a promessa do dia de festa que vem, tornam a noite numa etapa a gozar e a vencer, com toda a sua carga de mistério, de proibido, de anormal no decurso do banal e repetitivo dia-a-dia. Uma vez mais o sagrado e profano, e o elemento lúdico e de sociabilidade a marcar e pontualmente a prevalecer em eventos cuja comemoração parte de um imaginário e de uma conotação religiosa.



Figura 49 - Interior da Capela de S. André de Aver-o-Mar. É visível o santo na capela-mor e o retábulo do lado da Epístola com a barca das Almas do Purgatório. 2004.



Figura 50 - Membros da Comissão de Festa abrem a capela de Santo André de Aver-o-Mar à noite para permitir a visita do "Rancho Poveiro" e outros grupos que aqui se dirigem no dia de Santo André. 2004.11.30.

A romagem a S. André de Aver-o-Mar é outro exemplo importante no “calendário religioso” do pescador poveiro e é destacada por estudiosos ao longo do tempo. Em 1911 é descrita com benevolência pelo médico e jornalista amador Belarmino da Costa Pereira, impulsionador da talassoterapia e um convicto defensor da Póvoa como praia de excepção, assim como um grande apreciador do pescador poveiro, cujas virtudes e especiais qualidades enaltece nos seus artigos:

"O Santo André, venerado na sua capelinha branca perdida no areal deserto d'entre Abremar e Aguadoira, é um dos marcos miliarios do calendario religioso do nosso pescador.

*É por isso que no dia assinalado da sua festa, ao entardecer, acorrem ahi ranchos e ranchos de pescadeiras a cumprirem as promessas que em duras horas de angustia formularam, e agora satisfazem com um fervor ingénuo e crente"*²⁶⁶



Figura 51 e Figura 52 - Sermão no alto dos penedos de S. André, durante a procissão de S. André e N.ª S.ª do Leite, no domingo seguinte (5 de Dezembro de 2004) ao dia de S. André (30 de Novembro).



Esta romagem, já antes referida²⁶⁷, apresenta uma série de factores que propiciam a sua associação ao culto das Almas do Purgatório e a um vasto número de crendices e superstições: a festa de S. André coincide com o final do mês das Almas do Purgatório; este santo era pescador de

²⁶⁶ Cf. PEREIRA, B. - O Santo André, in «A "Póvoa de Varzim"», Revista quinzenal, 1.º Anno, n.º 4, 2.ª Quinzena de Novembro, Director e Editor João Agostinho Landolt, Póvoa de Varzim, 1911, p. 5 (não tem indicação do n.º de página).

²⁶⁷ Vd. Capº 1.2.3

profissão e a sua capela, muito antiga (já documentada no *Tombo de Amorim* de 1546²⁶⁸), encontra-se em frente ao mar, numa zona com vestígios de cultos ancestrais. Na primeira metade do século XVIII também já se refere a tradicional “romagem”, exactamente no mesmo dia:

*“AMORIM, (...) Ha na Freguesia tres Ermidas, huma em Cadilhe, de Santo Antonio, outra em Avelomar, dedicada a Nossa Senhora das Neves, e outra da invocação de S. André, junto às prayas do mar em areal deserto, aonde no seu dia acode grande frequencia de romagem.”*²⁶⁹

A devoção às Almas do Purgatório, e, por arrastamento, a veneração a S. André, culmina neste mês, mas não se limita a este período, pois encontra-se profundamente enraizada no dia-a-dia da comunidade, onde a presença de nichos de Alminhas é uma constante (principalmente nas encruzilhadas), seja na zona urbana, seja nos caminhos das zonas rurais. A *Confraria das Almas*, que assume uma postura de humildade e simplicidade, tem grande número da população católica inscrita como irmão remido e merece de todos um grande apreço e simpatia. É a confraria que comparece em todas as procissões e na maior parte dos enterros, zela pelos nichos, tem a seu cargo a procissão do cemitério e o culto ligado ao “Mês de Novembro”, em que particularmente se reza pelos mortos em geral.

Quando a “Morte” ainda se encontrava presente no dia-a-dia, tempo em que todas as casas guardavam com cuidado a vela benzida no dia da Senhora das Candeias para o caso de alguém se encontrar moribundo e ser chamado o padre para administrar a Extrema-Unção, e em que o velório se fazia na sala da casa familiar, sentiam-se muito próximas as “Santas Almas”. “Reza-se pelas Almas” para lhes reduzir as penas no Purgatório, particularmente pelas dos familiares e elas, em troca, auxiliam e zelam pelos mortais, porque já se encontram mais perto de Deus. Na Póvoa encontramos diversos exemplos de macabros culto dos mortos, sendo exemplo marcante da religiosidade popular da região o célebre “altar das caveirinhas”, localizado numa dependência a norte da igreja da Misericórdia e relacionada com a zona do velho cemitério²⁷⁰. O aspecto macabro, o sentimento de quase paganismo associado a este subtil culto dos mortos não podia agradar, quer ao clero ilustrado, quer a intelectuais progressistas. O facto é que diante dos nichos com caveiras – quase todas devidamente identificadas e datadas – os fiéis iam rezar e colocar velas para sufrágio das Almas. Só os etnólogos e antropólogos destacam o interesse histórico e mesmo científico deste espaço. Daí o cuidado em realizar este registo fotográfico. Quando se construiu a nova igreja e se transferiram as ossadas em geral do cemitério da Misericórdia para o novo cemitério municipal, este vestígio estranho e barroco de “morte seca” desapareceu.

²⁶⁸ Cf. AMORIM, Manuel - *Aver-o-mar e a sua igreja - Narrativa histórica comemorativa do centenário da benção da igreja*, Póvoa de Varzim, 1983, p. 90.

²⁶⁹ Cf. CARDOSO, Luís [P.º] - *Diccionario Geografico*, vol. I, 1747 (redigida c. 1736), pp. 459-460. [in BARBOSA, Fernando (publicou e prefaciou) (1958) - *O Concelho da Póvoa de Varzim no século XVIII - As Memórias Paroquiais de 1736 e 1758*,... , pp. 260-262.

²⁷⁰ Bem como o Altar das “Caveirinhas” da antiga Igreja da Misericórdia da Póvoa de Varzim. Demolida em 1910.

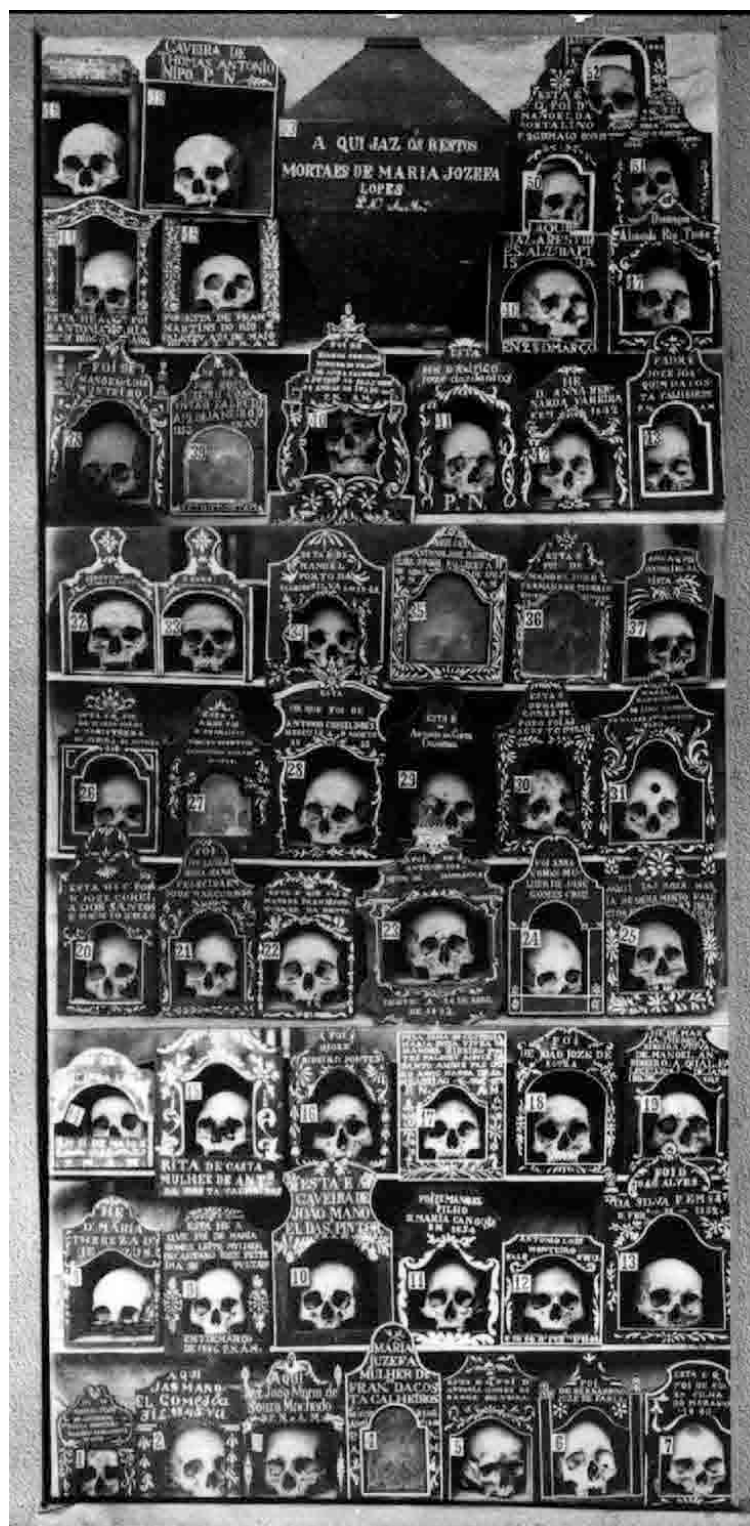


Figura 53 - Altar das "Caveirinhas". 1910. Antiga Igreja da Misericórdia - dependência a norte da igreja e relacionada com a zona cemiterial. Reprodução fotográfica. 1910. MMPV. N.º Inv.º F-317.

Atendendo à devoção, a partir do século XVIII, e à importância sempre crescente, desde a sua fundação em 1756, da *Real Irmandade de Nossa Senhora da Assunção, Amparo dos Homens do Mar*, era natural que a principal festa dos pescadores se prendesse a esta invocação. O facto de este feriado – 15 de Agosto – coincidir com um período estival, onde as festas se podiam realizar com mais segurança em relação às intempéries, também era uma condicionante a seu favor, em contraste com o orago da freguesia, Nossa Senhora da Conceição, que se celebra em Dezembro, com pior tempo e em período de magras receitas do pescado. Na primeira metade do século XX, com os esforços evidentes de incentivar o turismo da Póvoa como estância balnear, as denominadas festas de Verão, referidas nas actas camarária, são as que recebem mais apoios e subsídios, em particular a grande festa / romaria e procissão de Nossa Senhora da Assunção, que é mesmo assumida como a mais relevante e o “feriado concelhio”²⁷¹. Este é seguida, em importância, pela Procissão de N.ª S.ª das Dores, mas não esquecendo a de N.ª S.ª do Carmo (16 de Julho), a de S. José de Ribamar (2.º Domingo de Setembro), e a de N.ª S.ª do Rosário (2.º Domingo de Outubro).



A Mulher e a pesca...
Acaba tu o rifão.
Na fala rude do povo
Há quasi sempre razão.
B. C.

INFORMAÇÕES

PÓVOA DE VARZIM é vila e concelho do distrito do Porto, de cuja cidade (a 2.ª de Portugal) dista cerca de 26 quilómetros, por magnífica estrada nacional (n.º 1.ª classe), que segue para o norte até à fronteira, e 28 quilómetros pelo caminho de ferro (Linha do Porto à Póvoa e Famalicão, que a liga à rede geral do país).

Concelho com 12 freguesias, no total de 31.693 habitantes.

A vila (orago, *Nossa Senhora da Conceição*) tem **14.441 habitantes** — tudo isto pelo Censo de 1940. Pertence ao arcebispado de Braga. A vila divide-se, agora, em mais 2 freguesias eclesiásticas — *S. José e Senhora da Lapa*, correspondendo aos antigos bairros norte e sul, o primeiro balnear e o segundo piscatório. **Sede de arciprestado. Feriado concelhio**

FAZENDAS E MIUDEZAS

Augusto Filipe de Carvalho

Correspondente da Companhia de Seguros
COMERCIO E INDUSTRIA e da Associação
de Socorros Mútuos «A PREVIDENTE»

RUA 5 DE OUTUBRO, 5 — PÓVOA DE VARZIM

20 **GUIA ILUSTRADO DA PRAIA**

a 15 de Agosto, das tradicionais Festas da Assunção.

Vila com bem merecidos **foros de cidade**, praia de banhos muito concorrida — **cerca de 30.000 banhistas** — e admirável estância ou **zona de turismo**, com o seu **Monumental Casino, Palácio Hotel, Estádio**, etc.

Em construção, o seu **pôrto de pesca**, a máxima aspiração dos poveiros, para assegurar a vida e labuta dos heróicos pescadores e fomentar o progresso local, aliás sempre crescente e notável.

Aqueduto do Convento Sessão da Câmara desta vila, de 26 de Maio de 1884: A abadessa da Vila do Conde consentiu nas obras a fazer no aqueduto, em Mau Verde, confiando em que a Câmara mandaria efectuar essa obra com toda a segurança e de forma que o convento não ficasse privado do abastecimento d'água.

Colégio de D. Nuno

(Para o sexo masculino)

PRAÇA DO ALMADA
TELEFONE, 106
PÓVOA DE VARZIM

Admite alunos internos, semi-externos e externos, para instrução Primária, Secundária — 1.º a 7.º ano e admissão à Universidade — e Ensino Técnico

Direcção de
Rev. Dr. Manuel Ribeiro Pontes

Figura 54 - LIMA, Baptista de - «Guia Ilustrado da Praia da Póvoa de Varzim. Elucidário para Banhistas e Forasteiros. Propaganda Turística», (separata da Corografia Histórica «Terras Portuguesas»), 4.º ano, Póvoa de Varzim, Tipografia Camões - Editora - PV., Sob o patrocínio da Câmara Municipal, 1946, pp. 19 - 20.

²⁷¹ Cf. LIMA, Baptista de - *Guia Ilustrado da Praia da Póvoa de Varzim. Elucidário para Banhistas e Forasteiros. Propaganda Turística* (separata da Corografia Histórica «Terras Portuguesas»), 4.º ano, Póvoa de Varzim, Tipografia Camões - Editora - PV., Sob o patrocínio da Câmara Municipal, 1946, p. 20.

FESTAS DA PÓVOA

POR ser terra importante, citadina e progressiva, a Póvoa de Varzim tem festividades imponentes todo o ano. Na época de verão não faltam, aqui, diversões balneares, religiosas e profanas; no nosso Monumental Casino há festas elegantes, diáriamente, distintos grupos artísticos e musicais.

Para Agôsto estão já anunciadas as tradicionais **Festas de Assunção**, em que o seu préstito religioso marca pela sua imponência, com valiosos andores, alfaias e figurados, sendo feérico mesmo o tiroteio de regosijo popular, saudando a Padroeira dos Pescadores, na sua passagem pela praia, por entre os barcos embandeirados.

Em Setembro tem, a Póvoa, as *Festas das Dores*, também majestosas, e as de *S. José da Riba-Mar*; em Outubro, as da *Senhora do Rosário*.



Senhora da Assunção

Figura 55 - LIMA, Baptista de - *Festas da Póvoa*, in «Guia Ilustrado da Praia da Póvoa de Varzim. Elucidário para Banhistas e Forasteiros. Propaganda Turística», Ob. cit..., 1946, p. 56.

O elenco apresentado através desta breve caracterização, que poderá ser cotejada e ampliada através da consulta das fichas e do registo fotográfico de cada procissão, insertas no volume 2, bem como das notícias documentais e da imprensa periódica, compiladas no volume 3, aponta, em paralelo, para uma intensa santificação do tempo e do quotidiano vivencial que passaremos a analisar.

2.4. A SANTIFICAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

2.4.1. DELIMITAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO

Vimos que, por definição, uma procissão presume “o povo em marcha”. Em marcha ao longo de um espaço que invade e informa com a sua ritualidade, a sua simbologia, a sua mensagem catequética, a sua linguagem cénica e iconográfica. Um espaço que santifica ao longo de percursos processionais definidos. É a esse espaço que procuraremos aproximar-nos, percebendo, em primeiro lugar, a sua dimensão e configuração; em segundo lugar a sua topografia religiosa, através da identificação dos edifícios de cariz religioso que o pontuam²⁷² e, em terceiro lugar, a forma como os diversos circuitos processionais o marcam na diacronia.



Figura 56 - Fotografia aérea da Póvoa de Varzim. 2.º quartel do século XX. Posterior a 1927, mas anterior a 1950. É visível a Igreja de S. José projectada pelo arquitecto João de Moura Coutinho d' Almeida d' Eça, de Braga, em 1918, sagrada e aberta ao público (ainda não totalmente concluída) em 1927. Em 1954 foi lançada a 1.ª pedra para uma nova Igreja de S. José e a anterior, neo-românica, é demolida. Col. MMEHPV – F-202.

²⁷² Incluiremos para a caracterização desse património religioso fichas de identificação técnica, em simultâneo para o datar e situar no tempo, e para o descrever formal e iconograficamente, em ordem a “visualizar” a dimensão e dignidade desse património edificado, através do qual circulam os fiéis e agentes religiosos ao longo dos vários cortejos processionais.



Planta 5 – Mapa da Cidade da Póvoa de Varzim com indicações toponímicas – DGUPV. 2000.

A orientação da planta encontra-se com o topo em direcção a Este e não a Norte, como é costume. Colocamos, propositadamente, esta planta com o mar (Oeste) na base, como se encontra na planta de 1901, por ser esta a forma como os habitantes da cidade a visualizam. quando se dirigem à zona litoral, dizem: “vamos lá abaixo, à praia”.



Planta 6 - Planta cartográfica da cidade da Póvoa de Varzim com destaque para os edifícios religiosos.

1 - Igreja Matriz de N.ª S.ª da Conceição da Póvoa de Varzim; 2- Local da Primitiva Igreja Matriz /Antiga Igreja de N.ª S.ª da Misericórdia e actual Igreja da Misericórdia; 3 - Cruzeiro paroquial “de S. Sebastião”; 4 - Capela de S. Roque [ou S. Tiago]; 5 - Capela de N.ª S.ª da Conceição do Castelo; 6 - Capela de N.ª S.ª das Dores; 7 - Igreja paroquial de N.ª S.ª da Lapa; 8 - Capela de N.ª S.ª de Belém; 9 - Capela de N.ª S.ª do Desterro; 10 - Capela do Senhor do Bonfim; 11 - Igreja do Sagrado Coração de Jesus; 12 – Capela do Cemitério; 13 - Igreja paroquial de S. José de Ribamar.



Planta cartográfica da vila da Póvoa de Varzim – 1901 - com destaque para os edifícios religiosos.

1 - Igreja Matriz de N.ª S.ª da Conceição da Póvoa de Varzim; 2 - Local da Primitiva Igreja Matriz /Antiga Igreja de N.ª S.ª da Misericórdia e actual Igreja da Misericórdia; 3 - Cruzeiro paroquial "de S. Sebastião"; 4 - Capela de S. Roque [ou S. Tiago]; 5 - Capela de N.ª S.ª da Conceição do Castelo; 6 - Capela de N.ª S.ª das Dores; 7 - Igreja paroquial de N.ª S.ª da Lapa; 8 - Capela de N.ª S.ª de Belém; 9 - Capela de N.ª S.ª do Desterro; 10 - Capela do Senhor do Bonfim; 11 - Igreja do Sagrado Coração de Jesus; 12 – Capela do Cemitério; 13 - Igreja paroquial de S. José de Ribamar.

O espaço que acabamos de representar cartograficamente encontra-se intensamente pontuado de edificado religioso, que importa identificar:

1 - IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DA PÓVOA DE VARZIM

(Igreja Matriz / Igreja Paroquial da Póvoa de Varzim)

Localização: Rua da Igreja / Rua de S. Pedro, Póvoa de Varzim

Arquitecto / Construtor: Manuel Fernandes da Silva

Época de Construção / Cronologia: 1742 /1743 - 1757

Tipologia: Igreja barroca, com planta longitudinal, cruciforme, dispendo de uma ampla nave, com transepto. Interior decorado com retábulos de talha dourada “rocaille”.²⁷³

É um vasto edifício, de dimensão algo inusitada para a pequena vila da Póvoa (com cerca de 1543 pessoas à data da sua construção)²⁷⁴ plenamente barroco, aliando o sentido decorativo bracarense na frontaria, com o granito destacando molduras, portais e remates, em contraste com as paredes lisas, brancas. Os vários corpos da igreja formam um jogo de volumes suaves e simples, destacando-se os valores da sobriedade e robustez. A enorme espessura das paredes, a firmeza das pilastras que delimitam os “corpos” da Igreja e torres, as gárgulas em forma de canhão transmitem-lhe características quase “militares”. Tem, no entanto, um grande valor cenográfico: pela utilização das torres gémeas (ricamente encimadas por balaustradas e remates piramidais) que enquadram a frontaria; o jogo rítmico das pilastras de “ordem colossal”; o frontão superior interrompido - mistilíneo - e as enormes volutas que jogam com as torres; o portal sobrepujado, nobremente, pelas armas e a coroa real, conjugado com o nicho que abriga a imagem da N.ª S.ª da Conceição. Finalmente, a escada semi-circular na base, a circunstância do templo se encontrar em local elevado e o amplo adro fronteiro, o qual antigamente fazia face ao edifício da Câmara Municipal, tornando este espaço o centro cívico e religioso da localidade.²⁷⁵



2.1 – PRIMEIRA CAPELA DE S. TIAGO, PRIMITIVA IGREJA MATRIZ E ANTIGA IGREJA DE N.ª S.ª DA MISERICÓRDIA (Destruída em 1910)

Localização: Largo das Dores

Época de Construção / Cronologia: Século XIII – XIV (?) – A Ermida da Mata, também denominada Capela de S. Tiago é construída em estilo românico-gótico no lugar da Vila Velha. No século XV, em data anterior a 1454 – ano e que surgem as primeiras referências à freguesia de Santa Maria da Póvoa de Varzim – é adaptada para igreja Matriz.²⁷⁶ Ao longo dos séculos XVII e XVIII vão-se realizando obras de ampliação e melhoramentos no templo. A Santa Casa da Misericórdia da Póvoa de Varzim é criada em 23 de Maio de 1756 e fica sedeada na Igreja Matriz. Depois da sagração da nova Igreja Matriz em 6 de Janeiro de 1757, o templo é adaptado à nova função de Igreja da Misericórdia. Em 1910 o edifício barroco é demolido para se construir uma nova igreja.

²⁷³ Ver DGEMN – *Inventário do Património Arquitectónico*, Número IPA: 1313010016, Página na Internet, 2001.

²⁷⁴ “Tem esta villa quinhentos quarenta e cinco visinhos a que vulgarmente chamam fogos, que fazem o numero, segurado a gente que tem cada fogo, de 1543 pessoas.” Cf. LEAL, Francisco Felix Henriques da Veiga - *Op. cit.*, resposta à pergunta n.º 3.

²⁷⁵ AMORIM, Manuel - *Luís Fernandes, o Primeiro Pároco da Póvoa?*, in «O Comércio da Póvoa de Varzim», Póvoa de Varzim, 2002.10.24, pp. 1 e 2; AMORIM, Manuel - *A Formação da Póvoa de Varzim*, in «O Comércio da Póvoa de Varzim», Póvoa de Varzim, 2003.03.27, p. 2; CARNEIRO, Deolinda Maria V. - *Património Artístico e Arquitectónico da Póvoa de Varzim...* *Op. cit.*, p. 77.

²⁷⁶ No MMEHPV conservam-se as fotografias da Fachada principal e lateral Sul da antiga Igreja Matriz (depois Igreja da Misericórdia). [MMEHPV Inv.º F-314.], assim como o registo da parede medieval da antiga Igreja da Misericórdia – primitiva Matriz da Póvoa de Varzim. Porta romano-gótica. [MMEHPV - N.º Inv.º F-152, F-153,1 F-54. Legenda antiga: “Igreja da Misericórdia – (...) Ao demolir-se esta igreja, para o prolongamento da Avenida, verificou-se, como se vê por esta fotografia, que ela foi a ampliação dum templo românico-gótico”].

2.2 - IGREJA DE N.ª SENHORA DA MISERICÓRDIA

Localização: Largo das Dores, Póvoa de Varzim

Arquitecto: Arnaldo Redondo Adães Bermudes

“A construção desta igreja foi adjudicada por 15 contos ao empreiteiro de Viana, António Fernandes Dias.²⁷⁷”

Época da Construção: 1909 - 1914.08.14 (inauguração)

Tipologia: Arquitectura religiosa, ecléctica. Igreja ecléctica de planta longitudinal e capela-mor rectangular. Decoração interior em “talha” de madeira escura em estilo neoclássico.



3 - CRUZEIRO PAROQUIAL “DE S. SEBASTIÃO”

Localização: Largo de Eça de Queirós

Época da Construção: Século XVII (?) (c. 1618 ?)

Reconstruído em 1965.

“Na outra extremidade da predicta calçada, que fica para a parte da terra ou nascente está um largo ou terreiro pequeno, no meio do qual se vê um Padrão feito com o primor da arte, elevado sobre um quadrado de degraus d' esquadria, e denominado de S. Sebastião; nome provindo d' uma capella d' este Santo, que fica ao pé d' elle em o mesmo largo. D' aqui se entra para três ruas a da Amadinha, - rua Nova - e a de S. Sebastião, e por estas se faz comunicável á dos Gayos - rua do Cidral - rua da Praça - rua da Madre de Deus - rua do Monte”²⁷⁸



4 - CAPELA DE S. ROQUE [OU S. TIAGO] DA PÓVOA DE VARZIM

[Paróquia de S. José de Ribamar da Póvoa de Varzim, desde 1935.06.29]

Localização: Largo de S. Tiago (Praça da República) / Rua da Junqueira

Época da Construção: 1582 (data de edificação e instituição) / 1887

“Tem origem num templo anterior que ali existia desde o séc. XVI, em honra de S. Roque. No entanto, o crescimento do de S. Tiago justificou a mudança da invocação e a construção de um templo maior - o actual, datado dos finais do século [XIX – 1887]. Paralelamente ao lado norte da capela faz-se a entrada para a Rua da Junqueira. Artéria que faz a ligação da centro da cidade á praia.”²⁷⁹

Tipologia: “Arquitectura religiosa, ecléctica.



²⁷⁷ Cf. BARBOSA, Jorge - *Toponímia da Póvoa de Varzim*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. X, P. Varzim, 1971, p.140.

²⁷⁸ Cf. LEAL, Francisco Felix Henriques da Veiga - *Notícia da Villa da Povo de Varzim, feita a 24 de Mayo de 1758... Op. cit.*

²⁷⁹ Cf. CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM - *Circuitos Turísticos. Póvoa Cidade. Póvoa Concelho*, Póvoa de Varzim, s/ data, s/ pág.

5 - CAPELA DE N.ª SENHORA DA CONCEIÇÃO DO CASTELO DA PÓVOA DE VARZIM [Paróquia de N.ª S.ª da Lapa, desde 1935.06.29]

Localização: Póvoa de Varzim, Fortaleza da Póvoa de Varzim

Época Construção: Século XVIII (1ª missa dita em 1743).

Arquitecto/Construtor/Autor: Sebastião de Sousa.

Tipologia: Arquitectura religiosa, barroca. Capela barroca com retábulo barroco de talha dourada e policromada. Integrada no perímetro central da Fortaleza / Castelo0 de N.ª Senhora da Conceição da Póvoa de Varzim (1701 – 2.ª metade do séc. XVIII).



6 - CAPELA DE NOSSA SENHORA DAS DORES DA PÓVOA DE VARZIM
[Igreja de N.ª Senhora das Dores]

Localização: Largo das Dores, Póvoa de Varzim

Época de Construção / Cronologia: 1768 – 1875. 1866 (seis capelinhas envolventes). 1875 – escadaria.

Tipologia: “Arquitectura religiosa, barroca. Igreja barroca de planta hexagonal e capela-mor rectangular, com ampla torre sineira no prolongamento da fachada principal.”²⁸⁰

As capelas que abrigam cenas da Vida da Virgem (“Dores”) e de Cristo que a envolvem na zona da nave e capela-mor são posteriores e ecléticas.



7 - IGREJA PAROQUIAL DE NOSSA SENHORA DA LAPA DA PÓVOA DE VARZIM
[Igreja paroquial de N.ª Senhora da Lapa, paróquia criada em 1935.06.29, com a categoria de Reitoria e sede na Igreja da mesma invocação, sendo desmembrada da “freguesia eclesiástica de N.ª Senhora da Conceição, da Póvoa de Varzim”²⁸¹]

Localização: Póvoa de Varzim, em frente ao porto de pesca

Época da Construção: Séc. XVIII

Cronologia: Em 1770 os *Mestres de Lanchas*, e *barcos de pescar* “pedem licença para construírem uma Capela” dedicada à Nossa Senhora da Lapa. Em 1771 é referida a capela. *Em 15 de Agosto de 1772 é benzida solenemente.*²⁸²

Tipologia: Arquitectura religiosa, eclética. Igreja eclética de planta longitudinal e capela-mor rectangular. Com alguns elementos construtivos barrocos, outros neoclássicos e ainda com os “ecletismos” típicos de finais do séc. XIX e inícios do XX. Decoração interior em “talha” de estilo neoclássico.



²⁸⁰ Ver: DIRECÇÃO G. DOS E. E. M. N. – *Inventário do Património Arquitectónico ...*, Página na Internet, 2001.

²⁸¹ Cf. BARBOSA, Jorge - *Toponímia da Póvoa de Varzim*, in «Boletim Cultural. PÓVOA DE VARZIM», 1977, pp. 57- 59.

²⁸² Cf. BARBOSA, Jorge - *Toponímia da Póvoa de Varzim,... Op. cit.*, vol. VII, XI, XII, XIV, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1968, 1972, 1973, 1975, pp. 219 (1968), 55, 60-61, 65- 67 (1972), 222- 229 (1973), 36- 48 (1975).

8 - CAPELA DE NOSSA SENHORA DE BELÉM

Localização: Largo de Nossa Senhora de Belém, Lugar de Belém, Póvoa de Varzim

Época de Construção / Cronologia: 1826 (bênção). Restaurada em 1938.

Tipologia / Estilo: Arquitectura religiosa, neoclássica.

Capela neoclássica de planta longitudinal, com nave única, capela-mor rectangular e pequena sacristia do lado da Epístola. Tem coro-alto. Decoração interior de estilo neoclássico.



9 - CAPELA DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO

[Paróquia de S. José de Ribamar da Póvoa de Varzim, desde 1935.06.29]

Localização: Rua Serpa Pinto / R. Dr. Garcia de Carvalho

Época da Construção: 1870 – 1880.

Nova capela: 1903 – 1913. Ampliações: Séc. XX - década de 80

Cronologia: A primitiva capelinha de Nossa Senhora do Desterro foi construída em 1870-1880. A actual capela (1903-1913) foi sendo alterada e ampliada. Em 1946 armaram nesta capela 5 retábulos vindos da antiga Misericórdia, um na capela-mor (que foi muito alterado e acrescentado por António Gonçalves de Castro, o “Quilores”) e os outros na nave da capela. Na década de 80 recuaram os retábulos do corpo da capela para ampliação do espaço, retalhando e adulterando-os.

Tipologia / Estilo: Arquitectura religiosa, ecléctica e contemporânea.



10 - CAPELA DO SENHOR DO BONFIM

Localização: Rua do Senhor do Bonfim, Lugar do Coelho, Póvoa de Varzim

Época de Construção do edifício / Cronologia: 1850 - 1891

1693 – Encontra-se referência ao “Cruzeiro do Coelho”

1850 – Constrói-se uma capelinha no local onde já existia “um nicho com alpendre de duas colunas”, no qual se venerava um Cristo crucificado - o “Senhor do Cruzeiro”²⁸³

1891 – Conclusão da nova capela.

Tipologia / Estilo: Arquitectura religiosa, neoclássica.



11 - IGREJA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

Localização: Póvoa de Varzim, Rua Gomes de Amorim

Arquitecto: Padre António Domingos Ferreira (Nasceu: Rio Mau. Em 1889, quando desenha a planta, era professor de desenho no Colégio do Espírito Santo, Braga)²⁸⁴

Época da Construção: 1890 – 1910 / 1927 / 1948

“Em 31 de Agosto de 1890 é lançada a 1ª pedra da Igreja do Sagrado Coração de Jesus. “Com a expulsão dos Jesuítas em 1910, paralisaram as obras, para recomeçarem em 1927, porém a um ritmo” muito lento. Em 1935 recomeçam as obras, mas só em 1944 se realizam com um ritmo tal que em 1948 estavam terminadas as obras exteriores.”²⁸⁵

Tipologia / Estilo: Arquitectura religiosa, ecléctica.



²⁸³ Cf. BARBOSA, J. - *Toponímia da Póvoa de Varzim*, ... , *Op. cit.*, pp. 45 - 47 (1969), 294 - 296 (1979).

²⁸⁴ Cf. AMORIM, Manuel - *A Companhia de Jesus na Póvoa de Varzim*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. 29 (1992), 33 (1996 - 1997) e 37 (2002), Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da P. Varzim, 1992, 1996 - 1997 e 2002.

²⁸⁵ Cf. BARBOSA, Jorge - *Toponímia da Póvoa de Varzim*, ... , *Op. cit.*, 1973, 1975, 1980, pp. 30-31 (1973), 36 (1975), 88-94 (1980).]

12 – CAPELA DO CEMITÉRIO

Localização: Cemitério - Rua Almeida Brandão, Póvoa de Varzim

Arquitecto: Gonçalo Artur Cruz (arquitecto camarário)

Época Construção: 1891 - 1900

Cronologia: 1891 – Desenho da Capela do Cemitério²⁸⁶ aprovado em 1891, inspirado no desenho dos edifícios administrativos do cemitério de Agramonte, no Porto²⁸⁷. Outros desenhos para os muros e portão do cemitério (sem assinatura) foram, provavelmente, também executados pelo arquitecto camarário Gonçalo Artur Cruz.

1892 – 1.º enterramento no novo cemitério da Giesteira e para ele “foram depois transferidos alguns jazigos de mármore, que lá se encontram e que facilmente se identificam pelas datas que têm inscritas.”²⁸⁸

1900 - desenho do retábulo neoclássico para a capela (neogótica) do Cemitério, pelo arq. Gonçalo Artur Cruz.



13 - IGREJA PAROQUIAL DE S. JOSÉ DE RIBAMAR DA PÓVOA DE VARZIM

[Igreja paroquial de S. José de Ribamar. A Paróquia de S. José de Ribamar foi criada em 29 de Junho de 1935, com a categoria de Abadia e sede na Igreja do mesmo nome, sendo desmembrada da “freguesia eclesiástica de N.ª Senhora da Conceição, da Póvoa de Varzim”²⁸⁹]

Localização: Avenida Mouzinho de Albuquerque

Arquitecto: Arquitecto Rufino (década de 50) / reformada, na década de 70, pelo Arquitecto Moreira da Silva, do Porto.

Época Construção: 1960

Cronologia : A Igreja nova, sagrada em 1960, foi desenhada pelo “projectista Sr. Arquitecto Rufino funcionário superior das “Obras Públicas” e reformada pelo Arq. Moreira da Silva, do Porto, na década de 70.

Tipologia / Estilo: Arquitectura religiosa, “contemporânea”.

História: Esta igreja surge na sequência de duas capelas e uma pequena igreja com a mesma invocação que se vão sucedendo desde meados do século XIX até à segunda metade do século XX:



1844 - 1851- 1876- 1913 - “A devoção dos pescadores do norte da Póvoa a S. José de Ribamar, começou por se concretizar na Areosa, com a construção da capelinha de S. José (a primitiva, depois ampliada para capela), correspondendo ao actual Passeio Alegre, onde, em nossos dias, se encontra a estátua do Cego do Maio.”

1913 - “A capela de S. José foi demolida em 1913. Depois, a Confraria de S. José de Ribamar esteve, de 1913 a final de 1934, na Igreja do Coração de Jesus, transitando, nesse ano, por permuta com a *Confraria de Nossa Senhora de Lourdes* (1902), para a Igreja de S. José de Ribamar, na esquina da Rua do Norte com a Avenida Mouzinho de Albuquerque (igreja construída na década de 20 e aberta ao culto, não concluída, ainda, em 1927.”²⁹⁰ “Em 1934 a confraria de S. José de Ribamar transita para a Igreja de S. José de Ribamar na Avenida Mouzinho. Igreja desenhada em 1918 por João de Moura Coutinho d’ Almeida d’ Eça, arquitecto de Braga, *construída na década de 20 e aberta ao culto, não concluída, ainda, em 1927*”²⁹¹.

²⁸⁶ Estes e outros desenhos de plantas foram consultados no Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim.

²⁸⁷ Também eles de frente para o portão principal. Um outro projecto, eclético (com a data de 1891, no frontão), não foi seguido, mas optou-se pela capela isolada, como aparece neste desenho.

²⁸⁸ Cf. BARBOSA, Fernando - *Correcções a anotações à História local*, V, in, “Idea Nova”, de 7 de Setembro de 1940.

²⁸⁹ BARBOSA, Jorge - *Toponímia da Póvoa de Varzim*, ..., *Op. cit.*, 1977, pp. 57- 59.

²⁹⁰ Cf. COSTA, Joaquim Martins da Costa - *Cem anos de vida da Confraria de S. José de Ribamar da Póvoa de Varzim (1860-1960)*- Introdução, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. XXXI, Póvoa de Varzim, 1994, pp. 305- 351.

²⁹¹ Cf. COSTA, Joaquim Martins da Costa - *Cem anos de vida da Confraria de S. José ... Op. cit.*, 1994, pp. 305- 351.

Pela localização dos edifícios religiosos podemos perceber onde se situava a zona central e “antiga” da Póvoa, crescendo em volta da “Casa da Câmara” (a sudoeste da Matriz), ladeando a nova Igreja Matriz (n.º 1) e envolvendo a antiga Capela da Madre de Deus, já desaparecida (que se encontrava próxima da nova Matriz, a Oeste, na Rua da Igreja). Localizando outro pólo, original, temos a primitiva Capela da Mata / S. Tiago, depois, antiga igreja matriz e finalmente igreja da Misericórdia (n.º 2), no lugar da “Vila Velha”. O aparecimento, e sobretudo o melhoramento e ampliação, de capelas nas áreas envolventes, radialmente em relação à Matriz / Câmara, espelham o crescimento da vila, reflectindo o aparecimento de novos bairros, ou o crescimento de antigos lugares, com características rurais, como a Capela de N.ª S.ª de Belém (N.º 8), ou o Senhor do Bonfim (n.º 10). Os próprios nomes das invocações recordam a distância a que se encontravam do centro da povoação e em lugares quase despovoados (Desterro, Bonfim ou Belém).

Na fotografia aérea da Póvoa do 2.º quartel do século XX são perceptíveis os edifícios das igreja e capelas, alguns dos quais no interior do casario (como a antiga capela de S. Roque), mas prevalecendo curiosamente nas zonas que rodeiam o núcleo populacional. A povoação aparece-nos aqui envolvida por uma coroa de edifícios religiosos, os quais são as “moles” arquitectónicas que melhor se destacam numa zona plana, exceptuando os edifícios do Castelo, da Câmara Municipal, Hospital e Casino. A hoje discreta capela do Desterro é aqui perfeitamente visível, surgindo como um marco a Norte da terra. A Leste surge a massa imensa da Basílica do Coração de Jesus e a Nordeste a Igreja da Misericórdia, ladeada pelo Hospital e pela torre em destaque da Capela de N.ª S.ª das Dores, no antigo lugar do Monte. Mais a Leste encontra-se a Matriz em oposição à Igreja da Lapa, na zona extrema a Sudoeste. As capelas de Belém (no extremo leste) e a do senhor do Bonfim, que não são visíveis na fotografia, encontram-se nos limites da população pontuando já novos núcleos populacionais incipientes.

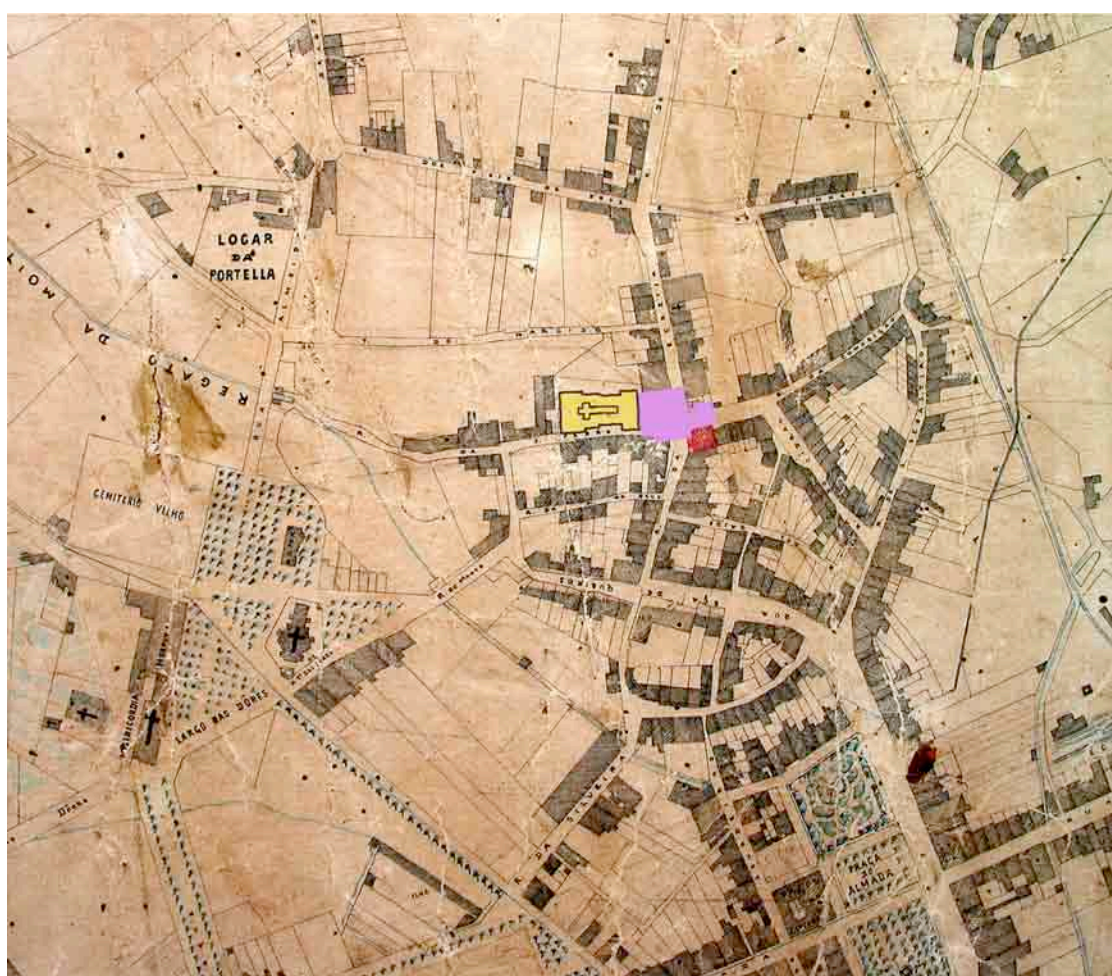


Figura 57 - Pormenor da Fotografia aérea da Póvoa de Varzim. 2.º quartel do século XX. Posterior a 1927, mas anterior a 1950. Col. MMEHPV – F-202.

As cronologias de construção deste edificado apontam, em simultâneo, para uma prevalência de realizações disseminadas ao longo do século XVIII e XIX, a despeito da existência património anterior, como a antiga Igreja da Misericórdia, a Capela da Madre de Deus (demolida no século XIX) ou a antiga capela de S. Roque, o qual se submerge na renovação dos anteriores e ampliação do número de

novas edificações religiosas. Na verdade, grande parte das construções e sagrações do final do século XIX (Capela de S. José, reedificação da Capela de S. Roque, ampliação da Capela de N.ª S.ª das Dores, da Capela de N.ª S.ª do Desterro, do Senhor do Bonfim e início da construção da grande Basílica do Sagrado Coração de Jesus) e mesmo do século XX (nova Igreja da Misericórdia, Capela / Igreja de S. José de Ribamar na Avenida Mouzinho e nova Igreja de S. José de Ribamar, completa-se a Basílica do Sagrado Coração de Jesus e fazem-se obras de renovação e ampliação em quase todas as anteriormente referidas) apresentam ainda o tempo sobre que fazemos incidir este estudo como informado de uma notória vitalidade de vivências religiosas que se projectam no tecido urbano da Póvoa de Varzim.

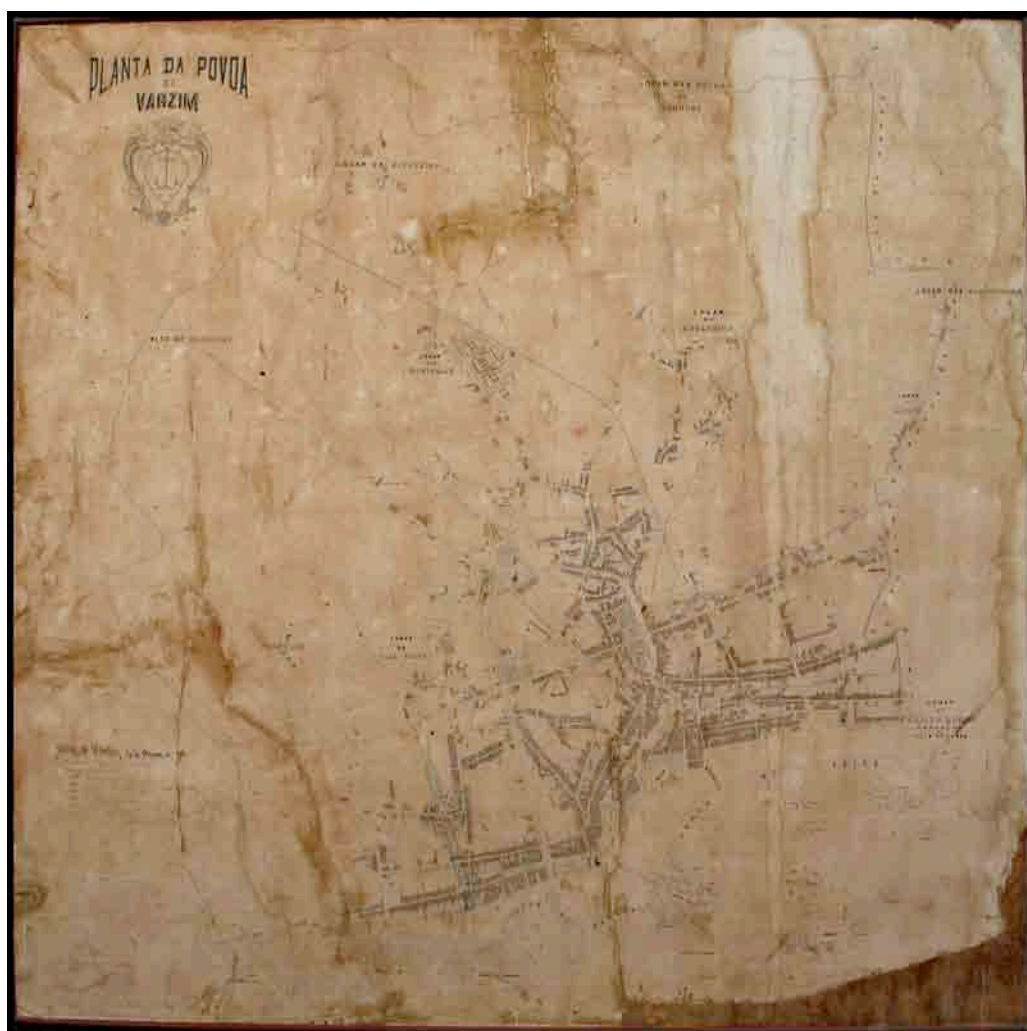
A própria realização da planta da vila, em 1901, documenta uma dinâmica de crescimento urbano considerável que importa historiar.



Planta 7 - Pormenor da Planta da Póvoa de Varzim de 1901 [Arq. Gonçalo Artur Cruz. Colecção do MMEHPV] em que se destacam os antigos paços do Concelho, Igreja matriz e Praça da vila.

- Edifício dos Antigos Paços do Concelho (c. 1713)
- Praça principal da Vila no século XVIII – encontrando-se a Oeste o Edifício dos Paços do Concelho e a Norte a Igreja Matriz. Em redor, principalmente a Oeste encontravam-se os edifícios mais importantes deste concelho.
- Igreja Matriz de N.ª S.ª da Conceição da Póvoa de Varzim (1742 – 1757).

Para analisarmos o urbanismo da Póvoa e os percursos das procissões utilizamos precisamente a magnífica planta desenhada em 1901, por corresponder melhor à fisionomia da povoação na 1.^a metade do século XX, tendo em consideração que o grande aumento da construção neste espaço decorreu na 2.^a metade do século XX e, principalmente a partir da década de 70. Em 1901 já se encontravam traçadas as principais linhas de ordenamento da cidade, em particular a Rua Cidade do Porto e a Avenida Mouzinho de Albuquerque, bem como o arranjo do largo das Dores (tudo impulsionado pela visão cosmopolita do político David Alves), que vão constituir as linhas de força do urbanismo local, a par das já pré-existentes, nomeadamente a Praça do Almada, a comercial Rua da Junqueira e o Passeio Alegre, em frente ao mar. No entanto está esboçada a azul na planta uma nova e ampla avenida a partir da incipiente Basílica do Sagrado Coração de Jesus em direcção ao mar, que nunca foi realizada.



Planta 8 - Planta da Póvoa de Varzim, desenhada por Gonçalo Artur Cruz (Arquitecto Camarário). 1901.10.15. Tinta da china e aguarela sobre papel colada em madeira., moldura em madeira. Alt.: 139,5 x 139,5 cm. [142,5 x 142,5 cm (com moldura)]. MMEHPV.

A planta da Póvoa de 1901 foi executada sendo presidente da Câmara Dr. Delfim Martins Flores, a quem sucederá David Alves. Em conjunto com Joaquim Pereira Azurar, que os antecedeu, foram os autarcas que, entre finais do século XIX e inícios do século XX, deram um novo impulso a esta

pequena localidade. O centro piscatório tornava-se, também, uma afamada estância balnear, com uma vida cosmopolita animada pelo “jogo”²⁹² e actividades lúdicas nos cafés e jardins da localidade. Em articulação com os contextos históricos previamente analisados, estes autarcas regularizaram e melhoraram os arruamentos mediante a implementação de grande número de projectos de alargamento de ruas e regularização de “alinhamentos”, obrigando a que se arranjassem casas e espaços privados, seguindo as orientações da “Comissão de estética” (cujas indicações surgem em várias plantas de 1915²⁹³). Em muitos destes desenhos encontramos a assinatura de Gonçalo Artur Cruz, como técnico executor de muitos planos e projectos.

Nitidamente - pelos rascunhos a lápis e projectos apontados a “aguada” azul - esta planta irá ser muito utilizada, nos anos que imediatamente se seguiram à sua execução, por David Alves. Este (que já colaborava com Delfim Flores) era um homem de grande cultura, licenciado em Direito, viajado e casado com Mariana “Bonito de” Amorim, a qual pertencia a uma família de “Brasileiros”²⁹⁴ que dispunham de vastas riquezas, exercendo uma acção benemérita e de desenvolvimento artístico que marcou esta época na Póvoa. Conviveu com investigadores como Rocha Peixoto, António dos Santos Graça e com arquitectos como Arnaldo Redondo Adães Bermudes²⁹⁵ e João de Moura Coutinho d’ Almeida d’ Eça e Ventura Terra, a quem encomendou obras para a Vila e para a sua própria família.

Esta Planta é, assim, particularmente curiosa porque, se por um lado regista os edifícios, arruamentos e cursos de água existentes (muitos dos quais foram posteriormente canalizados) em 1901, por outro reflecte e regista os ante-projectos ou hesitações dos anos subsequentes. Alguns planos ficaram por realizar, mas permitem-nos compreender algumas opções urbanísticas que contavam com a execução de grandes obras públicas, nomeadamente de uma nova grande avenida com alamedas e uma rotunda, ligando a nova basílica do Sagrado Coração de Jesus, em construção, e o mar, que nunca foi concretizada, como já referimos. A criação desta planta foi uma realização técnica fundamental e imprescindível, um testemunho / documento, uma prova da vontade de um grupo de homens, eficientes autarcas e bons técnicos, os quais, ao tratar do *planeamento urbano*, procuraram resolver problemas antigos e projectar para o futuro este núcleo populacional, através de uma visão urbanística rara na época²⁹⁶. Este desenho espelha a sua vontade de realizar uma obra pragmática, realista, baseada em “instrumentos científicos”, claros e de fácil percepção e análise.

²⁹² Cf. AMORIM, Manuel - *Póvoa de Varzim*, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim - Serviço de Turismo, 1994, Dez., pp. 2-3.

²⁹³ Cf. FERNANDES, Mário Gonçalves - *Urbanismo e morfologia urbana no Norte de Portugal (Viana do Castelo, Póvoa de Varzim, Guimarães, Vila Real, Chaves e Bragança)*. 1852 / 1926 (Tese apresentada à F.L.U.P. para obtenção do Grau de Doutor em Geografia), 2 vols., Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002, vol. II, pp. 210 - 214.

²⁹⁴ Cf. LANDOLT, João Agostinho (Direct.) - *Manoel João e D. Adelaide Amorim [O Meu Pantheon. Para a historia da Povoá]*, in «A Póvoa de Varzim. Revista Genuinamente Patriótica! De Propaganda às Belezas da Póvoa de Varzim», 1º Ano, nº 6, 2ª Quinzena de Dezembro, 1914, Póvoa de Varzim, Ed. João Agostinho Landolt, 1914, pp. 3 - 7 (S/ nº de página).

²⁹⁵ Cf. LANDOLT, João Agostinho (Direct.) - *A Igreja da Misericórdia*, in «A Póvoa de Varzim. Revista Genuinamente Patriótica! De Propaganda às Belezas da Póvoa de Varzim», 3º ano, nº 21 e 22, 15 de Outubro de 1914, Póvoa de Varzim, João Agostinho Landolt, 1914, (s/ indicação do n.º de página).

²⁹⁶ Cf. FERNANDES, Mário Gonçalves, *Ob cit*, 2002, p. 16.

Relativamente à indicação dos pontos cardeais, esta planta da Vila da Póvoa não se encontra orientada com o Norte no topo, o que é mais frequente na actualidade, mas para Este, com uma ligeira inclinação para Es-Sudeste. O lado Oeste situa-se no fundo do quadro, reflectindo a orientação natural, em que o mar fica “na base”, como horizonte visual desta localidade, demonstrando a vivência de uma comunidade fundamentalmente orientada na direcção do mar, quer pelas artes da pesca, quer como pólo de talassoterapia.

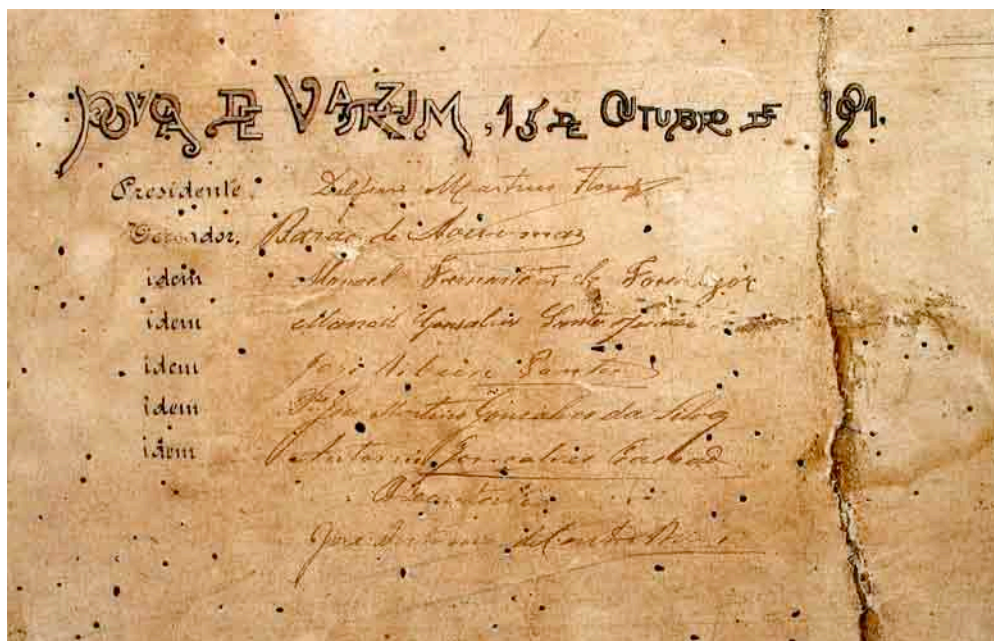


Figura 58 - Planta da Póvoa de Varzim. 1901.10.15. Pormenores. Data e assinaturas. MMEHPV.

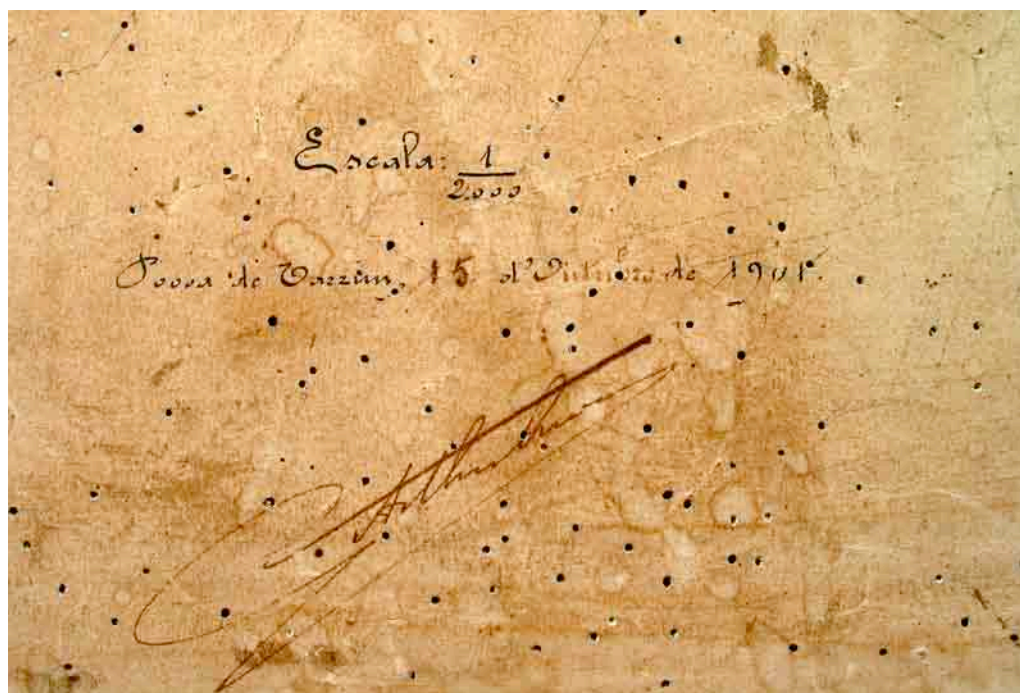


Figura 59 - Escala e Assinatura do arquitecto: Gonçalo Artur Cruz (Arquitecto Camarário). Indicação do Local e Data: “Povo de Varzim, 15 de Outubro de 1901”. MMEHPV.

2.4.2. ITINERÁRIOS PROCESSIONAIS

Uma das características dos cortejos em estudo é a deslocação de imagens e alfaias religiosas que deixam o espaço sacralizado das igrejas e capelas²⁹⁷ para percorrerem as ruas. A necessidade de proteger os objectos sagrados ou, particularmente, a custódia com o Santíssimo Sacramento, motiva a utilização de pálio, lanternas acesas e “guardas de honra” (bombeiros, membros de confrarias, etc.) que protegem simbolicamente as peças sagradas.

Neste sentido, e diríamos mesmo, da necessidade de proteger das agressões de algum louco ou herege os objectos sagrados, se compreende a iniciativa de incorporar forças militarizadas que transmitem uma ideia de segurança ao evento.

Paralelamente, além do sentido simbólico evidente - por exemplo na colaboração dos Bombeiros Voluntários que, com trajes de gala e machado ao ombro ladeiam o pálio nas cerimónias da Semana Santa e outras - é normalmente necessário afastar os transeuntes do espaço em que vai passar o cortejo à medida que este se aproxima, bem como interromper o trânsito nas ruas. Essa tarefa é normalmente executada por elementos da polícia de segurança pública ou da G.N.R., vindo, nas mais importantes procissões, onde se concentra mais “povo”, elementos da G.N.R. a cavalo.

As ruas são engalanadas com colchas e pendões que, naturalmente, as reveste de uma latente sacralidade, que se considera necessária para que a História sagrada, representadas por “anjinhos”, alfaias e esculturas religiosas, percorra as ruas com a dignidade e respeito considerados fundamentais.

Identificam-se, pela análise dos trajectos, os centros principais de vivência religiosa na Póvoa de Varzim: A *igreja matriz* está no centro do velho núcleo populacional e é o pólo em torno do qual giram as procissões da Semana Santa, Corpo de Deus, e dos Santos Populares no dia de S. Pedro, só para falar das mais importantes. A ela se liga, naturalmente a *Igreja da Misericórdia*, formando com a Capela de Nossa Senhora das Dores, um “triângulo sagrado”.

Pela pequena *capela de S. Tiago*, à entrada da rua da Junqueira, centro comercial e coração da zona balnear, passam a maior parte das procissões²⁹⁸, reflectindo o papel que a partir do século XIX a burguesia comercial tinha na vida da localidade e a visão de que esta rua constituía a sua sala de visitas e, como tal, nenhum outro sítio era melhor para o desfilar da procissão entre as varandas engalanadas.

²⁹⁷ Lembremos que: “A procissão tem o seu ponto de partida e o seu termo em lugares sagrados que em princípio devem ser distinto: não que seja necessário ir duma a outra igreja, mas dum lugar em que se está reunido para uma oração litúrgica a outro lugar em que se desenrolará um outro acto litúrgico; é assim que a procissão do viático vai da igreja à morada do moribundo que recebe a comunhão, a procissão dos Ramos parte dum lugar em que se procedeu à bênção dos ramos, edifício do culto ou não, para a igreja, de preferência distinta, em que se celebrará a missa.” Cf. MARTIMORT, A. G. - *Op. cit.*, 1965, p. 728.

²⁹⁸ Ela própria já foi o centro de grandes devoções, a S. Roque, S. Tiago e, mais recentemente, ao Mártir S. Sebastião (“contra a fome”), da parte dos pescadores e, em Janeiro, quando o medo da fome ameaçava, a novena em sua honra era muito concorrida e a procissão saía, apesar do frequente mau tempo. Fomos informados, através de entrevistas orais, que se deixaram de fazer procissões a partir desta capela: porque “agora já não há medo da fome”; ou então porque o “pároco que incendiava os espíritos para as devoções já morreu”.

A zona da Praça do Almada e Rua da Junqueira foi ganhando cada vez mais importância do ponto de vista comercial e empresarial, de tal maneira que agora são poucas as pessoas que aí vivem. Se não vemos colchas nas janelas, não é sinal de falta de religiosidade, mas do despovoamento progressivo que acontece a estas zonas, excessivamente valorizadas.

A procissão de Nossa Senhora da Assunção, que parte da *Igreja da Lapa*, é de uma grande riqueza e revela um enorme empenho por parte da população. É nesta e na de Nossa Senhora do Desterro que os andores são virados para o mar, ficando aí a ouvir o foguetório durante, pelo menos, 15 minutos, como ocorre desde longa data na Senhora da Assunção. No século XIX e 1.ª metade do século XX o percurso da procissão realizava-se pelo areal, entre a zona do Passeio Alegre e a Igreja da Lapa, entre os barcos engalanados. Esta faixa de terreno em frente ao mar não estava pavimentada, mesmo na fachada do Casino.



Figura 60 - Festas de N.ª S.ª da Assunção. Zona da Ribeira do Pescado com os barcos engalanados e os andores virados para o mar durante o foguetório. 15 de Agosto de 1933. Fotógrafo: Manuel Azevedo Duarte (Arquivo fotográfico digital de Manuel José Ferreira Lopes).



Figura 61 - Festas de N.ª S.ª da Assunção. Antes da passagem da procissão na zona em frente ao Casino, que seria inaugurado no ano seguinte, em 1934. 15 de Agosto de 1933. Fotógrafo: Manuel Azevedo Duarte (Arquivo fotográfico digital de Manuel José Ferreira Lopes).

Na festa da *capela de Nossa Senhora do Desterro* capricha-se nos tapetes e nos arranjos das ruas. É interessante ver esta procissão passar pelas tradicionais ruas estreitas e depois desembocar numa avenida de prédios altíssimos, com ruas largas em que os anjinhos se dispersam.



Figura 62 - Procissão de N.ª S.ª do Desterro. Zona Norte da Avenida dos Banhos. 2006.06.11. Durante a paragem para o foguetório.

Em todas as procissões existe o cuidado de colocar, em alguns locais, flores ou folhagens e, quem tem varandas coloca colchas, as melhores e principalmente as antigas, de seda, e atira pétalas sobre os andores.

A Festa de *Nossa Senhora de Belém* (que só se realiza de dois em dois anos) é, na realidade, a procissão de uma aldeia que vinha até ao centro religioso próximo, não chegando agora até à Matriz.

As procissões que antes existiam na paróquia de S. José, cuja população se encontra em regressão (muitas das casas pertencem já a veraneantes) deixaram de sair, excepto a de *Nossa Senhora do Desterro*.

Um dos núcleos mais importantes, nestas festas, é a *Praça do Almada*, centro cívico da cidade, por onde passam quase todos os cortejos. Na Festa do Corpo de Deus é mesmo o prior da Matriz com a custódia que sobe até à Câmara Municipal e, da varanda enfeitada, e dá a bênção à cidade.

O desenvolvimento da cidade originou novos pólos importantes de comércio e de habitação e, actualmente, valoriza-se muito o espaço em frente ao mar, o que levou ao aumento do trajecto das procissões, fazendo-as passar pela Rua da Junqueira, Avenida Mousinho de Albuquerque, Avenida dos Banhos, Passeio Alegre e Avenida dos Descobrimentos (zona do Cais), incorporando-se nesses itinerários áreas que se tornaram, na diacronia, centrípetas, pelos mais variados motivos.

Em paralelo, alteraram-se alguns dos troços em que se percorria a Estrada Nacional (Rua Paulo Barreto e Rua Almirante Reis), optando-se, sempre que possível, por trajectos alternativos, tentando evitar os catastróficos engarrafamentos de trânsito no Verão, que o simples atravessar desta rua já de si provoca.

Identificadas estas linhas de tendência, passaremos a cartografar e a comentar os itinerários identificados das principais procissões, tendo em conta a sua evolução ao longo do século XX²⁹⁹.

O número de ordem antes do nome da procissão corresponde ao n.º da Ficha Descritiva das Procissões do Volume 2.

Nos itinerários, estão assinalados a cor vermelha os que de realizam actualmente e a azul os antigos percursos que deixaram de ser utilizado. A tracejado assinalam-se os percursos alternativos.

- - - - - Itinerário antigo
- - - - - Itinerário antigo alternativo
- — — — — Itinerário actual
- - - - - Itinerário actual alternativo

²⁹⁹ É nosso objectivo reconstruir a sua evolução ao longo do século XX. Todavia, à falta de indicações para períodos anteriores, tomaremos os que se reconhecem na actualidade.



1.1.1.³⁰⁰ - Procissão de S. Sebastião– Já desaparecida.

Itinerários – percursos (antigos): “A procissão de S. Sebastião percorria o seguinte itinerário: actual rua de João Dias, rua de Tenente Valadim, Travessa do Cais Novo e Junqueira, recolhendo à capela de Sant’Iago. Deve ser um itinerário muito antigo, e justificava-se atendendo a que se tratava de uma procissão em pleno Inverno, por um lado, e ao facto de se dever fazer passar a procissão por um trajecto do lado do bairro sul, uma vez que a devoção de S. Sebastião estava, e ainda está, muito arraigada na gente do mar (a devoção começou a decair quando se criou em Matosinhos idêntica devoção).

Disse-nos o Senhor Francisco Fernandes Serra que com bom tempo havia outro itinerário para a procissão: actual rua de João Dias, Largo do Correio, Praça do Almada, Praça do Marquês de Pombal, avenida Mouzinho de Albuquerque, rua de António Graça, Passeio Alegre, rua dos Cafés, largo do Chinês e Junqueira, recolhendo a Sant’Iago.” Cf. COSTA, J. Martins da, p. 169.

³⁰⁰ A numeração reporta-se à ordenação das respectivas fichas de descrição, no Vol. 2: Anexos. No caso vertente: 1.1.1, p. 11.



1.1.6. - Procissão dos Passos – de dia

Itinerários / percursos e paragens: Organiza-se e sai do adro da Igreja de N.ª S.ª da Misericórdia, segue pelo Largo das Dores (Capela de N.ª S.ª das Dores), passa pela rua do Senhor do Monte, rua Fernando Barbosa, rua do Visconde, cruzeiro paroquial (Largo Eça de Queirós) - onde se realiza o "Sermão do Encontro" - o andor da Senhora da Soledade espera na rua 1.º de Maio], Praça do Almada, Rua Dr. Sousa Campos, Praça da República / Largo de S. Tiago (capela de S. Roque / S. Tiago), rua da Junqueira, Largo Dr. David Alves, rua da Alegria (igreja paroquial de S. José de Ribamar), Avenida Mousinho de Albuquerque e regressa à Igreja da Misericórdia.

Itinerário antigos: Antigamente "A procissão saía da Matriz, depois do sermão do Pretório, descia a rua do Pelourinho, dava a volta ao largo de S. Roque e subia toda a rua Direita até à Misericórdia, onde recolhia."

Em 1976, o itinerário da procissão era o seguinte: "sai da Matriz e segue pela rua da Igreja, Visconde, Praça do Almada, S. Roque, junqueira, largo do Dr. David Alves, rua da Alegria e avenida de Mouzinho de Albuquerque, recolhendo à Misericórdia." (Cf. COSTA, Joaquim M. da - As Procissões na Póvoa de Varzim ..., 1977, p. 177 – 178).



1.1.7. - Procissão de velas – Via Sacra

Itinerários – percursos: Organiza-se e sai do adro da Igreja Matriz, segue pela Rua de S. Pedro, Rua da Moita, Rua do Senhor do Monte, Rua Cidade do Porto, Rua Manuel Silva, passa pela capela de S. Roque / S. Tiago [paróquia de S. José de Ribamar] na Praça da República, Rua João Dias, Largo Elísio da Nova, Rua dos Ferreiros, Rua dos Favais, Rua Almirante Reis, Praça do Almada, passa pelo cruzeiro paroquial, no Largo Eça de Queirós, Rua do Visconde, Rua da igreja e recolhe à Igreja Matriz.



1.1.8. - Procissão de Ramos

Itinerários – percursos: Organiza-se e sai do adro da Igreja Matriz, segue pela Rua de S. Pedro, Largo das Dores (Capela de N.ª S.ª das Dores), Igreja de N.ª S.ª da Misericórdia - onde se realiza a bênção do Ramos -, Rua Senhor do Monte, Rua Fernando Barbosa, Rua da Igreja e regressa à Igreja Matriz, onde se celebra a missa

Itinerário antigos: Anticamente "Na Póvoa, segundo o testemunho de pessoas idosas, na antiga Matriz realizava-se, no interior do templo, a bênção dos ramos, seguindo-se a missa, no domingo de Ramos. Posteriormente, quando se acabou a actual Misericórdia, depois do ano de 1913, em data que não nos foi possível averiguar, passou a realizar-se a bênção dos ramos à porta da Misericórdia, seguindo depois a procissão de Ramos, (...) para a Matriz actual. Na Matriz, antes de entrar, o Pároco batia à porta da Igreja – cerimónia que também se fazia na antiga Matriz – havendo troca de cânticos entre o povo que se encontrava no exterior do templo e os fieis no interior da igreja. Julgamos que se trata do rito Bracarense, de inspiração no salmo de Isaías: «Ó portas, alteai-vos mais ainda: abri-vos, portas antigas, para entrar o rei da glória!»" (Cf. COSTA, J. Martins da - As Procissões na Póvoa de Varzim... Ob.cit.,1978, pp.183 – 184).



1.1.13. - Procissão do Enterro do Senhor / Senhor Morto

Itinerários – percursos: Organiza-se e sai do adro da Igreja Matriz, segue pela rua da Igreja, rua do Visconde, Praça do Almada (lado sul), Praça da República [Capela de S. Tiago / S. Roque], actual rua de Manuel Silva, Rua Cidade do Porto, Largo das Dores [Capela de N.ª S.ª das Dores], Rua de S. Pedro e recolhe à Matriz.

Itinerário antigos: Em 1978 seguia pela “rua da Igreja, rua do Visconde, Praça do Almada (lado sul), Largo de S. Roque, actual rua de Manuel Silva, rua do Almada, Praça do Almada (lado norte), Largo do Cruzeiro, rua do Visconde, rua da Igreja, recolhendo à Matriz.

Antigamente, à chegada ao Cruzeiro depois da volta de S. Roque, as procissões que recolhiam à Matriz, metiam à rua de S. Sebastião (hoje, 1º de Maio), rua do Cidral e rua da Conceição.” (Cf. COSTA, J. M, da - *As Procissões ... Ob. cit.*, 1978, p. 188).



1.1.4. - Procissão da Ressurreição

Itinerários – percursos: O itinerário seguido pelo cortejo é a partir da igreja matriz, segue pela rua da Igreja, rua do Visconde, passa pelo cruzeiro paroquial no Largo Eça de Queirós, Praça do Almada (lado sul), Rua Dr. Sousa Campos, Largo da República ou Largo de S. Roque [capela de S. Roque / S. Tiago, da paróquia de S. José de Ribamar], actual rua Manuel Silva, Rua Cidade do Porto, Largo das Dores [Capela de Nossa Senhora das Dores], Rua de S. Pedro e recolhe à Matriz.

Itinerário antigos: Noutros tempos “percorria o seguinte itinerário: saindo da Matriz, passava à rua da Igreja, rua do Visconde, Cruzeiro, Praça do Almada (lado sul), praça do Almada (lado norte), Cruzeiro, e recolhia à Matriz pelas ruas do Visconde e da Igreja. [Em 1978 ia a S. Roque como a procissão do Enterro. Antigamente, a partir do Cruzeiro, no regresso, recolhia pela rua de S. Sebastião (hoje do 1º de Maio), rua do Cidral e rua da Conceição. Em 1977 (10 de Abril), a partir de S. Roque, meteu à rua de Manuel Silva, rua da Cidade do Porto, rua do Senhor do Monte, rua de Fernando Barbosa e rua da Igreja.” (Cf. COSTA, Joaquim Martins da - *As Procissões ... Ob. cit.*, vol. 1978, p. 194).



1.1.8. - Procissão de velas N.ª Senhora da Saúde

Itinerários – percursos: A imagem de N.ª S.ª da Saúde é trazida num carro de bombeiros - caixa aberta - até à escola dos “Sininhos” (Rua Manuel Silva), a partir daí a imagem é levada a ombros, pelos bombeiros Voluntários, num andor, sendo antecedida pela bandeira da Confraria de N.ª S.ª da Saúde, em frente da capela de S. Roque / S. Tiago [da paróquia de S. José de Ribamar] juntam-se os fiéis com velas, o pároco da Matriz e mais confrarias da Póvoa, segue pela rua Dr. Sousa campos, Praça do Almada (lado sul), passa pelo cruzeiro paroquial no Largo Eça de Queirós, rua do Visconde, Rua da Igreja, até à Igreja Matriz de N.ª S.ª da Conceição.



1.1.9. - Procissão de N.ª Senhora de Fátima dos Infantários

Itinerários – percursos: Organiza-se na Praça do Almada, segue pelo Largo de S. Sebastião (onde se encontra o cruzeiro paroquial), Rua do Visconde de Azevedo, Rua da Igreja e termina na Igreja Matriz.



1.1.24. - Procissão de N.^a Senhora da Boa Viagem – Já desaparecida

Itinerário antigo: Saía da Igreja da "Lapa metia à rua dos Ferreiros, virava para S. Roque ao Hotel Universal, descia a Junqueira, rua da Alegria, Avenida, Passeio Alegre (lado nascente); a partir daqui, ou recolhia à Lapa pela beira-mar ou por Tenente Valadim e rua da Areia" (Cf. COSTA, J. M. da - *As Procissões na Póvoa de Varzim...* Ob. cit, 1978, pp. 200 – 203).



1.1.25. – Procissão de Nossa Senhora de Belém

Itinerários – percursos: O cortejo sai da Capela de N.ª Senhora de Belém, segue pela rua Almeida Brandão (estrada de Beiriz em direcção ao cemitério da Póvoa), cruzeiro no exterior do Cemitério), Rua da Portela, Rua Padre José Brenha, rua do Dr. Josué Trocado, Rua Almeida Brandão (Cemitério) e regressa à Capela de Belém.

Itinerário antigos: “A procissão, saindo da Capela de Nossa Senhora de Belém, metia pela estrada de Beiriz (estrada do Cemitério da Póvoa), em direcção à Póvoa. Junto do cruzeiro que existe no exterior do Cemitério da Póvoa, dava a volta e regressava à Capela” (Cf. COSTA, J. M. da - *As Procissões...* Ob. cit., 1978, p.174).



1.1.26. - Procissão do Corpo de Deus [Corpus Christi]

Itinerários – percursos: Sai da igreja Matriz, segue pela rua da Igreja, rua do Visconde de Azevedo, Praça do Almada (com paragem da procissão e bênção a partir do edifício da Câmara Municipal), Praça da República / Largo de S. Roque, rua da Junqueira, Rua da Alegria, Avenida Mouzinho de Albuquerque, Largo das Dores, rua de S. Pedro e regressa à Matriz.

Itinerário antigos: “saíndo da Matriz, pela rua da Igreja, rua do Visconde, Praça do Almada, S. Roque, Junqueira, rua dos Cafés, Passeio Alegre (lado nascente) – com bênção na casa que habitava o Dr. Joaquim Graça, Avenida, Praça do Marquês de Pombal, rua do Almada, voltando à Câmara – bênção na Câmara - Largo do Cruzeiro (...). Antigamente, a partir do Cruzeiro: rua 1.º de Maio, rua do Cidral e rua da Conceição.” (Cf. COSTA, J. M. da - *As Procissões...* Ob. cit, 1978, p. 209).



1.1.29. - Procissão do Sagrado Coração de Jesus – Já desaparecida

Itinerários – percursos: Ainda se realizava em 1979, mas na década de 90 já não se realizava.

“A procissão, saindo da Igreja do Coração de Jesus, pela rua de Gomes de Amorim, metia ao Carvalhido, que descia, rua de António Graça, Avenida, Passeio Alegre, Avenida, rua da Alegria, rua da Junqueira, S. Roque, Praça do Almada, Praça do Marquês de Pombal e rua de Gomes de Amorim, recolhendo à «Basílica».

A procissão tinha, normalmente, três paragens mais demoradas: a 1ª no Passeio Alegre, lançando-se a bênção ao mar da varanda da casa em que morou o Dr. Joaquim Graça; 2ª nos Paços do Concelho, onde se renovava a consagração do Concelho ao Sagrado Coração de Jesus; e a 3ª, a apoteose e despedida, junto ao templo do Coração de Jesus.” (Cf. COSTA, J. Martins da - *As Procissões...* Ob. cit., 1979, p.165).



1.1.28. - Procissão de Nossa Senhora do Desterro

Itinerários – percursos e paragens: A procissão sai da Capela do Desterro, segue pela rua Patrão Sérgio, sobe a rua Elias Garcia, rua Patrão Lagos, desce a Av. Mouzinho, Rua Latino Coelho, Largo Dr. José Pontes, Av. dos Banhos (paragem para o “foguetório”) Rua Serpa Pinto e regressa à capela.

Itinerário antigos: “A procissão saía da Capela do Desterro, metia à antiga rua de S. Carlos (actual rua do Patrão Sérgio), rua do Carvalhido (rua de Elias Garcia), rua do Patrão Lagoa (antiga rua do Paulett), Avenida (lado sul), Praça do Marquês de Pombal, rua do Almada (hoje de Paulo Barreto – João do Rio), Praça do Almada (lado sul), S. Roque, Junqueira, rua da Alegria, rua de António Graça, rua de Serpa Pinto, recolhendo ao Desterro. Também há notícia de, a partir do Largo do Rego (hoje, do Dr. David Alves), meter à rua dos Cafés, Passeio Alegre (lado nascente), rua do Dr. Caetano de Oliveira, Ramalhão, voltando depois à rua de Serpa Pinto para recolher ao Desterro.

O erudito investigador e historiador poveiro, Dr. Jorge da Silva Barbosa, no seu distinto trabalho «*Toponímia da Póvoa de Varzim*», em nota a propósito dos «Macacos do Ramalhão» também refere a não passagem da procissão pela rua do Ramalhão, ou, pelo menos, para norte do cruzamento com a rua de Serpa Pinto.” (Cf. COSTA, J. M. da - *As Procissões...* Ob. cit, 1978, p.196).



1.1.30. - Procissão de S. João Baptista – Já desaparecida

Itinerários – percursos: Já não se realizava em 1962.

Itinerário antigos: "A procissão de S. João saía da Matriz pela rua da Igreja, rua do Visconde, Praça do Almada, Largo de S. Roque, rua da Junqueira, rua dos Cafés, Passeio Alegre (lado nascente), Avenida, Praça do Marquês de Pombal, rua do Almada, Praça do Almada, Cruzeiro, rua 1.º de Maio e rua da Conceição, recolhendo à Matriz." (Cf. COSTA, J. Martins da - *As Procissões...* Ob. cit., 1979, p. 170).



1.1.31. - Procissão de S. Pedro / Procissão dos Santos Populares

Itinerários – percursos: “saindo da Matriz, rua da Igreja, rua do Visconde, Praça do Almada, S. Roque, Junqueira, rua da Alegria, rua de António Graça, Carvalho, Avenida dos Banhos, Passeio Alegre e, pela Avenida marginal, recolhe à Lapa.” (Cf. COSTA, J. Martins da - *As Procissões...* Ob. cit., 1979, p. 173).



1.1.32. - Procissão de Nossa Senhora do Carmo – Já desaparecida

Itinerários – percursos e paragens: “A procissão saía da Matriz, pela rua da Igreja, rua do Visconde, Praça do Almada, S. Roque, rua da Junqueira, rua dos Cafés, Passeio Alegre (lado nascente), Avenida, Praça do Marquês de Pombal, rua do Almada, Cruzeiro, rua do Visconde, rua da Igreja, recolhendo à Matriz. Antigamente, a partir do Cruzeiro, ao recolher, passava pelas ruas 1.º de Maio, do Cidral e da Conceição.” (Cf. COSTA, Joaquim Martins da - *As Procissões na Póvoa de Varzim*, ... Ob. cit., 1978, p.176).



1.1.33. - Procissão de S. Tiago – Já desaparecida

Itinerários – percursos e paragens: “A Procissão saía da Capela de Sant'Iago e metia à Praça do Almada. Pela rua do Almada e Praça do Marquês de Pombal, metia à Avenida, que descia; rua de António Graça, rua do Carvalho, Avenida dos Banhos, Passeio Alegre (lado nascente), rua dos Cafés, e pela Junqueira, recolhia a S. Roque.” (Cf. COSTA, J. Martins da - *As Procissões...* Ob. cit., 1979, p.177).



1.1.34. - Procissão de Nossa Senhora da Assunção

Itinerários – percursos e paragens: Rua 31 de Janeiro, Largo Elísio da Nova, Rua João Dias, Praça da República / S. Roque, Rua da Junqueira, Rua da Alegria, Rua António Graça, Rua Elias Garcia, Avenida dos Banhos, Avenida dos Descobrimentos, até à Lapa, onde recolhe.

Itinerário antigos: A procissão, inicialmente, saindo da Lapa, metia à rua dos Ferreiros (estrada Velha) até S. Roque; depois passou a encaminhar-se da Lapa pela rua de Pereira Azur, rua de Almirante Reis e Praça do Almada, até S. Roque; (...)

Outrora, a partir [do Passeio Alegre] metia ao areal (Ribeira), seguindo até à Lapa entre alas de barcos embandeirados com lenços de cabeça das pescadeiras; mas, aí por 1903 (Viriato Barbosa), durante o tiroteio, um foguete incendiou o andor da Senhora, passando, então, a procissão, a partir do Passeio Alegre, a meter à Avenida Marginal, para recolher à Lapa." (Cf. COSTA, J. Martins da - *As Procissões na Póvoa de Varzim*, ... Ob. cit., 1979, p.181).



1.1.35. - Procissão do Senhor do Bonfim

Itinerários – percursos e paragens: Rua do Senhor do Bonfim, rua 1.º de Maio, Largo Eça de Queirós, Praça do Almada, Rua do Visconde, Largo de Santiago, Rua Manuel Silva, Rua Paulo Barreto, Praça do Almada, Rua do Visconde, Rua da Igreja, Rua Sacra Família, Rua Bernardino da Ponte, Rua Dr. Silveira Campos.

Itinerário anterior à década de 70, do séc. XX: “saindo da capela, em Coelho, metia à rua 1.º de Maio, Cruzeiro, rua do Visconde de Azevedo, rua da Igreja, rua do Pinheiro, bairro do Coelho, tornado à capela. Também, às vezes, ao chegar em frente à Matriz, metia à rua da Conceição, recolhendo à capela. Também já foi à Praça do Almada. E ao Passeio Alegre (1952).” (Cf. COSTA, J. Martins da - *As Procissões...*, Ob. cit., 1979, p.190).



1.1.36. - Procissão de S. José de Ribamar – Já desaparecida

Itinerário (antigo) – percursos e paragens: “A procissão, saindo da Igreja de S. José, metia à Avenida, Praça do Marquês de Pombal, rua do Almada, Praça do Almada, S. Roque, Junqueira, rua dos Cafés, Passeio Alegre (lado nascente), Ramalhão, Carvalhido, Rua de António Graça, recolhendo à Igreja.” (Cf.COSTA, Joaquim Martins da - *As Procissões na Póvoa de Varzim ...*, Ob. cit., 1979, p. 191).



1.1.37. - Procissão de Nossa Senhora das Dores

Itinerários – percursos e paragens: o cortejo forma-se no largo das Dores, segue pela Rua Dr. Fernando Barbosa, Rua do Visconde, Largo Eça de Queirós, Praça do Almada, Rua Dr. Sousa Campos, Praça da República, Rua da Junqueira, Largo Dr. David Alves, Rua dos Cafés, Passeio Alegre, Av. Mouzinho de Albuquerque, Av. dos Banhos, Rua Elias Garcia, Rua Antônio graça, Av. Mouzinho de Albuquerque e regressa ao Largo das Dores.

Itinerários antigos: Em 1977: a procissão saía “da capela das Dores pela rua do Senhor do Monte, rua de Fernando Barbosa, rua do Visconde, Praça do Almada, S. Roque, Junqueira, rua dos Cafés, Passeio Alegre (lado nascente) e Avenida, recolhendo à capela das Dores. / Há memória de, em vez da Junqueira ter descido a rua de Santos Minho (...). Julgo que, em vez da Junqueira, também já desceu Tenente Valadim, na altura em que a Junqueira estava em obras de saneamento. Outrora, a partir do Passeio Alegre, metia ao Ramalhão, Carvalhido e rua do Patrão Lagoa, para passar à porta da Micas Lua, grande devota da Senhora. Na parte superior da Avenida, subia pelo lado esquerdo para passar à casa da D. Corina Torres, que por isso, dava uma esmola de 1.000\$00, verba importante para a época.” (Cf. COSTA, J. Martins da - *As Procissões...* Ob, cit., 1979, pp. 194 – 196).



1.1.38. - Procissão de Nossa Senhora do Rosário

Itinerários – percursos e paragens: o cortejo sai do adro da Matriz, segue pela rua da Igreja, rua do Visconde de Azevedo, Praça do Almada, Largo de S. Roque / Praça da República, Junqueira, rua da Alegria, Avenida Mouzinho de Albuquerque, Largo das Dores, Rua de S. Pedro, recolhendo à Matriz.

Itinerário antigos: No último quartel do século XX, quando estava bom tempo, o cortejo seguia até ao Passeio Alegre, ou seja, a procissão saía “da Matriz, pela rua da Igreja, rua do Visconde, Praça do Almada, S. Roque, Junqueira, rua dos Cafés, Passeio Alegre (lado nascente), Avenida, Praça do Marquês de Pombal, rua do Almada, Praça do Almada, rua do Visconde e rua da Igreja, recolhendo à Matriz.” (Cf. COSTA, Joaquim Martins da - *As Procissões na Póvoa de Varzim...* Ob. cit., 1979, pp. 201 – 206).



1.1.40. - Procissão do cemitério

Itinerários – percursos e paragens: “A procissão sai da Matriz e pela rua da Igreja, dos Fiéis de Deus e de Almeida Brandão, dirige-se ao Cemitério. Aí há a Via Sacra, Missa e Sermão, actos findos os quais a procissão regressa à Matriz, onde há Missa, pelas ruas de Almeida Brandão, do Dr. Josué Trocado e de S. Pedro.” (Cf. COSTA, Joaquim Martins da - *As Procissões na Póvoa de Varzim...* Ob. cit., 1979, pp. 206 – 207).



1.1.42. - Procissão de Nossa Senhora da Conceição

Itinerários – percursos e paragens: “A procissão sai do Castelo e sobe até à rua do Dr. António da Silveira, que desce até à rua de 31 de Janeiro; mete por esta rua até à Lapa, passando, então, à rua dos ferreiros que percorre até alturas do largo do Correio; deste Largo, e pela rua de João Dias, vai ao Largo de S. Roque e Junqueira; corta à Travessa do Cais Novo para a rua de Tenente Valadim, que percorre até ao Castelo. Antigamente não ia à Lapa.” (Cf. COSTA, J. Martins da - *As Procissões na Póvoa de Varzim...* Ob. cit., 1979, pp. 207 – 208).



Figura 63 – Conjunto de percursos antigos da procissões, anteriores a 1975. Segundo os itinerários descritos por Martins da Costa³⁰¹ e transcritos no volume 2 – Anexos.

³⁰¹ Cf. COSTA, Joaquim Martins - *As Procissões na Póvoa de Varzim*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. XVII e XVIII, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1978, pp. 163 - 210; 1979, 165 - 223.



Figura 64 – Conjunto de percursos da procissões actuais (2004 – 2005). Segundo os itinerários descritos no volume 2 – Anexos.



Figura 65 – Conjunto de percursos antigos da procissões, anteriores a 1975 (a vermelho) e actuais (a azul) das procissões realizadas a partir das capelas mais distantes do centro da Póvoa: Belém (a Norte); Desterro (a Noroeste) e Iapa (a Sul). Transcritos no volume 2 – Anexos.

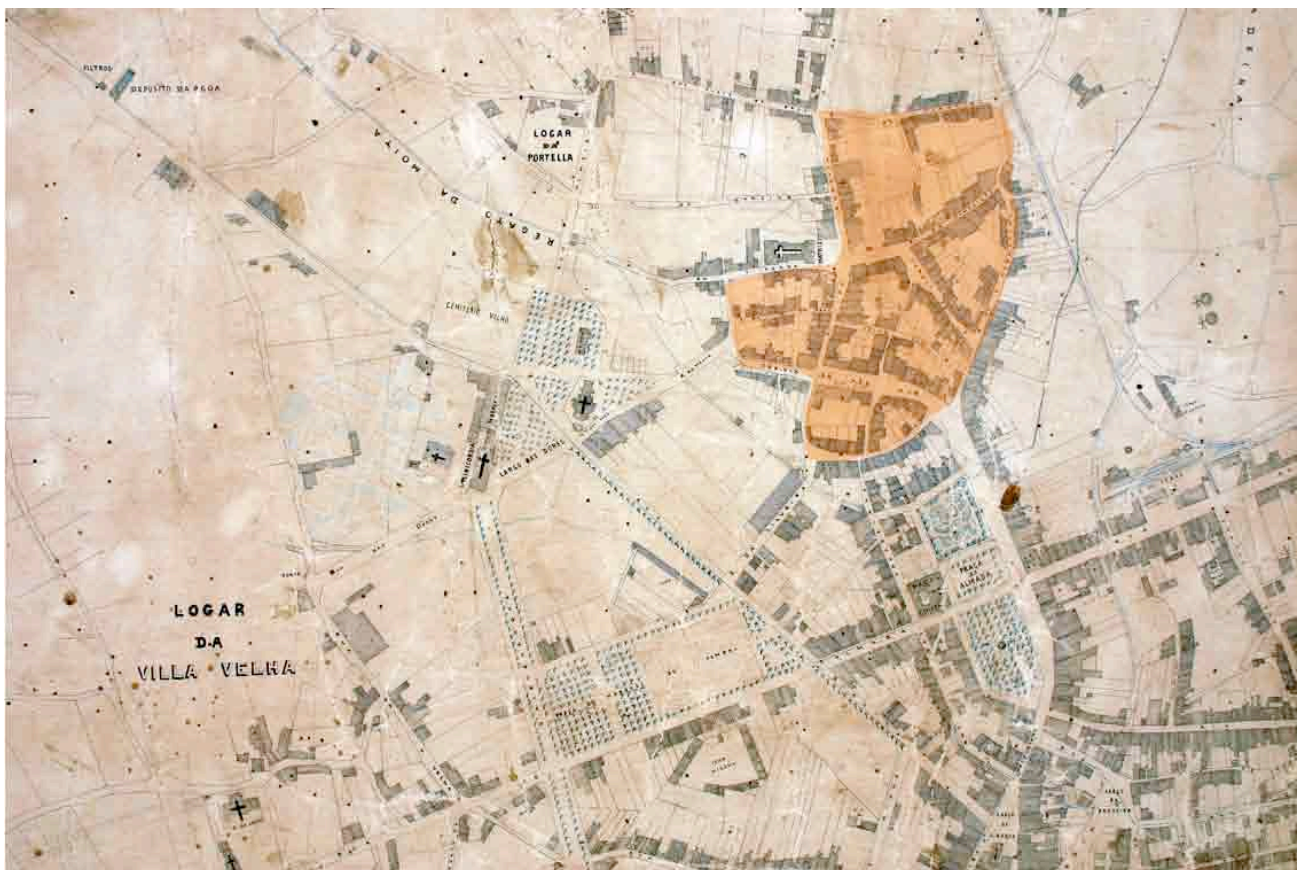


Figura 66 - A mancha alaranjada corresponde, sumariamente, ao aro urbano da Póvoa de Varzim no século XVI, segundo Manuel Amorim (2003)³⁰²

A evolução dos percursos das procissões é um bom indicador do desenvolvimento urbano da Póvoa de Varzim e das mudanças de centralidades ao longo dos anos.

De um modelo que percorria o designado “centro histórico” original da vila (ver Figura 64) , assistimos a uma expansão para o novo centro cívico e comercial, com as procissões a descerem à Praça do Almada, estabelecendo um percurso abrangente das novas áreas urbanas.

As procissões da Semana Santa (as mais antigas realizadas no burgo) realizam percursos envolvendo a zona velha da Póvoa, não se aproximando da área litoral. Mas, atendendo ao crescimento urbano junto ao mar e à implantação de capelas nesse espaço nos séculos XVIII e XIX (Capela/Igreja da Lapa, Capela de S. José de Ribamar e Capela de Nossa Senhora do Desterro), observa-se uma tendência dos cortejos virem até ao mar, para poderem abençoar as embarcações e o oceano, propriamente dito.

A partir de finais do século XVIII a Praça do Almada vai ganhando foros de centralidade, como centro cívico, encontrando-se a meio caminho entre a área velha, que congrega os principais edifícios religiosos, a zona comercial e o mar, chamando a si a passagem de todos os cortejos e festividades civis ou religiosas. O desenvolvimento da burguesia local de comerciantes concentrada ao longo da

³⁰² Cf. AMORIM, Manuel J. G. - *A Póvoa Antiga ...*, 1985, 2.ª edição: 2003, fig. 30.

Praça do Almada e Rua da Junqueira, aliada à crescente importância do espaço marítimo e balnear, implica que as procissões percorram estes arruamentos e se dirijam à praia, regressando depois à Matriz, ou à Misericórdia pela nova e ampla Avenida Mouzinho de Albuquerque.

A criação das novas paróquias da Lapa e S. José vai dar corpo ao desenrolar de procissões com percursos diferentes, definindo os novos espaços que então se desenvolvem, nomeadamente a zona Norte, para onde se vai estender a Procissão da Nossa Senhora do Desterro, alimentada pelo forte bairrismo das gentes do Norte, ou a da Senhora da Assunção da Lapa, que percorre o espaço litoral depois de passar pela área comercial.

As procissões do Senhor do Bonfim, no bairro operário de Nova Sintra (antigo *Coelheiro*) e de Belém, constituem-se como préstitos marginais de carácter quase rural. Estas zonas, ainda há pouco tempo agrícolas, conhecem forte expansão urbanística na actualidade, atraindo novos moradores.

Podemos, assim, considerar que estes percursos constituem um esforço consciente de sacralizar todos os espaços residenciais das populações locais, ficando de fora algumas áreas de residências balneares, no Norte, ou zonas que se encontram demasiado afastadas das Igrejas e capelas. Mas, até aqui, os percursos das cruces pascais constituem uma forma de os moradores acolherem o sagrado, que os visita na sua própria casa.

2.5. DEVOÇÕES, PROGRAMAS ICONOGRÁFICOS E PROTOCOLARES

2.5.1. DEVOÇÕES

As principais devoções do clero, do povo, destacando-se a “classe” dos homens do mar, das autoridades e intelectuais da localidade deram origem às principais festividades e procissões.

As grandes celebrações da Páscoa foram iniciadas em 1687, como já se falou, com as doações feitas pelo Piloto-mor da Armada António Cardia e sua filha à Confraria do Santíssimo Sacramento, nunca mais deixando de se realizar. As avultadas verbas disponíveis permitiram uma grande qualidade na organização, sendo sempre atribuída grande importância ao aspecto musical, arranjo do espaço religioso e solenidade nas celebrações, motivando uma grande participação e devoção por parte dos fiéis.

A festa de Nossa Senhora da Assunção foi, e é, a grande festa da Póvoa. Sendo ela a “protectora e amparo” dos homens do mar. Directamente cultuada pela Real Irmandade de Nossa Senhora da Assunção, da paróquia de Nossa Senhora da Lapa, desde muito cedo “o bairro de pescadores”, sempre motivou festividades de maior interesse e originalidade, envolvendo, nomeadamente, os barcos enfeitados com os lenços das mulheres, os foguetes e os andores virados para o mar. Inclui romaria, uma majestosa procissão com cerca de 300 “anjos” e enormes andores ricamente adornados com flores naturais ou jarras de prata com flores artificiais.



58 GUIA ILUSTRADO DA PRAIA

res da companhia — os lenços da cabeça mais caros e de mais vista —, em recorte da vela latina, de múltiplas dimensões, drapando ao vento.

Alestação de ventura no topo dos mastros, exuberantes de cores vivas no costado, onde sobressaíam os nomes dos santos da sua devoção, a proa mirando as ondas em frente, lembravam, todos domingueiros e garridos, um rancho alegre de festeiros madrugadores, prontos a abalarem de longada para a romaria aventureira do mar-alto. Para os ver, assim, alegres e contentes, e, sobretudo, para os ver foliar à «hora do foguetório» despejava-se na Póvoa um tor de gente, de muitas leguas em volta.

A «hora do foguetório» era a passagem dos andores na praia, Foguetes em barba! — que o produto da «rede da Senhora» (da Senhora da Assunção), que as companhias levavam consigo, de cada vez que iam ao mar, chegava e sobrava para se fazer todos os anos uma festa de arromba. E era muito de folgar o ver os pescadores a deitarem foguetes à viva, por onde e como callava, mal apontava no areal o primeiro andor. Um reboliço sem nome, ensurdecedor, aumentando pela sarabanda dos «macacos de fogo», a estufar e a estufar por entre os batos, em todo o longo percurso do cortejo. A algazarra atingia o máximo do delírio, à passagem da Padroeira, sobre os ombros possantes dos poveiros, — tão orgulhosos do seu cargo, como se levassem a aparição da própria Virgem sobre as suas almas.

Então, era mesmo à cara da Senhora da Assunção que lar-



UM TRECHO DA PRAIA DE BANHOS

gavam os foguetes, numa lufalufa alucinada, para que Ela visse bem como aqueles homens lhe queriam lá de dentro, — capozes de saltarem, nesse instante, para cima do andor e pegarem-lhe ao colo (o colo dos seus filhos), aos beijos e abraços, direitinhos dali ao seu altar. Que ela visse bem que aquilo era um fogo do coração, e fogo tão grande que até, duma vez, pôs a arder o seu andor, — efeito das labaredas da fé em que os trazia abrasados.

... Nesta altura, a procissão esgueirava-se às corredeiras, porque, em meio de tanto entusiasmo e confusão, os foguetes, arremessados à pressa e à-lea, andavam à desgarrada por toda a parte, zanzando, mortejando, semeando o pânico.

Fugia espavorida a multidão, como acampamento em debandada, colhido de surpresa pela fusilaria do inimigo. De vez em

OREM Motores, Dinamos, Reparações de baterias e cargas

OFICINA DE REPARAÇÕES ELÉCTRICAS E MECÂNICAS

JOAQUIM LUIZ MANDIM

Mecânico - Electricista

Praça Marquez de Pombal PÓVOA DE VARZIM

CERVEJA PÉROLA

e outras cervejas nacionais, das melhores marcas

CASA JOTATÉ Rua Dr. Sousa Campos, n.º 5

Telefone, 100 — Póvoa de Varzim

FARMÁCIA RAÍNHA

direcção de

DR. LUIZ RAÍNHA

Especialidades farmacêuticas

Largo Dr. David Alves, 10 Telefone 20 PÓVOA DE VARZIM

Figura 67 - CALAFATE, Vasques – Nossa Senhora da Assunção. Padroeira dos pescadores poveiros, in «Guia Ilustrado da Praia da Póvoa de Varzim. Elucidário para Banhistas e Forasteiros. Propaganda Turística» (separata da Corografia Histórica «Terras Portuguesas»), 4.º ano, Póvoa de Varzim, Tipografia Camões, Ed., PV., Sob o patrocínio da Câmara Mun., 1946, pp. 56 - 59.

60 GUIA ILUSTRADO DA PRAIA

quando, um bombardeio de estarrecer, companhias que se atrim pela borda fora, fogueiras que se erguem do interior dos barcos e as quais acodem homens e mulheres com despejamentos de água, de areia e de pragas à mistura. Foram rimas de foguetes que se incendiaram por imprudência... Não havia mal, podia seguir a função... De repente, fazia-se silêncio nesta balbúrdia festiva: viravam-se os andores de frente para o mar, a fim-de o abençoar, de temperar a sua gula de naufrágios, de tornar fecundo o seu seio, farto de peixe. Todos rezavam. Dominando a cena, o andor da Senhora da Assunção, rico, artístico e ostentoso. Erguida na sua nuvem de algodão-em-rama, os olhos e os braços implorativos alçados ao Céu, pendente dos ombros o manto flutuante, a Padroeira dos pescadores da Póvoa de Varzim era quem mais rezava por aquela pobre gente ajoelhada a seus pés, — gente simples e boa, que tem em terra o seu calvário, e no mar, muitas vezes, o seu cemitério.

... Começava a escurecer. No céu toldado de rolos de fumo, que o vento norte esgarçava, pontuavam a nascente as primeiras estrelas. De novo, a procissão se punha em marcha, e o regozijo continuava, até que recolhia ao templo o último andor — o andor da Senhora da Assunção, ao som dos últimos foguetes da festa dos seus poveiros.

Se, hoje, «o número dos barcos» não tem a graça folclórica de antanho, por causa da emigração, contudo não falta à procissão nem magnificência cênica, nem o esplendor da antiga fé que os heróicos e humildes pescadores da Póvoa de Varzim nutrem, como sempre, pela sua Padroeira.

Excerto de «Uma tradição poveira», por Vasques Calafate

TRANSPORTES



FONSECA FERREIRA

TELEFONE, 169

Armazém: Rua Tenente Valadim, 19
Escritório: Rua Santos Minho, 13

DA PÓVOA DE VARZIM 61

NÃO ME DEIXES...

Não me deixes, oh não! Por Deus te peço,
Anjo da minha vida, anjo adorador;
Por ti meu coração vive ansioso,
Por teu Amor, oh sim! se tal mereço...

Em troca, o meu Amor a ti te ofereço,
Saído da minha alma e inflamado
Por uma paixão louca e devorado
Por um desejo longo... se mereço!

Sim, se mereço o teu Amor, ó Qu'rida,
A tua Alma, o Coração — a Vida
Dêste meu peito: E não te esqueças, não.

Não me deixes, oh não! Tu não te esqueças
Das juras que fizeste e das promessas
De nunca me negar's o Coração!

COSTA EIRAS.

Antigos Paços do Concelho Em sessão da Câmara, de 12 de Maio de 1884, o presidente Pereira Azarar disse que em 1878 a Câmara vendera a propriedade em que funcionava uma escola, e que outrora serviu de Paços do Senado desta vila, e desde então, decorridos 6 anos, esta Câmara tem sempre pago o seguro dessa propriedade, que já não pertence ao Município.

ARAÚJO & C.ª, L.ª

Mercearia por junto e a retalho
ADUBOS AGRÍCOLAS
Depósito de tabacos

P. Almada e R. Paulo Barreto — Tel. 75 — PÓVOA DE VARZIM

Figura 68 - CALAFATE, Vasques – Nossa Senhora da Assunção. Padroeira dos pescadores poveiros, in «Guia Ilustrado da Praia da Póvoa de Varzim. ... Ob. Cit., 1946, pp. 60 - 61.

A Nossa Senhora das Dores é outra das devoções mais populares entre os pescadores e população da Póvoa em geral. É a esta romaria que maior número de pessoas da cidade e arredores aí afluem a “pagar” promessas, sobretudo os tradicionais ex-votos de cera e indo a pé atrás da

procissão, por vezes descalças e em silêncio. Entre os pescadores, era frequente, noutros tempos, transportarem velas de barcos em lembrança de salvamentos de naufrágios.

Nos momentos de aflição, ricos e pobres, analfabetos e pessoas cultas, mais ou menos crentes, todos invocam a Senhoras das Dores como a melhor medianeira para auxiliar quem se encontra nas maiores “dores”. A par dos autóctones, também vêm muitas pessoas de fora, já não com o espírito de veraneantes, como nas festas de N.^a S.^a da Assunção, mas para participarem na romaria e procissão, “pagando” também promessas por graças concedidas. É a procissão que leva o maior acompanhamento atrás com pessoas rezando, cantando e levando ex-votos. Das fotografias mais antigas às actuais, mudam as modas e a cor, mas a visão é muito semelhante.

Os ex-votos neste final do cortejo, são a figuração da “cultura material da religião popular, para as gentes do mar³⁰³”. Ilustram, de forma mais ou menos realista, as graças concedidas. Podem fazer lembrar uma atitude comercial, mas, na verdade, é a justa entrega do “comprovativo” do milagre realizado, demonstrando como aquela imagem, especificamente aquela!, é milagrosa.



Figura 69 - Procissão de N.^a S.^a das Dores. Década de 70 (?) do século XX. [Colecção: Dr.^a M.^a da Glória M. da Costa]*

³⁰³ Cf. DIAS, Geraldo José Amadeu Coelho – *O Mar e os Portos como catalizadores de religiosidade*. Actas: O Litoral ... Porto, 2005, p. 281.



Figura 70 - Procissão de N.ª Senhora das Dores. A seguir ao pálio, PSP e fiéis com “promessas”.18.09.2005.

É, também a festa que mantém mais o espírito de romaria, com muitas tendas de doces, divertimentos e a tradicional feira da loiça, que sempre se realizou durante e no final dos festejos. Sendo em Setembro (depois de recebidos os pagamentos por quartos alugados e dos rendimentos colectados durante o Verão pelo comércio local) compravam-se as tigelas para se guardar a marmelada e compunha-se o equipamento doméstico de louça para a cozinha, mesa e alguns objectos decorativos, como vasos, bric-a-brac e mesmo alguns brinquedos de barro para as crianças.

As procissões e festas facilitam a percepção de alguns aspectos da religiosidade popular e de valores antropológicos normalmente ignorados ou esquecidos. Como em nenhuma outra ocasião, os fiéis podem contemplar o “sagrado” de perto. Da sua janela, ou varanda, vêem as figuras sagradas, sob uma perspectiva muito mais próxima, quase humana, quando circulam, como aqui, imagens de

características naturalistas, em tamanho natural, muitas das quais envergando trajes, como os viventes.

Em momentos muito especiais em que as esculturas são retiradas dos andores, as suas roupas mudadas e colocadas à mesma altura dos fieis, as principais imagens são objecto de cerimónias de beija-mão, como a N.^a S.^a das Dores e N.^a S.^a da Assunção (aqui trata-se mais exactamente de um beija-pé).



Figura 71 e 72 - A imagem de N.^a S.^a da Assunção colocada na frente da capela-mor, do lado da Epístola, rodeada de velas e plantas, antes de ser colocada no altar. Aí também se encontra o prato para as esmolas / promessas e um lenço para se ir limpando o pé à medida que as pessoas dovotas o vão beijando. 25.08.2005.

Estes momentos são rodeados de cuidados muito particulares que garantam a sua segurança e respeito. Por exemplo, a S.^a das Dores é vestida por duas senhoras e na igreja não podem entrar homens, colocando-se o sacristão, respeitosamente, à porta para pedir aos fiéis para aguardarem um pouco. Apesar de a imagem “estar vestida”, não é do agrado das zeladoras que ela seja fotografada sem os trajes em tecido.



Figura 73, 74 e 75 - Mudança da roupa de N.ª S.ª das Dores para o beija-mão. 23.09.2003.





Figura 76 – Pormenor da Escultura de vestir, com cabelo natural, de N.ª Senhora das Dores. 23.09.2003.

Quando as pessoas se deslocam à noite, na segunda ou terça feira seguinte ao dia da festa, dois confrades de N.ª S.ª das Dores ladeiam a imagem e vão limpando as mãos da Virgem, após cada beijo, com lenços de algodão perfumado.



Figura 77 - Interior da capela de N.ª S.ª das Dores durante o "Beija-mão".



Figura 78 - Beija-mão a N.ª S.ª das Dores, 19.09.2004.



Figura 79 - Fila para o beija-mão de N.ª S.ª das Dores, no final das festas. 18.09.2005.

Mais comovente, ainda, é o “velório” do Senhor Morto, antes e no final da Procissão do Enterro em que velhos e novos rodeiam a imagem e beijam as sua mãos e pés cobertos pelo fino tule branco, envolvido na fantasmagórica luz “negra” colocada no esquife.



Figura 80 – No final da procissão do Enterro o Esquife com o Senhor Morto é colocado na base do altar. Alguns fiéis aproveitam para ver de perto a imagem, tocar ou beijar as mãos e os pés. Igreja de N.ª Senhora da Conceição (Matriz) da Póvoa de Varzim. Sexta-feira Santa. 23 H. 25.03.2005.



Figura 81 – Fiéis antes do encerramento da Igreja, beijam os pés de Cristo no esquife. Igreja de N.ª S.ª da Conceição (Matriz) da PV. Sexta-feira Santa. 23 H. 25.03.2005.

Analisando os valores numéricos dos programas dos 2 volumes manuscritos de *Programas de Grupos Alegóricos das Procissões da Póvoa*, imaginadas pelo Padre José Gonçalves Cascão de Araújo e copiadas por D. Maria da Assunção Ribeiro Martins da Costa, em que se registam procissões datadas desde cerca de 1939 a 1967, concluímos que o maior número de programas é dedicado a Nossa Senhora, num total de 65 (para 11 invocações diferentes, mas 12 cortejos simplesmente com a indicação de “Nossa. Senhora”), seguido pelos dedicados a Cristo (17), incluindo as procissões da Semana Santa (9); Eucarísticas (6); do Sagrado Coração de Jesus (1) e do Senhor dos Navegantes (1). Sucedem-se, em menor número, as dos Santos (13): S. Sebastião (5), S. José (4), S. João Baptista (2) e S. Tiago (2), mas nenhuma dedicada a Santas. Na verdade, no concelho existe apenas uma procissão dedicada especificamente a uma santa, em Navais: a Santa Luzia³⁰⁴, embora seja normalandores com imagens de santas incorporarem-se nas diversas procissões do concelho. Na cidade da Póvoa também não se costumam incorporar imagens de santas (excepto na pequena procissão de cariz rural de N.ª Senhora de Belém, em que sai a Santa Apolónia), sendo, no entanto, frequente irem diversas imagens da Virgem Maria na mesma procissão, apresentando diferentes invocações³⁰⁵.

Na actualidade (2006) o mês em que existem mais procissões é Maio, mas era um dos poucos em que no início do século passado não existia nenhuma, como já notámos. Este facto deve-se, nitidamente, à expansão da devoção à Nossa Senhor do Rosário de Fátima, concentrando neste mês o maior número de procissões de velas e peregrinações. Não se trata de procissões com uma longa tradição ou grande aparato, na medida em que muitas delas nem são acompanhadas pela banda, nem têm figurado, mas a importância devocional deste período como o “Mês do Rosário” foi retirando destaque a outras festividades dedicadas a Nossa Senhora, tendo terminado a procissão de Nossa Senhora do Carmo em 16 de Julho e perdido preponderância a de Nossa Senhora do Rosário, que só não desapareceu devido à tenacidade e vontade dos membros desta confraria e do clero local.

Mas, do ponto de vista devocional, também não podemos analisar o fenómeno do “Mês de Maria” como um facto recente, já que ele entronca na devoção ao Sagrado Coração de Jesus e Imaculado Coração de Maria, com grande aceitação na região desde o século XIX. Em particular, o do *Imaculado Coração de Maria e Nossa Senhora das Graças*, foi uma devoção que - como a *Nossa Senhora de Fátima* a partir de meados do século XX - se espalhou por todas as Igrejas do arquiprestado, provavelmente na sequência da instituição, no Porto, d' “*A Arquiconfraria do Santíssimo e Imaculado Coração de Maria para remissão dos pecados*”, em 1845 - 46. Esta teve, segundo Geraldo Dias, o seu protótipo original em Paris, no ano de 1837, na paróquia de Santa Maria das Vitórias e deve-se sobretudo à devoção e acção de Alexandre José da Silva de Almeida Garrett, irmão do célebre

³⁰⁴ A devoção a Santa Luzia fez quase esquecer a antiga devoção e orago desta freguesia, o “Divino Salvador”.

³⁰⁵ Ver quadros no capítulo seguinte: *Programas iconográficos*.

político liberal e escritor Almeida Garrett. Reagindo a esta época conturbada, buscando uma serenidade de espírito e uma fé há muito perdida, estas imagens destacam-se pelo ar calmo da Virgem e, em quase todas, um amável sorriso acolhedor e protector. A que se encontra na Igreja Matriz de N.^a S.^a da Conceição da Póvoa³⁰⁶ guarda, no seu coração de prata - numa atitude de grande simbolismo, - o nome de todos os priores da igreja.



Figura 82 - Imagem do Imaculado Coração de Maria. Séc. XIX. Igreja matriz de N.^a S.^a da Conceição.

Em 1900 é adquirida para a Igreja da Lapa uma nova imagem do Imaculado Coração de Maria do escultor Affonseca Lapa. A sua chegada é rodeada por grande festejos, celebrações litúrgicas e recebida com foguetes. Destinava-se ao início do Mês de Maria, em 29 de Abril de 1900³⁰⁷, que tinha uma enorme “concorrência”, em quase todas as igrejas, congregando um grande número de devotos, embora as celebrações incluíssem normalmente mais “tronos”, decorações e celebrações litúrgicas no interior dos templos e menos procissões, que quando existiam eram de carácter ocasional.

³⁰⁶ Vamos encontrar este tipo de escultura ao gosto popular na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição da Póvoa de Varzim, na “tribuna” do primeiro retábulo da nave do lado da Epístola; na Igreja de S. Pedro de Rates; na Igreja nova do Outeiro; Igreja da Estela; igreja de Touguinhó. Nas imagens, muito semelhantes e de grande qualidade, da Igreja velha de Amorim e Igreja de Rio Mau, apesar de cariz neoclássico, o tratamento das vestes e expressão já se distancia do aspecto de estátuas da Antiguidade.

³⁰⁷ Cf. «O Liberal», N.º 252, 1900.04.29, p. 3



Figura 83 - Pagela de Consagração ao Sagrado Coração de Jesus, de Maria Alves da Quinta e seus filhos (...). Povoia de Varzim, 8 de Janeiro de 1925. Gravura sobre papel. Colecção MMEHPV.

O Mês seguinte, Junho, era dedicado ao Sagrado Coração de Jesus e ao Santíssimo Sacramento, e aí pontuavam os Jesuítas, as suas pregações e a *Liga do Apostolado de Oração*. O Sr. João Francisco Trocado, secretário da Associação adquiriu uma imagem do Coração de Jesus (benzida, no Porto, pelo cardeal Dom Américo em 1888) e aí surgiu a ideia de construir um templo condigno para abrigar a escultura. A *mesa da Devoção do Coração Agonizante, Boa Morte e Apostolado de Oração* promoveu acções no sentido de construir uma Basílica, começando por adquirir o terreno em 1889, e colocou-se a primeira pedra em 1890. Realiza-se uma construção provisória em madeira e em 1900 já é divulgado o desenho e memória descritiva da planta, elaborada pelo Padre António Domingues Ferreira, natural de Rio Mau, professor de desenho no Colégio do Espírito Santo em Braga. Os padres jesuítas, dois sacerdotes, o P.^e Bento Schettini e Carlos Gouveia e dois irmãos coadjutores estabelecem-se na Póvoa em instalações provisórias em 1903.

O ambicioso projecto da Basílica do Sagrado Coração de Jesus, o maior templo da Póvoa, teve que ser interrompida em 1910, com o afastamento dos Jesuítas. Ficou em ruínas, sendo entregue à Confraria de Nossa Senhora de Lourdes e depois à confraria de S. José, cuja capela junto ao mar fora destruída. Só voltarão a continuar com as obras após o regresso dos Jesuítas e a radical mudança política, em 1935³⁰⁸, estando concluídas “as obras exteriores” em 1948.

A sua influência sempre crescente, em particular através do incremento do Apostolado de Oração, vai preocupar mentes mais liberais, como Rocha Peixoto, bem como intelectuais de nítida (embora não admitida) influência maçónica, como António Santos Graça, Amorim, o “Miroma” e outros fundadores de instituições de solidariedade social como a Beneficente e Associações de classe, visando a protecção dos comerciantes (Associação Comercial), pequenos industriais ou artesãos, pescadores, etc. Estas “corporações”, mais populares, a par da mais elitista Maçonaria, constituíam as verdadeiras associações políticas que irão movimentar a complexa política nacional.

A campanha anti-jesuíta que será feroz depois da República, expulsando-os, servindo-se deles como bode expiatório, culpando-os³⁰⁹ de todos os males, atrasos e ignorância do país, particularmente da pobre população crente. Já antes sofreriam campanhas difamatórias que provocaram, na Póvoa uma manifestação anti-jesuítica, em 1901, conciliando o povo com intelectuais³¹⁰ ferozmente anti-jesuítas e ani-clericais, como é o caso de Rocha Peixoto e (de forma mais subtil e mais conciliadora) António dos Santos Graça e os “artistas”, a par dos artesãos, revoltados e desejosos de mudança.

1901.03.11 “3.^a Repartição (...) (Fl. 48) N.º Telegramma

Hontem á noite um grupo numeroso de populares percorreu as ruas em attitude pouco ordeira, a pretexto de uma manifestação anti-jesuitica. Requisitei auxilio da guarda fiscal que pôde restabelecer a ordem e socego publicos. Actualmente ha completa tranquillidade. Officio hoje a V.a Ex.cia, relatando circunstanciadamente o sucedido e requisitando seis guardas da policia civil para garantir a ordem. O adm.or int.o Domingos José Moreira.”

“3.^a Repartição (...) (Fl. 48v) N.º 14

Cumpre-me levar ao conhecimento de V.a Ex.cia que hontem á noite um numeroso grupo de populares, artistas, na sua maior parte, se apresentou na rua em attitude pouco ordeira a pretexto d'uma manifestação anti-jesuitica, diziam, que de antemão haviam planeado. Felizmente fui avisado a tempo de que no plano dos manifestantes estava o apedrejamento de algumas casas e nomeadamente de um collegio de meninas dirigido por Irmãs Dorotheas, o que me levou a prevenir o commandante do Porto Fiscal, devendo á intervenção oportuna da força armada que requisitei, o poder evitar que aquelle proposito se realisasse, constando-me que apenas se quebrou um vidro na casa de residencia do industrial Francisco Alves de Vasconcellos. Estão detidos tres individuos de cuja responsabilidade vou apurar, afim de os remetter para juizo, quando culpados. Não foi mister recorrer a violencias (...).

³⁰⁸ Cf. AMORIM, Manuel - *A Companhia de Jesus na Póvoa de Varzim*,...1992, 1996 – 1997 e 2002.

³⁰⁹ Cf. RAMOS, Rui - *História de Portugal. A Segunda Fundação (1890 - 1926)*, vol. 6, 1994, pp. 79 - 81.

³¹⁰ Cf. RAMOS, Rui - *História de Portugal. ... Op. cit.*, 1994, pp. 406 - 409.

*Devo no intretanto declarar a V.a Ex.cia que tenho fortes motivos para suspeitar que as arruaças se repitam, reputando indispensavel (...) que V.a Ex.cia se digne ordenar a vinda immediata, para esta villa, de 6 guardas da policia civil, numero que se me afigura sufficiente para evitar qualquer tentativa de movimento, no sentido de perturbar a ordem e socego publicos. -O adm.or int.o Domingos José Moreira.”*³¹¹

Estas informações são esclarecedoras porque revelam uma mentalidade e comportamento de um grupo de idealistas “progressistas” e anti-clericais, que entram em choque com a maneira de pensar e agir da maior parte da população devota da Póvoa. Os referidos “artistas”, são grupos de operários e artesãos, com ideias republicanas, para quem a influência dos jesuítas e irmãos Doroteias era tida como perniciosa e ultrapassada, prejudicando a evolução da sociedade para o ideal republicano e socialista.

No entanto, atravessando tempos e mudanças políticas, as devoções do Imaculado Coração de Maria e do Sagrado Coração de Jesus serão reassumidos pela própria Câmara Municipal que a eles dedica, grande atenção e apoio, como ocorre em 10 de Julho de 1945, já em pleno “Estado Novo”³¹², época em que os ideais cristãos, desde que devidamente controlados, são apoiados e incentivados. Mas, mesmo antes disso, a dedicação das casas ao Sagrado Coração de Jesus abarca grande número de lares poveiros, com a participação de todas as idades no Apostolado de Oração, Cruzada Eucarística, Filhas de Maria e outras associações devotas.



Figura 84 - Pagela do Apostolado de Oração. Cruzada Eucarística das Crianças. Póvoa de Varzim 1933. Col. MMEHPV.

³¹¹ Ver: Doc. n.º 28 e 29, de 1901.03.11 - Quadro de registos documentais, volume 3 – Apêndices.

³¹² Ver: Doc. n.º 212 e 213, de 1945 - Quadro de registos documentais, volume 3 – Apêndices. Transcritos nas páginas: 70 e 71.

2.5.2. PROGRAMAS ICONOGRÁFICOS

As devoções a que nos referimos projectam-se em mais ou menos elaborados programas que, pelo seu valor iconográfico e força simbólica importa analisar. O que terá motivado o aparecimento de “Programas” organizados para as procissões?

Sabe-se que algumas procissões - de que se destaca a procissão do Corpo de Deus - começam a ser “ilustradas” por conjuntos de pessoas – normalmente jovens e crianças - vestidas com trajes que tentam reproduzir figuras e épocas passadas, que encenam cenas da história de Cristo e da Virgem, da vida dos santos, bem como do Antigo Testamento e mesmo da História Antiga. À medida que estas encenações se vão tornando mais complexas, como numa peça de teatro, torna-se necessário, para organizar correctamente os eventos, redigir folhas de apontamentos em que se discriminam as figuras a representar e os trajes que devem envergar. Aliás, frequentemente quem escreve o “programa” que deverá ser corporizado no cortejo são membros do clero cultos, com grandes conhecimentos teológicos e da história sagrada e universal. Como nem sempre é possível que estes acompanhem a organização da procissão, têm que fornecer as indicações detalhadas, não apenas para a confecção dos trajes e adereços (*símbolos* ou *atributos iconográficos*), mas também a sequência em que devem seguir na procissão e mesmo as posições e atitudes correctas para cada uma das “figuras”, para que o “armador” / “armadeira” e ajudantes possam organizar todas as *figuras* e *anjinhos*. Nestes cortejos organizados com fim pedagógico / catequético, em que se pretende ensinar aspectos da história sagrada, como num livro ou num sermão, e que se materializam ao longo das ruas da povoação, tenta-se evitar a proliferação de figuras ex-voto.

No volume 3 – Apêndices – reproduzimos alguns programas antigos impressos em folhetos de divulgação das festividades, nomeadamente os da procissão de N.^a S.^a da Assunção, de 1878; de N.^a S.^a das Dores, de 1880 e o de N.^a S.^a do Sameiro em Braga, de 1904, por se tratar de um programa erudito, verdadeiramente exemplar, guardado como modelo no espólio da “Casa Confiança”. Nas transcrições de notícias publicadas em periódicos, no mesmo volume, também se podem ler os programas simplificados anunciados na imprensa local, nomeadamente da procissão de S. Sebastião (P-6) ou dos passos (P-18). Como os da Póvoa visam, simplesmente, a publicidade das festas, são muito sucintos, mas indicam as bandeiras, pendões, os grupos alegóricos e as figuras principais, as confrarias, andores e principais participantes. Demonstram um cuidado de princípio na organização e um conhecimento apurado das figuras sagradas e simbólicas, comprovando grande cultura religiosa e teológica, o que indicia que a realização de esquemas seria já elaborada por clérigos, como veremos concretizado nas décadas seguintes.

Para comprovar a importância e cuidado investidos na preparação do programa de cada uma das procissões dispomos dos já referidos 2 volumes de “*Programas de Grupos Alegóricos das*

Procissões da Póvoa, imaginadas pelo Padre José Gonçalves Cascão de Araújo e copiadas por D. Maria da Assunção Ribeiro Azevedo Martins da Costa, (c. 1939 – 1967) onde foram transcritos 95 programas destinados a 25 procissões temáticas que se realizavam na Póvoa e outras regiões, sendo entre estas discriminadas: Vila do Conde, Freamunde, Lousada, Mirandela e, provavelmente, atendendo à invocação do Senhor dos Navegantes, Caxinas, a par de Lamego (N.^a Senhora dos Remédios).

Os livros não estão datados, mas apresentam algumas referências cronológicas, nomeadamente as datas limite de 1939, na 48.^o procissão transcrita (na página 213, do 1.^o livro), destinada à festa de Nossa Senhora da Assunção, e 1967 (na pág. 223 do 2.^o livro), com o “*Programa da Senhora do Carmo em Julho de 1967*”. Naturalmente as datas referem-se à utilização dos respectivos programas nesses anos e não ao ano de redacção, tendo em conta que o Padre José Cascão faleceu em 1961.

Segundo nos informou a Dr.^a Maria da Glória Martins da Costa, filha de Maria da Assunção Ribeiro Martins da Costa, as “armadeiras” encomendavam ao Pe. Cascão os programas, que vinham descritos com todo o pormenor. As personagens eram identificadas minuciosamente, mediante o uso de atributos iconográficos e trajes de época, dos quais fazia os desenhos para serem confeccionados convenientemente. As cores eram usadas explorando o seu sentido simbólico e as figuras alegóricas, como as “virtudes”, as alegorias, orações, letanias, invocações, etc. eram descritas com o rigor de um tratado de iconologia. Ontem, como hoje, não se davam os programas, pois a sua concepção implicava despesa e, por sua vez, o segredo e a surpresa faziam parte do “negócio”.

Tendo em atenção que nos encontrarmos a fazer um trabalho de investigação histórico,” a “armadeira” Elisa Novais permitiu-nos a reprodução das folhas de apontamentos (com esquemas e indicações simples) que prepara para as procissões, quando organiza as mesmas e executa os “cartões”. Estes são fichas em papel onde estão indicadas as “figuras” necessárias para o cortejo e, à medida que as crianças e jovens se inscrevem, aí se coloca o nome da criança seleccionada com indicações básicas, como a altura – dos pés até aos ombros – para se adaptar o vestido a quem o vai envergar. Os esquemas gerais são realizados em função dos apontamentos de programas antigos e adaptados aos desejos dos “encomendadores”, bem como à temática em questão (por exemplo a História da Paixão de Cristo para a Procissão dos Passos, ou a representação alegórica da oração “Ave Maria” para o Cortejo de N.^a Senhora do Rosário). É sabido que as “armadeiras” conservam, com cuidado, folhas manuscritas de antigos programas, folhetos impressos de cortejos em outros locais e bibliografia de apoio para servirem de inspiração e se adaptarem às novas encomendas. A família Martins da Costa dispunha de amplas colecções de gravuras coloridas (principalmente francesas) com temas do Antigo e Novo Testamento e também colecionava registos de imagens e “santinhos” (com representações da “Via-Sacra”, símbolos eucarísticos, santos, cenas da Vida da Virgem e de Cristo) que eram utilizados como “figurinos”, ou fontes de inspiração,

É curioso que, em alguns cortejos, nota-se o gosto e o cuidado de ir variando a temática, para apresentar novidades e, de preferência, simbologias complexas (por exemplo o de N.^a Senhoras da Assunção, ou o de N.^a Senhora do Rosário), enquanto outros têm que seguir – obrigatoriamente - um determinado esquema, com grupos bem conhecidos, como a “Fugida para o Egipto” na procissão de N.^a Senhora das Dores, ou o grupo da Salomé na procissão dos Santos Populares / S. Pedro. Em qualquer dos casos, um erro na organização do préstito pode provocar reclamações sérias por parte dos assistentes e motivar a sua não contratação no futuro, optando os organizadores por outra “Casa” da terra ou de fora, que, pela experiência e boa fama, dê garantias de uma mais correcta realização.

Ontem, como hoje, quando têm dúvidas em relação a alguma procissão “encomendada”, nomeadamente relativa a um santo ou devoção menos comum, recorrem a membros do clero ou a estudiosos de arte sacra e iconografia cristã para obterem informações credenciadas para elaborarem novos programas, não correndo o risco de errar na “narração” em que a própria procissão se constitui.

Factores de igual modo fundamentais para a contratação de uma empresa são a qualidade superior e o bom gosto na combinação dos tecidos, das cores, bordados, objectos simbólicos (atributos iconográficos) e no talhe dos trajes (copiando o mais possível os das imagens da festa); alguma erudição na realização de trajes de época e no emprego das cores simbólicas; sem esquecer alguma versatilidade e adaptabilidade aos gostos locais e a questão do preço, que é, naturalmente, bastante elevado.

Na actualidade podemos constatar que um certo bairrismo e rivalidades exacerbadas podem também provocar alguns problemas. Podemos assinalar, como exemplo, a obsessão pelo emprego das cores simbólicas dos bairros, nomeadamente por alguns membros da confraria de N.^a Senhora do Desterro do Bairro Norte (amarelo e azul) que exigiam o emprego destas colorações nas figuras simbólicas principais e queriam evitar a utilização das cores dos outros bairros (o verde do Bairro Sul e o vermelho do Bairro da Matriz), exigências que provocaram que a própria “armadeira” não aceitasse a encomenda de uma procissão, para não proceder a alterações que considerava incorrectas. A título de exemplo, o grupo alegórico da “Estrela do Mar”, tem que ser obrigatoriamente em verde claro e verde mar, não aceitando a “armadeira”, por orgulho profissional, vestir os “anjinhos” de outras cores que não respeitem a simbólica das cores).

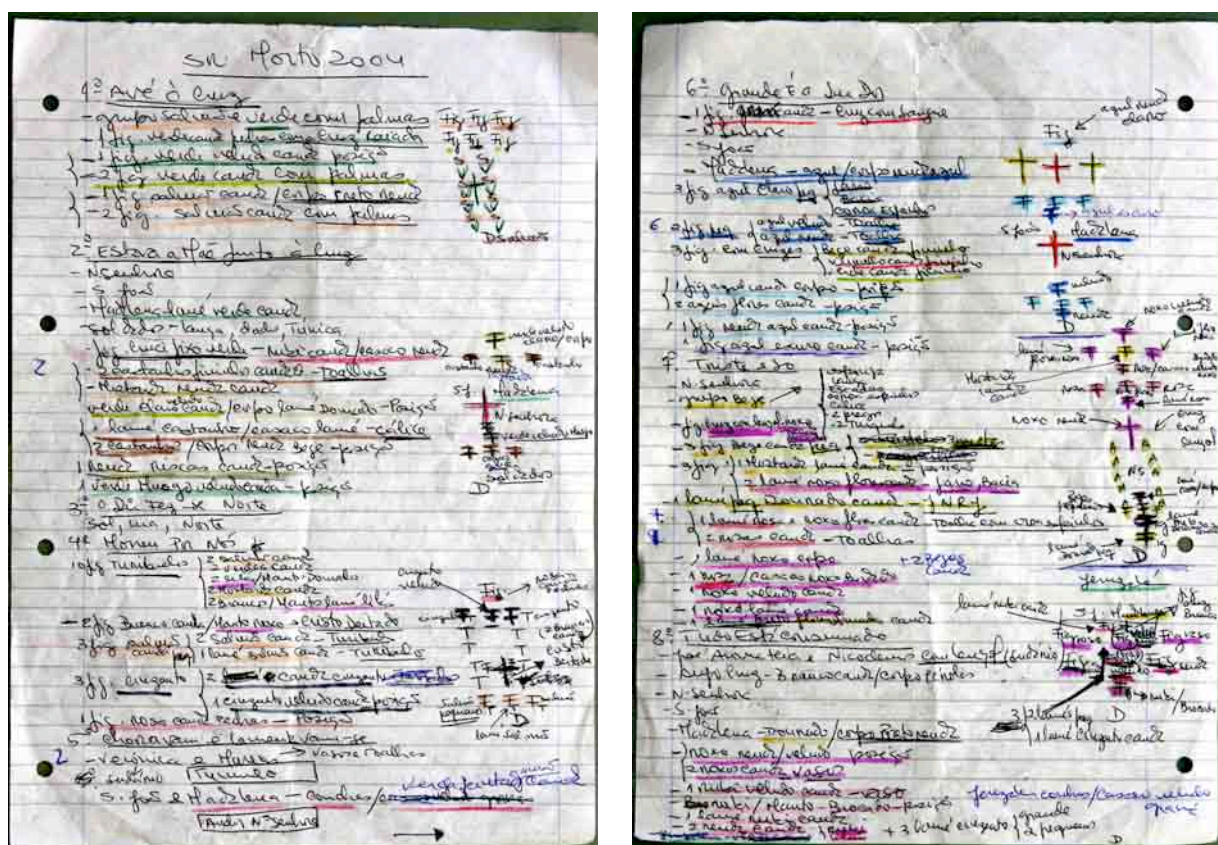


Figura 85 – Folha A4 (frente e verso) com o esquema da Procissão do Enterro do Senhor (ou “Senhor Morto”) – 2004 – da “armadeira” Elisa Novais.

Adiante sistematizamos, em quadro, que desenvolvemos em apêndices, a quantidade de figuras descritas em cada grupo alegórico, ainda que não possamos dizer que sejam exactos os números dos que terão participado nas procissões referentes aos programas descritos. Normalmente eram muitas mais as figuras, pois, em muitos casos, não se indica o “anjinho” que leva dístico, nem o número de acompanhantes das personagens principais, os quais são algo aleatórios, como, por exemplo, no 7.º Programa da Procissão de N.ª Senhora da Assunção, que menciona, em programa, 8 grupos e cerca de 53 figuras. Outras circunstâncias há em que essa menção aponta já para a variação numérica das figuras, como ocorre no exemplo que se segue:

“9º Grupo

- Côro de virgens vestidas de branco dedilhando harpas. Entre as duas da frente vai a figura de Santa Cecília com um orgão. As virgens quantas mais melhor.” Livro I, p. 96.

No entanto, realizando, num universo de 95 programas, uma análise simples da média do número de grupos e figuras, apercebemo-nos facilmente de alguns valores médios comuns, apesar de algumas naturais discrepâncias, ocorridas em programas muito simples³¹³ ou de grande importância,

³¹³ Para os valores serem fiáveis e as médias e/ou modas serem verdadeiramente representativas, não incluímos nas estatísticas as procissões realizados no exterior, sem indicação de invocação (Freamunde e Lousada) e outras cujo título é apenas indicado (ou em que

como alguns dedicados a Nossa Senhora. Em média, os grupos alegóricos rondam o número simbólico 12 (11,7) e o número de figuras principais descritas cerca de 60 (57,5). É curioso notar que, apesar de se descreverem procissões que integram um número de grupos que vão de 4 grupos a 53, o número mais frequente é especificamente o 12, com 24 programas. Quanto às figuras descritas, estas também variam entre as 20 e as 207, mas as procissões que apresentam valores entre os 30 e os 88 figurantes são os mais frequentes, obtendo-se um valor médio de 57,5 figuras por procissão.

Os grupos eram normalmente divididos a meio, e alternados pelas duas “armadeiras”, tentando cada uma delas fazer melhor. Esta rivalidade, acompanhada por um mútuo respeito, consideração e elevado estatuto cultural e intelectual destas famílias faziam com que a erudição dos programas fosse ainda abrilhantado pelo bom gosto, conhecimento da evolução dos trajes e história religiosa. Assim se compreende que mesmo professores universitários ficassem surpreendidos com a qualidade destes cortejos, verdadeiras realizações cénicas, cuidadosa e sabiamente orquestradas para esclarecer os mistérios da religião e mesmo “para tirar efeitos cívicos”, como diz Pacheco d’ Amorim.

Esse “gosto de bem fazer”, próprio da Casa Confiança, da família Martins da Costa, era também motivado pela rivalidade com a outra grande “armadeira” da Póvoa na mesma época, D.^a Amélia Rosa Vieira Maio, a qual trabalhava com sua filha Elvira e depois sua neta D. Maria Amélia Ferreira, com quem costumava dividir as procissões.

Neste período quase se cristaliza a realização destas cerimónias, que formavam um todo, no exterior e interior dos edifícios religiosos, com a instalação de complexas “maquinetas” e arranjos com cortinas e outros elementos efémeros em celebrações de grande complexidade. Estas decorações com flores, velas, luzes, tecidos e elementos em talha dourada eram preparados pelas mesmas “Casas”. Na actualidade todas as decorações das igrejas da cidade, com cortinas e elementos de talha dourada, são instaladas por outra casa de armadores: a “Casa Palhares” de Balasar, que se dedica também a forrar andores nas freguesias rurais e trata de funerais (como também fazia a “Casa Confiança”, cujo nome ainda perdura numa funerária da Póvoa), não se dedicando, porém, a vestir “Anjos”.

Além de procurarem fazer o melhor na sua terra, iam “armar” procissões por muitas terras do Norte do país, a convite de pessoas que vinham à Póvoa “a banhos”, as quais, atendendo à qualidade das procissões a que assistiam, convidavam as “armadeiras” a irem fazer os mesmos serviços às outras terras (em muitas das quais deixaram “escola”, com os armadores locais a seguirem os seus exemplos).

Pelos folhetos que a Família Martins da Costa nos deixou consultar, podemos lembrar algumas terras e festas, como as de Mirandela, Guimarães, Freamunde, Lamego, etc.

apenas se descreve um grupo) sendo, por isso, excluídas das médias. Quando as figuras não são descritas nos respectivos grupos também excluímos esses programas das médias de figuras, por não as podermos avaliar com justeza.

Pelo livro de Programas de D.^a Maria da Assunção Martins da Costa também são referidas algumas terras (Freamunde, Mirandela, Vila do Conde) e festas, sendo o programa, logicamente, adaptado à devoção da região.



Figura 86 – Dois volumes manuscritos encadernados. COSTA, Maria da Assunção Martins da - *Programas de Grupos Alegóricos das Procissões da Póvoa*, imaginadas pelo Padre José Gonçalves Cascão de Araújo e copiadas por D. Maria da Assunção Ribeiro Martins da Costa, 2 volumes encadernados, Póvoa de Varzim, 1.^a metade do século XX a c. 1967 (vol. 1, p. 213: 1939 – 2.^o vol., p. 223: 1967).

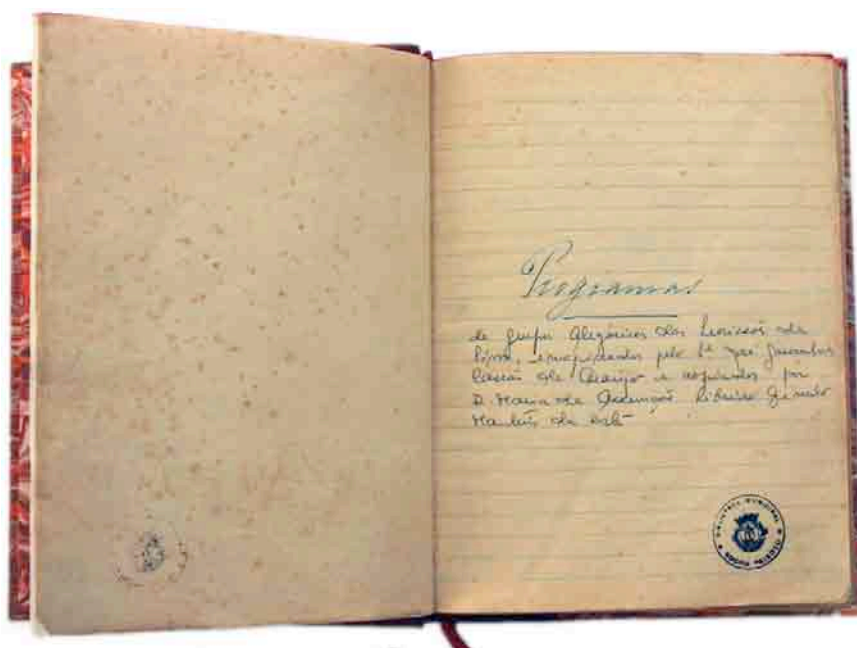


Figura 87 - Folha de Rosto do 1.^o volume do manuscrito encadernado de: COSTA, Maria da Assunção Martins da - *Programas de Grupos Alegóricos das Procissões da Póvoa*,... Ob. cit., 1.^a met. do séc. XX a c. 1967.

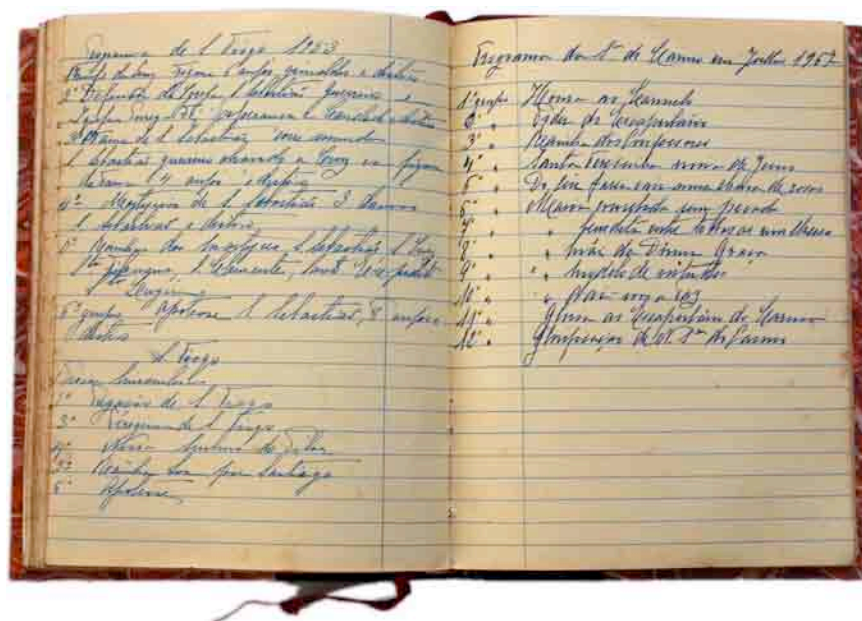


Figura 88 - Última página escrita no 2.º volume do manuscrito encadernado de: COSTA, Maria da Assunção Martins da - Programas de Grupos Alegóricos das Procissões da Póvoa,... Ob. cit., 1.ª met. do séc. XX a c. 1967.

Estes livros transcrevem programas por uma ordem algo aleatória, porque mesmo em relação às poucas indicações cronológicas (31, num universo de 97 programas) a primeira indicação, de 1940, refere-se a uma procissão dos Passos (42.^a a ser transcrita), sendo a 48.^a transcrita uma Procissão de N.^a Senhora da Assunção, de 1939. Uma das últimas (96.^a) corresponde ao ano de 1967, mas o último programa (97.^o) é de 1945 e só se encontra parcialmente redigido. É fácil de perceber que a D.^a Maria da Assunção Martins da Costa, com a sua letra elegante, foi transcrevendo programas que se encontravam manuscritos em folhas soltas, como faz a actual “armadeira”, Elisa Novais³¹⁴, a qual em alguns casos não terminou a tarefa, escrevendo apenas o “cabeçalho” e um ou dois grupos, deixando depois algumas páginas em branco para posterior preenchimento.

Quanto ao espaço cronológico referido, inicia-se na década de 30 (1939) e o maior número destas indicações refere-se à década de 40 (26) e apenas 2 às décadas de 50 e 60. Compreende-se que a grande época de sistematização e elaboração de novos programas por parte da Casa Confiança tenha sido a década de 40, em que se encontravam numa fase de crescimento e afirmação, tendo iniciado o negócio em 1936 ou 1937³¹⁵. Neste período deslocavam-se mesmo a muitas terras do exterior (desde Lisboa até Viana do Castelo, Guimarães, Braga, Barcelos – e muitas das suas freguesias - Vila do Conde, Lamego, Bragança, Régua, Coimbra, Sanfins do Douro, Mirandela, Valpaços, Penafiel, Porto, Espinho, Melgaço, Monção, Cortegaça, Matosinhos, Senhora da Hora, Leça, Amorim, Aver-o-Mar, etc.).

Apresentamos um quadro onde as procissões se encontram por ordem alfabética, o que permite verificar a enorme preponderância das procissões dedicadas à Nossa Senhora, seguidas pelas que

³¹⁴ Ver Apêndices

³¹⁵ Ver transcrição, em Apêndices: “Memória” breve redigida por: Dr.^a Maria da Glória Martins da Costa [CASA CONFIANÇA] em Outubro de 1999.

evocam Cristo e /ou a Eucaristia e, em último lugar, as dedicadas aos santos. Como já afirmámos, na cidade não existe nenhum cortejo dedicado a uma santa, embora nas freguesias rurais isso aconteça, nomeadamente com a grande devoção em Navais, a Santa Luzia, com a procissão no Domingo após o dia 13 de Dezembro, que faz esquecer a antiga devoção e orago desta freguesia, o “Divino Salvador”.

Quadro 5 – Listagem por ordem alfabética de procissões registadas por D.^a Maria da Assunção Martins da Costa.

N.º Ord em Ger al	Procissão	N.º de Procis -sões	Ano regist ado	Vol. N.º página	N.º grupos alegóric os	N.º figuras ±	Freguesia	Mês. Dia (2004)
70	Procissão da Ressureição	01		2.069	1	7	Póvoa de Varzim	04.11
58	Procissão de Anjos (9 coros)	01		2.006	14	75	Póvoa de Varzim ?	
77	Procissão de Anjos (9 coros)	02		2.127	9	48	Póvoa de Varzim ?	
30	Procissão de Freamunde	01		1.130	6	21	Freamunde	
31	Procissão de Lousada	01		1.132	8	32	Lousada	
32	Procissão de Mirandela	01		1.135	10	57	Mirandela	
33	Procissão de Mirandela	02		1.139	17	58	Mirandela	
34	Procissão de Mirandela	03		1.144	14	34	Mirandela	
35	Procissão de Mirandela	04		1.148	10	32	Mirandela	
59	Procissão de Mirandela: N.ª S.ª do Amparo	05	1941	2.011	11	51	Mirandela	
62	Procissão de Mirandela: N.ª S.ª do Amparo	06	1942	2.025	12	51	Mirandela	
09	Procissão de N.ª Senhora	01		1.040	14		Póvoa de Varzim ?	
10	Procissão de N.ª Senhora	02		1.041	15		Póvoa de Varzim ?	
11	Procissão de N.ª Senhora	03		1.043	9	37	Póvoa de Varzim ?	
12	Procissão de N.ª Senhora	04		1.048	11	44	Póvoa de Varzim ?	
13	Procissão de N.ª Senhora	05		1.055	15	61	Póvoa de Varzim ?	
26	Procissão de N.ª Senhora	06		1.121	11		Póvoa de Varzim ?	
27	Procissão de N.ª Senhora	07		1.122	13	48	Póvoa de Varzim ?	
37	Procissão de N.ª Senhora	08		1.156	13	54	Póvoa de Varzim ?	
73	Procissão de N.ª Senhora	09		2.083	13	94	Póvoa de Varzim ?	
74	Procissão de N.ª Senhora	10		2.095	13	79	Póvoa de Varzim ?	
75	Procissão de N.ª Senhora	11		2.104	33	207	Póvoa de Varzim ?	
78	Procissão de N.ª Senhora	12		2.131	11	90	Póvoa de Varzim ?	
15	Procissão de N.ª Senhora da Assunção	01		1.066	8	65	Póvoa de Varzim	08.15
16	Procissão de N.ª Senhora da Assunção	02		1.071	12	84	Póvoa de Varzim	08.15
17	Procissão de N.ª Senhora da Assunção	03		1.074	10	66	Póvoa de Varzim	08.15
18	Procissão de N.ª Senhora da Assunção	04		1.079	11	68	Póvoa de Varzim	08.15
19	Procissão de N.ª Senhora da Assunção	05		1.086	8	30	Póvoa de Varzim	08.15
20	Procissão de N.ª Senhora da Assunção	06		1.092	11	79	Póvoa de Varzim	08.15
21	Procissão de N.ª Senhora da Assunção	07		1.098	8	53	Póvoa de Varzim	08.15
47	Procissão de N.ª Senhora da Assunção	08		1.205	14	91	Póvoa de Varzim	08.15
48	Procissão de N.ª Senhora da Assunção	09	1939	1.213	15	88	Póvoa de Varzim	08.15
63	Procissão de N.ª Senhora da Assunção	10	1942	2.030	15	107	Póvoa de Varzim	08.15
81	Procissão de N.ª Senhora da Assunção	11	1944	2.144	12	119	Póvoa de Varzim	08.15
91	Procissão de N.ª Senhora da Assunção	12	1945	2.218	12		Póvoa de Varzim	08.15
92	Procissão de N.ª Senhora da Assunção	13	1947	2.218	12		Póvoa de Varzim	08.15
93	Procissão de N.ª Senhora da Assunção	14	1948	2.219	12		Póvoa de Varzim	08.15
94	Procissão de N.ª Senhora da Assunção	15	1949	2.219	12		Póvoa de Varzim	08.15
14	Procissão de N.ª S.ª da Boa Viagem	01		1.062	8	42	Póvoa de Varzim	04.18
44	Procissão de N.ª S.ª da Boa Viagem	02		1.190	15	64	Póvoa de Varzim	04.18
29	Procissão de N.ª Senhora da Conceição	01		1.127	7	20	Póvoa de Varzim	12.08
84	Procissão de N.ª Senhora da Conceição	02	1945	2.188	12	61	Póvoa de Varzim	12.08
85	Procissão de N.ª Senhora da Conceição	03	1945	2.198	11	78	Póvoa de Varzim	12.08
06	Procissão de N.ª Senhora das Dores	01		1.025	8	44	Póvoa de Varzim	09.19

07	Procissão de N.ª Senhora das Dores	02		1.028	8	40	Póvoa de Varzim	09.19
08	Procissão de N.ª Senhora das Dores	03		1.032	12	72	Póvoa de Varzim	09.19
89	Procissão de N.ª Senhora das Dores	04	1949	2.213	16		Póvoa de Varzim	09.19
97	Procissão de N.ª Senhora das Dores	05	1945	2.325			Póvoa de Varzim	09.19
22	Procissão de N.ª Senhora do Carmo	01		1.105	12	50	Póvoa de Varzim	07.16
23	Procissão de N.ª Senhora do Carmo	02		1.109	12	81	Vila do Conde	07.16
24	Procissão de N.ª Senhora do Carmo	03		1.114	10		Póvoa de Varzim	07.16
25	Procissão de N.ª Senhora do Carmo	04		1.115	13	88	Vila do Conde	07.16
61	Procissão de N.ª Senhora do Carmo	05	1942	2.020	13	68	Póvoa de Varzim ?	07.16
71	Procissão de N.ª Senhora do Carmo	06	1943	2.070	5	39	Póvoa de Varzim ?	07.16
80	Procissão de N.ª Senhora do Carmo	07	1944	2.142	4	50	Póvoa de Varzim ?	07.16
86	Procissão de N.ª Senhora do Carmo	08	1948	2.203	12	98	Póvoa de Varzim ?	07.16
87	Procissão de N.ª Senhora do Carmo	09	1950	2.211	12		Póvoa de Varzim ?	07.16
88	Procissão de N.ª Senhora do Carmo	10	1960	2.211	12		Póvoa de Varzim ?	07.16
96	Procissão de N.ª Senhora do Carmo	11	1967	2.223	12		Póvoa de Varzim ?	07.16
45	Procissão de N.ª Senhora do Desterro	01		1.196	11	42	Póvoa de Varzim	06.13
83	Procissão de N.ª Senhora do Desterro	02	1945	2.166	20	106	Póvoa de Varzim	06.13
36	Procissão de N.ª Senhora do Leite	01		1.151	12	38	Aver-o-mar ?	12.05
50	Procissão de N.ª Senhora do Rosário	01		1.224	12	47	Póvoa de Varzim	06.13
82	Procissão de N.ª Senhora do Rosário	02	1944	2.156	12	85	Póvoa de Varzim	06.13
67	Procissão de N.ª S.ª dos Pescadores	01	1942	2.051	11	86	Vila do Conde	
28	Procissão de N.ª Senhora dos Remédios	01		1.125	6	23	Lamego	
46	Procissão de S. João Baptista	01		1.200	14	59	Póvoa de Varzim	06.24
79	Procissão de S. João Baptista	02		2.137	8	34	Póvoa de Varzim	06.24
49	Procissão de S. José	01		1.217	12	58	Póvoa de Varzim	09.12
64	Procissão de S. José	02		2.038	13	105	Póvoa de Varzim	09.12
72	Procissão de S. José	03	1943	2.075	10	64	Póvoa de Varzim	09.12
90	Procissão de S. José	04	1949	2.217	12		Póvoa de Varzim	09.12
51	Procissão de S. Sebastião	01		1.233	14	49	Póvoa de Varzim	01.20
52	Procissão de S. Sebastião	02		1.237	19	66	Póvoa de Varzim	01.20
55	Procissão de S. Sebastião	03	1945	1.279			Póvoa de Varzim	01.20
56	Procissão de S. Sebastião	04	1942	1.294	12	61	Póvoa de Varzim	01.20
68	Procissão de S. Sebastião	05	1943	2.058	12	71	Póvoa de Varzim	01.20
53	Procissão de S. Tiago	01		1.247	13	48	Póvoa de Varzim	07.25
95	Procissão de S. Tiago	02	1953	2.222	6	42	Póvoa de Varzim	07.25
03	Procissão do Enterro	01		1.011	12	58	Póvoa de Varzim	04.09
04	Procissão do Enterro	02		1.016	8	38	Póvoa de Varzim	04.09
05	Procissão do Enterro	03		1.020	7	39	Póvoa de Varzim	04.09
43	Procissão do Enterro	04	1940	1.185	10	49	Póvoa de Varzim	04.09
76	Procissão do Sagr. Coração de Jesus	01		2.125	12		Póvoa de Varzim	
60	Procissão do Senhor dos Navegantes	01		2.015	20	69	Caxinas ?	
01	Procissão dos Passos	01		1.003	10	37	Póvoa de Varzim	03.28
02	Procissão dos Passos	02		1.008	8	49	Póvoa de Varzim	03.28
42	Procissão dos Passos	03	1940	1.179	11	56	Póvoa de Varzim	03.28
69	Procissão dos Passos	04		2.064	10	49	Póvoa de Varzim	04.04
38	Procissão Eucarística	01		1.162	7	23	Póvoa de Varzim	
39	Procissão Eucarística	02		1.164	11	47	Póvoa de Varzim	
40	Procissão Eucarística	03		1.167	9	44	Póvoa de Varzim	
41	Procissão Eucarística	04		1.167	9	44	Póvoa de Varzim	
57	Procissão Eucarística	05		2.003	8	55	Póvoa de Varzim	
66	Procissão Eucarística	06		2.047	7	46	Póvoa de Varzim	
54	Figuras diversas	01		1.253	53			
65	z Figuras dos 12 apóstolos	02		2.045	1	12	Póvoa de Varzim ?	

Fonte: PROGRAMAS DE GRUPOS ALEGÓRICOS DAS PROCISSÕES DA PÓVOA, IMAGINADAS PELO PADRE JOSÉ GONÇALVES CASCAO DE ARAÚJO E COPIADAS POR D. MARIA DA ASSUNÇÃO RIBEIRO MARTINS DA COSTA, c. 1939 – 1967.

Quadro 6 – Distribuição de valores médios de grupos e figuras das procissões.

Anjos	N.º de Programas	N.º de Grupos (médios)	N.º Figuras (médias)	Localidades
Nove coros de Anjos	2	11,5	61,5	Póvoa de Varzim ?

Cristo (Páscoa, Eucaristia e invocações)	N.º de Programas	N.º de Grupos (médios)	N.º Figuras (médias)*	Localidades
Enterro	4	9,3	46	Póvoa de Varzim
Eucarística	6	8,5	43,2	Póvoa de Varzim?
Passos	4	9,8	47,8	
Ressurreição	1			Póvoa de Varzim
Sagr. Coração de Jesus	1	12		Póvoa de Varzim
Senhor dos Navegantes (Cristo crucificado)	1	20	69	Caxinas, Vila do Conde
Média	11,9	51,5		

N.ª Senhora (invocações)	N.º de Programas	N.º de Grupos (médios)	N.º Figuras (médias)*	Localidades
N.ª S.ª (sem invocação)	12	14,5	79,3	Póvoa de Varzim
N.ª S.ª Amparo (Mirandela)	6	12,3	47,2	Mirandela
N.ª S.ª da Assunção	15	11,5	77,3	Póvoa de Varzim
N.ª S.ª da Boa Viagem	2	11,5	53	Póvoa de Varzim
N.ª S.ª da Conceição	3	10	53	Póvoa de Varzim
N.ª S.ª das Dores	5	11	52	Póvoa de Varzim
N.ª S.ª do Carmo	11	11,8	67,7	Póvoa de Varzim e Vila do Conde
N.ª S.ª do Desterro	2	15,5	74	Póvoa de Varzim
N.ª S.ª do Leite	1	12	38	Aver-o-Mar
N.ª S.ª do Rosário	2	12	66	Póvoa de Varzim
N.ª S.ª dos Pescadores	1	11	86	Vila do Conde
N.ª S.ª dos Remédios	1	6	23	Lamego
Média	11,6	59,7		

Santos	N.º de Programas	N.º de Grupos (médios)	N.º Figuras (médias)*	Localidades
S. João Baptista	2	11	46,5	Póvoa de Varzim
S. José	4	11,75	75,7	Póvoa de Varzim
S. Sebastião	5	14,25	61,8	Póvoa de Varzim
S. Tiago	2	9,5	45	Póvoa de Varzim
Média	1,7	57,3		

Sem indicação	N.º de Programas	N.º de Grupos (médios)	N.º Figuras (médias)	Localidades
Sem indicação da invocação	2	7	26,5	Freamunde e Lousada

Fonte: PROGRAMAS DE GRUPOS ALEGÓRICOS DAS PROCISSÕES DA PÓVOA, IMAGINADAS PELO PADRE JOSÉ GONÇALVES CASCÃO DE ARAÚJO E COPIADAS POR D. MARIA DA ASSUNÇÃO RIBEIRO MARTINS DA COSTA, C. 1939 – 1967.

Quadro 7 – Distribuição dos valores médios de grupos de figuras por invocações.³¹⁶

Invocações	N.º de programas	N.º de Grupos (médios)*	N.º Figuras (médias)*
Anjos	2	11,5	61,5
Cristo [e Eucarísticas]	17	11,9	51,5
Nossa Senhora	61	11,6	59,7
Santos	13	11,7	57,3
Média		11,7	57,5

Fonte: PROGRAMAS DE GRUPOS ALÉGÓRICOS DAS PROCISSÕES DA PÓVOA, IMAGINADAS PELO PADRE JOSÉ GONÇALVES CASCÃO DE ARAÚJO E COPIADAS POR D. MARIA DA ASSUNÇÃO RIBEIRO MARTINS DA COSTA, c. 1939 – 1967.

Após um período áureo da década de 40 e 70, a “Casa Confiança”, da Família Martins da Costa, encerra a sua actividade em 1982 e oferecem os livros e outros documentos originais à Biblioteca Pública da Póvoa de Varzim, enquanto que fotografias e gravuras são oferecidas ao Museu Municipal.

Na cidade, apenas permanece a “Casa dos Anjos”, que pertencera a D.^a Amélia e cujo trabalho é continuado por uma sua auxiliar, D.^a Elisa Novais.

Sabemos que a Dona Amélia também dispunha de um espólio documental avultado, mas não foi reunido e encadernado como aconteceu com os apontamentos transcritos por Dona Maria da Assunção Martins da Costa. Mas, como já referimos, os cortejos da Póvoa eram divididos entre as duas “armadeiras”, pelo que ambas tinham que conhecer e utilizar os principais programas. Por vezes, por ocorrerem lapsos na selecção das “figuras” as confrarias estipulavam, com precisão, a parte do programa que competia a cada uma das “Casas”, como é perceptível na cópia de uma carta enviada pela Confraria do Santíssimo Sacramento à Casa dos Anjos, em 27 de Fevereiro de 1976.

Também é curioso verificar que cada “armadeira” tinha os “seus clientes”, ou seja, fiéis que preferiam sempre a mesma “Casa” e pagavam o aluguer do traje. Como podemos perceber, o preço variava de ano para ano. O custo para a confraria dependia de haver mais, ou menos, “clientes” a escolherem uma “figura” e a inscreverem-se. Ainda hoje, quando nem todos os lugares estão preenchidos nos dois domingos antes da procissão, o pároco apela à participação dos devotos, os quais não pagam nada por participarem, ocupando as figuras em falta.

³¹⁶ Não incluímos nestas médias as procissões que não indicam a invocação, porque constituem um grupo com características muito diferentes e com realização no exterior.

* A média dos grupos e das figuras é calculada relativamente aos grupos que têm indicação das figuras discriminadas.

³¹⁸ Cf. DIAS, Geraldo José Amadeu Coelho - *Religião e Simbólica. O sonho da escada de Jacob*, Porto, Granito, Editores e Livrários, Lda, 2001, p. 14.

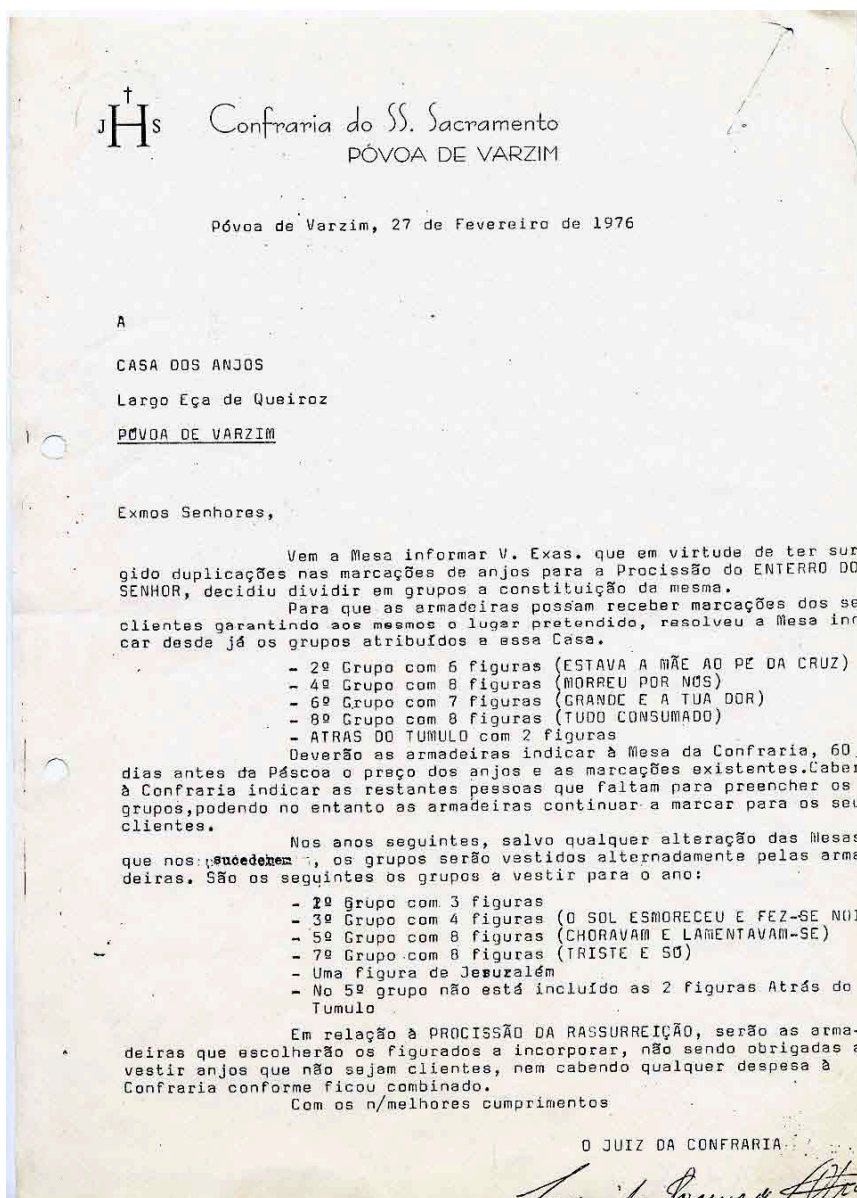


Figura 89 - Cópia de uma carta enviada pela Confraria do Santíssimo Sacramento à Casa dos Anos, em 1976.

Para locais mais distantes, chegavam a enviar trajes e documentação, mesmo para além-mar, como ocorre com as três procissões completas que a Dr.^a Maria da Glória Martins da Costa se lembrava de ter enviado para Angola, acompanhada de fotografias dos “grupos” para facilitar a sua organização nos locais de destino. As procissões da Semana Santa eram as mais representativas e mais fáceis de adaptar a todos os locais. No espólio de fotografias que ofereceu ao Museu encontram-se cópias das que foram enviadas para o exterior, como “manual explicativo”, em que crianças da família e vizinhas serviam como modelos, nas poses devidas e com as respectivas insígnias, ou cartelas que identificam os grupos. As 12 fotografias exemplificam um programa simples, mas completo, da procissão dos Passos. Apesar do reduzido número de figuras, cerca de 63 elementos, encontram-se correctamente representados os “Passos da Paixão de Cristo”.



Figura 90 - "1.º Grupo / A bandeira "Rial" (sic) / 66"



Figura 91 - "2.º Grupo / Entrada em Jerusalém / 66"



Figura 92- "3.º Grupo / Jesus e os Apóstolos Predilectos / 66"



Figura 93 - "4.º Grupo / Agonia no Horto / 66"



Figura 94 - "5.º Grupo / Prisão de Jesus / 66"



Figura 95 - "6.º Grupo / Jesus açotado e coroado de espinhos / 66"



Figura 96 - "7.º Grupo / A Caminho do Calvário / 66"



Figura 97 - "8.º Grupo / A Verónica / 66"



Figura 98 - "9.º Grupo / Jesus consola as mulheres de Jerusalém / 66"



Figura 99 - "10.º Grupo / O Centurião Romano / 66"



Figura 100 - "11.º Grupo / A Crucificação / 66"



Figura 101 - "12.º Grupo / As Santas Mulheres / 66"

3. SIMBÓLICA E TEOFANIA NAS PROCISSÕES

“Tanto a Religião como a Simbólica são formas superiores de a fé e a arte se relacionarem com Deus e o Transcendente, de darem à vida humana neste “Vale de Lágrimas” uma centelha de espiritualidade, uns revérberos de beleza e uma boa dose de sonho e ilusão.”³¹⁸

Lembrando esta frase do Prof. Dr. Frei Geraldo, sentimos a obrigação de, ao estudar estas particulares manifestações do “sagrado”, tentar, além de recolher e estudar factos e números, transmitir algo do “espírito” destas efémeras formas de arte, evocar o sentimento de religiosidade profunda e viva, o latente sentido do “maravilhoso” que invade todos os que assistem a uma procissão que passa. É esta consciência de “Mistério” vivido que nos obriga a socorrermos-nos de suportes iconográficos e que motiva tantos autores, a propósito destas celebrações, a recorrerem à arte: pintura; poesia ou música. Há algo de transcendente, de primordial contacto directo com o *Sagrado* que não se consegue transmitir com palavras.

As procissões sagradas, pela evidente religiosidade espelhada nas representações de personagens da história sagrada (não apenas pelas vestes, mas também nas posturas e expressões assumidas com seriedade por parte de jovens e crianças) e a forte carga simbólica presente nas figuras alegóricas ou anjos, a par da organização esquemática de “programas” (que recordam dogmas e aspectos tão complexos da religião como os *Sete coros de anjos*, o “*Mistério da Santíssima Trindade*”, a *Imaculada Conceição* ou a representação viva de *orações*), são uma verdadeira ponte para o Transcendente, uma quase materialização do que, habitualmente, apenas sentimos como espiritual, uma vivência directa da Religião, tornada real, viva e presente na cidade e ruas do nosso quotidiano.

Um aspecto curioso a destacar é a participação preponderante da comunidade piscatória, particularmente no figurado e em algumas das confrarias, em particular a de N.^a S.^a da Assunção, Amparo dos Homens do Mar e a Confraria de N.^a S.^a do Desterro. Para a comunidade piscatória, predominantemente analfabeta ainda na primeira metade do século XX, se não era possível ler os dísticos com legendas pintadas - transportados, normalmente, por pequenos “anjinhos” no início de cada grupo alegórico, não deixavam de compreender e assimilar rapidamente o significado das cores e atributos, dado que o uso de símbolos – “siglas”, ou “marcas” - era uma prática corrente na “classe” (como esta comunidade gosta de se denominar), para identificar os respectivos pertences e funcionava também como assinatura, pois cada pescador dispunha de uma marca.

As “siglas” são conhecidas em várias profissões e épocas, mas aqui permaneceram em uso e seguindo uma lógica de transmissão conhecida até à década de 30 do século XX, o que não aconteceu em outros casos, os quais não foram estudados no seu período de vigência³¹⁹. Os motivos desenhados nas “*siglas poveiras*” partiam de um desenho simples, o “radical”, muitas vezes de natureza religiosa ou apotropaica, (como a estrela de Salomão, ou “São Salimão”, uma cruz latina ou grega, a cruz de Santo André, cruzeiro, cálice, estrela, etc.) ou relacionado com o seu dia-a-dia (como o “pente”, um barco visto de frente ou de lado, pata de ave, “grade”, etc.), sendo-lhe adicionado um traço, ou “pique”, conforme o número de ordem de nascimento do respectivo filho (inteligentemente o mais novo é que herdava a marca do pai).

Assim, um pescador estava habituado nas suas marcas a compreender uma linguagem “simbólica”, identificando facilmente a linhagem familiar, usando também outras “divisas” – frases e desenhos com que decorava os barcos – como símbolos protectores (também frequentemente religiosos ou portadores de boa sorte). É mais fácil, assim, compreender a aptidão com que um poveiro da classe piscatória identifica um santo ou uma Virtude através do seu atributo iconográfico, ou “símbolo”, que lhe é mais fácil de fixar do que a palavra escrita, devido à catequese que o clero local lhe administrava através das constantes prédicas. Os sermões são proferidos nas homilias das missas dominicais – a que não costuma faltar –, nas empoladas prédicas dos dias de festa ou das “missões” de missionários, que aqui se deslocavam e que tinham grande afluência de fiéis, principalmente de mulheres, que se levantavam de madrugada para não faltar às pregações.

Ao mesmo tempo que inculca programas catequéticos, a simbólica processional reflecte uma particular exteriorização do sentido do “sagrado” do povo, ora pela sua criatividade que investe na organização de séquitos, ora, mais frequentemente no decurso do século XX, pela adesão aos programas delineados pelos autores até agora identificados.

Com efeito, as procissões, principalmente as de carácter devocional, revestem-se de uma profunda religiosidade popular, de que se destacam os “ex-votos” e a deslocação dos cortejos até ao mar, onde permanecem paradas, com os andores virados para o oceano, para o *abençoar*, enquanto se assiste ao popular “*foguetório*”, típico das comunidades marítimas, num acto de grande importância simbólica e emocional. Não podemos, na verdade, esquecer a utilidade e a função dos “foguetes”³²⁰. O som que emitem a deflagrar, o ribombar que alerta uma comunidade indiferente e exalta os sentidos, afecta-os de grande importância simbólica e emotiva, tal como a música. Daí que sejam usados principalmente para assinalar a saída da procissão, a sua passagem por certos espaços (o mar, por

³¹⁹ Cf. GRAÇA, António Santos - *O Poveiro. Usos, costumes, tradições e lendas*, 3ª ed. (ampliada com documentação fotográfica. 1ª ed.: 1932), Lisboa, Publ. Dom Quixote, 1992, pp. 25 – 49.

³²⁰ O uso dos “foguetes” implica uma grande despesa, vários tipos de licenças (Bombeiros, Câmara Municipal) e representam uma fonte de problemas – como é o caso da Irmandade de N.ª S.ª da Assunção que tem uma “*questão pendente*” em tribunal devido ao incêndio num barco, provocado por um foguete, durante as festividades.

exemplo) e o final da procissão, constituindo um “clímax” em algumas procissões, como no momento em que os andores se viram para o mar quase no final do cortejo de Nossa Senhora da Assunção.

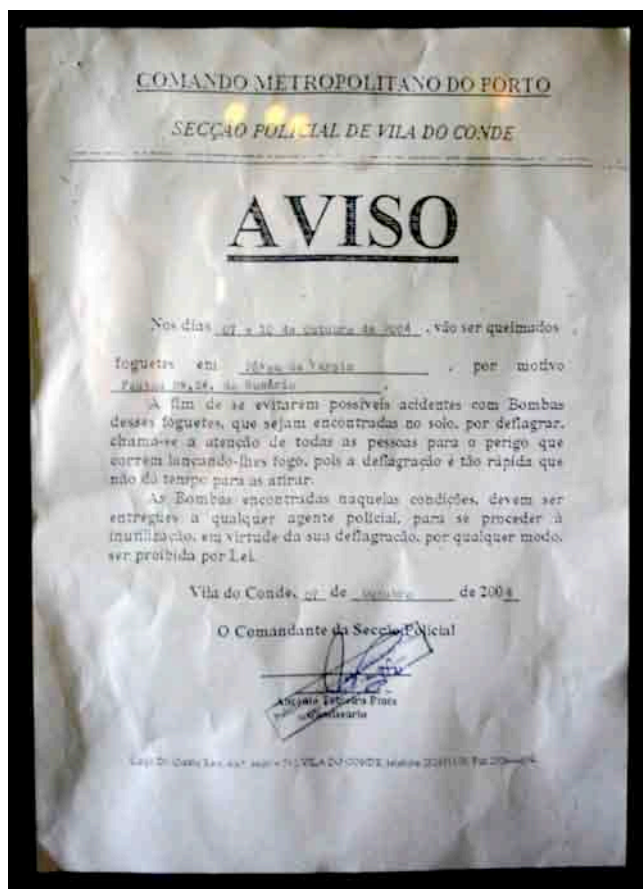


Figura 102 - Aviso colocado no vidro do guarda-vento da igreja, alertando para os perigos da utilização de foguetes. Procissão de N.ª S.ª do Rosário. 10.10.2004.

Igualmente importante, e de grande valor simbólico, são as arquitecturas efémeras utilizadas, mais sóbrias e requintadas na cidade, mais alegres e com gosto popular e tradicional nas zonas rurais. A utilização de colchas e decorações nas casas é agora mais nítida na zona rural, porque na cidade, na “zona velha” existem muitas casas não habitadas.

O facto de nas ruas irem passar as imagens e as alfaias sagradas motiva um esforço de dignificação desse espaço, que seria maior em épocas mais recuadas, mas que é ainda hoje perceptível. Um primeiro sinal desta preocupação é o cuidado seja nas zonas rurais, seja na cidade, em colocar folhagens frescas e flores no chão. Em última instância dão origem a belos tapetes com motivos decorativos estudados, que se tornaram tradicionais na festa do Corpo de Deus e em cortejos em que existe um grande empenho e gosto das populações locais, como a Procissão de N.ª Senhora do Desterro, no Bairro Norte, onde ainda se encontra sediado um grande núcleo de população ligada à classe piscatória.

Mas, simbolicamente, o simples gesto de lançar flores antes da passagem da procissão, por parte dos habitantes de uma determinada zona, reveste-se de um grande significado, pois comprova a

consciência e gosto em perfumar, alindar e dar um carácter sagrado, diferente dos dias comuns, à rua que é dignificada pela passagem do cortejo.

Mas este cuidado em alindar e dignificar as ruas por onde passa o cortejo, além de ser motivo de orgulho para os moradores, reflecte também uma catequese antiga, revelando o cuidado do clero em consciencializar os devotos da importância destes momentos em que as ruas se tornam palco de um acontecimento sagrado. Assim, quer nas informações transmitidas oralmente pelos párocos no final das cerimónias litúrgicas, quer nas notícias dos periódicos, pede-se que coloquem colchas e espalhem flores. É normal na divulgação do programa das festas solicitar a colocação de “colgaduras”, como bandeiras, ou flores no chão e tanto encontramos esse pedido em 1880, 1900, como nas folhas dominicais da actualidade.

Em 1880, no Programa da Procissão de N.^a S.^a das Dores³²¹, apela-se aos “sentimentos religiosos” dos moradores, no sentido de decorarem as suas habitações “com cobertores e bandeiras” e colocarem “verdes” a zona em frente às suas casas.

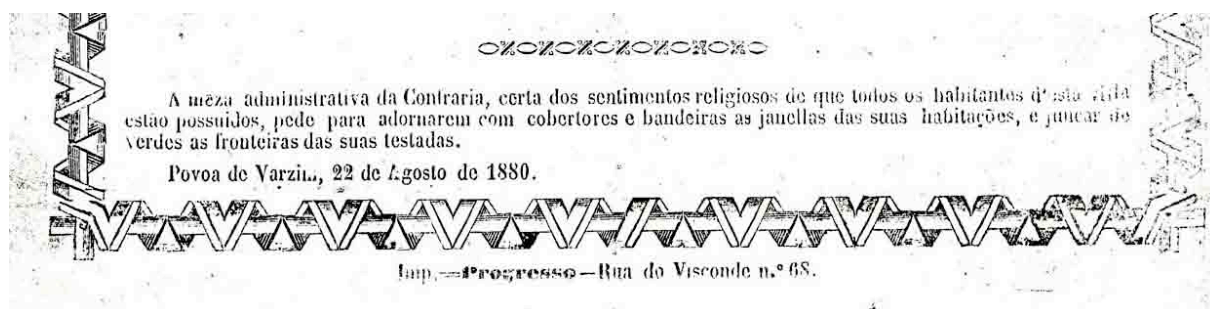


Figura 103 – Pormenor do Programa da procissão de N.^a S.^a das Dores. 22 de Agosto de 1880. Papel impresso. Colecção particular.

Podemos também apresentar, como exemplo, datado em 1900, as primeiras notícias transcritas desse ano relativas ao primeiro cortejo anual, a procissão de S. Sebastião,:

*"A zelosa commissão de devotos, pede a todos os habitantes das ruas por onde tem de passar a procissão, adornem de bandeiras e colgadouras as fachadas dos seus prédios bem como cobrirem de verde e flores o pavimento das ruas assim para o maior esplendor d'esta festividade."*³²²

E, hoje em dia, apesar de não parecer ser necessário, continua-se a solicitar seja nos folhetos, seja na folha dominical, estes gestos de respeito para com o sagrado.

³²¹ Reproduzido e transcrito no volume: 3 – Apêndices

³²² Cf. «O Liberal», PV, N.º 241, 1900.01.21, p. 2. Notícia transcrita no “Quadro de Transcrições de “Notícias” de Periódicos”. Vol. 3 – Apêndices.



Figura 104 - Imediatamente antes da procissão a proprietária de uma casa por onde passa o cortejo lança flores em frente à sua casa. Procissão de N.ª S.ª do Bom Sucesso. Argivai. Domingo "de Pascoela" – 6 H. 18.04.2004.



Figura 105 - Colchas nas janelas e cestas com flores para "atirar aos andores e pálio. Procissão de N.ª S.ª das Dores. 21.09.2003.



Figura 106 – Grupo alegórico da “Religião” – Igreja Apostólica Romana. Procissão de S. Pedro, Póvoa de Varzim, 29.06.2004.

Como Norberg-Schulz destacava a importância do *Genius Loci*³²³ no estudo da arquitectura, também nós podemos afirmar que, sem mergulhar no espaço e no “espírito” destes eventos, que aliam uma organização racional, segundo as normas litúrgicas (Religião), ao Maravilhoso e Mistério (Sagrado), não estaremos a compreender a metade do que se está verdadeiramente a passar.

Nenhum aspecto económico ou funcional justifica cabalmente estes acontecimentos. Só mesmo a vontade de extravasar a alegria e uma vivência religiosa intensa pode justificar estes eventos dispendiosos e ilógicos.

*“Muitas vezes o sentimento religioso não acha suficiente para se expandir o acanhado espaço do templo, e então leva os fieis a saírem em prestito solemne, formando como que um exercito disciplinado, e, caminharem após Lábaro benedicto da redempção, entoando preces e canticos espirituaes. Estes prestitos religiosos têm o nome de procissões.”*³²⁴

É desta forma que o Pe. Vasconcélloz descreve uma procissão, buscando justificação não na “Religião”, mas na religiosidade dos fiéis, aliás, de uma forma algo poética, um pouco estranha num *Manual de Liturgia*, de finais do século XIX, em que se ensinava de forma rigorosa como realizar todas as cerimónias que um candidato ao Sacerdócio precisava de saber.

³²³ Cf. NORBERG-SCHULZ, Christian - *Genius Loci. Towards a phenomenology of architecture*, New York, Rizzoli, 1979 ©.

³²⁴ Cf. VASCONCÉLLOZ, António Garcia Ribeiro de - *Compendio de Liturgia Romana (para uso dos candidatos ao Sacerdocio)*, 2 vol., Coimbra, Imprensa da Universidade, 1900 (imp.), vol. II, p. 255.

4. CONCLUSÕES

Procuramos, ao longo deste trabalho, estudar as procissões da Póvoa de Varzim, a partir da observação e registo, muitas vezes desde a actualidade, desses eventos, e da análise dos seus elementos constituintes (andores, esculturas, diversos tipos de alfaias e elementos decorativos), participantes (clero, organizações religiosas, irmandades e confrarias da localidade e autoridades civis, militares e associações culturais, recreativas e desportivas), distribuição temporal, percursos urbanos, programas iconográficos e devoções.

Ensaíamos, tanto quanto foi possível, uma compreensão contextual e histórica destes eventos, à luz de fenómenos ideológicos, sociológicos, culturais e religiosos.

Dessa análise, o que mais surpreende são, não apenas as permanências, no que se refere ao número e à vitalidade dessas realizações, mesmo em tempos da I República, em que os tempos e as ideologias não lhes seriam de todo favoráveis, mas em particular o incremento do número e do fulgor dos cortejos processionais, os quais se revelam, na actualidade, tão ou mais vivos, apreciados e dignificados, do que no início do século.

O que de igual modo se evidencia, concorrendo para um quadro de adesões convergentes, é a forma como Igreja, poder político local, Irmandades e associações, intelectuais e a comunidade em geral, não só se associam, como se identificam com essas realizações, investindo-se na sua preservação e contribuindo, com donativos e uma participação comprometida, para a sua dignificação.

Não apurámos, sem sombra para dúvidas, que factores, ou que ponderação de factores, religiosos, sociológicos, económicos, políticos ou históricos motivaram a longevidade e o sucesso das procissões na Póvoa de Varzim. Parece-nos, porém, claro que, ainda que as novas funcionalidades desses eventos, associadas ao desenvolvimento de um turismo cultural e religioso, que vão a par com o balnear, constituam um factor de sucesso e de permanência, em nada obstem à sua associação à expressão de uma religiosidade sincera, partilhada, que informa numerosos sectores, culturais e socioprofissionais, da comunidade poveira.

Algumas características e dinâmicas estruturantes da identidade da localidade e da sua afirmação histórica poderão, porém, ser invocados.

O orgulho “bairrista” que emerge destes cortejos, apresenta-se, sem dúvida, como um desses factores, o qual teria ajudado a demarcar a independência e a personalidade própria desta localidade em relação às suas mais poderosas vizinhas, Vila do Conde e Barcelos. Os organizadores e participantes esforçam-se, de facto, por se demarcar das localidades vizinhas mais importantes politicamente, em tamanho e “pergaminhos”, marcando as procissões com a sua individualidade,

espelhada em devoções próprias, “prosápia” e gostos da população local, sem que todavia isso invalide a adesão a peregrinações e festas nas zonas circundantes, principalmente em Vila do Conde (S. Brás, Santo Amaro, S. Bento de Vairão, Nossa Senhora da Guia, etc.);

Uma segunda característica estruturante é a permanência, como traço de identidade, de actividades e comunidades relacionadas com o mar, as quais, se não têm já um peso económico significativo, mantêm uma marca profunda no imaginário e na identidade local, o que motiva (apesar das grandes diferenças sociais e económicas) que se vá constituindo uma comunidade coesa e conservadora, com interesses comuns, pela sua ligação à vida da localidade, e com um forte pendor religioso.

Não podemos, ainda, esquecer que essa vivência marcou profundamente a primeira metade do século XX, época a que em particular vocacionámos o nosso estudo. A profunda religiosidade característica dos “homens do mar”, sejam navegantes de longo curso, simples pescadores, ou mesmo sargaceiros, não pode ser dissociada da dinâmica em estudo. Ainda hoje são os “mareantes” e suas famílias os que mais activamente participam nas procissões e dão o maior apoio monetário.

Para além das longas ausências e dos perigos do mar, associados à pesca costeira, mas em particular à de alto mar e à longínqua, como é a da Terra Nova, essa actividade motiva o aparecimento de uma indústria de conservas e a comercialização do pescado, factores de desenvolvimento económico local.

Em paralelo, a estância balnear, a talassoterapia, já aproveitada por monges de Tibães, que vinham tratar-se com “banhos quentes” no século XVIII, provoca o aparecimento de actividades de cariz para-hoteleiro, favoráveis ainda a essa classe. O aluguer de casas próprias e os desempenhos dos “banheiros”, oriundos de famílias de pescadores que montam barracas, ajudam os “banhistas” e, normalmente, também alugam quartos em suas casas, aumenta o movimento comercial da vila, depois cidade, e promove as actividades lúdicas (jogos, cafés, casino, espectáculos musicais, representações teatrais, etc.). Estas actividades motivam a vinda de “empresários” e trabalhadores de outras comunidades e cria um sentimento de abertura e aceitação dos forasteiros, dado que trazem riqueza para todos. Cria-se um ambiente cosmopolita, ávido de distrações, em que se inserem as próprias festividades religiosas, que assim são apreciadas e incentivadas por todos.

Apesar da nítida preponderância da classe dos pescadores, importa ainda sublinhar a presença de elementos do clero, em grande número, de famílias abastadas, algumas provenientes da classe dos mareantes, pescadores endinheirados³²⁵, de grandes proprietários das zonas rurais, de comerciantes e ricos emigrantes no Brasil, a que se somam os pequenos comerciantes e os funcionários públicos.

O mar é aqui o elemento de união: emigrantes que atravessam o mar, pescadores, mareantes, comerciantes e outros pequenos empresários que da venda do peixe, conservas, ou da actividade

³²⁵ Em particular os *lanchões*, proprietários de grandes *lanchas*, o tradicional barco de pesca, com vela.

banhear retiram grande parte dos seus proventos, agricultores que vão buscar ao mar os melhores adubos: o pilado e o sargaço, todos convergem para uma identidade marítima, que parece, no essencial, sobrelevar as diferenças sociais. O crescimento da vila/cidade não parece ter posto em questão esta vinculação essencial.

O que é importante notar é que, independentemente das épocas e das representações, o “poveiro” continua a assumir, com orgulho, a sua origem, e a identificar-se com traços ancestrais que marcam a sua sociabilidade e o seu inconsciente colectivo, traço partilhado e alimentado pela próprias elites locais, mormente as políticas.

Motivos culturais, que se prendem com a estadia, nesta localidade, de clérigos e leigos de grande cultura que organizaram e deixaram a tradição de grandes e bem “construídos cortejos” apresenta-se como outro factor de compreensão do fenómeno que estudámos. A existência de escolas desde o século XIX, bem como de um Liceu (a partir de inícios do século XX e o único na zona) e colégios masculinos (Colégio D. Nuno) e de freiras para meninas (Colégio do Sagrado Coração de Jesus, fundado em 1900), motivou a deslocação de grande número de professores e jovens estudantes para esta localidade.

Talvez pelo seu “cosmopolitismo” e a existência de instituições de ensino, muitos investigadores (e simples curiosos e/ou memorialistas) vão escrever artigos e livros de Memórias, Arqueologia, História, Etnografia, Folclore, a par de Descrições Etnográficas desta localidade, convergindo na valorização dos seus traços históricos essenciais. Assim se compreende que Rocha Peixoto, Santos Graça ou Cândido Landol, apesar de serem republicanos e alguns mesmo algo anti-clericais, vão defender a continuação das tradições locais, nomeadamente a realização de procissões, como a de Nossa Senhora da Assunção, não pelo sentido religioso, mas pelo seu interesse etnográfico e por ser um elemento de atracção “turística”.³²⁶

O reconhecimento das permanências não obsta, porém, ao reconhecimento da existência de traços evolutivos. Verificando as procissões que desapareceram ao longo do século XX e as novas que surgiram, poderemos analisar e compreender profundas mudanças da vida de comunidade, que se reflectem nas devoções plasmadas nos cortejos processionais. Como vimos, da listagem de procissões destacada pelo Sr. Coronel Joaquim Martins da Costa, são indicados vários cortejos que se realizavam em “tempos idos”, e que já antes da redacção do artigo, em 1978, tinham deixado se “sair”. Este facto reflecte alterações de devoções. Com efeito, deixou de se realizar a procissão de S. Sebastião e Nossa Senhora do Loreto, enquanto no Mês de Maio surgiram diversas procissões dedicadas à Nossa Senhora, com a importância crescente da devoção à Nossa Senhora de Fátima e ao culto mariano, a

³²⁶ Para a Póvoa vem Camilo que se sente á vontade no ambiente alegre, despretenso e descontraído. Eça de Queirós nasce numa casa da Praça do Almada, em casa de familiares – por se tratar de um local em que certas situações embaraçosas decorriam discretamente. Cá vêm passar tempos alegres os jovens das famílias ricas e remediadas. Aqui se fazem pic-nics, quermesses, festas e se forjam casamentos (apesar da fama de que “namoros de praia ficam enterrados na areia”).

par da afirmação de novas formas de espiritualidade, associadas, por exemplo, às celebrações da Semana Santa e ao Imaculado Coração de Maria e Sagrado Coração de Jesus.³²⁷

Se Martins da Costa indica 16 procissões que se realizavam em 1978 e 9 de que havia notícia, mas haviam deixado de se realizar, num número total de 25, já entre os anos 2003 e 2005 realizaram-se, anualmente, cerca de 23 procissões, o que nos leva a concluir que na actualidade se realizam mais procissões do que na década de 70 e anos anteriores.

A introdução de novas devoções nem sempre evidencia, é certo, marcas de vivências locais, algumas decorrendo de uma sensibilidade de carácter nacional, como a Nossa senhora de Fátima. Em paralelo, aspectos económicos interferem também com esta dinâmica: o desaparecimento da procissão a S. Sebastião reflecte a diminuição de flagelos que eram comuns nesta comunidade, até ao último quartel do século XX, tais como a “peste, fome e guerra”.

Aspectos socioprofissionais e económicos devem ser também sublinhados neste ensaio de compreensão da evolução histórica das procissões na Póvoa de Varzim. O desaparecimento, na primeira metade do século XX, da devoção primordial a S. Pedro Gonçalves Telmo, tradicional protector dos homens do mar, é compensado pela “turística” e mais erudita ligação a S. Pedro Apóstolo, também ele pescador, cujas festividades coincidem com o início da época balnear e resolvem a questão da rivalidade com Vila do Conde, alternando, com evidentes vantagens para todos, as festas dos respectivos santos patronos: S. Pedro e S. João Baptista.

Uma observação atenta da realidade actual evidencia ainda um aspecto que devemos destacar na vida religiosa na Póvoa. Referimo-nos ao cuidado com que os encarregados de educação levam as crianças, desde tenra idade, a participarem em todas as cerimónias religiosas do dia-a-dia da cidade. Não é um fenómeno fácil de averiguar ou de quantificar, mas sabemos que nas várias paróquias há muitas crianças que participam nas aulas e actividades da catequese e alguns continuam a colaborar nas actividades da Igreja, fazendo parte de grupos de jovens, grupos corais, escuteiros, etc. Mas o mais curioso é verificar que, ontem como hoje, as mães, pais, avós, tias ou madrinhas incentivam as crianças a participar nas procissões, seja nas de velas ou nas diurnas, envergando algum traje de “anjinho”. Se destacamos algumas pessoas da família ou amigos, além dos pais, é atendendo a que, muitas vezes, estes não podem participar (por motivos de trabalho ou outros) e é algum familiar ou pessoa amiga que leva a criança à catequese e a assistir às procissões. Pequeninos, ainda em carrinhos de bebés, quando os percursos são mais longos, já levam a vela acesa ou vão trauteando os cânticos. São eles, ao participarem nestas actividades com a família (ou mesmo nos infantários), vendo estes actos religiosos com gosto e orgulho, que são a melhor garantia da continuação e renovação destes eventos.

³²⁷ As devoções ao Sagrado Coração de Jesus e ao Santíssimo Sacramento são impulsionadas pelo núcleo de sacerdotes jesuítas associados à Basílica do Sagrado Coração de Jesus.

Estes procedimentos, quando interiorizados, criam uma propensão para uma adesão, que não é apenas religiosa, mas também social, afectiva e cultural. A própria afluência de curiosos e turistas à Póvoa para assistirem aos seus cortejos processionais contribui para a valorização social de um evento que contribui positivamente para representações dignificantes da comunidade.

Este fulgor depende também de uma dinâmica formal, artística, litúrgica e catequética, que incorpora uma sabedoria ancestral e se associa a estratégias pedagógicas de cariz religioso que procuramos estudar e caracterizar ao longo deste trabalho. Estas em nada colidem com sensibilidades colectivas, antes apelam para uma simbólica de grande agrado de uma “religiosidade popular”, que acolhe massivamente, nas ruas, e ao longo de todo um calendário litúrgico, que é também civil, essa “santificação” de um espaço urbano e social, inteiramente compreensível na primeira metade do século XX, em particular à luz das estratégias do Estado Novo, mas que em nada parece colidir com os destinos de uma cidade em notório crescimento urbanístico e económico. A ampliação e a redefinição do perfil socio-económico da comunidade em nada parece chocar, no específico domínio do nosso estudo, com a manutenção de tradições ancestrais. Facto que, só por si, legitima a pertinência da análise que intentamos, à qual reconhecemos, porém, limitações que só trabalhos futuros poderão ir gradualmente colmatando.

Foi nosso intento também deixar sistematizadas informações, em Apêndices e Anexos, que poderão suscitar novas e mais dilatadas abordagens por quem se vier a interessar pelo tema, como já o fizeram destacados investigadores locais, que com este estudo homenageamos.



Figura 107 - Fiéis com velas acesas no Largo de S. Roque / S. Tiago (ou Praça de República), esperam a passagem da procissão para se incorporarem no final. De notar a numerosa participação de crianças com velas acesas e sempre na “linha da frente”. É evidente, por parte dos pais e familiares, o cuidado em levar os mais jovens a participar nestes eventos desde tenra idade. 2004.05.13.

5. GLOSSÁRIO

[“Todas as palavras acompanhadas de asterisco têm entrada vocabular autónoma³²⁸. Estão, também, destacadas com aspas e letras maiúsculas”]

AGASALHO – Refeição facultativa oferecida aos membros da confraria ou Irmandade que participaram num cortejo³²⁹, bem como aos transportadores dos pendões, bandeiras e andores. Quando o responsável por um andor é alguém que prometeu encarregar-se dessa tarefa [pode ser um “Mestre” de uma “Companha”] deve ser ele a pagar a merenda. É tradicional ser servida uma “boa” posta de bacalhau frito, bom vinho tinto, entre outras iguarias.

“ALETERNA” – Designação popular, na Póvoa de Varzim, para o «LANTERNIM PROCESSIONAL»*, em lembrança da Procissão dos Passos nocturna [ou *Procissão das “Alenternas”*] quando são as crianças ou os fiéis que os manufacturam.



Figura 108 – Na “Casa dos Anjos” meninas sendo vestidas para participarem na Procissão do Sr. do Bonfim - 08.09.2003.

ANJINHOS – Crianças vestidas “de anjo”. Devem usar uma túnica comprida, cordão ou outra passamanaria na cinta, sandálias nos pés e algum adorno na cabeça (grinalda de flores, resplendor, pequena coroa ou tiara em bijutaria). As cores da túnica, elementos decorativos e símbolos que transportam dependem do tema que

³²⁸ Cf. AZEVEDO, Carlos Moreira de (Direct.) - *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, 4 vol., Lx / Rio de Mouro, Círculo de Leitores SA & C.E.H.R. da Univ.Católica Portuguesa, 2000, vol. I, p. 6.

³²⁹ Cf. Lello & Irmão (Livr.) - *Lello Universal. Dicionário Enciclopédico Luso-brasileiro* (2 vol.), Porto, Lello & Irmão Ed., 1979, vol. I, p. 209.

acompanham e da procissão. Podem usar asas ou não. Devido a ser um acessório desconfortável e complicado para se aplicar nas crianças (têm que usar um pequeno colete no interior da túnica e colocar correctamente as asas, sendo um acessório desconfortável), e ser difícil encontrar fabricantes para as fazer actualmente, tem vindo a rarear a utilização das asas. Na designação popular são designados por “anjinhos” todo o “FIGURADO*” que participa na procissão.



Figura 109 - Procissão do Mês de Maria dos Infantários. 2004.05.14.

ARMADOR – [ou “ARMADEIRA”] – O Dicionário enciclopédico³³⁰ define esta expressão como: “*Aquele que arma. Proprietário de navios mercantes; aquele que os arma ou equipa à sua custa. Aquele que adorna igrejas, casas, etc.*” No concelho designa-se por “armador” (ou “armadeira”, quando se trata de uma proprietária) a pessoa, ou empresa, que trata de: alugar trajes, vestir “anjos” e “FIGURADO*” em geral para participarem nas procissões, bem como orientar a sua organização no momento desta iniciar o percurso (normalmente seguindo as orientações do clero, confrarias e “devoções”); decoram a igreja ou capela com têxteis e elementos decorativos em talha dourada ou metal; arranjam os andores, principalmente os decorados com têxteis e fitas; alugam trajes para representações teatrais. Normalmente também têm agências funerárias.

Relativamente às procissões, além de prepararem todo o “programa” (seguindo as orientações do padre ou confraria que trata da encomenda), vestem as crianças e jovens algumas horas antes do cortejo e no final “retocam” a colocação das pregas das túnicas, dos cordões, grinaldas e todos os outros aspectos decorativos. Dão também indicações de como os “anjos” devem colocar as mãos, distâncias entre

³³⁰ Cf. Lello & Irmão (Livr.) - Lello Universal. Dicionário Enciclopédico... Op. cit., 1979, vol. I, p. 68.

eles, etc. Deste conjunto de circunstâncias advém a que se designe que
“«armavam» anjos para as procissões”³³¹



Figura 110 - A “armadeira” Maria Elisa Novais - “Casa dos Anjos”, compondo a túnica de uma “figura”.

“BANDEIRA DA MISERICÓRDIA

(...) Insígnia da Misericórdia, confraria religiosa difundida em Portugal e em zonas de influência portuguesa. Consiste num painel rígido pintado com a figura da Virgem da Misericórdia, no anverso, e da Pietá ou de uma iconografia relacionada com a morte de Cristo, no reverso. Sustentada por haste e, geralmente, encimada por uma cruz, é levada nas procissões da Semana Santa à frente da confraria.”³³²

³³¹ Cf. COSTA, Joaquim Martins da - *As Procissões na Póvoa...*, Op. cit, 1978, pp 165.

³³² Cf. GUEDES, Maria Natália Correia (coord.) - *Thesaurus. Vocabulário de Objectos do Culto Católico*, Vila Viçosa, Fundação Casa de Bragança, 2004, p. 134.

“BANDEIRA DE CONFRARIA (...) Insígnia de confraria. Consiste num painel rígido, geralmente pintado de ambos os lados, com iconografia relativa à invocação da confraria. Sustentada por haste e encimada por uma cruz, é levada nas procissões pelo confrade. Quando apresenta, no anverso, a Virgem da Misericórdia, diz-se bandeira da Misericórdia.”³³³

“BANDEIRA PROCESSIONAL (...) Espécie de bandeira levada na procissão, geralmente em tecido, com formas e tamanhos diversos, fixada lateralmente sobre uma haste. Pode apresentar uma imagem religiosa ligada à igreja ou confraria a que pertence.”³³⁴

Ver: “Estandartes processionais”* ou “Pendões processionais”*, os quais são designados – nesta região - em geral e sem distinção, como: “bandeiras processionais”

CARTELA – VER: «INSÍGNIA de “anjinho”*»

CARTÃO - Fichas em papel preparadas para cada procissão em função do respectivo programa e da quantidade de “figuras” decidida pelos responsáveis (pároco, confraria ou comissão de festas], onde estão indicadas as “figuras” necessárias para o cortejo e, à medida que as crianças e jovens se inscrevem, aí se coloca o nome da criança seleccionada e indicações básicas, como a altura – dos pés até aos ombros – para se adaptar o vestido a quem o vai envergar.

COMPOSITOR – alguém que auxilia a compor um cortejo. Além de colaborar na organização inicial dos andores, confrarias e “figurado”*, vai, ao longo da procissão, verificando que os anjinhos e grupos mantenham a posição e o distanciamento correcto.



Figura 111 – “Compositor” na Procissão de N.ª S.ª do Bom Sucesso, Argivai, Domingo “de Pascoela” – 16 H. 18.04.2004.

³³³ Cf. GUEDES, M. N. - *Thesaurus....., Op. cit.*, 2004, p. 134.

³³⁴ Cf. GUEDES, M. N. - *Thesaurus....., Op. cit.*, 2004, p. 134.

«COPO E VELA» – Designação popular, na Póvoa de Varzim, para o «LANTERNIM PROCESSIONAL»*, quando são realizadas industrialmente, em papel ou plástico (que surgiu recentemente, a partir da década de 90) e adquiridas em lojas de velas ou vendedores ambulantes que sempre se encontram à porta da igreja, quando se realiza uma procissão nocturna.

“CRUZ DE CONFRARIA (...) Cruz levada na procissão pelo membro de uma confraria. Distingue-se da cruz processional por uma banda de tecido que passa em torno dos braços da cruz ou sobre o nó da haste (faixa de cruz de confraria).”³³⁵

“CRUZ PROCESSIONAL (...) Cruz que abre um cortejo processional ou fúnebre. Apresenta, geralmente, a figura de Cristo, no anverso, e a da Virgem ou outro santo, no reverso; eventualmente, apresenta as imagens da Virgem e de São João Evangelista sobre um suporte próprio adjacente, um nó junto à base e tintinábulo. Pode ser montada sobre uma haste ou apresentar um prolongamento sob o braço inferior (cruz portátil). Pode ser colocada no altar sobre a base da cruz de altar.”³³⁶

DÍSTICO – VER: «INSÍGNIA de “anjinho”»

“ESCULTURA PROCESSIONAL (...) Escultura, representando a Virgem ou um santo patrono, feita para ser levada em procissão. É geralmente colocada sobre um andor.”³³⁷

“ESTANDARTE PROCESSIONAL / Pendão processional (...) Tecido decorado com representações e inscrições específicas, levado em procissão pelos membros de uma confraria religiosa, de uma congregação ou de uma paróquia. É geralmente rectangular e suspende-se de um varão horizontal suportado por haste; pode comportar cordões laterais com borlas nas extremidades. O estandarte que abre uma procissão diz-se guião.”

Nesta região os “estandartes” ou “pendões” processionais são designados, em geral e sem distinção, como: “bandeiras processionais”

³³⁵ Cf. GUEDES, M. N. - *Thesaurus...., Op. cit.*, 2004, p. 135.

³³⁶ Cf. GUEDES, M. N. - *Thesaurus...., Op. cit.*, 2004, p. 136.

³³⁷ Cf. GUEDES, M. N. - *Thesaurus...., Op. cit.*, 2004, p. 136.

“FIGURA DE ROCA

(...) Figura em que apenas a face e as mãos são tratadas de forma realista, sendo a volumetria corporal substituída por uma armação de madeira, destinada a ser vestida e feita para ser levada em procissão. É geralmente colocada num andor.”³³⁸

“FIGURA PROCESSIONAL (...) Grupo escultórico (grupo escultórico processional), escultura (escultura processional) ou figura de roca (figura de roca) feitos para serem levados em procissão. A figura processional é geralmente colocada sobre um andor.”³³⁹

“Grupo escultórico processional (...) Grupo escultórico feito para ser levado em procissão. É geralmente colocada sobre uma máquina processional. Pode fazer parte de um conjunto que ilustra uma determinada temática religiosa (Mistérios, Ciclo de Paixão, etc.).”³⁴⁰

FIGURADO – palavra normalmente com o valor de adjectivo - “Em que há figura ou alegoria”³⁴¹, mas relativamente às procissões é utilizada como substantivo, designando as crianças e jovens que são vestidos com trajes teatrais, com características de épocas passadas (para se encenarem cenas da Bíblia – do Antigo e do Novo Testamento -, ou da vida de santos), ou como anjos e figuras alegóricas [por exemplo: o Dia e a Noite, Virtudes, etc.] para seguirem como “quadros vivos” nas procissões ou nas representações nas igrejas e Capelas.

“GUIÃO PROCESSIONAL - Estandarte de grandes dimensões e pontas farpadas, que abre uma procissão ou vai à frente de uma confraria.”³⁴²

³³⁸ Cf. GUEDES, M. N. - *Thesaurus*..., *Op. cit.*, 2004, p. 136.

³³⁹ Cf. GUEDES, M. N. - *Thesaurus*..., *Op. cit.*, 2004, p. 137.

³⁴⁰ Cf. GUEDES, M. N. - *Thesaurus*..., *Op. cit.*, 2004, p. 137.

³⁴¹ Cf. Lello & Irmão - *Lello Universal. Dicionário Enciclopédico*..., *Op. Cit.*, vol. I, p. 1000.

³⁴² Cf. GUEDES, M. N. - *Thesaurus*..., *Op. cit.*, 2004, p. 137.



Figura 112 – No início do cortejo vê-se a Bandeira Processional (madeira pintada) encimada pela cruz logo seguida pelos grandes estandartes, ou guiões, processionais: o guião com os Símbolos da Paixão e o Guião Senatus ("S.P.Q.R."). Procissão dos Passos. N.ª S.ª da Conceição (Matriz) / Santa Casa da Misericórdia da Póvoa de Varzim. Domingo da Paixão, 17 Horas. 2004.03.28.

GRUPO alegórico – conjunto de “anjinhos” que formam um conjunto que apresenta uma cena ou tema na procissão. Normalmente é iniciado por um pequeno Anjinho (usualmente vestido de branco) com uma “CARTELA”^{*} identificando o tema ali apresentado (seja uma cena como a “Fuga para o Egipto”, uma “apoteose” ou uma alegoria, como Jerusalém – uma jovem com uma coroa em forma de castelo, etc.), seguem-se as personagens principais normalmente acompanhadas por anjos que transportam os atributos iconográficos ou simplesmente enquadram o conjunto, como pagens e damas de companhia a acompanhar as figuras “reais”, anjos vestidos de verde transportando ramos de oliveira para simbolizar o Jardim das Oliveiras, etc. “os grupos alegóricos (...) têm a sua origem no facto de as procissões terem também um fim catequético.”³⁴³

³⁴³ Cf. COSTA, J. Martins da - *As Procissões na Póvoa de Varzim*, Op. Cit., 1978, pp. 165.



Figura 113 – GRUPO ALEGÓRICO* relativo ao "Pecado Original". Procissão dos Passos da Póvoa. 28.03.2004.



Figura 114 – Insígnia do "Grupo alegórico: A Perda e Encontro de Jesus no Templo". Procissão do Desterro [Paroquia de S. José de Ribamar, PV.J. 12.06.2005.

INSÍGNIA de "anjinho" ou dístico – É assim que as "armadeiras" designam a cartela ou "iláctera" - elemento decorativo e identificador normalmente elaborado em cartolina (rectangular, ou com a forma de "pergaminho enrolado") - transportado por

um “anjinho” pequeno, com letras pintadas identificando o «Grupo Alegórico»* que segue imediatamente atrás.



Figura 115 – “ANJINHO” - sem asas – transportando uma INSIGNIA* ou “cartela” na Procissão dos Passos (noite) – 28.03.2004

“INSIGNIA DE CONFRARIA (...) Distintivo de uma confraria, geralmente em forma de medalhão com um anel de suspensão que se coloca num fio ao pescoço ou se prende sobre a roupa. Apresenta, geralmente, uma imagem do santo patrono ou o símbolo da confraria.”³⁴⁴

“JUIZ” DE ANDOR – semelhante ao capitão de um barco [posto que, na verdade, nesta região, é muitas vezes ocupado por um autêntico “mestre” de embarcação] é ele que conduz, batendo no andor com a pequena vara que leva na mão. O andor pára (e os homens que o transportam apoiam a “travessa” na vara que levam) ou retoma a marcha às suas ordens, as quais são seguidas sem hesitar, evitando-se acidentes no difícil momento de retomar a marcha e retirar o andor do apoio dos suportes. É normalmente alguém que se encarrega de transportar o andor por

³⁴⁴ Cf. GUEDES, M. N. - *Thesaurus....*, Op. cit., 2004, p. 137.

devoção, arranjando e pagando do seu bolso um bom lanche ao grupo de “carregadores” no final. Os andores mais cobiçados são normalmente entregues a quem oferece uma esmola maior, frequentemente o “Mestre” mais abastado e a sua “companha”.

“Aos andores pegam «companhas» completas, com o Mestre a comandar o andor. No final da procissão há «um agasalho», que é uma merenda para compensar o esforço dispendido, merenda que, às vezes, é dada em casa do Mestre.”³⁴⁵



Figura 116 – Juiz de Andor de N.ª S.ª da Soledade. Procissão dos Passos. Rates. 16 - 18.30 Horas. 04.04.2004.

“LANTERNA PROCESSIONAL (...) Lanterna levada na procissão com o Santíssimo Sacramento ou o viático. É montada sobre uma haste e costuma ser decorada com motivos religiosos. Apresenta-se geralmente em número par. Para acompanhar o

³⁴⁵ CF. COSTA, J. Martins da - *As Procissões...* Op. cit., 1978, p.166.

viático, a lanterna pode integrar uma campainha (lanterna-campainha processional).”³⁴⁶

“Lanternim processional / faro de vela processional (...) Pequena lanterna em papel, eventualmente plissado, ou noutro material ligeiro e translúcido, colocado numa vela processional para proteger a chama e aparar os pingos da cera. É geralmente decorado com motivos religiosos que se tornam visíveis à transparência quando iluminado.”³⁴⁷

Popularmente, na Póvoa de Varzim, designado por «A LANTERNA»* ou «COPO E VELA»*.

Pendão processional – Ver: «Estandarte processional»*

PENDÃO ABATIDO – Grande bandeira – insígnia de confraria ou associação - esguia (armada em verga) inclinada e suportada por várias pessoas, para indicar luto. Todos os estandartes, bandeiras / insígnias em geral e pendões vão inclinados, na horizontal, ou discretamente apoiadas nos ombros, para indicar a dor e o luto no *Enterro do Senhor*.

PROGRAMA – Diz-se que o cortejo tem um “programa” quando os andores, “grupos alegóricos” e “figurado” em geral seguem um esquema que desenvolve o “tema” da procissão. Naturalmente, nas Procissões dos Passos serão as cenas da Paixão de Cristo, numa procissão mariana, será a representação da vida da Virgem ou a alusão simbólica a uma oração, como o “Avé Maria”. É normal no final seguir um grupo alusivo à “apoteose” – ou “glória” – do santo a que é dedicado o cortejo ou da Virgem Maria.

SÍMBOLOS – expressão com que designam os “atributos” ou “símbolos iconográficos” transportados pelo “FIGURADO*” para identificar os santos e outras figuras alegóricas e simbólicas que participam na procissão. Não se usa na região *filácteras* em papel presas nos mantos identificando as personagens, como vemos noutras localidades. Normalmente no início de cada “grupo”, segue um “anjinho” com a cartela* identificando o tema, o reconhecimento de cada personagem individualmente é realizado pelo traje específico e pela encenação.

“UMBELA PROCESSIONAL – “Pálio em forma de guarda-sol levado na procissão em sinal de reverência sobre o Santíssimo Sacramento, o Papa, cardeais, bispos ou

³⁴⁶ Cf. GUEDES, M. N. - *Thesaurus...., Op. cit.*, 2004, p. 137.

³⁴⁷ GUEDES, M. N. - *Thesaurus...., Op. cit.*, 2004, p. 137.

alguns altos dignitários eclesiásticos. A umbela processional é: branca, para o Santíssimo Sacramento; branca ou vermelha, para o Papa; vermelha ou roxa para um cardeal; roxa ou verde, para um bispo; eventualmente, azul para outros altos dignitários eclesiásticos.”³⁴⁸

“VARA DE JUIZ – “Insígnia apresentada pelo juiz que preside a uma festa ou solenidade.”³⁴⁹

“VARA DE MESÁRIO (...) Insígnia apresentada pelos mesários de uma confraria religiosa.”³⁵⁰

“VELA PROCESSIONAL (...) Vela de pequena ou média dimensão levada pelos fiéis na procissão. Segura directamente pela mão, sem castiçal, costuma apresentar um lanterim processional para proteger a chama e aparar os pingos da cera.”³⁵¹

“Vultos da Paixão (...) Painéis rígidos pintados de ambos os lados com iconografia relativa ao ciclo da Paixão de Cristo. Sustentados por haste e, geralmente encimados por uma cruz, são levados nas procissões da Semana Santa pelos irmãos da Misericórdia, confraria religiosa difundida em Portugal e em zonas de influência portuguesa.”³⁵²

³⁴⁸ Cf. GUEDES, M. N. - *Thesaurus....., Op. cit.*, 2004, p. 138.

³⁴⁹ Cf. GUEDES, M. N. - *Thesaurus....., Op. cit.*, 2004, p. 138.

³⁵⁰ Cf. GUEDES, M. N. - *Thesaurus....., Op. cit.*, 2004, p. 138.

³⁵¹ Cf. GUEDES, M. N. - *Thesaurus....., Op. cit.*, 2004, p. 138.

³⁵² Cf. GUEDES, M. N. - *Thesaurus....., Op. cit.*, 2004, p. 138.

6. FONTES E BIBLIOGRAFIAS

6.1. FONTES MANUSCRITAS

Cartório Paroquial de Beiriz

- *Transcrição da Provisão Pastoral* em que o Arcebispo Primaz de Braga proíbe as procissões dos cercos de S. Sebastião em volta das freguesias, in *Livro de Visitas da Paróquia de Santa Eulália de Beiriz*, 1830.

Biblioteca Municipal da Póvoa de Varzim

- *Programas de Grupos Alegóricos das Procissões da Póvoa*, imaginadas pelo Padre José Gonçalves Cascão de Araújo e copiadas por D. Maria da Assunção Ribeiro Martins da Costa, 2 volumes manuscritos encadernados, c. 1939 – 1967.

Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim

- *Livro de Actas das Sessões da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim (1900 – 1950)*. Cota: ADPV (CMPV)
- *Copiador da Correspondência para o Governo Civil (1900, Janeiro, 4 - 1901, Dezembro, 30)*. Cota: ADPV (CMPV / 0662)
 - Janeiro 1900 – Dezembro 1901 (ADPV / 0662)
 - [Existe um intervalo de tempo em que não existe “Copiador” entre 1902 – 1907]
 - Janeiro 1908 – Dezembro 1936 (ADPV / 0663 - a - ADPV / 0677)

Arquivos Particulares:

- Programas manuscritos da “Casa dos Anjos” de Maria Amélia (até 1980) e depois pertencentes a Maria Elisa Novais (de 1980 a 2006)

6.2. FONTES IMPRESSAS

Periódicos:

- «ESTRELLA POVOENSE», Póvoa de Varzim, Redactor principal - J. Baptista Moreira, Publica-se aos Domingos, [1.º Anno – N.º 1 - Domingo 18 de Fevereiro de 1877 - .Define-se em 1895 como «semanário independente», para depois se manifestar a favor do partido regenerador].
Início da pesquisa: «ESTRELLA POVOENSE», Póvoa de Varzim, Editor: Francisco Baptista Carneiro, Publicado aos Domingos, 23.º Ano, N.º 1:212, 7. Janeiro. 1900.
- «O Liberal», (foi, desde a fundação, o órgão do partido progressista local.³⁵³), [Principiou em 07.04.1895] Direct. Amândio Bernardo Pereira, Póvoa de Varzim.
Início da pesquisa: «O Liberal», Amândio Bernardo Pereira, Póvoa de Varzim, Ano 6, 07.Janeiro. 1900.
- «A Praia», Typographia, Praça do Almada, Nº 106; Redacção, Rua da Bandeira, Editor responsável - Bernardino Gomes da Ponte, Póvoa de Varzim, 2.ª Série, Nº 1, 1900.08.02.
- «O Povoense», redacção, administração e Typographia Travessa do Visconde, Nº 7, Póvoa de Varzim, Editor responsável - António José Moreira, Póvoa de Varzim, 1.º Anno, Nº 1, 1900.08.05.
- «O Commercio da Póvoa de Varzim», Póvoa de Varzim, Director António Santos Graça
- «A PÓVOA DE VARZIM. Revista quinzenária e ilustrada, genuinamente patriótica, de usos, costumes e lendas - tradições e actividades poveiras. Genuinamente Patriótica! De Propaganda às Belezas da Póvoa de Varzim», Director: LANDOLT, João Agostinho, Póvoa de Varzim, Proprietário:. João Agostinho Landolt, 1911 - 1917.
- «PÓVOA DE VARZIM. Boletim Cultural», Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1958 – 2005.
- *Almanaques da Póvoa de Varzim*: 1905, 1906, 1912.
- Guias Ilustrados:
 - LIMA, Baptista de - «*Guia Ilustrado da Praia da Póvoa de Varzim. Elucidário para Banhistas e Forasteiros. Propaganda Turística*» (Separata da Corografia Histórica «Terras Portuguesas», 4.º ano, Póvoa de Varzim, Tipografia Camões - Editora - PV. Sob o patrocínio da Câmara Municipal, 1946.

³⁵³ BARBOSA, Fernando - *Periódicos Poveiros*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. 2, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da P.V., 1959, p. 327.

6.3. BIBLIOGRAFIAS

6.3.1. BIBLIOGRAFIA GERAL

- ABREU, Alberto A. - *O Sagrado pelas Ruas - O Figurado das procissões* (Catálogo de exposição), Viana do Castelo, Câmara Municipal de Viana do Castelo, 2002.
- ALMEIDA, Fortunato de - *História da Igreja em Portugal*, (nova edição preparada e dirigida por Damião Peres), vols. 3, Porto, Livraria Civilização, 1968 (II) e 1970 (III).
- ALTET, Xavier Barral I - *Procession*, in *Dictionnaire Critique D' Iconographie Occidentale*, (Collection «Art & Société»), Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2003, pp. 704 - 706.
- AMORIM, Manuel José Gomes da Costa (Mons.) - *A Companhia de Jesus na Póvoa de Varzim*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. 29 (1992), 33 (1996 - 1997) e 37 (2002), Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da P. Varzim, 1992, 1996 - 1997 e 2002.
- AMORIM, Manuel J. G. - *Algumas informações sobre os Cardias*, in «O Comércio da Póvoa de Varzim», Póvoa de Varzim, 1988.09.22, pp. 1 e 9.
- AMORIM, Manuel J. G. - *Os Antigos Paços do Concelho da Póvoa de Varzim*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. XXX, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1993, pp. 15 - 33.
- AMORIM, Manuel J. G. - *O Arciprestado de Vila do Conde - Póvoa de Varzim*, in *Opera Fidei - Obras de Fé num Museu de História* (Catálogo de exposição), Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim / Museu Municipal, 2002 - 2003, pp. 23 - 50.
- AMORIM, Manuel J. G. - *As Delimitações da vila e termo da Póvoa de Varzim no século XVIII* (3 e 4), in «O Comércio da Póvoa de Varzim», Póvoa de Varzim, 1976-10-14 e 21, pp. 1 e 4.
- AMORIM, Manuel J. G. - *Os Cardia, a Semana Santa e a Confraria do S.º Sacramento*, in «O Comércio da Póvoa de Varzim», Póvoa de Varzim, 1988.10.27, pp. 1 e 7.
- AMORIM, Manuel J. G. - *Duzentos e cinquenta anos da vida da freguesia de Sª Eulália de Beiriz (Póvoa de Varzim)*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol.VIII, IX, X e XI, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da P. Varzim, 1969-72, pp. 182-224 (vol.VIII,1969), 123-186 (IX,1970), 61-120 (X, 1971), 133-185 (XI, 1972).
- AMORIM, Manuel J. G. - *A Formação da Póvoa de Varzim*, in «O Comércio da Póvoa de Varzim», Póvoa de Varzim, 2003.03.27, pp. 1 e 2.
- AMORIM, Manuel J. G. - *Freguesia de Argivai (S. Miguel)*, in Roteiro da Exposição: «Argivai – 1 050 anos de História», Roteiro Policopiado, Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim, 1 de Maio a Outubro de 2003.
- AMORIM, Manuel J. G. - *Luís Fernandes, o Primeiro Pároco da Póvoa?*, in «O Comércio da Póvoa de Varzim», Póvoa de Varzim, 2002.10.24, pp. 1 e 2.
- AMORIM, Manuel J. G. - *A Póvoa Antiga - Dois estudos sobre a Póvoa de Varzim, séc. X - XVI*, (Publicação de dois estudos apresentados ao Colóquio «Santos Graça» de Etnografia Marítima realizado de 22 a 24 de Outubro de 1982 na Póvoa de Varzim e publicados, separadamente no III volume de Actas), Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim (colaboração de), 1985 (2.ª edição: 2003).
- AMORIM, Manuel J. G. - *A Tradição das Rosas na Festa da "Hora" em Argivai*, in «Comércio da Póvoa de Varzim», P. de Varzim, 28 . 05. 1971, pp. 1 e 4.
- AMORIM, Pacheco de - *Impressões da Póvoa de Varzim*, in «Guia Ilustrado da Praia da Póvoa de Varzim. Elucidário para Banhistas e Forasteiros. Propaganda», (separata da Corografia Histórica «Terras Portuguesas», 4.º ano, Póvoa de Varzim, Tipografia Camões - Editora - PV. Sob o patrocínio da Câmara Municipal, 1946, pp. 53 - 55.
- AMORIM, Sandra Araújo de - *Vencer o mar, ganhar a terra: construção e ordenamento dos espaços na Póvoa pesqueira e pré-balnear* (Colecção: "Na linha do horizonte - Biblioteca Poveira", n.º 8), Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2004.
- ARANHA, Pedro Venceslau de Brito - *Villa da Povia de Varzim*, in «Archivo Pittoresco», vol. 11º, Tipografia de J. J. Gonçalves Basto, no Largo do Corpo da Guarda, 106 - Porto, 1868, pp. 65 (com gravura: «Villa da Povia de Varzim - Praça do Almada, edificio dos Paço do Concelho, egreja matriz», ass. «PEDROZO»), 156 - 158, 171 - 173, 196 - 198, 231 - 232, 239, 264, 296, 304, 362 - 363, 384.
- AZEVEDO, Carlos Moreira de (Direct.) - *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, 4 vol., Lisboa / Rio de Mouro, Círculo de Leitores SA & Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2000 - 2001.

- AZEVEDO, Carlos Moreira de (Direct.) - *História Religiosa de Portugal*, 3 vol., Lisboa / Rio de Mouro, Círculo de Leitores SA & Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2000 - 2002.
- BARBOSA, Fernando (publicou e prefaciou) (1958) - *O Concelho da Póvoa de Varzim no século XVIII - As Memórias Paroquiais de 1736 e 1758*, Boletim Cultural "PÓVOA DE VARZIM", vol. I, P. Varzim, 1958, pp. 258 -343.
- BARBOSA, Fernando [actualizadas por: AMORIM, Manuel J. G.] - *Correcções e anotações à História local. Actualizadas por M. Amorim*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. XXXIV, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, Póvoa de Varzim, 1998 – 1999, pp. 5 – 70 [o Grupo de Amigos do Museu da Póvoa de Varzim editou uma separata em 1999].
- BARBOSA, Fernando - *Periódicos Poveiros*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. 2, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da P.V., 1959, 308 – 353.
- BARBOSA, Fernando - *A Procissão do Corpo de Deus*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. I, Póvoa de Varzim, Ed. da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1958, pp. 145 - 163.
- BARBOSA, Fernando - *As pestes na Póvoa*, (série de 2 artigos) in «O Comércio da Póvoa de Varzim», Póvoa de Varzim, 1945. 10. 6 e 13.
- BARBOSA, Fernando - *As memórias do P.e Coentrão*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. I, nº 2, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1958, pp. 208 - 220.
- BARBOSA, Jorge – *ANTÓNIO CARDIA*, in, *Toponímia da Póvoa de Varzim*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. XXXI, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal P. de Varzim, 1994, pp. 260 - 262.
- BARBOSA, Jorge - *O Brasão da Póvoa de Varzim (Subsídios para a sua História e Iconografia)*, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1982.
- BARBOSA, Jorge - *Emendas inéditas do P.e José Joaquim Gesteira às suas «Memórias Históricas da Villa da Póvoa de Varzim*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. V, n.º 1, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal Póvoa de Varzim, 1966, pp. 5 - 17.
- BARBOSA, Jorge - *O Escultor João d' Affonseca Lapa -Villa do Conde (13.Março.1841) / Rio de Janeiro (26.Agosto.1933) / Sua vida e sua obra*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. XXVIII, nº 1, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal P. de Varzim, 1991, pp. 15 - 115.
- BARBOSA, Jorge - *Exposição de Arte Sacra e Mostra Filatélica - Comemorativas do Bicentenário da Devoção à Senhora das Dores*, Póvoa de Varzim, 1970.
- BARBOSA, Jorge - *A Ida ao Anjo na Segunda-feira de Páscoa*, in «Póvoa Semanário», Póvoa de Varzim, 2000.04.20 e 2000.04.20, pp. 10 e 11, & 18 e 19.
- BARBOSA, Jorge - *Toponímia da Póvoa de Varzim*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. VI (1967) a vol. XXXIII (1996-97), Póvoa de Varzim, Câmara Municipal P. de Varzim, 1967- 1997, pp. 161- 208 (vol. VI), a 247 - 295 (vol. XXXIII).
- [– *“FACHO (LUGAR DO)”*, *Toponímia da Póvoa de Varzim*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. XI, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da P. de Varzim, 1972, pp. 64 - 65.
- *PADRE JOSÉ CASCÃO*, in, *Toponímia da Póvoa de Varzim*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. XXVIII, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal P. de Varzim, 1991, pp. 185 - 187. Etc.]
- BARBOSA, Viriato - *Bibliografia da Póvoa de Varzim e seu Concelho*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. VII, n.º 2, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal Póvoa de Varzim, 1968, pp. 161 - 190.
- BARBOSA, Viriato - *A Póvoa de Varzim. Ensaio da história desta vila* (1.ª edição: 1937), Póvoa de Varzim, ed. do autor, 1972 (2ª ed. melhorada), pp. 165 - 178.
- CALAFATE, Vasques, et. al. - *Portugal Económico Monumental e Artístico. Fascículo XLVI. Concelho e vila de Póvoa de Varzim*, Lisboa, Editorial Lusitana (em organização), 1940, p. 255.
- CALAFATE, Vasques - *Uma tradição poveira*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. I, Póvoa de Varzim, Ed. da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1958, pp. 121 – 126 [publicado no «Comércio do Porto», 28.08.1942].
- CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM / SERVIÇO DE TURISMO DA PÓVOA DE VARZIM - *Circuitos Turísticos. Póvoa Cidade. Póvoa Concelho* (Ilustrações do Arquitecto Rui Calafate), Póvoa de Varzim, s/ data, s/ pág.
- CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM / SERVIÇO DE TURISMO DA PÓVOA DE VARZIM - *Roteiro Turístico. Póvoa de Varzim. Um Novo Olhar*, (14ª edição), Leça do Balio, Infotur, 2000.
- CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM - *Relatório da Gerência de 1944. Plano de actividade para 1945*, Edição da Câmara Municipal, 1945, p. 53. [AMPV: CMPV/0260]
- CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM – *Relatório da Gerência de 1945. Plano de actividade para 1946*, Edição da Câmara Municipal, 1946, pp. 59 - 60. [AMPV: CMPV/ 0261]

- CARDOSO, Fonseca - *O Poveiro - Estudo Antropológico dos Pescadores da Póvoa de Varzim*, in «Portugalia», vol. 2, Porto, 1908, pp. 517- 539;
- CARDOSO, Luís [Pe.] (dirigiu o questionário em 1758) - *Diccionario Geographico de Portugal / ou: Memórias Paroquiais de 1758 / ou: Índice das Cidades, Villas & Parochias de Portugal* conteadas nos 43 volumes manuscriptos do Diccionario Geographico existente na Biblioteca da Senhora das Necessidades, Lisboa, 1758 / 1832 (arranjo, como Dicionário e encadernação). [BARBOSA, Fernando (publicou e prefaciou) (1958) - *O Concelho da Póvoa de Varzim no século XVIII - As Memórias Paroquiais de 1736 e 1758*, «Boletim Cultural. PÓVOA DE VARZIM», vol. I, P. Varzim, 1958, pp. 258 -343.]
- CARNEIRO, Deolinda Maria Veloso & GOMES, José Manuel Flores (Coord.) - *Opera Fidei - Obras de Fé num Museu de História. Arte Sacra do Arciprestado de Vila do Conde - Póvoa de Varzim* (Catálogo de exposição), Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim / Museu Municipal, 2002 - 2003.
- CARNEIRO, Deolinda Maria Veloso - *Património Artístico e Arquitectónico da Póvoa de Varzim - do século IX a inícios do século XX*, in *Opera Fidei - Obras de Fé num Museu de História. Arte Sacra do Arciprestado de Vila do Conde - Póvoa de Varzim* (Catálogo de exposição), Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim / Museu Municipal, 2002 - 2003, pp. 71 - 108.
- CASTRO, Luís Cyrne de - *A Procissão do Corpo de Deus em Viana do Castelo (algumas notas)*, in «Cadernos Vianenses», vol. III, Viana do Castelo, 1979 (Dez.), pp. 76 - 84.
- Centro de estudos de História da Cultura / História das Ideias / FCSHUNL - *Piedade Popular. Sociabilidades - Representações - Espiritualidades*, Actas do Colóquio Internacional, Lisboa, Ed. Terramar / Centro de estudos de História da Cultura / História das Ideias / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSHUNL), 1999.
- CHORÃO, Maria José Mexia Bigotte - *Inquéritos Promovidos pela Coroa no Século XVIII*, in «Revista de História Económica e Social», n.º 5, 21 Set. - Dez., Lisboa, 1987, pp. 93 - 130.
- COELHO, António (Dom, O. S. B.) - *Curso de Liturgia Romana*, 2 vols. [vol. I: *Liturgia Fundamental- Liturgia Laudativa. Liturgia Sacramental*, 1941 / vol. II: *Liturgia Sacrificial*, 1943] - (Nova edição revista e actualizada por J. P. de Carvalho, O. S. B.), Ed. Mosteiro de Singeverga - Negrelos, Braga (depósito), 1941- 1943.
- COSTA, António Carvalho da (Pe.) - *Corografia Portuguesa e Descripção Topographica do Famoso Reyno de Portugal, com as Noticias das fundações das Cidades, Villas, & Lugares, que contém; Varões illustres, Genealogias das Familias nobres, fundações de Conventos, Catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*, Lisboa, Officina de Valentim da Costa Deslandes (Impressor de Sua Magestade), 1706 (vol. I), p. 409.
- COSTA, Avelino de Jesus da - *O Bispo D. Pedro e a Organização da Diocese de Braga*, 2 vols., Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1959 [2.ª edição refundida e ampliada: 1997].
- COSTA, Joaquim Martins da - *Irmandades e Confrarias da Póvoa de Varzim*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. XVII, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1978, pp. 33 - 67.
- COSTA, Joaquim Martins - *As Procissões na Póvoa de Varzim*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. XVII e XVIII, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1978, pp. 163 - 210; 1979, 165 - 223.
- COSTA, Joaquim Martins da Costa – *As Procissões que a Irmandade da Santa Casa da Misericórdia organizava em tempos idos e organiza em nossos dias*, in «Companha», Santa Casa da Misericórdia, Póvoa de Varzim, n.º 4 (Maio) e n.º 5 (Outubro), 1994.
- COUTO, Luís de Sousa (Pe.) - *Origem das Procissões da Cidade do Porto* (Col.: Documentos e Memórias para a História do Porto - I) [Transcreve manuscrito datado de 1832], Porto, Câmara Mun.do Porto/ Gabinete de História da Cidade, 1832 [data do Manuscrito] - 1936.
- DIAS, Geraldo José Amadeu Coelho; AMORIM, Inês; OSSWALD, Helena; POLÓNIA, Amélia; LOUPÈS, Philipe; et. al. - *Em Torno dos Espaços religiosos - Monásticos e Eclesiásticos. Actas do Colóquio de Homenagem a Frei Geraldo Coelho Dias*, Porto, Instituto de História Moderna - Universidade do Porto, 2005.
- DIAS, Geraldo José Amadeu Coelho – *O Mar e os Portos como catalizadores de religiosidade. Actas: O Litoral em Perspectiva Histórica. Sécs. XVI a XVIII*, Porto, Instituto de História Moderna da Universidade do Porto, 2005.
- DIAS, Geraldo José Amadeu Coelho - «O Património Religioso Português», in *As Formas do Espírito. Arte Sacra da Diocese de Beja* (Roteiro da Exposição), Beja, Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja, 2003, pp. 47 - 59.
- DIAS, Geraldo José Amadeu Coelho - *Religião e Simbólica. O sonho da escada de Jacob*, Porto, Granito, Editores e Livreiros, Lda, 2001.

- DIONÍSIO, Paula Carolina Ramos - *A Santa Casa da Misericórdia da Póvoa de Varzim. Assistência e caridade numa vila piscatória (1756 - 1806)*, Dissertação de Mestrado em História Moderna apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, policopiada, Porto, 2000.
- DIRECÇÃO GERAL DOS EDIFÍCIOS E MONUMENTOS NACIONAIS – *Inventário do Património Arquitectónico*, Número IPA: 1313010016, Páginas na Internet, 2001.
- FARIA, Bernardino - *A Semana Santa*, in «A Póvoa de Varzim. Revista Genuinamente Patriótica! De Propaganda às Belezas da Póvoa de Varzim», 3.º Ano, Abril - 3, Póvoa de Varzim, João Agostinho Landolt, 1914, (não tem indicação do n.º de página, ou qualquer tipo de paginação).
- FILGUEIRAS, Octávio Lixa - *O Barco Poveiro*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. III e IV, Póvoa de Varzim, Ed. da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1964 – 1965, pp. 272 - 304 (1964) e pp. 46 – 143 (1965).
- GESTEIRA, José Joaquim Martins - *Memorias Historicas da Villa da Povia de Varzim, pelo presbytero José Joaquim Martins Gesteira*, Porto, Tipografia de J. J. Gonçalves Basto, no Largo do Corpo da Guarda, 106 - Porto, 1851 / 2. [GESTEIRA, José Joaquim Martins - *Memorias Historicas da Villa da Povia de Varzim, escriptas em 1851 pelo Padre José Gesteira*, 2.ª edição [1851 - 1.ª ed.], Póvoa de Varzim, Tipografia Landolt, 1907.]
- GONÇALVES, Flávio - *Um templo desaparecido: a antiga Igreja Matriz (depois igreja da Misericórdia)*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. III, n.º 2, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da P.V., 1964, pp. 201- 266.
- GOUVEIA, António Camões - *Procissões*, in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. 4 (P-V), Lisboa / Rio de Mouro, Círculo de Leitores SA & Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2001, pp. 67 - 72.
- GUEDES, Maria Natália Correia - *500 Anos das Misericórdias Portuguesas. Solidariedade de Geração em Geração* (Catálogo de exposição - Mosteiro de Santa Mónica), Lisboa, Comissão para as Comemorações dos 500 anos das Misericórdias, 2000.
- GUEDES, Maria Natália Correia (Planeam. e coord.) - *Thesaurus. Vocabulário de Objectos do Culto Católico*, Vila Viçosa, Fundação Casa de Bragança, 2004.
- GRAÇA, António Santos - *Epopéia dos Humildes (Para a História Trágico- Marítima dos Poveiros)*, Póvoa de Varzim, 1952.
- GRAÇA, António Santos - *O Poveiro. Usos, costumes, tradições e lendas*, 3ª ed. (ampliada com documentação fotográfica. 1ª ed.: 1932), Lisboa, Publ. Dom Quixote, 1992.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA – “*Andas*” e “*Andor*”, in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 2, Lisboa / Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, Lda, s.d., vol. XXIII, pp. 514 - 516 e 521.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA - “*Procissão*”, in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 23, Lisboa / Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, Lda, s.d., vol. XXIII, pp. 324 – 326.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA – “*Triunfo*”, in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 2, Lisboa / Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, Lda, s.d., vol. XXXIII, pp. 12 - 17.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA - “*FONTES PEREIRA DE MELO (António Maria de)*”, “*PROGRESSISTA*”, “*REGENERAÇÃO*” e “*REGENERADOR*”, in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XI, XXIII, e XXIV, Lisboa / Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, Lda, s.d., pp. 598 - 602 (vol. XI) e 380 - 381 (vol. XXIII), e pp. 781 - 784 (XXIV).
- GUEDES, Maria Natália Correia (coord.) - *Thesaurus. Vocabulário de Objectos do Culto Católico*, Vila Viçosa, Fundação Casa de Bragança, 2004.
- LANDOLT, Candido Augusto (ed.) - *Grande Festividade e Pomposa Procissão de Nossa Senhora da Assunção na Villa da Povia de Varzim nos dias 14 e 15 de Agosto de 1889* (cartaz) in «A Independencia», 1889 - 08 - 11, Póvoa de Varzim, Typ. d' A Independencia, 1889 - 08 - 11.
- LANDOLT, Candido Augusto - *O meu Panteon - Onde se acham os homens que mais engrandeceram a vila e o concelho da Póvoa de varzim*, Póvoa de Varzim, Tipografia Landolt, 1912.
- LANDOLT, Candido - *Movimento Social da Povia. O Comboio da Povia*, in Revista «A "Povia de Varzim"», 1.º Ano, n.º 18, 2.ª Quinzena de Junho, Póvoa de Varzim, Dir. propr. e edit. - João Agostinho Landolt, 1912, p. 1.
- LANDOLT, Candido A. (ed.) - *Nossa Senhora da Assumpção*, in «A Independencia», 1889 - 08-18, Póvoa de Varzim, Candido A. Landolt (ed.), 1889 - 08 - 18.
- LANDOLT, Candido Augusto - *A Póvoa Linda (Lendas e Tradições Regionais)*, Póvoa de Varzim, “Propaganda”, 1914, pp. 73 - 77 e 149 - 153.
- LANDOLT, João Agostinho (direct.)- *Uma Procissão que não sae. A Senhora d' Assumpção*, in Revista «A "Povia de Varzim"», 1.º ano, n.º 21, Póvoa de Varzim, Dir. propr. e edit. - João Agostinho Landolt,

- 1912, (p. 1 - rosto e seguintes).
- LANDOLT, João Agostinho - *Rocha Peixoto*, in "O Meu Panteon. Onde se acham os homens que mais engrandeceram a vila e o concelho da Póvoa de Varzim" (Separata da Revista «A Póvoa de Varzim»), Póvoa de Varzim, Tipografia Landolt, 1912, pp. 27 – 30.
- LEAL, Francisco Félix Henriques da Veiga (1758) - *Notícia da Póvoa de Varzim, feita a 24 de Mayo de 1758* (em resposta ao Inquérito dirigido pelo P.e Luís Cardoso, em 1758.) [ANJO, José António Alves (1759-1838) transcreveu-a; BARBOSA, Fernando (publicou e prefaciou) (1958) - O Concelho da Póvoa de Varzim no século XVIII - As Memórias Paroquiais de 1736 e 1758. Boletim Cultural, «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. I, Póvoa de Varzim, 1958, pp. (258-343) 305-340.]
- LELLO & IRMÃO (Livraria) - *Lello Universal. Dicionário Enciclopédico Luso-brasileiro* (2 volumes), Porto, Lello & Irmão Editores, 1979.
- LIMA, Baptista de - *Guia Ilustrado da Praia da Póvoa de Varzim. Elucidário para Banhistas e Forasteiros. Propaganda Turística* (separata da Corografia Histórica «Terras Portuguesas»), 4.º ano, Póvoa de Varzim, Tipografia Camões - Editora - PV., Sob o patrocínio da Câmara Municipal, 1946.
- LIMA, José da Silva - "Festas", in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. 2 (C-I), Lisboa / Rio de Mouro, Círculo de Leitores SA & Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2001, pp. 251 - 263.
- LOPES, Dinis da Silva - *Monografia da freguesia de São Miguel de Laundos. Póvoa de Varzim* (1.ª edição: «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», 1981- 1984, 2.ª edição: 1985), 3.ª edição, revista e aumentada, Póvoa de Varzim, (Colecção: "Na linha do Horizonte - Biblioteca Poveira, n.º 11), Editora: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2005.
- LOPES, Manuel - *Origem, tradição e Percurso das Festas de S. Pedro*, in «O Comércio da Póvoa de Varzim», Póvoa de Varzim, Junho, 1989, pp. 1, 8 e 9.
- MARQUES, João Francisco - *António dos Santos Graça (1882 - 1956) - Coração Poveiro*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. 38, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da P. de Varzim, 2003, pp. 5 - 184.
- MARQUES, José - *Os Forais da Póvoa de Varzim e Rates* (Edição fac-similada, com introdução, transcrição e notas), Póvoa de Varzim, Edição da Câmara Municipal, 1991.
- MARQUES, Mário César (introd. e notas) [ou CÉSAR, Mário] - *Inquérito às Paróquias do Concelho da Póvoa de Varzim em 1845*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. X, Póvoa de Varzim, ed. da Câmara Municipal da P. de Varzim, 1971, pp. 199 - 237.
- MARQUES, Mário César (introd. e notas) [ou CÉSAR, Mário] - *Visita de 1825 a paróquias hoje integradas no concelho da Póvoa de Varzim*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural» vol. XII, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da P. de Varzim, 1973, p. 181-199.
- MARTIMORT, A. G. - *A Igreja em Oração - Introdução à Liturgia*, Barcelos, Edições Ora & Labora e Desclé & Cie. (Tournai), 1965.
- MATTOS, R. Pinto de [ou MATOS, A.] - *Memoria Historica e descriptiva da Ordem Terceira de S. Francisco no Porto com as vidas dos Santos cujas imagens costumam ser conduzidas na sua Procissão de Cinza*, Porto, (Typographia Occidental), 1880.
- MIRANDA, Marta - *Vila do Conde* (Colecção "Cidades e Vilas de Portugal"), Lisboa, Editorial Presença, © 1998.
- NORBERG-SCHULZ, Christian - *Genius Loci. Towards a phenomenology of architecture*, New York, Rizzoli, 1979 ©.
- OLIVEIRA, Alípio da Silva - *A "Casa dos Poveiros" do Rio de Janeiro*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. III, Póvoa de Varzim, Ed. da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1964, pp. 267 - 271.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de - *Festividades Cíclicas em Portugal*, (Col. "Portugal de Perto", n.º 20), Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1984.
- ORTIGÃO, Ramalho - *As Praias de Portugal* (col. Obras Completas de Ramalho Ortigão), Lisboa, Livraria Clássica Editores, (1876 - 1.ª ed.) s.d.
- PEIXOTO, Rocha - *Ethnographia Portugueza. Illuminação Popular*, in «Portugalia», vol. II, n.º 1, Porto, 1905-1906, pp. 35- 48.
- PEREIRA, B. - *O Santo André*, in «A "Póvoa de Varzim"», Revista quinzenal, 1.º Anno, n.º 4, 2.ª Quinzena de Novembro, Póvoa de Varzim, Director e Editor João Agostinho Landolt, 1911, p. 5 (não tem indicação do n.º de página).
- PEREIRA, B. - *A Póvoa de Varzim como Estação Balnear Marítima*, in «A "Póvoa de Varzim"», Revista quinzenal, 1.º Anno, n.º 5, 1.ª Quinzena de Dezembro, Póvoa de Varzim, Director e Editor João Agostinho Landolt, 1911, p. 5 (não tem n.º de página).
- PEREIRA, Benjamim Enes - *Bibliografia Analítica de Etnografia Portuguesa*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura. Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, 1965.
- PEREIRA, José Esteves; LEROU, Paule; COSTA, Rui Afonso - *Piedade Popular em Portugal*, vol. II - Nordeste

- Centro - Norte, Lisboa, Edições Távola Redonda, 1998.
- PONTES, J. M. da Cruz - *O pescador poveiro na literatura do mar*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», Póvoa de Varzim, Ed. da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, vol. VIII, 1969, pp. 5 - 38.
- RODRIGUES, Leandro [Rev.º Dr.] - *Notícia do Doutor Leandro Rodrigues* - em resposta ao Inquérito enviado pelo Padre Luís Cardoso, destinado ao: *Dicionário Geográfico*, 1747, c. 1736 (posterior a 1732 e anterior a 1747). [ANJO, José A. Alves transcreveu-a. BARBOSA, Fernando (publicou e prefaciou) - *O Concelho da Póvoa de Varzim no século XVIII - As Memórias Paroquiais de 1736 e 1758*, in «PÓVOA DE VARZIM. Boletim Cultural», I, 1958, pp. (258-343) 270-281 (com preâmbulo e notas de Manuel Silva).]
- RAMOS, Rui [MATTOSO, José (Direc.)] - *História de Portugal. A Segunda Fundação (1890 - 1926)*, vol. 6, Ed. Círculo de Leitores, 1994.
- ROSAS, Fernando [MATTOSO, José (Direc.)] - *História de Portugal. O Estado Novo (1926 - 1974)*, vol. 7, Ed. Círculo de Leitores, 1994.
- ROSA, Maria de Lourdes (cronologia); FERREIRA, José Medeiros [MATTOSO, José (Direc.)] - *História de Portugal. Portugal em Transe (1974 - 1985)*, vol. 8, Ed. Círculo de Leitores, 1994.
- SANTOS, A. Monteiro dos - *Procissão de Corpus Christi. A fé e a arte lado a lado*, in «Vila do Conde», Junho, 1997, Vila do Conde, Páginas Verdes. Edições e Publicidade Escrita, Lda., 1997, pp. 6 - 8.
- SILVA, Manuel - *A Evolução de um Município*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. I, n.º 2 [capítulos inéditos de um estudo por concluir publicado na «Revista de História», 1917 a 1922], Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da P.V., 1958, pp. 11 - 32.
- SILVA, Manuel - *A História Local*, in «A Voz da Póvoa» [publicado in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. I, n.º 2, 1958, pp. 202 - 203.], Póvoa de Varzim, 1938. 4. 29.
- SILVA, Manuel - *Monografias Poveiras*, in «A Voz da Póvoa» [publicado in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. I, n.º 2, 1958, pp. 204 - 207], Póvoa de Varzim, 1938. 05.19 e 1938.06.23.
- SILVA, Manuel Arantes da (Frei) - *A Festa e as Festas na Bíblia e na Vida*, in «Bíblica. Série científica», ano III, Novembro, 1995, n.º 4, Lisboa, Difusora Bíblica, 1995, pp. 1 - 6.
- SOARES, A. Franquelim S. Neiva - *Divino Salvador de Nabais*, sep. de «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1987.
- SOARES, Franquelim Neiva - *Cataclismos, Medo e Piedade. Votos e clamores na arquidiocese de Braga (1550-1900)*, in *Piedade Popular. Sociabilidades - Representações - Espiritualidades*, Actas do Colóquio Internacional, Lisboa, Ed.Terramar / Centro de estudos de História da Cultura / História das Ideias / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSHUNL), 1999.
- TEIXEIRA, Luís Manuel, 1985 - *Dicionário Ilustrado de Belas-Artes*, Lisboa, Ed. Presença, 1985.
- VASCONCÉLLOZ, António Garcia Ribeiro de - *Compendio de Liturgia Romana (para uso dos candidatos ao Sacerdócio)*, 2 vol., Coimbra, Imprensa da Universidade, 1898 - 1900 (imp.).
- VASCONCELOS, João (texto) et al. - *O Tempo da festa* (Catálogo de exposição), Porto, CRAT - Centro regional de Artes Tradicionais, 1997.
- VIEIRA, José Augusto - *O Minho Pittoresco*, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira - Editor, 1887, vol. II, pp. 215- 259.
- YÁNEZ NEIRA, Mª Damián (Fr.) - *Nuestra Señora de Lapa, en Póvoa de Varzim (Portugal)*, (Santuários Marianos), in «Miriam», 1994 (Nov.-Dec.), Espanha, 1994, pp. 217- 219.

6.3.2. BIBLIOGRAFIAS – TEMÁTICAS:

6.3.2.1. HISTÓRIA DA IGREJA, LITURGIA, ARTE E ANTROPOLOGIA

- ALMEIDA, Fortunato de - *História da Igreja em Portugal*, (nova edição preparada e dirigida por Damião Peres), vols. 3, Porto, Livraria Civilização, 1968 (II) e 1970 (III).
- AZEVEDO, Carlos Moreira de (Direct.) - *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, 4 vol., Lisboa / Rio de Mouro, Círculo de Leitores SA & Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2000 - 2001.
- AZEVEDO, Carlos Moreira de (Direct.) - *História Religiosa de Portugal*, 3 vol., Lisboa / Rio de Mouro, Círculo de Leitores SA & Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2000 - 2002.
- CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA DA CULTURA / HISTÓRIA DAS IDEIAS / FCSHUNL - *Piedade Popular. Sociabilidades - Representações - Espiritualidades*, Actas do Colóquio Internacional, Lisboa, Ed. Terramar / Centro de estudos de História da Cultura / História das Ideias / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSHUNL), 1999.
- CHORÃO, Maria José Mexia Bigotte - *Inquéritos Promovidos pela Coroa no Século XVIII*, in «Revista de História Económica e Social», n.º 5, 21 Set. - Dez., Lisboa, 1987, pp. 93 - 130.
- COELHO, António (Dom, O. S. B.) - *Curso de Liturgia Romana*, 2 vols. [vol. I: *Liturgia Fundamental- Liturgia Laudativa. Liturgia Sacramental*, 1941 / vol. II: *Liturgia Sacrificial*, 1943] - (Nova edição revista e actualizada por J. P. de Carvalho, O. S. B.), Ed. Mosteiro de Singeverga - Negrelos, Braga (depósito), 1941- 1943.
- DIAS, Geraldo José Amadeu Coelho; AMORIM, Inês; OSSWALD, Helena; POLÓNIA, Amélia; LOUPÈS, Philipe; et. al. - *Em Torno dos Espaços religiosos - Monásticos e Eclesiásticos. Actas do Colóquio de Homenagem a Frei Geraldo Coelho Dias*, Porto, Instituto de História Moderna - Universidade do Porto, 2005.
- DIAS, Geraldo José Amadeu Coelho – *O Mar e os Portos como catalizadores de religiosidade. Actas: O Litoral em Perspectiva Histórica. Sécs. XVI a XVIII*, Porto, Instituto de História Moderna da Universidade do Porto, 2005.
- DIAS, Geraldo José Amadeu Coelho - “O Património Religioso Português”, in *As Formas do Espírito. Arte Sacra da Diocese de Beja* (Roteiro da Exposição), Beja, Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja, 2003, pp. 47 - 59.
- DIAS, Geraldo José Amadeu Coelho - *Religião e Simbólica. O sonho da escada de Jacob*, Porto, Granito, Editores e Livreiros, Lda, 2001.
- DIRECÇÃO GERAL DOS EDIFÍCIOS E MONUMENTOS NACIONAIS – *Inventário do Património Arquitectónico*, Número IPA: 1313010016, Páginas na Internet, 2001.
- LELLO & Irmão (Livraria) - *Lello Universal. Dicionário Enciclopédico Luso-brasileiro* (2 volumes), Porto, Lello & Irmão Editores, 1979.
- MARTIMORT, A. G. - *A Igreja em Oração - Introdução à Liturgia*, Barcelos, Edições Ora & Labora e Desclé & Cie. (Tournai), 1965.
- NORBERG-SCHULZ, Christian - *Genius Loci. Towards a phenomenology of architecture*, New York, Rizzoli, 1979 ©.
- RAMOS, Rui [MATTOSO, José (Direc.)] - *História de Portugal. A Segunda Fundação (1890 - 1926)*, vol. 6, Ed. Círculo de Leitores, 1994.
- ROSAS, Fernando [MATTOSO, José (Direc.)] - *História de Portugal. O Estado Novo (1926 - 1974)*, vol. 7, Ed. Círculo de Leitores, 1994.
- VASCONCÉLLOZ, António Garcia Ribeiro de - *Compendio de Liturgia Romana (para uso dos candidatos ao Sacerdócio)*, 2 vol., Coimbra, Imprensa da Universidade, 1898 - 1900 (imp.).
- GUEDES, Maria Natália Correia - *500 Anos das Misericórdias Portuguesas. Solidariedade de Geração em Geração* (Catálogo de exposição - Mosteiro de Santa Mónica), Lisboa, Comissão para as Comemorações dos 500 anos das Misericórdias, 2000.
- GUEDES, Maria Natália Correia (Planeam. e coord.) - *Thesaurus. Vocabulário de Objectos do Culto Católico*, Vila Viçosa, Fundação Casa de Bragança, 2004.

6.3.2.2. PROCISSÕES (ASPECTOS GERAIS)

- ABREU, Alberto A. - *O Sagrado pelas Ruas - O Figurado das procissões* (Catálogo de exposição), Viana do Castelo, Câmara Municipal de Viana do Castelo, 2002.
- ALTET, Xavier Barral I - *Procession*, in *Dictionnaire Critique D' Iconographie Occidentale*, (Collection «Art & Société»), Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2003, pp. 704 - 706.
- CASTRO, Luís Cyrne de - *A Procissão do Corpo de Deus em Viana do Castelo (algumas notas)*, in «Cadernos Vianenses», vol. III, Viana do Castelo, 1979 (Dez.), pp. 76 - 84.
- COUTO, Luís de Sousa (Pe.) - *Origem das Procissões da Cidade do Porto* (Col.: Documentos e Memórias para a História do Porto - I) [Transcreve manuscrito datado de 1832], Porto, Câmara Mun.do Porto/ Gabinete de História da Cidade, 1832 [data do Manuscrito] - 1936.
- GOUVEIA, António Camões - *Procissões*, in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. 4 (P-V), Lisboa / Rio de Mouro, Círculo de Leitores SA & Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2001, pp. 67 - 72.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA – *Andas e Andor*, in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 2, Lisboa / Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, Lda, s.d., vol. XXIII, pp. 514 - 516 e 521.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA - *Procissão*, in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 23, Lisboa / Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, Lda, s.d., vol. XXIII, pp. 324 – 326.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA - *Triunfo*, in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 2, Lisboa / Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, Lda, s.d., vol. XXXIII, pp. 12 - 17.
- LIMA, José da Silva - "Festas", in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. 2 (C-I), Lisboa / Rio de Mouro, Círculo de Leitores SA & Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2001, pp. 251 - 263.
- MATTOS, R. Pinto de [ou MATOS, A.] - *Memoria Historica e descriptiva da Ordem Terceira de S. Francisco no Porto com as vidas dos Santos cujas imagens costumam ser conduzidas na sua Procissão de Cinza*, Porto, (Typographia Occidental), 1880.
- MIRANDA, Marta - *Vila do Conde* (Coleção "Cidades e Vilas de Portugal"), Lisboa, Editorial Presença, © 1998.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de – *Festividades Cíclicas em Portugal*, (Col. "Portugal de Perto", n.º 20), Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1984.
- PEREIRA, José Esteves; LEROU, Paule; COSTA, Rui Afonso - *Piedade Popular em Portugal*, vol. II - *Nordeste Centro - Norte*, Lisboa, Edições Távola Redonda, 1998.
- SANTOS, A. Monteiro dos - *Procissão de Corpus Christi. A fé e a arte lado a lado*, in «Vila do Conde», Junho, 1997, Vila do Conde, Páginas Verdes. Edições e Publicidade Escrita, Lda., 1997, pp. 6 - 8.
- SILVA, Manuel Arantes da (Frei) - *A Festa e as Festas na Bíblia e na Vida*, in «Bíblica. Série científica», ano III, Novembro, 1995, n.º 4, Lisboa, Difusora Bíblica, 1995, pp. 1 - 6.
- SOARES, Franquelim Neiva - *Cataclismos, Medo e Piedade. Votos e clamores na arquidiocese de Braga (1550-1900)*, in *Piedade Popular. Sociabilidades - Representações - Espiritualidades*, Actas do Colóquio Internacional, Lisboa, Ed.Terramar / Centro de estudos de História da Cultura / História das Ideias / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSHUNL), 1999.
- VASCONCELOS, João (texto) et al. - *O Tempo da festa* (Catálogo de exposição), Porto, CRAT - Centro regional de Artes Tradicionais, 1997.

6.3.2.3. HISTÓRIA E ARTE NA PÓVOA DE VARZIM

- AMORIM, Manuel J. G. - *A Companhia de Jesus na Póvoa de Varzim*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. 29 (1992), 33 (1996 - 1997) e 37 (2002), Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da P. Varzim, 1992, 1996 - 1997 e 2002.
- AMORIM, Manuel J. G. - *Os Antigos Paços do Concelho da Póvoa de Varzim*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. XXX, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1993, pp. 15 - 33.
- AMORIM, Manuel J. G. (Mons.) - *O Arciprestado de Vila do Conde - Póvoa de Varzim*, in *Opera Fidei - Obras de Fé num Museu de História (Catálogo de exposição)*, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim / Museu Municipal, 2002 - 2003, pp. 23 - 50.
- AMORIM, Manuel J. G. - *A Formação da Póvoa de Varzim*, in «O Comércio da Póvoa de Varzim», Póvoa de Varzim, 2003.03.27, pp. 1 e 2.
- AMORIM, Manuel J. G. - *Luís Fernandes, o Primeiro Pároco da Póvoa?*, in «O Comércio da Póvoa de Varzim», Póvoa de Varzim, 2002.10.24, pp. 1 e 2.
- AMORIM, Manuel J. G. - *A Póvoa Antiga - Dois estudos sobre a Póvoa de Varzim, séc. X - XVI*, (Publicação de dois estudos apresentados ao Colóquio "Santos Graça" de Etnografia Marítima realizado de 22 a 24 de Outubro de 1982 na Póvoa de Varzim e publicados, separadamente no III volume de Actas), Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim (colaboração de), 1985 (2.ª edição: 2003).
- AMORIM, Manuel J. G. - *As delimitações da vila e termo da Póvoa de Varzim no século XVIII (4)*, in "O Comércio da Póvoa de Varzim", Póvoa de Varzim, 1976 -10-21, pp. 1 e 4.
- AMORIM, Sandra Araújo de - *Vencer o mar, ganhar a terra: construção e ordenamento dos espaços na Póvoa pesqueira e pré-balnear* (Colecção: "Na linha do horizonte - Biblioteca Poveira", n.º 8), Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2004.
- ARANHA, Pedro Venceslau de Brito - *Villa da Povo de Varzim*, in «Archivo Pittoresco», vol. 11º, Tipografia de J. J. Gonçalves Basto, no Largo do Corpo da Guarda, 106 - Porto, 1868, pp. 65 (com gravura: "Villa da Povo de Varzim - Praça do Almada, edifício dos Paço do Concelho, igreja matriz", ass. "PEDROZO"), 156 - 158, 171 - 173, 196 - 198, 231 - 232, 239, 264, 296, 304, 362 - 363, 384.
- ARANHA, Pedro Wenceslau de Brito - *Memorias Historico-Estatisticas de Algumas Villas e Povoações de Portugal. Povo de Varzim - Lousã - Marinha Grande - Peso da Regoa - Mossamedes - Vista-Alegre*, 2ª ed., Lisboa, Livraria de A. M. Pereira, Editor, 1883 [1881 - 1.ª edição], pp. 3 - 75.
- BARBOSA, Fernando (publicou e prefaciou) (1958) - *O Concelho da Póvoa de Varzim no século XVIII - As Memórias Paroquiais de 1736 e 1758*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. I, P. Varzim, 1958, pp. 288-290.
- BARBOSA, Fernando [actualizadas por: AMORIM, Manuel J. G.] - *Correcções e anotações à História local. Actualizadas por M. Amorim*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. XXXIV, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, Póvoa de Varzim, 1998 - 1999, pp. 5 - 70 [o Grupo de Amigos do Museu da Póvoa de Varzim editou uma separata em 1999].
- BARBOSA, Fernando - *Periódicos Poveiros*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. 2, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da P.V., 1959, 308 - 353. [[repetido em: Recolhas bibliográficas]].
- BARBOSA, Jorge - *O Brasão da Póvoa de Varzim (Subsídios para a sua História e Iconografia)*, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1982.
- BARBOSA, Jorge - *Emendas inéditas do P.e José Joaquim Gesteira às suas «Memorias Historicas da Villa da Povo de Varzim*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. V, n.º 1, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal Póvoa de Varzim, 1966, pp. 5 - 17.
- BARBOSA, Jorge - *O escultor João d' Affonseca Lapa -Villa do Conde (13.Março.1841) / Rio de Janeiro (26.Agosto.1933) / Sua vida e sua obra*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. XXVIII, nº 1, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal P. de Varzim, 1991, pp. 15 - 115.
- BARBOSA, Viriato - *Bibliografia da Póvoa de Varzim e seu Concelho*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. VII, n.º 2, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal Póvoa de Varzim, 1968, pp. 161 - 190 [Repetido em: Recolhas Bibliográficas].
- BARBOSA, Viriato - *A Póvoa de Varzim. Ensaio da história desta vila* (1.ª edição: 1937), Póvoa de Varzim, ed. do autor, 1972 (2ª ed. melhorada).
- CALAFATE, Vasques, et. al. - *Portugal Económico Monumental e Artístico. Fascículo XLVI. Concelho e vila de Póvoa de Varzim*, Lisboa, Editorial Lusitana (em organização), 1940, p. 255.

- CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM / SERVIÇO DE TURISMO DA PÓVOA DE VARZIM - *Circuitos Turísticos. Póvoa Cidade. Póvoa Concelho* (Ilustrações do Arquitecto Rui Calafate), Póvoa de Varzim, s/ data, s/ pág.
- CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM / SERVIÇO DE TURISMO DA PÓVOA DE VARZIM - *Roteiro Turístico. Póvoa de Varzim. Um Novo Olhar*, (14ª edição), Leça do Balio, Infotur, 2000.
- CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM - *Relatório da Gerência de 1944. Plano de actividade para 1945*, Edição da Câmara Municipal, 1945, p. 53. [AMPV: CMPV/0260]
- CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM - *Relatório da Gerência de 1945. Plano de actividade para 1946*, Edição da Câmara Municipal, 1946, pp. 59 - 60. [AMPV: CMPV/ 0261]
- CARDOSO, Fonseca - *O Poveiro - Estudo Antropologico dos Pescadores da Povia de Varzim*, in «Portugalia», vol. 2, Porto, 1908, pp. 517- 539;
- CARDOSO, Luís [Pe.] (dirigiu o questionário em 1758) - *Diccionario Geographico de Portugal / ou: Memórias Paroquiais de 1758 / ou: Indice das Cidades, Villas & Parochias de Portugal conteudas nos 43 volumes manuscriptos do Diccionario Geographico existente na Biblioteca da Senhora das Necessidades*, Lisboa, 1758 / 1832 (arranjo, como Dicionário e encadernação). [BARBOSA, Fernando (publicou e prefaciou) (1958) - *O Concelho da Póvoa de Varzim no século XVIII - As Memórias Paroquiais de 1736 e 1758*, «Boletim Cultural. PÓVOA DE VARZIM», vol. I, P. Varzim, 1958, pp. 258 -343.]
- CARNEIRO, Deolinda Maria Veloso & GOMES, José Manuel Flores (Coord.) - *Opera Fidei - Obras de Fé num Museu de História. Arte Sacra do Arciprestado de Vila do Conde - Póvoa de Varzim* (Catálogo de exposição), Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim / Museu Municipal, 2002 - 2003.
- CARNEIRO, Deolinda Maria Veloso - *Património Artístico e Arquitectónico da Póvoa de Varzim - do século IX a inícios do século XX*, in *Opera Fidei - Obras de Fé num Museu de História. Arte Sacra do Arciprestado de Vila do Conde - Póvoa de Varzim* (Catálogo de exposição), Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim / Museu Municipal, 2002 - 2003, pp. 71 - 108.
- COSTA, António Carvalho da (Pe.) - *Corografia Portuguesa e Descrição Topographica do Famoso Reyno de Portugal, com as Noticias das fundações das Cidades, Villas, & Lugares, que contém; Varões illustres, Genealogias das Familias nobres, fundações de Conventos, Catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*, Lisboa, Officina de Valentim da Costa Deslandes (Impressor de Sua Magestade), 1706 (vol. I), p. 409.
- COSTA, Avelino de Jesus da - *O Bispo D. Pedro e a Organização da Diocese de Braga*, 2 vols., Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1959 [2.ª edição refundida e ampliada: 1997]
- DIONÍSIO, Paula Carolina Ramos - *A Santa Casa da Misericórdia da Póvoa de Varzim. Assistência e caridade numa vila piscatória (1756 - 1806)*, Dissertação de Mestrado em História Moderna apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, policopiada, Porto, 2000.
- GESTEIRA, José Joaquim Martins - *Memorias Historicas da Villa da Povia de Varzim, pelo presbytero José Joaquim Martins Gesteira*, Porto, Tipografia de J. J. Gonçalves Basto, no Largo do Corpo da Guarda, 106 - Porto, 1851 / 2.
- GESTEIRA, José Joaquim Martins - *Memorias Historicas da Villa da Povia de Varzim, escriptas em 1851 pelo Padre José Gesteira*, 2.ª edição [1851 - 1.ª ed.], Póvoa de Varzim, Tipografia Landolt, 1907.
- GONÇALVES, Flávio - *Um templo desaparecido: a antiga Igreja Matriz (depois igreja da Misericórdia)*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. III, n.º 2, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da P.V., 1964, pp. 201- 266.
- GRAÇA, António Santos - *Epopéia dos Humildes (Para a História Trágico- Marítima dos Poveiros)*, Póvoa de Varzim, 1952.
- GRAÇA, António Santos - *O Poveiro. Usos, costumes, tradições e lendas*, 3ª ed. (ampliada com documentação fotográfica - 1ª ed.: 1932), Lisboa, Publ. Dom Quixote, 1992.
- LANDOLT, Candido Augusto - *O meu Panteon - Onde se acham os homens que mais engrandeceram a vila e o concelho da Póvoa de varzim*, Póvoa de Varzim, Tipografia Landolt, 1912.
- LANDOLT, Candido - *Movimento Social da Povia. O Comboio da Povia*, in Revista «A "Povia de Varzim"», 1.º Ano, n.º 18, 2.ª Quinzena de Junho, Póvoa de Varzim, Dir. propr. e edit. - João Agostinho Landolt, 1912, p. 1.
- LANDOLT, João Agostinho - *Rocha Peixoto*, in “O Meu Panteon. Onde se acham os homens que mais engrandeceram a vila e o concelho da Póvoa de Varzim” (Separata da Revista «A Povia de Varzim»), Póvoa de Varzim, Tipografia Landolt, 1912, pp. 27 – 30.
- LEAL, Francisco Félix Henriques da Veiga (1758) - *Noticia da Povia de Varzim, feita a 24 de Mayo de 1758* (em resposta ao Inquérito dirigido pelo P.e Luís Cardoso, em 1758.) [ANJO, José António Alves (1759-1838) transcreveu-a; BARBOSA, Fernando (publicou e prefaciou) (1958) - *O Concelho da Póvoa de Varzim no século XVIII - As Memórias Paroquiais de 1736 e 1758*, in «Póvoa de Varzim. Boletim

- Cultural», vol. I, Póvoa de Varzim, 1958, pp. (258-343) 305-340.]
- LIMA, Baptista de - *Guia Ilustrado da Praia da Póvoa de Varzim. Elucidário para Banhistas e Forasteiros. Propaganda Turística* (separata da Corografia Histórica «Terras Portuguesas», 4.º ano, Póvoa de Varzim, Tipografia Camões - Editora - PV. Sob o patrocínio da Câmara Municipal, 1946 (Do «Jornal do Pescador, Outubro de 1945).
- LOPES, Dinis da Silva - *Monografia da freguesia de São Miguel de Laundos. Póvoa de Varzim* (1.ª edição: «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», 1981- 1984, 2.ª edição: 1985), 3.ª edição, revista e aumentada, Póvoa de Varzim, (Colecção: "Na linha do Horizonte - Biblioteca Poveira, n.º 11), Editora: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2005.
- MARQUES, João Francisco - *António dos Santos Graça (1882 - 1956) - Coração Poveiro*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. 38, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da P. de Varzim, 2003, pp. 5 - 184.
- MARQUES, José - *Os Forais da Póvoa de Varzim e Rates* (Edição fac-similada, com introdução, transcrição e notas), Póvoa de Varzim, Edição da Câmara Municipal, 1991.
- MARQUES, Mário César (introd. e notas) [ou CÉSAR, Mário] - *Inquérito às Paróquias do Concelho da Póvoa de Varzim em 1845*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. X, Póvoa de Varzim, ed. da Câmara Municipal da P. de Varzim, 1971, pp. 199 - 237.
- MARQUES, Mário César (introd. e notas) [ou CÉSAR, Mário] - *Visita de 1825 a paróquias hoje integradas no concelho da Póvoa de Varzim*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural» vol. XII, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da P. de Varzim, 1973, p. 181-199.
- ORTIGÃO, Ramalho - *As Praias de Portugal* (col. Obras Completas de Ramalho Ortigão), Lisboa, Livraria Clássica Editores, (1876 - 1.ª ed.) s.d.
- PEIXOTO, Rocha - *Ethnographia Portuguesa. Iluminação Popular*, in «Portugalia», vol. II, n.º 1, Porto, 1905 - 1906, pp. 35 - 48.
- PEREIRA, B. - *A Povo de Varzim como Estação Balnear Marítima*, in «A "Povo de Varzim"», Revista quinzenal, 1.º Anno, n.º 5, 1.ª Quinzena de Dezembro, Póvoa de Varzim, Director e Editor João Agostinho Landolt, 1911, p. 5 (não tem n.º de página).
- RODRIGUES, Leandro [Dr.] - *Notícia do Doutor Leandro Rodrigues* (em resposta ao Inquérito enviado pelo Padre Luís Cardoso, destinado ao: - *Dicionário Geográfico*, 1747.), c. 1736 (posterior a 1732 e anterior a 1747) [ANJO, José A. Alves transcreveu-a. BARBOSA, Fernando (publicou e prefaciou) - *O Concelho da Póvoa de Varzim no século XVIII - As Memórias Paroquiais de 1736 e 1758*. in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. I, 1958, pp. (258 - 343).
- SILVA, Manuel - *A evolução de um Município*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. I, n.º 2 [capítulos inéditos de um estudo por concluir publicado na «Revista de História», 1917 a 1922], Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da P.V., 1958, pp. 11 - 32.
- SILVA, Manuel - *A história local*, in «A Voz da Póvoa» [publicado in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. I, n.º 2, 1958, pp. 202 - 203.], Póvoa de Varzim, 1938. 4. 29.
- SILVA, Manuel - *Monografias Poveiras*, in «A Voz da Póvoa» [publicado in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. I, n.º 2, 1958, pp. 204 - 207), Póvoa de Varzim, 1938. 05.19 e 1938.06.23.
- VIEIRA, José Augusto - *O Minho Pittoresco*, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira - Editor, 1887, vol. II, pp. 215- 259.

6.3.2.4. PROCISSÕES - PÓVOA DE VARZIM

- AMORIM, Manuel José Gomes da Costa (Mons.) - *Algumas informações sobre os Cardias*, in «O Comércio da Póvoa de Varzim», Póvoa de Varzim, 1988.09.22, pp. 1 e 9.
- AMORIM, Manuel - *Duzentos e cinquenta anos da vida da freguesia de Sª Eulália de Beiriz (Póvoa de Varzim)*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol.VIII, IX, X e XI, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da P. Varzim, 1969-72, pp. 182-224 (vol.VIII,1969), 123-186 (IX,1970), 61-120 (X, 1971), 133-185 (XI, 1972).
- AMORIM, Manuel J. G. - *Freguesia de Argivai (S. Miguel)*, in Roteiro da Exposição: "Argivai – 1 050 anos de História", Roteiro Policopiado, Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim, 1 de Maio a Outubro de 2003.
- AMORIM, Manuel J. G. - *Os Cardia, a Semana Santa e a Confraria do S.º Sacramento*, in «O Comércio da Póvoa de Varzim», Póvoa de Varzim, 1988.10.27, pp. 1 e 7.

- AMORIM, Manuel J. G. - *A Tradição das Rosas na Festa da "Hora" em Argivai*, in «Comércio da Póvoa de Varzim», P. de Varzim, 28 . LIMA, Baptista de - *Guia Ilustrado da Praia da Póvoa de Varzim. Elucidário para Banhistas e Forasteiros. Propaganda Turística* (separata da Corografia Histórica «Terras Portuguesas», 4.º ano, Póvoa de Varzim, Tipografia Camões - Editora - PV. Sob o patrocínio da Câmara Municipal, 1946 (Do «Jornal do Pescador, Outubro de 1945).
- BARBOSA, Fernando (publicou e prefaciou) (1958) - *O Concelho da Póvoa de Varzim no século XVIII - As Memórias Paroquiais de 1736 e 1758*, in «Boletim Cultural. PÓVOA DE VARZIM», vol. I, P. Varzim, 1958, pp. 258 -343.
- BARBOSA, Fernando [actualizadas por: AMORIM, Manuel J. G.] - *Correcções e anotações à História local. Actualizadas por M. Amorim*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. XXXIV, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, Póvoa de Varzim, 1998 – 1999, pp. 5 – 70 [o Grupo de Amigos do Museu da Póvoa de Varzim editou uma separata em 1999].
- BARBOSA, Fernando - *As Pestes na Póvoa*, (série de 2 artigos) in «O Comércio da Póvoa de Varzim», Póvoa de Varzim, 1945. 10. 6 e 13.
- BARBOSA, Fernando - *A Procissão do Corpo de Deus*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. I, Póvoa de Varzim, Ed. da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1958, pp. 145 - 163.
- BARBOSA, Fernando - *As memórias do P.e Coentrão*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. I, nº 2, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1958, pp. 208 - 220.
- BARBOSA, Jorge – *ANTÓNIO CARDIA, in, Toponímia da Póvoa de Varzim*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. XXXI, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal P. de Varzim, 1994, pp. 260 - 262.
- BARBOSA, Jorge - *A Ida ao Anjo na Segunda-feira de Páscoa*, in «Póvoa Semanário», Póvoa de Varzim, 2000.04.20 e 2000.04.20, pp. 10 e 11, & 18 e 19.
- BARBOSA, Jorge - *Toponímia da Póvoa de Varzim*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. VI (1967) a vol. XXXIII (1996-97), Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da P. de Varzim, 1967- 1997, pp. 161- 208 (vol. VI) a 247 - 295 (vol. XXXIII).
- [[– “FACHO (LUGAR DO)”, *Toponímia da Póvoa de Varzim*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. XI, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da P. de Varzim, 1972, pp. 64 - 65.
- *PADRE JOSÉ CASCÃO, in, Toponímia da Póvoa de Varzim*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. XXVIII, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal P. de Varzim, 1991, pp. 185 - 187. Etc.]]
- BARBOSA, Viriato - *A Póvoa de Varzim. Ensaio da história desta vila* (1.ª edição: 1937), Póvoa de Varzim, ed. do autor, 1972 (2ª ed. melhorada), pp. 165 - 178.
- CALAFATE, Vasques - *Uma tradição poveira*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. I, Póvoa de Varzim, Ed. da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1958, pp. 121 – 126 [publicado no «Comércio do Porto», 28.08.1942].
- CARNEIRO, Deolinda Maria Veloso - *Património Artístico e Arquitectónico da Póvoa de Varzim - do século IX a inícios do século XX*, in *Opera Fidei - Obras de Fé num Museu de História. Arte Sacra do Arciprestado de Vila do Conde - Póvoa de Varzim (Catálogo de exposição)*, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim / Museu Municipal, 2002 - 2003, pp. 71 - 108.
- COSTA, Joaquim Martins da - *Irmandades e Confrarias da Póvoa de Varzim*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. XVII, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1978, pp. 33 - 67.
- COSTA, Joaquim Martins - *As Procissões na Póvoa de Varzim*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. XVII e XVIII, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1978, pp. 163 - 210; 1979, 165 - 223.
- COSTA, Joaquim Martins da Costa – *As Procissões que a Irmandade da Santa Casa da Misericórdia organizava em tempos idos e organiza em nossos dias*, in «Companha», Santa Casa da Misericórdia, Póvoa de Varzim, n.º 4 (Maio) e n.º 5 (Outubro), 1994.
- FARIA, Bernardino - *A Semana Santa*, in «A Póvoa de Varzim. Revista Genuinamente Patriótica! De Propaganda às Belezas da Póvoa de Varzim», 3.º Ano, Abril - 3, Póvoa de Varzim, João Agostinho Landolt, 1914, (não tem indicação do n.º de página, ou qualquer tipo de paginação).
- FILGUEIRAS, Octávio Lixa - *O Barco Poveiro*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. III e IV, Póvoa de Varzim, Ed. da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1964 – 1965, pp. 272 - 304 (1964) e pp. 46 – 143 (1965).
- GRAÇA, António Santos - *O Poveiro. Usos, costumes, tradições e lendas*, 3ª ed. (ampliada com documentação fotográfica - 1ª ed.: 1932), Lisboa, Publ. Dom Quixote, 1992.
- LANDOLT, Candido A. (ed.) - *Grande Festividade e Pomposa Procissão de Nossa Senhora da Assunção na Villa da Povo de Varzim nos dias 14 e 15 de Agosto de 1889* (cartaz) in «A Independencia», 1889 - 08 - 11, Póvoa de Varzim, Typ. d' A Independencia, 1889 - 08 - 11.
- LANDOLT, Candido Augusto - *O meu Panteon - Onde se acham os homens que mais engrandeceram a vila e o*

- concelho da Póvoa de varzim*, Póvoa de Varzim, Tipografia Landolt, 1912, pp. 15 - 21.
- LANDOLT, Candido A. (ed.) - *Nossa Senhora da Assumpção*, in «A Independencia», 1889 - 08-18, Póvoa de Varzim, Candido A. Landolt (ed.), 1889 - 08 - 18.
- LANDOLT, Candido Augusto - *A Póvoa Linda (Lendas e Tradições Regionais)*, Póvoa de Varzim, "Propaganda", 1914, pp. 73 - 77 e 149 - 153.
- LANDOLT, João Agostinho (direct.)- *Uma Procissão que não sae. A Senhora d' Assumpção*, in Revista «A "Povoa de Varzim"», 1.º ano, n.º 21, Póvoa de Varzim, Dir. propr. e edit. - João Agostinho Landolt, 1912, (p. 1 - rosto e seguintes).
- LOPES, Manuel - *Origem, tradição e Percurso das Festas de S. Pedro*, in «O Comércio da Póvoa de Varzim», Póvoa de Varzim, Junho, 1989, pp. 1, 8 e 9.
- OLIVEIRA, Alípio da Silva - *A "Casa dos Poveiros" do Rio de Janeiro*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. III, Póvoa de Varzim, Ed. da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1964, pp. 267 - 271.
- PEREIRA, B. - *O Santo André*, in «A "Povoa de Varzim"», Revista quinzenal, 1.º Anno, n.º 4, 2.ª Quinzena de Novembro, Póvoa de Varzim, Director e Editor João Agostinho Landolt, 1911, p. 5 (não tem indicação do n.º de página).
- PONTES, J.. M. da Cruz - *O pescador poveiro na literatura do mar*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», Póvoa de Varzim, Ed. da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, vol. VIII, 1969, pp. 5 - 38.
- SOARES, A. Franquelim S. Neiva - *Divino Salvador de Nabais*, sep. de «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1987.
- YÁNEZ NEIRA, Mª Damián (Fr.) - *Nuestra Señora de Lapa, en Póvoa de Varzim* (Portugal), (Santuários Marianos), in «Miriam», 1994 (Nov.-Dec.), Espanha, 1994, pp. 217- 219.

6.3.2.5. REPERTÓRIOS BIBLIOGRÁFICOS

- BARBOSA, Fernando - *Periódicos Poveiros*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. 2, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da P.V., 1959, 308 – 353 [repetido em: História e Arte na Póvoa de Varzim].
- BARBOSA, Viriato - *Bibliografia da Póvoa de Varzim e seu Concelho*, in «Póvoa de Varzim. Boletim Cultural», vol. VII, n.º 2, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal Póvoa de Varzim, 1968, pp. 161 – 190 [Repetido em: História e Arte na Póvoa de Varzim].
- PEREIRA, Benjamim Enes - *Bibliografia Analítica de Etnografia Portuguesa*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura. Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, 1965.
- PEREIRA, José Esteves; LEROU, Paule; COSTA, Rui Afonso - *Piedade Popular em Portugal*, vol. II - *Nordeste Centro - Norte*, Lisboa, Edições Távola Redonda, 1998.

7. ÍNDICES

7.1. ÍNDICE DE PLANTAS

Planta 1 - Carta Militar de Portugal. (1999. Instituto Geográfico do Exército).	19
Planta 2 - Carta Militar do Noroeste de Portugal (1999. Instituto Geográfico do Exército).	20
Planta 3 - Carta do Concelho da Póvoa de Varzim. Departamento de Gestão Urbanística e Ambiente. 2004. Orientação Norte /Sul.	20
Planta 4 - Mapa do Concelho da Póvoa de Varzim. Departamento de Gestão Urbanística e Ambiente, 2004. Orientação Este – Oeste (Mar na base da planta).....	21
Planta 5 – Mapa da Cidade da Póvoa de Varzim com indicações toponímicas – DGUPV. 2000.	168
Planta 6 - Planta cartográfica da cidade da Póvoa de Varzim com destaque para os edifícios religiosos.	169
Planta 7 - Pormenor da Planta da Póvoa de Varzim de 1901 [Arq. Gonçalo Artur Cruz. Coleção do MMEHPV] em que se destacam os antigos paços do Concelho, Igreja matriz e Praça da vila.....	177
Planta 8 - Planta da Póvoa de Varzim, desenhada por Gonçalo Artur Cruz (Arquitecto Camarário). 1901.10.15. Tinta da china e aguarela sobre papel colada em madeira., moldura em madeira. Alt.: 139,5 x 139,5 cm. [142,5 x 142,5 cm (com moldura)]. MMEHPV.....	178

7.2. ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Quadro Geral das Procissões na Póvoa de Varzim	83
Quadro 2 - Procissões ordinárias anuais - sua organização ao longo dos meses.....	100
Quadro 3 - Listagem de Procissões anuais, com indicação dos responsáveis pela sua realização	109
Quadro 4 - Distribuição mensal das procissões na Póvoa de Varzim (1900 – 2004/05)”	158
Quadro 5 – Listagem por ordem alfabética de procissões registadas por D.ª Maria da Assunção Martins da Costa.	238
Quadro 6 – Distribuição de valores médios de grupos e figuras das procissões.....	240
Quadro 7 – Distribuição dos valores médios de grupos de figuras por invocações.....	241

7.3. ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Desenho realizado por Orlando Barbosa, em 1939, tentando reconstituir os Antigos Paços do Concelho da Póvoa de Varzim, publicado por: BARBOSA, Viriato - A Póvoa de Varzim. Ensaio da história desta vila (1.ª edição: 1937), Póvoa de Varzim, ed. do autor, 1972 (2ª ed. Melhorada), p. 51.....	38
Figura 2 - Os Antigos Paços do Concelho da Póvoa de Varzim (construídos c. 1713). Fot. 2002.	39
Figura 3 - Igreja Matriz de N.ª S.ª da Conceição da Póvoa de Varzim (1742 – 1757).....	39
Figura 4 - “Castelo de N.ª S.ª da Conceição da Póvoa de Varzim (1701 – 1743...)	41
Figura 5 - Ex-voto ao Senhor da Prisão / Senhor Bom Jesus da Prisão. 1840. Proveniência: Antiga Igreja da Misericórdia, Póvoa de Varzim. Pintura a óleo sobre tela. Alt. 40,5 x Larg. 49,5 cm. MMEHPV - Inv.º P-50.....	43
Figura 6 - António Carvalho da Silva Porto (1850-1900) - Póvoa (Póvoa de Varzim), 1888. / Óleo s/madeira (415x557 mm.) / Col. Museu Nacional de Soares dos Reis, Porto. Reprodução do postal n.º 6 da coleção de Postais do Centenário da Morte de António Nobre (1867-1900) - A Póvoa na Arte Portuguesa.....	47
Figura 7 - “Figuras” ex-voto de “Santa Luzia”. Procissão de Santa Luzia de Navais, Póvoa de Varzim 2003.12.14.....	59
Figura 8 - A primeira procissão do ano no concelho, às 6 horas da manhã. N.ª S.ª das Candeias de Terroso. Debaixo de.....	66
Figura 9 - A última procissão do ano no concelho - a Procissão de Santa Luzia de Navais – atravessando a Estrada nacional. Domingo. 2003.12.14.....	66
Figura 10 – N.ª S.ª do Loreto. Séc. XVII (?). Madeira policromada e dourada. Igreja matriz da Póvoa de Varzim.....	79
Figura 11 - ADPV / 0899 - Copiador dos Mapas (1891, Março, 6 - 1893, Agosto, 7) 1891.04.27 - Fl. 8 e 8v.	113
Figura 12 - Copiador dos Mapas (1913, Janeiro, 6 - 1915, Novembro, 11), fl. 82 e 82 v., 1915, Fevereiro, 11 [ADPV / 0910].....	114

Figura 13 - Confraria do Santíssimo Sacramento [tem origem na Irmandade do Santíssimo Sacramento - c. 1622]. Seguindo no lugar de honra, ou seja, em último lugar antes do pároco acompanhado pelos acólitos e grupo musical. Procissão e bênção de Ramos. N.ª S.ª da Conceição (Matriz) / Santa Casa da Misericórdia da Póvoa de Varzim. Domingo de Ramos, 10.30 Horas. 04.04.2004.	117
Figura 14 - Confraria de Nossa Senhora do Rosário [tem origem na Irmandade de N.ª S.ª do Rosário – 1689]. Procissão e bênção de Ramos. N.ª S.ª da Conceição (Matriz) / Santa Casa da Misericórdia da Póvoa de Varzim. Domingo de Ramos, 10.30 Horas. 09.04.2006.	117
Figura 15 - Confraria de N.ª S.ª do Rosário, Paróquia de N.ª S.ª da Conceição (Matriz). Juiz da confraria, Sr. José adeia (ouirives reformCado), com vara da confraria de prata e irmão com vara pintada com o emblema da confraria. Opa branca com emblema bordado e passamanarias douradas. Procissão de N.ª S.ª do Desterro. 13.06.2004.	118
Figura 16 - Emblemas bordados da Confraria de N.ª S.ª dos Rosário, aplicados nas opas. 10.10.2004.	118
Figura 17 - Confraria do Santíssimo Coração de Jesus [ou Coração Agonizante]. Teve origem na Irmandade do Nome de Deus (1661), depois, Confraria do Santíssimo Coração de Jesus da Fortaleza (1768). Procissão e bênção de Ramos. N.ª S.ª da Conceição (Matriz) / Santa Casa da Misericórdia da Póvoa de Varzim. Domingo de Ramos, 10.30 Horas. 09.04.2006.	119
Figura 18 – Real Irmandade de Nossa Senhora da Assunção (1756), o Juiz, Sr. Manazé, ao centro e dois membros da “mesa”. Opa branca com cabeção verde. Procissão do Senhor dos Navegantes, Caxinas, Vila do Conde. 01.08.2004.	119
Figura 19 - Confraria de Nossa Senhora das Dores (Opa vermelha e “cabeção” azul) – 1769: Tem origem na Irmandade de Nossa Senhora das Dores. Procissão de N.ª S.ª das Dores. 18.09.2005.	120
Figura 20 - Confraria de Nossa Senhora de Belém (Opa branca e “cabeção” vermelho) – 1826 (ou antes). Procissão e Bênção dos Ramos. 2006.04.09.	120
Figura 21 - Confraria de S. José de Ribamar (Opa azul e “cabeção” amarelo) [paróquia de S. José de Ribamar, criada em 1935] - 1860. Procissão de N.ª S.ª do Desterro. 11.06.2006.	121
Figura 22 - Confraria de Nossa Senhora do Desterro (Opa branca e “cabeção” azul) [paróquia de S. José de Ribamar, criada em 1935] – 1860. Procissão de N.ª S.ª do Desterro. 11.06.2006.	121
Figura 23 - Confraria de Nossa Senhora do Carmo (Opa branca e “cabeção” ou “sobrecapa” castanho) – 1938. Procissão e Bênção dos Ramos. 04.04.2004. Na procissão de 2006 já não participou.	122
Figura 24 - Devoção do Senhor do Bonfim (opas de cor vermelha, com cabeção roxo). Procissão do Senhor do Bonfim. 07.09.2003.	122
Figura 25 - Confraria das Almas do Purgatório (opa verde) – anterior a 1693. Procissão de N.ª S.ª das Dores. 19.09.2005.	123
Figura 26 – Juiz da Confraria das Almas do Purgatório, senhor Casanova, ao centro. Procissão e Bênção de Ramos 09.04.2006.	123
Figura 27 - Existe um nítido sentimento de solidariedade (a par da natural rivalidade) que motiva a entreaajuda e amizade entre as diferentes confrarias. Membro da “Mesa” da Confraria do Santíssimo e Presidente da Confraria de N.ª S.ª do Rosário durante a paragem na Praça do Almada para a bênção da cidade a partir da Câmara Municipal.	124
Figura 28 - Confraria do Senhor dos Navegantes, Caxinas. Procissão de N.ª S.ª das Dores. 19.09.2004.	125
Figura 29 – Fotografia do Padre José Gonçalves Cascão de Araújo. Col. MMEHPV.	129
Figura 30 - “Reprodução de parte do original do P.e José Gonçalves Cascão de Araújo (1874-1961) relativo à organização ou «programa» da Procissão de S. Sebastião.” Publicada por: COSTA, J. M. – Ob. Cit., 1978, p. 171.	130
Figura 31 - Procissão dos passos. 1941. Fotografo: Manuel Azevedo Duarte. Arquivo Manuel Lopes.	132
Figura 32 - Grupo alegórico da “Fugida para o Egipto”. Procissão de N.ª S.ª das Dores. 2004.09.19.	132
Figura 33 - AMORIM, Pacheco de - Impressões da Póvoa de Varzim, in «Guia Ilustrado da Praia da Póvoa de Varzim. Elucidário para Banhistas e Forasteiros. Propaganda», (separata da Corografia Histórica «Terras Portuguesas», 4.º ano, Póvoa de Varzim, Tipografia Camões - Editora - PV. Sob o patrocínio da Câmara Municipal, 1946, pp. 53 - 55.	137
Figura 34 - Grupo alegórico recebendo indicações de um dos “compositores”. Procissão de N.ª Senhora do Bom Sucesso. Argivai (S. Miguel-o-Anjo). Domingo “de Pascoela” – 6 H. 18.04.2004.	138
Figura 35 - Andor de S. Pedro. Procissão de S. Pedro. Igreja de N.ª S.ª da Lapa. 29.06.2004.	141
Figura 36 – “Companha” com o nome da sua embarcação e a fotografia estampada nas costas. Procissão de N.ª Senhora do Desterro, Capela de N.ª S.ª do Desterro. 13.06.2004.	142
Figura 37 - Andor de N.ª S.ª do Desterro. Os “camaradas” da “companha” usam camisas azuis: a cor de N.ª Senhora e da cidade da Póvoa. Procissão de N.ª Senhora do Desterro. Capela de N.ª S.ª do Desterro. 11.06.2006.	143
Figura 38 - Na fotografia de grupo é patente o orgulho de transportar um andor e particularmente quando é o andor principal, neste caso o da Sagrada Família no Desterro. Capela de N.ª S.ª do Desterro. 11.06.2006.	143
Figura 39 – “Agasalho”, ou merenda oferecida aos participantes na Procissão do Entero do Senhor, na sala da Confraria do Santíssimo Sacramento. Deve incluir, entre outras iguarias, uma boa posta de bacalhau frito e vinho para acompanhar. N.ª S.ª da Conceição (Matriz) da Póvoa de Varzim. Sexta-feira Santa. 23 H. 25.03.2005.	144
Figura 40 – Presidente da Câmara, Dr. Macedo Vieira, ao centro, ao seu lado esquerdo o vice-presidente, Eng.º Aires Henrique do Couto Pereira. Do lado de fora, à direita, o vereador da cultura, Dr. Diamantino Baptista e à esquerda do Vice-presidente, o presidente da Junta da Póvoa de Varzim Atrás segue o responsável máximo no concelho da Guarda Fiscal e outros elementos da Junta e associações civis e culturais da zona. Seguem todos no final na procissão (ou seja, no lugar de honra), depois do pátio e dos membros da confraria de N.ª S.ª do Desterro, que organizam a festa. 11.06.2006.	147
Figura 41 - Procissão de N.ª Senhora de Fátima dos Infantários. 2005.05.14. Seguem no fim do cortejo (lugar de honra): o vereador da Juventude e o vereador do Pelouro da Cultura da Câmara Mun., o Mons. Manuel Amorim (de Beiriz) e, à frente, o Prior da Matriz, o Arcipreste Pe. Domingos Araújo e o pároco da Aguçadoura.	149
Figura 42 - Em todas as procissões elementos da Polícia de Segurança Pública (e às vezes Polícia de Intervenção) seguem à frente da procissão para interromper o trânsito rodoviário e afastar os transeuntes. Procissão dos Passos da Póvoa de Varzim. (N.ª S.ª da Conceição / Matriz) / Santa Casa da Misericórdia da Póvoa de Varzim. Domingo da Paixão, 17 Horas. 2004.03.28.	151
Figura 43 – GNR a cavalo. Procissão de N.ª Senhora da Assunção. 2004.08.15.	152
Figura 44 – Final da procissão de N.ª S.ª das Dores.	153
Figura 45 – No final da procissão, no adro, a Banda, em parada, toca a última música. Procissão da Ressurreição. N.ª S.ª da Conceição (Matriz) da Póvoa de Varzim. Manhã do Domingo de Páscoa. 11 H. 11.04.2004.	154
Figura 46 - Procissão de N.ª S.ª da Assunção. 15.08.2004. Pormenor do 11.º Grupo – Morte de Maria.	155
Figura 47 - Festa de N.ª S.ª das Candeias. Procissão da tarde. Terroso, PV. “Fanfarra dos escuteiros”. 2004.02.02.	157
Figura 48 - Festa de S. André e N.ª S.ª do Leite. Venda de doces tradicionais durante a Procissão às 16 H. Capela de S. André de Avero-Mar, PV. 2004.12.05.	157

Figura 49 - Interior da Capela de S. André de Aver-o-Mar. É visível o santo na capela-mor e o retábulo do lado da Epístola com a barca das Almas do Purgatório. 2004.	161
Figura 50 - Membros da Comissão de Festa abrem a capela de Santo André de Aver-o-Mar à noite para permitir a visita do "Rancho Poveiro" e outros grupos que aqui se dirigem no dia de Santo André. 2004.11.30.	161
Figura 51 e Figura 52 - Sermão no alto dos penedos de S. André, durante a procissão de S. André e N.ª S.ª do Leite, no domingo seguinte (5 de Dezembro de 2004) ao dia de S. André (30 de Novembro).	162
Figura 53 - Altar das "Caveirinhas". 1910. Antiga Igreja da Misericórdia - dependência a norte da igreja e relacionada com a zona cemiterial. Reprodução fotográfica. 1910. MMPV. N.º Inv.º F-317.	164
Figura 54 - LIMA, Baptista de - «Guia Ilustrado da Praia da Póvoa de Varzim. Elucidário para Banhistas e Forasteiros. Propaganda Turística», (separata da Corografia Histórica «Terras Portuguesas»), 4.º ano, Póvoa de Varzim, Tipografia Camões - Editora - PV., Sob o patrocínio da Câmara Municipal, 1946, pp. 19 - 20.	165
Figura 55 - LIMA, Baptista de - <u>Festas da Póvoa</u> , in «Guia Ilustrado da Praia da Póvoa de Varzim. Elucidário para Banhistas e Forasteiros. Propaganda Turística», Ob. cit., 1946, p. 56.	166
Figura 56 - Fotografia aérea da Póvoa de Varzim. 2.º quartel do século XX. Posterior a 1927, mas anterior a 1950. É visível a Igreja de S. José projectada pelo arquitecto João de Moura Coutinho d' Almeida d' Eça, de Braga, em 1918, sagrada e aberta ao público (ainda não totalmente concluída) em 1927. Em 1954 foi lançada a 1.ª pedra para uma nova Igreja de S. José e a anterior, neo-românica, é demolida. Col. MMEHPV – F-202.	167
Figura 57 - Pormenor da Fotografia aérea da Póvoa de Varzim. 2.º quartel do século XX. Posterior a 1927, mas anterior a 1950. Col. MMEHPV – F-202.	176
Figura 58 - Planta da Póvoa de Varzim. 1901.10.15. Pormenores. Data e assinaturas. MMEHPV.	180
Figura 59 - Escala e Assinatura do arquitecto: Gonçalo Artur Cruz (Arquitecto Camarário). Indicação do Local e Data: "Povoa de Varzim, 15 de Outubro de 1901". MMEHPV.	180
Figura 60 - Festas de N.ª S.ª da Assunção. Zona da Ribeira do Pescado com os barcos engalanados e os andores virados para o mar durante o foguetório. 15 de Agosto de 1933. Fotógrafo: Manuel Azevedo Duarte (Arquivo fotográfico digital de Manuel José Ferreira Lopes).	182
Figura 61 - Festas de N.ª S.ª da Assunção. Antes da passagem da procissão na zona em frente ao Casino, que seria inaugurado no ano seguinte, em 1934. 15 de Agosto de 1933. Fotógrafo: Manuel Azevedo Duarte (Arquivo fotográfico digital de Manuel José Ferreira Lopes).	183
Figura 62 - Procissão de N.ª S.ª do Desterro. Zona Norte da Avenida dos Banhos. 2006.06.11. Durante a paragem para o foguetório.	183
Figura 63 - Conjunto de percursos antigos da procissões, anteriores a 1975. Segundo os itinerários descritos por Martins da Costa e transcritos no volume 2 – Anexos.	212
Figura 64 - Conjunto de percursos da procissões actuais (2004 – 2005). Segundo os itinerários descritos no volume 2 – Anexos.	213
Figura 65 - Conjunto de percursos antigos da procissões, anteriores a 1975 (a vermelho) e actuais (a azul) das procissões realizadas a partir das capelas mais distantes do centro da Póvoa: Belém (a Norte); Desterro (a Noroeste) e Iapa (a Sul). Transcritos no volume 2 – Anexos.	214
Figura 66 - A mancha alaranjada corresponde, sumariamente, ao aro urbano da Póvoa de Varzim no século XVI, segundo Manuel Amorim (2003).	215
Figura 67 - CALAFATE, Vasques – Nossa Senhora da Assunção. Padroeira dos pescadores poveiros, in «Guia Ilustrado da Praia da Póvoa de Varzim. Elucidário para Banhistas e Forasteiros. Propaganda Turística» (separata da Corografia Histórica «Terras Portuguesas»), 4.º ano, Póvoa de Varzim, Tipografia Camões, Ed., PV., Sob o patrocínio da Câmara Mun., 1946, pp. 56 - 59.	218
Figura 68 - CALAFATE, Vasques – Nossa Senhora da Assunção. Padroeira dos pescadores poveiros, in «Guia Ilustrado da Praia da Póvoa de Varzim. ... Ob. Cit., 1946, pp. 60 - 61.	218
Figura 69 - Procissão de N.ª S.ª das Dores. Década de 70 (?) do século XX. [Colecção: Dr.ª M.ª da Glória M. da Costa]*	219
Figura 70 - Procissão de N.ª Senhora das Dores. A seguir ao pátio, PSP e fiéis com "promessas". 18.09.2005.	220
Figura 71 e 72 - A imagem de N.ª S.ª da Assunção colocada na frente da capela-mor, do lado da Epístola, rodeada de velas e plantas, antes de ser colocada no altar. Aí também se encontra o prato para as esmolas / promessas e um lenço para se ir limpando o pé à medida que as pessoas dovotas o vão beijando. 25.08.2005.	221
Figura 73, 74 e 75 - Mudança da roupa de N.ª S.ª das Dores para o beija-mão. 23.09.2003.	222
Figura 76 - Pormenor da Escultura de vestir, com cabelo natural, de N.ª Senhora das Dores. 23.09.2003.	223
Figura 77 - Interior da capela de N.ª S.ª das Dores durante o "Beija-mão".	223
Figura 78 - Beija-mão a N.ª S.ª das Dores. 19.09.2004.	224
Figura 79 - Fila para o beija-mão de N.ª S.ª das Dores, no final das festas. 18.09.2005.	224
Figura 80 - No final da procissão do Enterro o Esquife com o Senhor Morto é colocado na base do altar. Alguns fiéis aproveitam para ver de perto a imagem, tocar ou beijar as mãos e os pés. Igreja de N.ª Senhora da Conceição (Matriz) da Póvoa de Varzim. Sexta-feira Santa. 23 H. 25.03.2005.	225
Figura 81 - Fiéis antes do encerramento da Igreja, beijam os pés de Cristo no esquife. Igreja de N.ª S.ª da Conceição (Matriz) da PV. Sexta-feira Santa. 23 H. 25.03.2005.	225
Figura 82 - Imagem do Imaculado Coração de Maria. Séc. XIX. Igreja matriz de N.ª S.ª da Conceição.	227
Figura 83 - Pagela de Consagração ao Sagrado Coração de Jesus, de Maria Alves da Quinta e seus filhos (...). Povo de Varzim, 8 de Janeiro de 1925. Gravura sobre papel. Colecção MMEHPV.	228
Figura 84 - Pagela do Apostolado de Oração. Cruzada Eucarística das Crianças. Póvoa de Varzim 1933. Col. MMEHPV.	230
Figura 85 - Folha A4 (frente e verso) com o esquema da Procissão do Enterro do Senhor (ou "Senhor Morto") – 2004 – da "armadeira" Elisa Novais.	234
Figura 86 - Dois volumes manuscritos encadernados. COSTA, Maria da Assunção Martins da - Programas de Grupos Alegóricos das Procissões da Póvoa, imaginadas pelo Padre José Gonçalves Cascão de Araújo e copiadas por D. Maria da Assunção Ribeiro Martins da Costa, 2 volumes encadernados, Póvoa de Varzim, 1.ª metade do século XX a c. 1967 (vol. 1, p. 213: 1939 – 2.º vol., p. 223: 1967).	236
Figura 87 - Folha de Rosto do 1.º volume do manuscrito encadernado de: COSTA, Maria da Assunção Martins da - Programas de Grupos Alegóricos das Procissões da Póvoa,... Ob. cit., 1.ª met. do séc. XX a c. 1967.	236
Figura 88 - Última página escrita no 2.º volume do manuscrito encadernado de: COSTA, Maria da Assunção Martins da - Programas de Grupos Alegóricos das Procissões da Póvoa,... Ob. cit., 1.ª met. do séc. XX a c. 1967.	237

Figura 89 - Cópia de uma carta enviada pela Confraria do Santíssimo Sacramento á Casa dos Anos, em 1976.	242
Figura 90 - "1.º Grupo / A bandeira "Rial" (sic) / 66"	243
Figura 91 - "2.º Grupo / Entrada em Jerusalém / 66"	244
Figura 92- "3.º Grupo / Jesus e os Apóstolos Predilectos / 66"	244
Figura 93 - "4.º Grupo / Agonia no Horto / 66"	244
Figura 94 - "5.º Grupo / Prisão de Jesus / 66"	245
Figura 95 - "6.º Grupo / Jesus açoitado e coroado de espinhos / 66"	245
Figura 96 - "7.º Grupo / A Caminho do Calvário / 66"	245
Figura 97 - "8.º Grupo / A Verónica / 66"	246
Figura 98 - "9.º Grupo / Jesus consola as mulheres de Jerusalém / 66"	247
Figura 99 - "10.º Grupo / O Centurião Romano / 66"	247
Figura 100 - "11.º Grupo / A Crucifixão / 66"	248
Figura 101 - "12.º Grupo / As Santas Mulheres / 66"	248
Figura 102 - Aviso colocado no vidro do guarda-vento da igreja, alertando para os perigos da utilização de foguetes. Procissão de N.ª S.ª do Rosário. 10.10.2004.....	251
Figura 103 – Pormenor do Programa da procissão de N.ª S.ª das Dores. 22 de Agosto de 1880. Papel impresso. Colecção particular.	252
Figura 104 - Imediatamente antes da procissão a proprietária de uma casa por onde passa o cortejo lança flores em frente à sua casa. Procissão de N.ª S.ª do Bom Sucesso. Argivai. Domingo "de Pascoela" – 6 H. 18.04.2004.	253
Figura 105 - Colchas nas janelas e cestas com flores para "atirar aos andores e pálio. Procissão de N.ª S.ª das Dores.21.09.2003.	253
Figura 106 – Grupo alegórico da "Religião" – Igreja Apostólica Romana. Procissão de S. Pedro, Póvoa de Varzim,29.06.2004.....	254
Figura 107 - Fiéis com velas acesas no Largo de S. Roque / S. Tiago (ou Praça de República), esperam a passagem da procissão para se incorporarem no final. De notar a numerosa participação de crianças com velas acesas e sempre na "linha da frente". É evidente, por parte dos pais e familiares, o cuidado em levar os mais jovens a participar nestes eventos desde tenra idade. 2004.05.13.	259
Figura 109 – Na "Casa dos Anjos" meninas sendo vestidas para participarem na Procissão do Sr. do Bonfim - 08.09.2003.	261
Figura 109 - Procissão do Mês de Maria dos Infantários. 2004.05.14.	262
Figura 110 - A "armadeira" Maria Elisa Novais - "Casa dos Anjos", compondo a túnica de uma "figura".	263
Figura 111 - "Compositor" na Procissão de N.ª S.ª do Bom Sucesso, Argivai, Domingo "de Pascoela" – 16 H. 18.04.2004.	264
Figura 112 – No início do cortejo vê-se a Bandeira Processional (madeira pintada) encimada pela cruz logo seguida pelos grandes estandartes, ou guiões, processionais: o guião com os Símbolos da Paixão e o Guião Senatus ("S.P.Q.R."). Procissão dos Passos. N.ª S.ª da Conceição (Matriz) / Santa Casa da Misericórdia da Póvoa de Varzim. Domingo da Paixão, 17 Horas. 2004.03.28.....	267
Figura 113 – GRUPO ALEGÓRICO* relativo ao "Pecado Original". Procissão dos Passos da Póvoa. 28.03.2004.	268
Figura 114 – Insígnia do "Grupo alegórico: A Perda e Encontro de Jesus no Templo". Procissão do Desterro [Paroquia de S. José de Ribamar, PV.]. 12.06.2005.	268
Figura 115 – "ANJINHO*" - sem asas – transportando uma INSÍGNIA* ou "cartela" na Procissão dos Passos (noite) – 28.03.2004	269
Figura 116 – Juiz de Andor de N.ª S.ª da Soledade. Procissão dos Passos. Rates. 16 - 18.30 Horas. 04.04.2004.	270

7.4. ÍNDICE DE CAPÍTULOS

Agradecimentos	5
Lista de Siglas e Abreviaturas	9
0. Introdução	11
0.1. Motivações para um tema: as procissões na Póvoa de Varzim	11
0.2. Objecto de trabalho	13
0.2.1. Delimitação temática	13
0.2.2. Delimitação espaço-temporal:	15
0.3. Objectivos a atingir	24
0.4. Fundos documentais consultados	26
0.5. Estrutura do trabalho:	32
1. A Póvoa de Varzim em evolução histórica. Contextos e conjunturas sócio-políticas e religiosas	35
2. As procissões na Póvoa de Varzim	57
2.1. Os cortejos processionais	57
2.1.1. Introdução geral	57
2.1.2. Tipologia de procissões	65
2.1.3. Procissões "ordinárias"	73
2.1.4. As procissões: festa religiosa / festa profana	103
2.2. Agentes e instituições envolvidos - organização protocolar	105
2.2.1. Responsáveis e participantes institucionais	107
2.2.2. Autores	127
2.2.3. Realizadores: os "Armadores"	133
2.2.4. Participantes	139
2.2.5. Assistentes	155
2.3. Santificação do tempo	157
O tempo das Procissões – O tempo cíclico das estações e o calendário litúrgico e santoral	157
2.4. A Santificação do espaço urbano	167
2.4.1. Delimitação e caracterização do espaço	167
2.4.2. Itinerários processionais	181
2.5. Devoções, programas iconográficos e protocolares	217
2.5.1. Devoções	217
2.5.2. Programas Iconográficos	231
3. Simbólica e teofania nas procissões	249
4. Conclusões	255
5. Glossário	261
6. Fontes e Bibliografias	273
6.1. Fontes Manuscritas	273
6.2. Fontes Impressas	275
6.3. Bibliografias	277
6.3.1. Bibliografia Geral	277
6.3.2. Bibliografias – temáticas:	283
7. Índices	291
7.1. Índice de Plantas	291
7.2. Índice de Quadros	291
7.3. Índice de Figuras	291
7.4. Índice de Capítulos	295

